



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MARÍLIA CALEGARI QUINAGLIA

COM LENÇO E COM DOCUMENTO:  
CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO REFUGIADA SÍRIA EM SÃO PAULO

Campinas

2018

MARÍLIA CALEGARI QUINAGLIA

COM LENÇO E COM DOCUMENTO:  
CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO REFUGIADA SÍRIA EM SÃO PAULO

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Demografia.

*Supervisor/Orientador: Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger*

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA MARÍLIA CALEGARI QUINAGLIA, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ROSANA APARECIDA BAENINGER.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

C128c Coleari, Marília, 1967-  
Com lenço e com documento : condições de vida da população refugiada síria em São Paulo / Marília Coleari Quinaglia. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Rosana Aparecida Baeninger.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração. 2. Refugiados. 3. Sírios. I. Baeninger, Rosana Aparecida, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** With veil and visa : living conditions of the Syrian refugee population in São Paulo

**Palavras-chave em inglês:**

Migration

Refugees

Syrians

**Área de concentração:** Demografia

**Titulação:** Doutora em Demografia

**Banca examinadora:**

Rosana Aparecida Baeninger [Orientador]

Ana Sílvia Volpi Scott

Roberta Guimarães Peres

Tatiana Chang Waldman

Maria de Fátima Guedes Chaves

**Data de defesa:** 28-06-2018

**Programa de Pós-Graduação:** Demografia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28 de junho de 2018, considerou a candidata Marília Calegari Quinaglia aprovada.

Prof.a Dra. Rosana Aparecida Baeninger

Profa. Dra. Ana Silvia Volpi Scott

Profa. Dra. Roberta Guimarães Peres

Profa Dra. Tatiana Chang Waldman

Profa Dra. Maria de Fátima Guedes Chaves

*A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.*

À Alice, meu pedacinho de humanidade.  
E a todos e todas Sanas, Mayas, Sarias,  
Abdullahs, Hanans, Mohammeds, Ramas,  
Sirins, Saras, Ahmads, Yaras, Batouls,  
Riads, Layals, Hagads e Aylans do mundo.

## AGRADECIMENTOS

A minha vó Nilce que, mesmo tendo partido no começo do meu doutorado, se fez presente em cada experiência, sentimento e aprendizado. E, também, a minha tia Bá.

A minha mãe, que acompanhou – literalmente - cada vírgula desta tese, e todas as outras linhas da minha história.

Ao meu irmão, Régis, por ter escutado com paciência minhas inseguranças ao longo dessa jornada. E ao meu irmão, Dudu, que muitas vezes me acompanhou nas visitas a campo e me trouxe questões sobre guerra e humanidade que tese nenhuma jamais será capaz de responder.

Ao meu marido, Thiago, que abraçou e viveu esse projeto junto comigo. Agradeço por nunca me deixar desistir dos meus planos e sonhos, e por entender que às vezes eles mudam.

A minha filha, Alice, por me fazer olhar o mundo com outros olhos e me fazer entender o valor da vida.

A minha tia Cláudia, pai Marcelo, vó Isa, bisavô Juju, meus sogros, minhas cunhadas, meus sobrinhos, todos os avós, tios, primos e agregados, por todo o amor e suporte.

Aos amigos de todas as épocas, idades e nacionalidades por serem parte de quem eu sou. À Larissa e Paula por me receberem em São Paulo com tanta hospitalidade, afeto e milho quentinho. Ao Fábio por ter me acompanhado na primeira entrevista. À Duda pela trilha musical ao longo de vários anos. Ao João Gabriel por todas as discussões existenciais sobre a vida acadêmica. Ao André pela amizade inabalável. Ao João Marcos pelo açaí e companhia revigorantes. À Renata pelo abraço sempre forte. À Ana, que dividiu alguns dos momentos mais especiais que vivi durante a pesquisa.

Aos colegas de turma Igor Johansen, Guilherme Ortega e Késia Anastácio por trilharam esse longo e louco caminho comigo desde o mestrado. A todos os pesquisadores do Observatório das Migrações em São Paulo, em especial à Natália Demétrio, Giovana Pereira e Joice Domeniconi por me ensinarem a importância de trabalhar em equipe. Aos professores do IFCH pelos mais de dez anos de convivência e ensinamentos. Aos funcionários do NEPO pela solicitude.

Aos interlocutores de palestras, seminários e congressos pelos comentários pertinentes que me fizeram refletir ainda mais sobre a temática.

À CAPES pela bolsa de estudos e à FAPESP por viabilizar a aplicação dos questionários.

Às Professoras Doutoras Roberta Peres e Patrícia Villen pelas valiosas contribuições na banca de qualificação. Agradeço também aos professores da comissão julgadora da tese por aceitarem o convite para participar da defesa de doutorado.

À Professora Rosana Baeninger, por ter sido um exemplo e inspiração desde a graduação. Agradeço pela orientação no mestrado e doutorado e, principalmente, por estar ao meu lado nos momentos mais especiais dentro e fora da universidade.

À Vivianne Reis, por tudo o que ela representa; agradeço por me permitir viver a IKMR. A todos os voluntários, que muito me ensinaram sobre doação e amor ao próximo, especialmente à Luciene, Gui, Carol, Zé, Janine, Laiana, Mari, Giba, Soraya, Lizzy, Maristela, Natália, Vic, Gabriela, Sofia, Dani, Clarisse e Cláudia.

Por fim, eu gostaria de agradecer a cada um dos refugiados e solicitantes de refúgio que conheci ao longo desse trabalho e que, por razões éticas, não posso nomear. Agradeço a todos que dedicaram seu tempo e confiança, que abriram a porta de suas casas, que dividiram suas histórias, que me fizeram experimentar novos sabores, que me apresentaram suas famílias, que me receberam com tanto carinho e respeito.

Esta tese foi escrita por e para cada um de vocês.

*tous les hommes de tous les langages,  
tous les hommes de tous les sentiments,  
tous les hommes de toutes les cultures,  
tous les hommes de toutes les vies intérieures,  
tous les hommes de toutes les croyances,  
de toutes les religions,  
de toutes les philosophies,  
de toutes les vies,  
tous les hommes de tous les États,  
tous les hommes de toutes les nations,  
tous les hommes de toutes les patries  
sont devenus les citoyens de la cité harmonieuse,  
parce qu'il ne convient pas  
qu'il y ait des hommes qui soient des étrangers*

(Charles Péguy)

## **RESUMO**

As migrações de crise (CLOCHARD, 2007) são fenômenos sociais que compõem o cenário migratório mundial contemporâneo (BAENINGER, 2014). O aumento dos refugiados no mundo, principalmente decorrente da guerra civil síria, é responsável pela maior crise humanitária do século XXI (ACNUR, 2016). Inserido no Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo (FAPESP/CNPq/NEPO/UNICAMP), esta tese visa contribuir para o debate acerca das condições de vida da população refugiada síria em São Paulo, com ênfase na questão das crianças refugiadas. E, ainda, a pesquisa busca apreender as dimensões dessa migração que estão presentes nas práticas sociais (BOURDIEU, 2003) da população estudada. Para tanto, a metodologia utilizada consiste em: revisão bibliográfica; análise de instrumentos nacionais e internacionais que versam sobre políticas migratórias; banco de dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR); banco de dados da pesquisa “Refugiados Sírios em São Paulo”; e visitas a campo.

**Palavras-chave:** migração de crise; refúgio; condições de vida; refugiados sírios.

## **ABSTRACT**

The migrations of crisis (CLOCHARD, 2007) are social phenomena that compose the contemporary global migration scenario (BAENINGER, 2014). The increase in refugees worldwide, mainly as a result of the Syrian civil war, is responsible for the greatest humanitarian crisis of the 21st century (UNHCR, 2016). As part of the Thematic Project “Observatory of Migration in São Paulo” (FAPESP/CNPq/NEPO/UNICAMP), the objective of this thesis is to contribute to the debate about the living conditions of the Syrian refugee population in São Paulo, with an emphasis on refugee children. Furthermore, the research aims to understand the impact of this migration in the social practices (BOURDIEU, 2003) of the studied population. The methodology consists of: bibliographical review; analysis of national and international instruments on migration policies; assessment of the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) database; assessment of the research "Syrian Refugees in São Paulo" database; and field visits.

**Keywords:** migration of crisis; refuge; living conditions; Syrian refugees.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Situação humanitária - Síria, 2016 .....	52
<b>Tabela 2</b> - Refugiados sírios por país de destino - Mundo (países com mais de 2.000 refugiados sírios), 2016 .....	53
<b>Tabela 3</b> - Taxa de elegibilidade para sírios solicitantes de refúgio - Mundo (países com mais de 300 decisões), 2016 .....	57
<b>Tabela 4</b> - Condição de permanência - São Paulo, 2015 .....	116
<b>Tabela 5</b> - Condição jurídica dos residentes habituais e não-habituais - São Paulo, 2015 .....	118
<b>Tabela 6</b> - Média dos anos de estudo por sexo e grupo etário - São Paulo, 2015 .....	125
<b>Tabela 7</b> - População empregada por sexo - São Paulo, 2015 .....	129
<b>Tabela 8</b> - População por tempo na residência atual - São Paulo, 2015 .....	135
<b>Tabela 9</b> - Possíveis reuniões familiares - São Paulo, 2015 .....	143

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mapa da Primavera Árabe .....	50
<b>Figura 2</b> - Mapa dos refugiados sírios por país de destino - União Europeia, 2016 .....	55
<b>Figura 3</b> - Mapa das principais origens dos solicitantes de refúgio - Brasil, 2017 .....	77
<b>Figura 4</b> - Mapa das principais origens dos refugiados reconhecidos no ano - Brasil, 2017 .....	77
<b>Figura 5</b> - Mapa das solicitações de refúgio por Unidade da Federação - Brasil, 2017 .....	79
<b>Figura 6</b> - Mapa dos refugiados residentes por Unidade da Federação - Brasil, 2017 .....	79
<b>Figura 7</b> - Mapa dos imigrantes sírios por distritos - São Paulo, 1934 .....	97
<b>Figura 8</b> - Rede de entrevistados com origem nos grupos do Facebook .....	111
<b>Figura 9</b> - Rede de entrevistados com origem na organização IKMR .....	112
<b>Figura 10</b> - Cidade de nascimento dos sírios refugiados e solicitantes de refúgio .....	118
<b>Figura 11</b> - Principais trajetórias dos sírios refugiados e solicitantes de refúgio .....	140
<b>Figura 12</b> - Mapa dos bairros das famílias atendidas pelo Projeto “Cidadãs do Mundo” - São Paulo, 2016 .....	167

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Refugiados no mundo por país de origem - 1996 a 2016 .....	47
<b>Gráfico 2</b> – Refugiados reconhecidos - Brasil, 2007-2017 .....	76
<b>Gráfico 3</b> - Elegibilidade das solicitações de refúgio - Brasil, 2010-2016 .....	80
<b>Gráfico 4</b> - Refugiados por país de origem - Brasil, 2006-2016 .....	81
<b>Gráfico 5</b> - Disciplina das Teses e Dissertações em Refúgio .....	83
<b>Gráfico 6</b> - Imigração por principais nacionalidades - Brasil, 1884-1933 .....	91
<b>Gráfico 7</b> - Casamentos por principais nacionalidades - Brasil, 1927 .....	96
<b>Gráfico 8</b> - População por sexo e grupo etário - São Paulo, 2015 .....	119
<b>Gráfico 9</b> - População por idade e estado conjugal - São Paulo, 2015 .....	121
<b>Gráfico 10</b> - Relação com o chefe da residência e da família - São Paulo, 2015 .....	123
<b>Gráfico 11</b> - Grau do último ano concluído - São Paulo, 2015 .....	124
<b>Gráfico 12</b> - Documentação anterior de estudo por grau do último ano concluído - São Paulo, 2015 .....	126
<b>Gráfico 13</b> - Frequenta atualmente escola por grupo etário - São Paulo, 2015 .....	127
<b>Gráfico 14</b> - Como considera a comunicação em português - São Paulo, 2015 .....	132
<b>Gráfico 15</b> - Frequentou cursos de português - São Paulo, 2015 .....	132
<b>Gráfico 16</b> - Último país de residência (antes de vir para o Brasil), 2015 .....	138
<b>Gráfico 17</b> - Ano de saída da Síria e ano de chegada no Brasil .....	139
<b>Gráfico 18</b> - Como saiu da Síria .....	141
<b>Gráfico 19</b> - Com quem viajou da última vez - São Paulo, 2015 .....	142
<b>Gráfico 20</b> - Nacionalidade da maioria dos amigos - São Paulo, 2015 .....	151
<b>Gráfico 21</b> - Crianças atendidas pelo Projeto Cidadãs do Mundo por nacionalidade, 2016 e 2017 .....	164
<b>Gráfico 22</b> - Crianças atendidas pelo Projeto Cidadãs do Mundo, em 2016, por nacionalidade e ano de chegada .....	165
<b>Gráfico 23</b> - Crianças atendidas pelo Projeto Cidadãs do Mundo, em 2016, por nacionalidade e condições jurídica .....	166
<b>Gráfico 24</b> - Mães e pais das crianças atendidas pelo Projeto Cidadãs do Mundo, por escolaridade, 2016 .....	167

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Principais instrumentos internacionais de proteção .....	27
<b>Quadro 2</b> - Órgãos de proteção internacional por período .....	30
<b>Quadro 3</b> - Principais instrumentos internacionais de proteção infanto-juvenil .....	39
<b>Quadro 4</b> - Principais documentos do ACNUR sobre proteção infanto-juvenil .....	46
<b>Quadro 5</b> - Instrumentos e ações sobre o tema do refúgio no cenário nacional (1947-2017) .....	72
<b>Quadro 6</b> - Motivo pelo qual escolheu vir para o Brasil .....	147
<b>Quadro 7</b> - Motivo pelo qual escolheu morar em São Paulo .....	149
<b>Quadro 8</b> - Vontade de mudar de cidade .....	150
<b>Quadro 9</b> - Mudanças vividas entre país de origem e de destino .....	155
<b>Quadro 10</b> - Perspectiva de permanência no Brasil a longo prazo .....	157

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AALCO - Organização Jurídica Consultiva da Ásia-África  
ACLNR - Alto Comissariado da Liga das Nações para Refugiados  
ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados  
ANUAR - Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento  
CDHM - Comissão de Direitos Humanos e Minorias  
CDLDDHS - Comitê de Defesa das Liberdades Democráticas e Direitos Humanos da Síria  
CER - Comitê Estadual para Refugiados  
CERM - Comitê Estadual para Refugiados e Migrantes  
CEIPAR - Comitê Intersetorial Estadual de Política de Atenção aos Refugiados  
COE – Conselho Europeu  
CIC - Centro de Integração da Cidadania  
CIR - Comitê Intergovernamental para os Refugiados  
CNIg - Conselho Nacional de Imigração  
COMIGRAR - Conferência de Migrações e Refúgio  
CPOIR - Comissão Preparatória da Organização Internacional para os Refugiados  
CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados  
CRAI - Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes  
CVPR - Pesquisa de Condições de Vida da População Refugiada  
DIR - Direito Internacional dos Refugiados  
DIDH - Direito Internacional dos Direitos Humanos  
DIH - Direito Internacional Humanitário  
DPU - Defensoria Pública da União  
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente  
ECHR - Tribunal Europeu dos Direitos do Homem  
ECOSOC - Conselho Econômico e Social das Nações Unidas  
EXCOM - Comitê Executivo do ACNUR  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IKMR - I Know My Rights / Eu Conheço Meus Direitos  
IRC - Comitê Internacional de Resgate

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul  
MJ - Ministério da Justiça  
MPF - Ministério Público Federal  
MRE - Ministério das Relações Exteriores  
MTE - Ministério do Trabalho  
ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável  
OEA - Organização dos Estados Americanos  
OIM - Organização Internacional da Migração  
OIR - Organização Internacional para Refugiados  
OIT - Organização Internacional do Trabalho  
ONG - Organização não-governamental  
ONU - Organização das Nações Unidas  
OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público  
OUA - Organização da Unidade Africana  
PF - Polícia Federal  
PNDH - Programa Nacional de Direitos Humanos  
PNMR - Política Nacional sobre Migrações, Refúgio e Apatridia  
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
RNE - Registro Nacional do Estrangeiro  
UNHCR - United Nations High Commissioner for Refugees (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados)  
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância  
UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime  
UNRWA - Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 1 - AS MIGRAÇÕES DE CRISE E A PROTEÇÃO INTERNACIONAL AOS REFUGIADOS .....</b>	<b>22</b>
1.1 Migrações de crise .....	22
1.2 Proteção internacional e refúgio .....	26
1.2.1 Instrumentos internacionais de proteção infanto-juvenil .....	34
1.3 Panorama do refúgio no século XXI .....	48
<b>CAPÍTULO 2 – REFÚGIO NO BRASIL: A IMIGRAÇÃO SÍRIA .....</b>	<b>63</b>
2.1 O comprometimento brasileiro com os refugiados .....	63
2.2 A produção acadêmica sobre o refúgio no Brasil .....	84
2.3 Contexto histórico: a migração árabe para o Brasil .....	92
<b>CAPÍTULO 3 – CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO REFUGIADA SÍRIA .....</b>	<b>104</b>
3.1 Aspectos teórico-metodológicos .....	104
3.2 Perfil da população estudada .....	117
3.3 Infância refugiada .....	161
3.3.1 Eu Conheço Meus Direitos .....	162
<b>CAPÍTULO 4 – PRÁTICAS SOCIAIS DA MIGRAÇÃO REFUGIADA SÍRIA NO BRASIL .....</b>	<b>173</b>
4.1 Diário de um campo de futebol .....	176
4.2 “Lar é onde o coração está” .....	186
4.3 Assalam Aleikum .....	194
4.4 Uma voz nada passiva .....	200
4.5 Sabores e aromas sírios .....	206
4.6 Os sírios e as mesquitas .....	214
4.7 Aut Viam Inveniam Aut Faciam .....	221

4.8 Coração Jolie .....	231
4.9 Made in Coração .....	238
4.10 Rio de Janeiro, Carnaval e Futebol .....	248
4.11 Sete anos de guerra na Síria .....	254
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>264</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>268</b>

## INTRODUÇÃO

As migrações de crise (CLOCHARD, 2007) são fenômenos sociais que compõem o cenário migratório mundial contemporâneo (BAENINGER, 2014). Os refugiados fogem de um cenário de violência, crises econômicas, conflitos ideológicos, políticos e militares nos países de origem (CLOCHARD, 2007), e migram para uma crise também nos países de destino devido às barreiras circulatórias impostas. A visibilidade do fenômeno (DE HAAS, 2010) intensifica-se por questões históricas, políticas, sociais e humanitárias; e promove diversas reflexões quando contrastada com outras modalidades migratórias.

A partir da ausência de proteção do próprio Estado (VAINER, 2002) e da violação dos direitos humanos dos indivíduos nacionais, o refugiado se origina (HADDAD, 2008). A proteção internacional dos refugiados torna-se, então, papel não apenas dos Estados, mas também das Nações Unidas, das organizações internacionais e regionais, e da sociedade civil (ACNUR, 2013). O refúgio apresenta dimensões políticas, mas também econômicas, sociais, culturais e ideológicas. Os fluxos migratórios de crise vão além das fronteiras nacionais, e tomam uma proporção global (HARVEY, 1992). Essa nova dimensão socioeconômica do fenômeno traz consequências problemáticas, como questionamento do Estado-Nação, xenofobia, controle rígido das fronteiras, preconceito estimulado pela mídia, criminalização dos movimentos migratórios, acolhimento precário dos estrangeiros, e privação dos direitos humanos (CLOCHARD, 2007).

Atualmente, há aproximadamente 22.5 milhões de refugiados no mundo (ACNUR, 2017a). Apenas no ano de 2016 surgiram 3.4 milhões de novos refugiados e solicitantes de refúgio, além de quase 7 milhões de pessoas deslocadas dentro do próprio país, o que resultaria em 20 indivíduos por minuto tendo que deixar suas casas (ACNUR, 2017a). Dentre todos os refugiados, as crianças representam mais da metade (51%), ainda que sejam apenas 31% da população mundial, o que evidencia a importância desse grupo nas migrações de crise (ACNUR, 2017a).

Nas últimas duas décadas o número de deslocamentos forçados quase dobrou, e o maior acréscimo foi entre 2012 e 2015 (ACNUR, 2017a). O aumento dos refugiados no mundo, principalmente decorrente da guerra civil síria, é responsável pela maior crise humanitária do século XXI (ACNUR, 2016). Nas últimas três décadas, a principal origem de refugiados no mundo era Afeganistão, mas atualmente a principal nacionalidade é síria com aproximadamente 5.5 milhões de refugiados (ACNUR, 2018a). Assim como no cenário mundial, no Brasil também houve

uma grande mudança na composição dos refugiados que vivem no país (ACNUR, 2018a). Na última década, a Angola era a principal origem de refugiados, mas a partir de 2014 a principal nacionalidade de refugiados no Brasil é síria (ACNUR, 2018a).

A presença de refugiados tende a crescer no Brasil e na América Latina tanto pelos conflitos emergentes nos países de origem quanto pela política de refúgio dos países de destino. Desse modo, torna-se necessário aprofundar as especificidades dos diferentes fluxos, a composição e a heterogeneidade dos contingentes populacionais envolvidos em tais processos migratórios. Os aspectos teóricos referentes à migração de crise ampliam o olhar para o fenômeno em termos de buscar seu entendimento; de um lado, no espaço transnacional, e, de outro lado, incorporando a dimensão familiar, inclui-se a reunião familiar. Esses elementos são fundamentais na definição e decisão do Brasil em sua política de refúgio no século XXI.

Esta tese visa contribuir para o debate acerca das condições de vida da população síria refugiada no Brasil, trazendo as dimensões históricas desta migração que estão presentes em suas práticas sociais (BOURDIEU, 2003). É nesse contexto que o pano-de-fundo das migrações de crise contribui para o debate a fim de apreender os processos sociais presentes no fluxo migratório dos refugiados sírios para o Brasil e, mais especificamente, para São Paulo.

Para tanto, a metodologia utilizada na pesquisa consiste em: revisão bibliográfica; análise de instrumentos que versam acerca de políticas migratórias; banco de dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR); banco de dados da pesquisa “Refugiados Sírios em São Paulo”, do Observatório das Migrações em São Paulo<sup>1</sup> e visitas a campo<sup>2</sup>.

No capítulo 1, as migrações de crise servem como aporte teórico para a apresentação do objeto de estudo. Elementos conceituais sobre refugiados são apresentados juntamente com os instrumentos internacionais sobre a temática. Para a análise de tais documentos foram revisados arquivos da Organização das Nações Unidas (ONU), do ACNUR, da Organização dos Estados Americanos (OEA), da Organização da Unidade Africana (OUA), da Organização Jurídica Consultiva da Ásia-África (AALCO), do Conselho Europeu (COE) e do Tribunal Europeu dos

---

<sup>1</sup> Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo, desenvolvido no NEPO/UNICAMP, com apoio da Fapesp e CNPQ, coordenado pela Professora Rosana Baeninger.

<sup>2</sup> As visitas a campo se deram no período de março de 2015 a março de 2016, a partir da organização não-governamental I Know My Rights (IKMR). As fotos ilustram tais visitas, com as devidas autorizações de uso de imagem pelos interlocutores da pesquisa.

Direitos do Homem (ECHR). Em seguida, examinamos especificamente os instrumentos internacionais de proteção a jovens e crianças. Para a temática infanto-juvenil foram consultados arquivos da ONU, do ACNUR e de seu Comitê Executivo (EXCOM), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), e da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM). Ao final do capítulo, apresentamos um panorama do refúgio no presente século e destacamos a importância dos refugiados sírios no Brasil e no mundo.

No capítulo 2, a ênfase está na questão do refúgio no Brasil. Inicialmente, analisamos documentos do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), do Ministério da Justiça (MJ), da Polícia Federal (PF), do Ministério do Trabalho (MTE), do Ministério das Relações Exteriores (MRE), do Ministério Público Federal (MPF) e da Defensoria Pública da União (DPU). E, depois, realizamos um levantamento da produção acadêmica sobre a temática no país. Por fim, para melhor compreender a imigração síria refugiada atual, estudamos a migração árabe para o Brasil nos séculos XIX e XX.

No capítulo 3, discutimos os aspectos teórico-metodológicos da tese com detalhes sobre o projeto temático do Observatório das Migrações em São Paulo, aplicação de questionários e desenvolvimento das visitas a campo. Na segunda parte do capítulo, traçamos um perfil da população estudada a partir dos dados obtidos por meio dos questionários para refletir, então, a respeito das condições de vida da população refugiada síria em São Paulo. Finalmente, problematizamos a questão das crianças refugiadas e discorremos acerca da I Know My Rights (IKMR), a organização que proporcionou o acesso aos interlocutores da pesquisa.

No capítulo 4, buscamos retratar as práticas sociais do grupo estudado utilizando narrativas sobre as visitas a campo (BOURDIEU, 1997, 2001, 2003). Os temas norteadores do olhar da pesquisadora foram aproximação, acolhimento, diferenças culturais (especialmente idioma, alimentação, música e religião), assistência social e integração. E, por último, procuramos dialogar com todos capítulos da tese a fim de refletir acerca das nossas considerações finais.

## CAPÍTULO 1 – AS MIGRAÇÕES DE CRISE E A PROTEÇÃO INTERNACIONAL AOS REFUGIADOS

### 1.1 Migrações de crise

As migrações de crise são fenômenos sociais que compõem o cenário migratório mundial contemporâneo. Segundo Clochard (2007), essa modalidade migratória é caracterizada por um cenário de violência, crises econômicas, conflitos ideológicos, políticos e militares nos países de origem. No século XXI, as guerras civis e novas formas de conflitos são responsáveis por esses movimentos.

Além da crise aparecer como motivação na origem, ela também está presente no destino uma vez que muitos países, especialmente países desenvolvidos, estão pouco propensos, por motivos socioeconômicos e geopolíticos, a acolher as populações deslocadas. Essa diminuição do acolhimento é acompanhada por diversos dispositivos de controle usados com a justificativa de que muitos imigrantes utilizariam de maneira ilegal o procedimento de asilo (CLOCHARD, DECOURCELLE e INTRAND, 2003). É principalmente na distinção entre migração forçada e migração voluntária que a crise humanitária se estabelece:

Esta concepção maniqueísta da migração internacional mascara o fato de que muitos indivíduos fogem de seu país por fatores complexos e não exclusivamente por razões de perseguição. Em outras palavras, as perseguições que os exilados enfrentam são de todas as naturezas. (CLOCHARD, 2007: 5)<sup>3</sup>

A classificação de refugiados como migrantes forçados, em oposição a migrantes voluntários, esconde que esses indivíduos também são atores no processo migratório. Esses migrantes, mesmo que tenham uma necessidade imprescindível de sair da origem para proteger a própria vida, também são dotados de iniciativa, decisões e estratégias migratórias (LASSAILLY-JACOB, 1998). As barreiras migratórias muitas vezes são impostas a partir do argumento de que os fluxos mistos aumentam a migração irregular e o uso indevido do acesso ao asilo; assim, os

---

<sup>3</sup> Tradução livre do original: “*Cette conception manichéenne de la migration internationale estompe le fait que beaucoup d’individus fuient leur pays pour des facteurs complexes et non pas exclusivement pour des raisons de persécution. Pour le dire autrement, les persécutions auxquelles les exilés doivent faire face sont de toutes natures.*”

países fecham as fronteiras, interceptam embarcações, exigem documentação específica, e estabelecem penalidades (ACNUR, 2000).

A dificuldade de categorizar esses migrantes se dá por um contexto muito diversificado de fuga por razões políticas, sociais, econômicas e ecológicas que estão profundamente relacionadas umas com as outras. De acordo com Cambrézy e Lassaily-Jacob (2005), as migrações de crise não fazem parte de um projeto migratório, mas são consequência da ruptura da coesão das comunidades que não permite mais a continuidade da reprodução social. É, portanto, um momento de tensão, de conflito e de mudanças, quando o sistema democrático na origem já não é suficiente. Como cita um de nossos entrevistados:

Começou guerra na Síria, depois sete meses embora. Tem problema casa, bomba. Foi embora vila outra na Síria, igual, bomba. Foi embora para outra vila, espera seis meses e não trabalho, não dinheiro em Síria. Espera, espera, espera. Vamos embora Síria. Tudo família vai embora. (Hamed<sup>4</sup>, refugiado sírio, 38 anos)

O ACNUR divide esses migrantes em cinco categorias: refugiados, solicitantes de refúgio, refugiados retornados, deslocados internos, e apátridas. Os *refugiados* são pessoas que tem seu estatuto reconhecido a partir da Convenção de 1951 (ou seja, indivíduo que “temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país”). Os *solicitantes de refúgio* são indivíduos que requereram asilo ou estatuto de refugiado, mas que ainda não foram reconhecidos como tal. Os *refugiados retornados* são aqueles que obtiveram o repatriamento, e regressaram ao país de origem de maneira segura. Já os *deslocados internos* são pessoas que deixaram seu local de residência, mas esse deslocamento ocorreu dentro do próprio país. Os *apátridas*, por sua vez, são caracterizados como indivíduos que não possuem nenhuma nacionalidade ou esta é indeterminada.

Há ainda, uma categoria extra denominada *outros*, na qual estão incluídas as pessoas que não se enquadram em nenhum dos grupos anteriores, mas que estão em situação similar e são assistidas pelo ACNUR. Cada uma das categorias trata de uma situação específica, e os indivíduos podem mudar de uma para a outra, além das próprias categorias poderem sofrer transformações uma vez que o fenômeno é dinâmico.

---

<sup>4</sup> Nome fictício. Todos os nomes dos entrevistados na pesquisa de campo foram preservados.

Nós viemos com visto brasileiro. Eu cheguei aqui e vim para cá com um amigo. Então, quando cheguei aqui eu passei primeiro e havia um policial lá – Polícia Federal. Então ele me perguntou sobre meu passaporte, ele me perguntou ‘Por que você veio para cá?’ e eu disse ‘Eu vim para cá para ser um refugiado’. E ele disse ‘Okay, bem-vindo ao Brasil’. Meu amigo, ele estava com um pouco de medo de dizer isso então o policial perguntou para ele ‘Por que você veio para cá?’ e ele disse ‘Eu vim para turismo’. ‘Turismo? Okay, você tem um apartamento ou hotel?’, ‘Não’, ‘Endereço de alguma pessoa?’, ‘Não’, ‘Quanto de dinheiro você tem?’, ‘Não tem’. Então ele perguntou novamente ‘Por que você veio para cá?’ e ele disse ‘Okay, eu vim ser refugiado’. ‘Diga a verdade para mim’. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>5</sup>

A própria distinção entre solicitantes de refúgio e imigrantes econômicos explica as falhas sociais, econômicas e políticas no sistema de proteção aos refugiados, pois estes são justamente produtos dessas falhas. Assim, a migração de crise e a crise da migração se completam no cenário atual com novas dimensões das desigualdades (MARIE, 1996). Um solicitante de refúgio entrevistado disse: “*Na realidade, não nos sentimos refugiados*” (Nurdin, sírio solicitante de refúgio, 27 anos)<sup>6</sup>.

A criminalização da migração de crise faz com que os indivíduos sejam privados de direitos humanos nos países de destino justamente quando perdem o direito fundamental de viver em segurança no país de origem. As guerras civis são reflexo da fragilidade da construção nacional tendo em vista dicotomias como liberdade e coerção, local e global, militarismo e pacifismo, entre outras (CAMBRÉZY, 2001).

O imigrante, segundo Sayad (1998), constitui um “problema” para a sociedade de destino, sendo sempre considerado *provisório* e *estrangeiro*, o que impede sua existência plena. Esse indivíduo torna-se imigrante a partir do momento que atravessa a fronteira e chega ao local de destino, mas além do espaço físico, há também um espaço social, político e cultural que é atravessado (SAYAD, 1998).

---

<sup>5</sup> Tradução livre do original: “*We came with Brazilian visa. I arrived here and I came here with a friend. So, when I arrived here, I passed first and there was a police officer there – Polícia Federal. So he asked me about my passport, he asked me ‘Why did you come to here?’ and I said ‘I came to here to be refugee’. And he said ‘Okay, welcome to Brazil’. My friend, he was a little bit afraid to say that so police asked him ‘Why do you come to here?’ and he said ‘I came for tourism’, ‘Tourism? Okay, do you have apartment or hotel?’, ‘No’, ‘Address for a person?’, ‘No’, ‘How much you have money?’, ‘No have’, so he said to him again ‘Why did you come to here?’ and he said ‘Okay, I came for refugee’. ‘Say the true to me’.*”

<sup>6</sup> Tradução livre do original: “*Actually, we don’t feel like refugees.*”

O refugiado, como os demais imigrantes, também é visto como um problema social para os países que os recebe. De acordo com Haddad (2008), o refugiado é uma das categorias especiais dentre os imigrantes, e é justamente essa ideia de “estrangeiro” que define a relação entre cidadão, Estado e território. É o vínculo jurídico-político entre indivíduo e Estado que faz com que ele seja cidadão portador de direitos (ARENDDT, 1989); sendo assim, o refúgio só pode ser compreendido a partir da soberania do Estado-Nação.

O refugiado representava uma ameaça potencial para o processo de inventar e imaginar o Estado-Nação e o cidadão nacional. A relação entre a identidade do Estado e a identidade do refugiado tem uma qualidade normativa que permite que o refugiado seja constituído negativamente como uma ameaça para o Estado-Nação. (HADDAD, 2008: 57)<sup>7</sup>

A partir da ausência de proteção do próprio Estado e da violação dos direitos humanos dos indivíduos nacionais, o refugiado se origina. O país de destino deve, então, proteger e concretizar os direitos dos refugiados em seu território (ALEINIKOFF, 1995). A regulação do estatuto de refugiado é papel do Estado-Nação, que para garantir sua soberania controla a fronteira nacional (GIDDENS, 2001). A fronteira aparece, dessa forma, como uma barreira de controle territorial, social e cultural.

As fronteiras geográficas não são suficientes para a compreensão da migração internacional no século XXI, pois o Estado-Nação não domina todos os processos sociais (SASSEN, 2010). Dessa forma, as migrações de crise também extrapolam as fronteiras dos Estados Nacionais.

As vidas de um número crescente de indivíduos já não podem ser compreendidas olhando apenas o que se passa dentro das fronteiras nacionais. Nossa lente analítica deve necessariamente ampliar e aprofundar porque os imigrantes são muitas vezes incorporados em múltiplas camadas, em campos sociais transnacionais múltiplos, englobando aqueles que se movem e os que ficam para trás. Como resultado, os pressupostos básicos sobre

---

<sup>7</sup> Tradução livre do original: “*The refugee posed a potential threat to the process of inventing and imagining the nation-state and the national citizen. The relationship between state identity and the identity of the refugee has a normative quality that allows the refugee to be negatively constituted as a threat to the nation-state.*”

instituições sociais como a família, a cidadania e os Estados-Nação precisam ser revisitados. (LEVITT e GLICK-SCHILLER, 2004: 157)<sup>8</sup>

A diversidade das situações migratórias redefine o fenômeno para além do âmbito econômico, e coloca a migração internacional como elemento fundamental no desenvolvimento (DE HAAS, 2010). Segundo De Haas (2010), a migração é um processo que se insere em processos sociais ainda mais amplos no contexto do desenvolvimento, mas que tem dinâmicas e impactos particulares.

A proteção internacional dos refugiados torna-se, então, papel não apenas dos Estados, mas também das Nações Unidas, das organizações internacionais e regionais, e da sociedade civil. A dificuldade de proteção eficaz está relacionada a preconceitos, xenofobia, racismo, violência, controles migratórios, custos, terrorismo, tráfico de pessoas, e ausência de soluções duradouras. De acordo com o ACNUR (2005), os agentes devem: garantir políticas migratórias que respeitem os direitos dos refugiados; cumprir regionalmente os deveres do direito internacional; e oferecer asilo humanitário.

As migrações de crise exigem, assim, uma reflexão acerca da natureza do conflito, da democracia, da assistência humanitária e da dimensão política do refúgio no cenário internacional (CAMBRÉZY, 2001). O refúgio apresenta dimensões políticas, mas também econômicas, sociais, culturais e ideológicas. Não é possível compreender uma modalidade migratória no século XXI a partir de uma única dimensão, pois elas dialogam e são transescalares (VAINER, 2002).

## 1.2 Proteção internacional e refúgio

De acordo com o ACNUR (2005), os refugiados são protegidos por três vertentes principais: Direito Internacional dos Refugiados (DIR), Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH) e Direito Internacional Humanitário (DIH). Cada vertente é composta por tratados (acordos entre Estados cujo cumprimento é obrigatório), direitos consuetudinários

---

<sup>8</sup> Tradução livre do original: *“The lives of increasing numbers of individuals can no longer be understood by looking only what goes on within national boundaries. Our analytical lens must necessarily broaden and deepen because migrants are often embedded in multi-layered, multi-sited transnational social fields, encompassing those who move and those who stay behind. As a result, basic assumptions about social institutions such as the family, citizenship, and nation-states need to be revisited.”*

(práticas estabelecidas como leis obrigatórias), princípios gerais (princípios comuns aos sistemas legais mundiais), e decisões judiciais (decisões tomadas por tribunais superiores) (ACNUR, 2005). Apesar da diferenciação dos direitos de acordo com o momento histórico em que foram estabelecidos, os três ramos estão inter-relacionados.

O DIR é composto por dois tratados universais - Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951<sup>9</sup> e Protocolo de 1967<sup>10</sup> - e alguns tratados regionais como a Convenção da OUA<sup>11</sup> e o Sistema Europeu Comum de Asilo<sup>12</sup>. Instrumentos não vinculativos (“soft law”) também reforçam o DIR, apesar de não caracterizarem obrigações jurídicas, como: Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado; Declaração sobre Asilo Territorial (1967)<sup>13</sup>; conclusões do Comitê Executivo (ExCom)<sup>14</sup>; Declaração de Cartagena (1984)<sup>15</sup>; e Princípios de Bangkok sobre o Estatuto e Tratamento de Refugiados (1966)<sup>16</sup>.

O DIDH, por sua vez, tem como instrumento principal a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948)<sup>17</sup>, apoiado por outros como: Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial (1965)<sup>18</sup>; Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (1966)<sup>19</sup>, Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966)<sup>20</sup>; Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher (1979)<sup>21</sup>; Convenção contra a tortura e outras penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes (1984)<sup>22</sup>;

<sup>9</sup> Foi realizada em Genebra e apresenta a definição de “refugiado” juntamente com os direitos de asilo.

<sup>10</sup> Universaliza a definição de “refugiado” da Convenção de 1951.

<sup>11</sup> Trata especificamente dos refugiados na África.

<sup>12</sup> Este foi criado para discutir procedimentos e condições de acolhimento na União Europeia.

<sup>13</sup> Determina um acolhimento internacional pacífico e humanitário.

<sup>14</sup> “As conclusões cobrem uma ampla variedade de temas de proteção incluindo matérias não referidas em profundidade pelo direito internacional, tais como repatriação voluntária, as respostas a crises massivas de refugiados e a manutenção do caráter civil e humanitário do asilo.” (ACNUR, 2005: 32).

<sup>15</sup> Esta declaração foi estabelecida para refugiados na América Latina e amplia a definição de “refugiado” da Convenção de 1951.

<sup>16</sup> Foram adotados por alguns países da Ásia, África e Oriente Médio e ampliam a definição de “refugiado”.

<sup>17</sup> “Toda pessoa, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países” (Declaração Universal dos Direitos do Homem, artigo 14).

<sup>18</sup> Esta convenção também apoia os direitos dos refugiados, especialmente quando a perseguição é por motivo raciais.

<sup>19</sup> Este garante os “direitos de primeira geração” como liberdade individual, acesso à justiça e participação política.

<sup>20</sup> Este pacto pode ser usado na proteção ao refugiado garantindo concessão de direitos sociais, econômicos e culturais.

<sup>21</sup> Nesse contexto, a Convenção reforça também os direitos das mulheres refugiadas.

<sup>22</sup> Define o conceito de “tortura” e garante *non-refoulement*: “Nenhum Estado parte expulsará, entregará ou extraditará uma pessoa para um outro Estado quando existam motivos sérios para crer que possa ser submetida a tortura” (Convenção contra a tortura e outras penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes, parte I, artigo 3).

Convenção sobre os Direitos das Crianças (1989)<sup>23</sup>; e Convenção internacional sobre a proteção dos direitos de todos trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias (1990)<sup>24</sup>.

Como tratados regionais, o DIDH conta com a Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais (1950)<sup>25</sup>, Convenção Americana sobre Direitos Humanos (1969)<sup>26</sup>, Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos (1981)<sup>27</sup>, Convenção Interamericana para prevenir e punir a tortura (1985)<sup>28</sup>, Convenção Europeia para a prevenção da tortura e das penas ou tratamentos desumanos ou degradantes (1987)<sup>29</sup>, e Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança (1990)<sup>30</sup>. Os direitos humanos são protegidos por diversos órgãos e comitês criados pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC).

Finalmente, o DIH tem por base quatro instrumentos: o Convênio de Genebra (1949)<sup>31</sup> e seus três Protocolos Adicionais (1977)<sup>32</sup>.

Ainda que as três vertentes tenham diferentes modos de implementação, supervisão e controle, DIR, DIDH e DIH se complementam para garantir a proteção da pessoa humana. O primeiro procura garantir a proteção especificamente dos refugiados, enquanto o segundo defende os direitos de todos os seres humanos, e o terceiro protege vítimas de conflitos armados. No contexto das migrações de crise, as três vertentes são fundamentais.

A evolução temporal dos diversos instrumentos internacionais foi organizada no Quadro 1:

<sup>23</sup> Esta deve ser levada em consideração na proteção internacional a crianças refugiadas e solicitantes de refúgio para analisar as maneiras como as crianças sofrem perseguições.

<sup>24</sup> Esta também pode ser aplicada para refugiados e seus familiares.

<sup>25</sup> “Qualquer pessoa tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de opinião e a liberdade de receber ou de transmitir informações ou ideias sem que possa haver ingerência de quaisquer autoridades públicas e sem considerações de fronteiras.” (Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais, artigo 10)

<sup>26</sup> “Toda pessoa tem o direito de buscar e ter asilo concedido em um território estrangeiro, de acordo com a legislação do Estado e os acordos internacionais, no caso de estar sendo perseguida por crimes políticos ou crimes comuns relacionados a estes.” (Convenção Americana sobre Direitos Humanos, artigo 2, parágrafo 7)

<sup>27</sup> Foi adotada por Estados africanos para garantir direitos humanos.

<sup>28</sup> “Os Estados Partes neste Protocolo comprometem-se a garantir o exercício dos direitos nele enunciados, sem discriminação alguma por motivo de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de qualquer outra natureza, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição social.” (Convenção Interamericana para prevenir e punir a tortura, artigo 2)

<sup>29</sup> Retoma a proteção contra a tortura no âmbito da União Europeia.

<sup>30</sup> Específica sobre os direitos das crianças africanas.

<sup>31</sup> Promove proteção civil em períodos de guerra.

<sup>32</sup> O Protocolo I é referente a vítimas de conflitos armados internacionais. O Protocolo II é referente a vítimas de conflitos armados não-internacionais. O Protocolo III foi apelo do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

**QUADRO 1 – PRINCIPAIS INSTRUMENTOS INTERNACIONAIS DE  
PROTEÇÃO**

<b>Ano de criação</b>	<b>Instrumento internacional</b>
1948	Declaração Universal dos Direitos do Homem
1949	Convênio de Genebra
1950	Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais
1951	Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951
1965	Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial
1966	Pacto Internacional sobre Direitos Cíveis e Políticos
1966	Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais
1966	Princípios de Bangkok sobre o Estatuto e Tratamento de Refugiados
1967	Protocolo de 1967
1967	Declaração sobre Asilo Territorial
1969	Convenção da Organização da Unidade Africana
1969	Convenção Americana sobre Direitos Humanos
1977	Protocolos Adicionais do Convênio de Genebra
1979	Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher
1981	Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos
1984	Declaração de Cartagena
1984	Convenção contra a tortura e outras penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes
1985	Convenção Interamericana para prevenir e punir a tortura
1987	Convenção Europeia para a prevenção da tortura e das penas ou tratamentos desumanos ou degradantes
1989	Convenção sobre os Direitos das Crianças
1990	Convenção internacional sobre a proteção dos direitos de todos trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias
1990	Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança

Fonte: AALCO; ACHPR; ACNUR; COE; ECHR; OEA; ONU; OUA; UNICEF.

A interação entre DIR, DIDH e DIH permite que a proteção internacional acompanhe a dinâmica migratória de maneira mais efetiva do que a compartimentação dos direitos. As três vertentes buscam proteção humanitária para uma população vulnerável, e os indivíduos que se deslocam no cenário das migrações de crise podem usufruir dos diferentes direitos em busca de dignidade e bem-estar, independente de sua condição jurídica. O ACNUR (2005) prevê que os

direitos humanos podem ser garantidos durante todo o processo migratório, desde a causa do deslocamento, perpassando a elegibilidade do estatuto de refugiado, a proteção internacional, o asilo, até a busca por soluções duradouras.

A proteção internacional dos refugiados teve início no século XX, quando os Estados reconheceram a necessidade de criar órgãos especiais para amparar as pessoas vítimas de perseguição e violência. As primeiras iniciativas de acolhimento se deram nas décadas de 1920 e 1930, pela agência precursora da Organização das Nações Unidas (ONU), a Liga das Nações. Com o final da Primeira Guerra, surgiu uma imprescindibilidade de proteger as minorias étnicas, uma vez que a queda dos impérios russo, austro-húngaro e otomano e as novas fronteiras nacionais

culminaram na migração de densos contingentes humanos que não eram bem-vindos e não podiam ser assimilados em parte alguma. Uma vez fora do país de origem, permaneciam sem lar; quando deixavam o seu Estado, tornavam-se apátridas; quando perdiam os seus direitos humanos, perdiam todos os direitos: eram o refugio da terra. (ARENDR, 1989: 300)

Em 1921, esse organismo criou o Alto Comissariado para os Refugiados Russos, em parceria com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, para definir a condição jurídica dos indivíduos obrigados a deixar o país de origem por conta da Revolução Russa (JUBILUT, 2007). Três anos depois, em 1924, a proteção foi estendida para os armênios, por conta do genocídio da população por turcos (ANDRADE, 1996). Esse Alto Comissariado era comandado por Fridtjof Nansen e após sua morte, em 1930, a Liga das Nações criou o Escritório Nansen para os Refugiados a fim de tratar da questão a partir de uma perspectiva humanitária.

No contexto da Alemanha nazista, foi criado o Alto Comissariado para os Refugiados da Alemanha que, por meio da Convenção de 1933, proibia a devolução de refugiados para o território alemão de Hitler (JUBILUT, 2007). Além da proteção a refugiados alemães, foi necessária a extensão também para refugiados austríacos em 1938. Neste mesmo ano, o Alto Comissariado para os Refugiados da Alemanha e o Escritório Nansen para Refugiados foram substituídos pelo Alto Comissariado da Liga das Nações para Refugiados (ACLNR).

A criação do ACLNR marcou uma mudança no sistema de proteção internacional para os refugiados, pois os critérios de qualificação deixaram de ser coletivos (origem, etnia, nacionalidade) e passaram a ser individuais (perseguição, história pessoal, características

específicas), centralizando no elemento subjetivo a preocupação humanitária para assistir de maneira seletiva indivíduos que tivessem seus direitos violados (HATHAWAY, 1990). Esse órgão, contudo, foi extinto em 1946 por não ser eficiente frente à eclosão da Segunda Guerra Mundial.

A Liga das Nações também foi desfeita por seu fracasso em evitar a Segunda Guerra (ACNUR, 2005) e, em 1945, foi criada a ONU, responsável ainda hoje pela promoção da cooperação internacional. Dentro da temática do refúgio, foi estabelecida a Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento (ANUAR), em 1943. Ao final da Guerra, a ANUAR promoveu ajuda humanitária e repatriamento dos deslocados. Em 1948, surgiu oficialmente a Organização Internacional para Refugiados (OIR) como uma agência especializada para lidar com problemas ainda resultantes da Segunda Guerra. As atividades da OIR incluíam identificação, registro, classificação, auxílio, assistência, repatriação, proteção, reassentamento e restabelecimento de refugiados (JUBILUT, 2007).

Em 1950, a OIR foi finalizada e substituída pelo ACNUR, agência permanente que vigora até os dias atuais. O ACNUR não seria responsável por refugiados palestinos, então foi criado um órgão especializado denominado Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA). É nesse momento que se completa a instituição do refúgio. Segundo Hathaway (1990), os precedentes podem ser divididos em três períodos: abordagem jurídica (1920-1935); abordagem social (1935-1939); e abordagem individualista (1938-1950). A primeira fase é caracterizada pela proteção do indivíduo por pertencer a determinado grupo, a segunda reconhece os refugiados de acordo com acontecimentos políticos e sociais, e a terceira examina os casos individuais.

O ACNUR tem um princípio humanitário e apolítico de proteger e buscar soluções para os refugiados. Segundo um dos entrevistados: “O ACNUR é bom. Eles ajudam as pessoas e dão a chance de começar a viver de novo.” (Yurem, refugiado sírio, 32 anos)<sup>33</sup>. Entre as principais funções da agência estão: promoção e supervisão de convenções internacionais; garantia de segurança e bem-estar dos refugiados nos países de destino; proteção especial a crianças e mulheres; busca de eliminação da causa do deslocamento; repatriação segura e voluntária; integração e reassentamento quando necessário (ACNUR, 2005). Nesse momento, a proteção internacional para a ser definida como:

---

<sup>33</sup> Tradução livre do original: “ACNUR is good. They help people and give a chance to start living again.”

todas as ações destinadas a assegurar o acesso igualitário e desfrute dos direitos de mulheres, homens, meninos e meninas da competência do ACNUR, de acordo com os instrumentos legais pertinentes (incluindo o direito internacional humanitário, os direitos humanos e o direito dos refugiados). (ACNUR, 2005: 8)<sup>34</sup>

O quadro a seguir resume os órgãos criados durante a instituição do refúgio no cenário internacional (Quadro 2):

QUADRO 2 – ÓRGÃOS DE PROTEÇÃO INTERNACIONAL POR PERÍODO

<b>Período</b>	<b>Órgãos de proteção internacional</b>
1919-1946	Liga das Nações
1921-1931	Alto Comissariado para os Refugiados Russos
1931-1938	Escritório Nansen para os Refugiados
1933-1938	Alto Comissariado para os Refugiados da Alemanha
1938-1946	Alto Comissariado da Liga das Nações para Refugiados
1943-1947	Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento
1945-atual	Organização das Nações Unidas
1948-1950	Organização Internacional para Refugiados
1951-atual	Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina
1951-atual	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

Fonte: ACNUR, 2005.

Além de estabelecer o ACNUR, a ONU também exigiu uma definição jurídica do termo “refugiado”, a qual foi estabelecida pela Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951. No entanto, a categoria dos refugiados foi construída a partir do interesse dos atores envolvidos (MOREIRA, 2012) e esteve limitada as pessoas refugiadas devido a acontecimentos anteriores a 1951.

Para os fins da presente Convenção, o termo "refugiado" se aplicará a qualquer pessoa (...) que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em

<sup>34</sup> Tradução livre do original: “todas las acciones destinadas a asegurar el acceso igualitario y el disfrute de los derechos de mujeres, hombres, niños y niñas de la competencia del ACNUR, de acuerdo con los instrumentos legales pertinentes (incluyendo el derecho internacional humanitario, los derechos humanos y el derecho de los refugiados).”

virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (Convenção de 1951, capítulo I, artigo 1, parágrafo 2)

De acordo com o ACNUR (2013), esses acontecimentos seriam as mudanças territoriais e políticas que aconteceram no âmbito da Segunda Guerra e o “fundado temor de perseguição” seria o termo responsável pelo caráter individual e subjetivo da definição. A Convenção de 1951 também padroniza os tratamentos para os refugiados no que diz respeito à situação jurídica, trabalho, alojamento, educação, assistência e documentação. Um artigo fundamental dessa convenção para o DIR é sobre a proibição da devolução ou expulsão (*non-refoulement*) de refugiados:

Nenhum dos Estados Partes expulsará ou rechaçará, de maneira alguma, um refugiado para as fronteiras dos territórios em que a sua vida ou a sua liberdade seja ameaçada em virtude de sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. (Convenção de 1951, capítulo V, artigo 33, parágrafo 1)

Esse princípio já existia desde 1928, mas foi sancionado apenas na Convenção de 1951. A definição de refúgio foi ampliada com o Protocolo de 1967, que eliminou a limitação do termo refugiado aos “acontecimentos ocorridos antes de 1951” para proteger vítimas de conflitos gerados pela descolonização de países na África. Posteriormente, diversos países ao redor do mundo utilizaram a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 juntos para garantir proteção aos refugiados de todos os continentes.

A proteção internacional e o instituto do refúgio tiveram grandes avanços no último século, todavia, é importante problematizar o papel dos refugiados nesse contexto. Os agentes que lidam com a questão humanitária são geralmente o ACNUR, os Estados, as organizações não-governamentais e mesmo a sociedade civil, mas os refugiados não aparecem como atores. Eles aparecem como indivíduos que necessitam de proteção, ajuda e assistência sem que eles próprios tenham participação nisso (MOREIRA, 2012). Os refugiados são caracterizados, então, como dependentes, passivos e vulneráveis. Uma abordagem participativa deveria ser empregada para que eles pudessem garantir sua autonomia e identidade (NEEDHAM, 1994).

### 1.2.1 Instrumentos internacionais de proteção infanto-juvenil

Os instrumentos internacionais de referência aos direitos humanos versam sobre a dignidade da pessoa humana e muitos incorporam a necessidade de proteção específica a crianças e adolescentes. As crianças, portanto, não são meros objetos do direito, mas sim sujeitos de direitos. A partir de uma perspectiva histórica, o primeiro documento universal referente aos direitos dos menores foi a Declaração de Genebra de 1924 sobre os direitos da criança. Tal documento foi resultado de uma manifestação da organização não-governamental *International Union of Child Welfare* com os princípios dos direitos da criança.

A Declaração de 1924, sob a organização da Liga das Nações, recomendava que os Estados beneficiassem especificamente crianças e adolescentes em suas legislações. Três anos antes, a Convenção para a Repressão do Tráfico de Mulheres e Crianças já ressaltava a importância de olhar para esse grupo, mas não era exclusivamente sobre os menores.

Em 1948, a Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem garantia o direito de proteção à maternidade e à infância; e indicava a obrigação de cuidar, auxiliar, amparar, alimentar e educar os menores de idade. No mesmo ano, a Declaração Universal dos Direitos Humanos fixou uma idade mínima para o casamento e necessidade de consentimento dos responsáveis no caso de união de menores.

A Convenção para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais de 1950, conhecida como Convenção de Roma, reconhecia o direito à liberdade e à segurança e os menores só poderiam ser detidos com um objetivo educativo. Em 1959, a ONU adotou a Declaração Universal dos Direitos da Criança a qual inicia afirmando que “as crianças têm direitos”. Dentre esses direitos estão: direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade; direito à especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social; direito a um nome e a uma nacionalidade; direito à alimentação, moradia e assistência médica adequadas para a criança e a mãe; direito à educação e a cuidados especiais para a criança física ou mentalmente deficiente; direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade; direito à educação gratuita e ao lazer infantil; direito a ser socorrido em primeiro lugar, em caso de catástrofes; direito a ser protegido contra o abandono e a exploração no trabalho; direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.

Em 1966, dois importantes instrumentos internacionais para a causa dos refugiados – o Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos e o Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais – também foram importantes para o desenvolvimento da proteção às crianças e adolescentes.

Toda a criança tem direito, sem discriminação alguma por motivos de raça, cor, sexo, língua, religião, origem nacional ou social, posição econômica ou nascimento, às medidas de proteção que a sua condição de menor exige, tanto por parte da sua família como da sociedade e do Estado. Toda a criança será registrada imediatamente após o seu nascimento e deverá ter um nome. Toda a criança tem direito a adquirir uma nacionalidade. (Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, 1966, artigo 24, parágrafos 1, 2 e 3)

A Convenção Americana dos Direitos Humanos de 1969, conhecida como Pacto San José da Costa Rica, destacava o direito à proteção à vida das crianças desde a concepção. O artigo 19 (parágrafo único) desta Convenção é dedicado aos direitos da criança e indica que *“toda criança tem direito às medidas de proteção que a sua condição de menor requer por parte da sua família, da sociedade e do Estado”*. Tal convenção também é contra a pena de morte para menores de dezoito anos, e sugere processo separado dos adultos e tribunal especializado. O Brasil aprovou essa convenção por decreto legislativo em 1992.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1973, estabeleceu a Convenção n.138 sobre a Idade Mínima para a Admissão em Emprego visando a abolição do trabalho infantil. Em 1979, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres indicava uma idade mínima para o casamento, impedindo o registro oficial de casamento de crianças.

O ano de 1985 foi designado como o “Ano Internacional da Juventude: Participação, Desenvolvimento, Paz” e a comunidade internacional enfatizava a relevância da promoção de direitos e da proteção a crianças e jovens. Neste ano, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça Juvenil, conhecidas como Regras de Beijing. Esse documento teve grande influência nos Princípios Orientadores das Nações

Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil, conhecidos como Diretrizes de Riad, e nas Regras das Nações Unidas para a Proteção de Jovens Privados de Liberdade, ambos de 1990.

Atualmente, o principal instrumento internacional de proteção infanto-juvenil é a Convenção sobre os Direitos da Crianças adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989. De acordo com essa convenção criança é definida como toda pessoa menor de dezoito anos (exceto em países onde a maioridade ocorre mais cedo) e os Estados devem proteger os direitos de todas as crianças sem discriminação. Há na Convenção sobre os Direitos da Crianças um artigo específico sobre crianças refugiadas, no qual os Estados assumem a obrigação de oferecer proteção especial para crianças refugiadas ou solicitantes de refúgio:

Os Estados Partes tomam as medidas necessárias para que a criança que requeira o estatuto de refugiado ou que seja considerada refugiado, de harmonia com as normas e processos de direito internacional ou nacional aplicáveis, quer se encontre só, quer acompanhada de seus pais ou de qualquer outra pessoa, beneficie de adequada proteção e assistência humanitária, de forma a permitir o gozo dos direitos reconhecidos pela presente Convenção e outros instrumentos internacionais relativos aos direitos do homem ou de carácter humanitário, de que os referidos Estados sejam Partes.

Para esse efeito, os Estados Partes cooperam, nos termos considerados adequados, nos esforços desenvolvidos pela Organização das Nações Unidas e por outras organizações intergovernamentais ou não governamentais competentes que colaborem com a Organização das Nações Unidas na proteção e assistência de crianças que se encontrem em tal situação, e na procura dos pais ou de outros membros da família da criança refugiada, de forma a obter as informações necessárias à reunificação familiar. No caso de não terem sido encontrados os pais ou outros membros da família, a criança deve beneficiar, à luz dos princípios enunciados na presente Convenção, da proteção assegurada a toda a criança que, por qualquer motivo, se encontre privada temporária ou definitivamente do seu ambiente familiar. (Convenção sobre os Direitos da Crianças, 1989, parte I, artigo 22, parágrafos 1 e 2)

Em 1990, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, conhecida como Conferência de Jomtien, enumerava o problema da falta de acesso das crianças ao ensino primário, principalmente no caso das meninas; e oferecia também um plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Essa declaração traçava diversos problemas mundiais que

faziam com que a educação ficasse em segundo plano, sendo que esta poderia ser parte importante na solução de tais problemas:

Ao mesmo tempo, o mundo tem que enfrentar um quadro sombrio de problemas, entre os quais: o aumento da dívida de muitos países, a ameaça de estagnação e decadência econômicas, o rápido aumento da população, as diferenças econômicas crescentes entre as nações e dentro delas, a guerra, a ocupação, as lutas civis, a violência; a morte de milhões de crianças que poderia ser evitada e a degradação generalizada do meio-ambiente. Esses problemas atropelam os esforços envidados no sentido de satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, enquanto a falta de educação básica para significativas parcelas da população impede que a sociedade enfrente esses problemas com vigor e determinação. (Declaração Mundial sobre Educação para Todos, 1990, preâmbulo)

Segundo a declaração, a educação permite que a criança aprenda não só habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas também valores, atitudes, conhecimentos, capacidade de resolver problemas, entre outros. Além da dificuldade de ser inserida no ciclo básico, a criança enfrenta também obstáculos que fazem com que ela não consiga concluir o ensino. A declaração propõe, portanto, controle da qualidade do aprendizado e promoção de igualdade, levando em consideração a cultura e as necessidades da comunidade.

No mesmo ano, a Declaração Mundial sobre a Sobrevivência, a Proteção e o Desenvolvimento da Criança teve como prioridade o bem-estar de todas as crianças com a justificativa que “a criança une o mundo”. Essa Declaração foi acompanhada de um Plano de Ação para melhorar saúde materna e infantil, combater desnutrição, doenças e analfabetismo. A criança é apresentada como um ser inocente, vulnerável e dependente. A declaração solicita que os Estados cuidem para que as crianças tenham um futuro melhor, uma vez que nem todas têm uma infância alegre, como é o caso das crianças refugiadas:

Todos os dias um número incontável de crianças no mundo inteiro estão expostas a perigos que dificultam seu crescimento e seu desenvolvimento. Elas sofrem profundamente, vitimadas pela guerra e pela violência, pela discriminação racial, pelo "apartheid", pela agressão, pelas ocupações e anexações estrangeiras; como crianças refugiadas, forçadas a abandonar seus lares e suas raízes; como deficientes; ou como vítimas da negligência, da

crudelidade e da exploração. (Declaração Mundial sobre a Sobrevivência, a Proteção e o Desenvolvimento da Criança, 1990, parágrafo 4)

No programa de ação é recomendado que as crianças refugiadas tenham melhores condições de vida e sejam auxiliadas na criação de novas raízes.

O compromisso de respeitar todos os direitos humanos foi reafirmado, em 1993, na Conferência Mundial de Direitos Humanos, onde foi assinada a Declaração e Programa de Ação de Viena. Esse documento é considerado um dos mais importantes em relação à proteção dos direitos humanos e foi homenageado vinte anos depois. Na Conferência de Viena foi destacado que *“em todas as iniciativas relativas à infância, a não-discriminação e o interesse superior da criança deverão constituir considerações primordiais, devendo ter-se na devida conta as opiniões da criança”* (capítulo I, parágrafo 21).

Há um item específico sobre os direitos da criança com ênfase em participação, desenvolvimento, igualdade social, extinção de discriminação das crianças do sexo feminino, redução da mortalidade infantil, promoção da educação, cuidado com o abuso e trabalho infantil, entre outros. As crianças refugiadas e deslocadas também aparecem nesse documento como grupo que necessita de proteção especial, assim como as crianças em zonas de guerra e conflito; a Conferência propõe proteção contra o uso de armas e medidas de reabilitação de crianças traumatizadas.

Em 1999, a OIT lançou uma nova convenção a respeito do trabalho infantil denominada Convenção n.º 182 sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e a Ação Imediata para sua Eliminação, que foi acompanhada da Recomendação 190. No ano seguinte, a X Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo instituiu a Declaração do Panamá com o lema *“unidos pela infância e adolescência, base da justiça e da equidade no novo milênio”*. Essa declaração versa sobre a promoção de direitos, bem-estar e desenvolvimento integral da criança e do adolescente.

Nesse ano também foi emitida a Declaração e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, realizada na sede das Nações Unidas com o maior número de dirigentes mundiais já registrado. Os oito objetivos da declaração afetam diretamente o bem-estar das crianças e adolescentes: erradicar a extrema pobreza e a fome; atingir o ensino básico universal; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade na infância; melhorar

a saúde materna; combater o HIV/aids, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; e estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento.

A maioria desses objetivos foram retomados, em 2002, pelo documento “Um mundo para as crianças”. Esse relatório foi redigido na Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a Criança e assegura que “*um mundo para as crianças é construído nos princípios da democracia, da igualdade, da não-discriminação, da paz e da justiça social*”. O documento possui dez objetivos principais: colocar as crianças em primeiro lugar; erradicar a pobreza e investir na infância; não abandonar nenhuma criança; cuidar de cada criança; educar todas as crianças; proteger as crianças da violência e da exploração; proteger as crianças da guerra; combater o HIV/AIDS; ouvir as crianças e assegurar sua participação; e proteger a Terra para as crianças.

O relatório avalia os progressos alcançados pela Declaração Mundial e o Plano de Ação da Cúpula Mundial pela Criança de 1990, e propõe novo plano de ação. Em relação às crianças refugiadas, o documento reitera que precisam de medidas especiais de proteção, ressalta a importância da reunificação familiar e também sugere:

Elaborar e implementar políticas e programas, com a cooperação internacional necessária, para a proteção, a atenção e o bem-estar das crianças refugiadas e das crianças que pedem asilo e para a prestação de serviços sociais básicos, incluindo o acesso à educação, além da assistência à saúde e alimentos. (“Um mundo para as crianças”, 2002, capítulo I, item 44, parágrafo 28)

Em 2006, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência reconhecia a imprescindibilidade de reconhecer os direitos humanos e as liberdades fundamentais das crianças deficientes em igualdade de oportunidades com os outros menores.

O instrumento mais recente que retoma os direitos humanos das crianças e adolescentes é “Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”. Este é um plano de ação definido, em 2015, que contempla 17 objetivos que devem ser cumpridos até o ano de 2030. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; alcançar a

igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos; assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos; promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos; construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis; assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis; tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos; conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável; proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade; promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis; e fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

No que se refere especificamente às crianças, a Agenda 2030 prevê *“um mundo que investe em suas crianças e em que cada criança cresce livre da violência e da exploração”*. Para tanto, o documento reconhece a relevância do empoderamento das pessoas mais vulneráveis, entre elas: crianças, jovens, refugiados, deslocados internos e migrantes. Além disso, há o compromisso de fazer

o possível para proporcionar às crianças e jovens um ambiente que propicie a plena realização dos seus direitos e capacidades, ajudando nossos países a colher dividendos demográficos, inclusive por meio de escolas seguras e de comunidades e famílias coesas. (“Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, 2015, Introdução, parágrafo 25)

Assim, a proteção a esse grupo específico tem como foco assistência social, psicológica e jurídica, reunião familiar, registro de nascimento, repatriação, reassentamento, educação. A questão da infância e a consciência em relação aos direitos da criança refletem o caráter especial desse grupo de menores que, em fase específica de desenvolvimento, precisa da proteção da família, da sociedade e do Estado.

A evolução temporal dos diversos instrumentos internacionais que contemplam os direitos das crianças e adolescentes foi organizada no Quadro 3:

QUADRO 3 – PRINCIPAIS INSTRUMENTOS INTERNACIONAIS  
DE PROTEÇÃO INFANTO-JUVENIL

<b>Ano de criação</b>	<b>Instrumento internacional</b>
1924	Declaração sobre os Direitos da Criança
1948	Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem
1948	Declaração Universal dos Direitos Humanos
1950	Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais
1959	Declaração Universal dos Direitos da Criança
1966	Pacto Internacional sobre os Direitos Cíveis e Políticos
1966	Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais
1969	Convenção Americana dos Direitos Humanos
1973	Convenção n.138 sobre a Idade Mínima para a Admissão em Emprego
1979	Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres
1985	Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça Juvenil
1989	Convenção sobre os Direitos da Crianças
1990	Princípios Orientadores das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil
1990	Regras das Nações Unidas para a Proteção de Jovens Privados de Liberdade
1990	Declaração Mundial sobre a Sobrevivência, a Proteção e o Desenvolvimento da Criança
1990	Declaração Mundial sobre Educação para Todos
1999	Convenção n.º 182 sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e a Ação Imediata para sua Eliminação
2000	Declaração do Panamá
2000	Declaração e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
2002	“Um mundo para as crianças”
2006	Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
2015	“Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”

Fonte: CDHM; OEA; UNICEF; ONU.

As crianças refugiadas sempre constituíram um grupo importante de interesse do ACNUR, mas foi em 1987 que a organização estabeleceu o Grupo de Trabalho para Crianças

Refugiadas em Risco. E foi nesse ano que o primeiro documento do Comitê Executivo do ACNUR – EXCOM nº 47 - exclusivamente sobre crianças refugiadas foi organizado, tendo como ponto de partida que as crianças são pessoas ainda mais vulneráveis dentre os refugiados. Desde então, as crianças já constituíam cerca de metade da população refugiada e necessitavam proteção especial, principalmente no quesito soluções duráveis. A reunião reiterava o princípio de melhor interesse da criança, a necessidade de assistência prioritária e a importância da reunificação familiar.

A primeira edição das diretrizes do ACNUR sobre crianças refugiadas foi publicada em 1988. Essas diretrizes identificavam as principais questões relacionadas com a temática e apresentava as melhores maneiras de lidar com elas a fim de que as crianças refugiadas tivessem a proteção necessária.

O comitê ampliou a discussão sobre crianças refugiadas com o EXCOM nº 59 que enfatizava a preocupação do ACNUR com a segurança, o bem-estar e o desenvolvimento futuro desses menores. Esse documento registrava, ainda, a necessidade de organizar os dados referentes a essa população específica para maior conhecimento demográfico, socioeconômico e cultural do grupo.

Em 1993, o ACNUR lançou um documento sobre sua política em relação às crianças refugiadas, no qual reconhece a importância da ação conjunta das Nações Unidas, Estados, ONGs e comunidades. Aqui “criança refugiada” é definida como qualquer criança de interesse do ACNUR, seja refugiada, solicitante de refúgio, deslocada interna ou retornada. O documento destaca a importância de proteção e assistência caminharem juntas:

As atividades de proteção e assistência estão intrinsecamente ligadas. Em essência, todas as ações do ACNUR têm um componente ou implicação de proteção, quer consista em determinar o status dos refugiados, atender às suas necessidades imediatas ou ajudá-los a buscar soluções duradouras. A avaliação das necessidades, bem como o planejamento e a prestação de assistência podem resultar em discriminação contra um ou mais segmentos da população beneficiária, especialmente os mais vulneráveis, se não forem realizados sensivelmente. Por isso, eles geralmente influenciam ou até determinam a situação de segurança pessoal dos refugiados. (Política do ACNUR sobre crianças refugiadas, Introdução, parágrafo 4)<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Tradução livre do original: “*Protection and assistance activities are intrinsically linked. In essence, all UNHCR action has a protection component or implication, whether it consists of determining the status of refugees, meeting their immediate needs, or assisting them to pursue durable solutions. Needs assessment, as well as the planning and provision of assistance, can result in discrimination against one or more segments of the beneficiary population,*

No ano seguinte, o ACNUR divulgou as diretrizes para a proteção de crianças refugiadas, uma atualização das diretrizes de 1988. As Diretrizes de Proteção e Cuidado às crianças refugiadas incorporaram os princípios da Convenção sobre os Direitos das Crianças. O prefácio do documento assume que as crianças são vulneráveis por estarem mais susceptíveis a doenças e má nutrição, que são dependentes dos adultos do ponto de vista físico e emocional, e que merecem atenção especial por estarem em desenvolvimento.

As diretrizes anunciam, portanto, as preocupações, metas, objetivos, princípios e medidas práticas de proteção e assistência às crianças refugiadas. Há um capítulo destinado especificamente à importância da cultura no contexto do refúgio, uma vez que cultura reflete identidade e continuidade. O bem-estar psicossocial é abordado em outro capítulo, sendo destacado uma vez que os desenvolvimentos físico, intelectual, psicológico e social são afetados pelo deslocamento migratório. Há, também, capítulos sobre: saúde e nutrição; prevenção e tratamento de deficiências; liberdade pessoal e segurança; estatuto jurídico; educação; e menores desacompanhados.

As crianças refugiadas enfrentam perigos muito maiores para sua segurança e bem-estar do que a criança média. O surgimento repentino e violento de emergências, a interrupção das famílias e das estruturas comunitárias, bem como a aguda escassez de recursos com os quais a maioria dos refugiados são confrontados, afetam profundamente o bem-estar físico e psicológico das crianças refugiadas. É um fato triste que bebês e crianças pequenas são muitas vezes as primeiras e mais frequentes vítimas de violência, doenças e desnutrição que acompanham o deslocamento da população e as saídas de refugiados. Nos resultados das emergências e na busca de soluções, a separação de famílias e estruturas familiares continuam a afetar adversamente crianças refugiadas de todas as idades. Assim, ajudar as crianças refugiadas a atender às suas necessidades físicas e sociais geralmente significa oferecer apoio às suas famílias e comunidades. (Crianças Refugiadas: Diretrizes sobre Proteção e Cuidado, 1994, Prefácio)<sup>36</sup>

---

*especially the more vulnerable ones, if not sensitively undertaken. Thereby, they often influence or even determine the personal security situation of refugees.”*

<sup>36</sup> Tradução livre do original: *“Refugee children face far greater dangers to their safety and well being than the average child. The sudden and violent onset of emergencies, the disruption of families and community structures as well as the acute shortage of resources with which most refugees are confronted, deeply affect the physical and psychological well being of refugee children. It is a sad fact that infants and young children are often the earliest and most frequent victims of violence, disease and malnutrition which accompany population displacement and refugee outflows. In the aftermath of emergencies and in the search for solutions, the separation of families and familiar structures continue to affect adversely refugee children of all ages. Thus, helping refugee children to meet their physical and social needs often means providing support to their families and communities.”*

Em 1995, o ACNUR divulgou sua política em relação à adoção de crianças refugiadas baseada no item de soluções duráveis para menores desacompanhados das Diretrizes sobre Proteção e Cuidado. A questão dos menores desacompanhados foi aprofundada, em 1997, a partir das Diretrizes sobre Crianças Desacompanhadas Solicitantes de Refúgio, que definia “crianças desacompanhadas” como menores de dezoito anos que foram separados de ambos os pais e não têm um adulto que possa se responsabilizar por eles.

No mesmo ano, o Comitê Executivo emitiu um novo documento – EXCOM nº 84 – sobre crianças e adolescentes refugiados. Neste, o ACNUR destacava a importância de considerar sexo e idade durante os procedimentos de solicitação de refúgio. A temática de gênero também foi abordada em 2006 no EXCOM nº 105 sobre mulheres e meninas em situação de risco e, em 2008, no Manual para a Proteção de Mulheres e Meninas. De acordo com a organização, as meninas e mulheres migrantes enfrentam grandes riscos de violência sexual e de gênero e por isso a agência deve intervir a fim de evitar possíveis abusos e explorações.

Ainda em 2007, o Comitê lançou o EXCOM nº 107 com conclusões sobre crianças em risco. Tais conclusões retomam questões discutidas em documentos anteriores, reafirma os fundamentos de proteção infantil, identifica crianças em risco, apresenta possíveis prevenções, respostas e soluções. De acordo com o Comitê, as crianças estão em risco uma vez que idade e desenvolvimento psicossocial as colocam em situação de maior vulnerabilidade do que os adultos em contexto de deslocamento forçado, mesmo a longo prazo com refúgio, apatridia ou retorno ao país de origem.

O ACNUR divulgou novas diretrizes em 2008, estas sobre a determinação dos melhores interesses das crianças, a qual é definida como um processo formal para determinar o melhor interesse da criança em situações onde as decisões podem afetá-la profundamente. Tal determinação deve equilibrar todos os fatores para avaliar a melhor opção para a criança, considerando sua participação e sem qualquer discriminação. As medidas para determinar os melhores interesses de grupos específicos de crianças deve considerar coleta de dados, sexo e idade, avaliações participativas, alocação de recursos, políticas, entre outros.

Aplicação do princípio do melhor interesse deve avaliar, em um primeiro momento, ações que afetam todas as crianças, um grupo de crianças ou uma criança individualmente. Após verificar as medidas de natureza geral e específica, é necessário realizar uma avaliação e a determinação dos melhores interesses das crianças considerando três situações distintas: soluções

duradouras para crianças desacompanhadas, cuidados temporários para crianças desacompanhadas, e possível separação de uma criança de seus pais contra a sua vontade. Analisado o contexto e a situação, a determinação do melhor interesse da criança ocorre de acordo com a solução mais adequada e no momento mais propício.

Em 2009, o ACNUR publicou diretrizes sobre proteção internacional para crianças solicitantes de refúgio.

Estas Diretrizes apresentam orientações substantivas e processuais para realizar a determinação da condição de refugiado, de forma sensível às crianças. Elas enfatizam os direitos específicos e as necessidades de proteção das crianças nos procedimentos de refúgio. Apesar de a definição de um refugiado no Artigo 1(A)2 da Convenção de 1951 em relação ao Estatuto do Refugiado e seu Protocolo de 1967 (doravante, a “Convenção de 1951” e o “Protocolo de 1967”) se aplicarem a todos os indivíduos, independentemente de sua idade, ela costuma ser interpretada à luz das experiências de adultos. Com isso, muitas solicitações de refúgio feitas por crianças foram avaliadas erroneamente ou ignoradas de maneira geral. (Diretrizes sobre Proteção Internacional nº 8, 2009, Introdução)

De acordo com esse instrumento internacional, as crianças são, na maioria das vezes, vistas como parte da unidade familiar e não como indivíduos independentes e detentores dos próprios direitos. Dessa forma, os pedidos de refúgio realizados por crianças podem ser avaliados erroneamente por não considerar as perseguições específicas sofridas por elas ou porque elas não sabem se expressar bem durante o procedimento de solicitação.

Qualquer criança, acompanhada ou não, pode fazer um pedido de refúgio independente. Para tanto, serão avaliados: fundado temor de perseguição; agentes de perseguição; razões da Convenção de 1951 (raça e nacionalidade/etnia, religião, opinião política, pertencimento a um grupo social específico); alternativa de fuga ou deslocamento interno; e aplicação das cláusulas de exclusão para as crianças. Dentre as formas de perseguição específica contra crianças estão listadas: recrutamento de menores; tráfico de crianças; trabalho infantil; mutilação genital feminina; violência doméstica; e violações dos direitos econômicos, sociais e culturais.

“Políticas de Idade, Gênero e Diversidade” foi o tema de uma publicação do ACNUR de 2011, com o objetivo de garantir que todos os refugiados e solicitantes de refúgio tenham seus direitos respeitados com igualdade. As crianças estão representadas, principalmente, no item

“idade” que considera os diferentes estágios do ciclo da vida de um indivíduo, que faz com que suas necessidades sejam específicas. O item “gênero” também é relevante para o grupo uma vez que os riscos são diferenciados para meninos e meninas refugiadas; e o item “diversidade” engloba as características pessoais da criança, pois cada uma possui diferentes perspectivas culturais, valores, crenças, atitudes, habilidades, etc.

No mesmo ano, o ACNUR lançou em parceria com o IRC (Comitê Internacional de Resgate) um Manual de campo para a implementação das Diretrizes do ACNUR sobre a Determinação do Melhor Interesse da Criança. O manual revisita a questão do melhor interesse da criança e propõe que a determinação deste faça parte de um programa mais amplo de proteção infanto-juvenil. A identificação e o acompanhamento das crianças em situação de risco devem considerar dados pessoais, etnia, religião, língua, nível educacional, informações sobre os pais e irmãos, história da separação familiar (quando for o caso), necessidades de proteção e cuidado, segurança, saúde, alimentação, água, saneamento básico, educação, atividades cotidianas, e bem-estar psicossocial.

Em 2012, o ACNUR publicou três documentos sobre a temática: Quadro do ACNUR para a Proteção de Crianças; Ação contra a Violência Sexual e de Gênero: Uma Estratégia Atualizada; e Estratégia de Educação do ACNUR, 2012 – 2016. O primeiro apresenta um quadro sobre a proteção de crianças com seis objetivos centrais: as crianças devem estar a salvo, devem poder aprender e brincar; a participação e a capacidade das crianças são parte integrante da sua proteção; meninas e meninos devem ter acesso a procedimentos amigáveis para crianças; as crianças devem conseguir documentação legal; crianças com necessidades específicas devem receber suporte direcionado; e crianças devem conseguir soluções duradouras em seu melhor interesse.

O segundo documento possui uma área de atuação especial para a proteção de crianças vulneráveis à violência sexual e de gênero. Segundo o ACNUR, devido ao nível de desenvolvimento, dependência e limitações de capacidades, as crianças são mais vulneráveis ao abuso, exploração sexual e violência. E, uma vez que sofrem maiores riscos de separação de suas famílias, é necessário ações e intervenções peculiares para esse grupo.

O terceiro instrumento, por sua vez, apresenta a educação como uma prioridade estratégica global do ACNUR e propõe seis ações principais: mais crianças aprenderão melhor na escola primária; as escolas protegerão crianças e jovens; mais jovens irão para o ensino médio;

mais jovens farão cursos de educação superior; a educação estará disponível para todas as idades; e a educação será parte de todas as respostas de emergência.

No ano seguinte, o Comitê formulou conclusões sobre o registro civil. Esse tema é de importância especial para crianças, visto que muitas não conseguem ser registradas ao nascer e ficam com a documentação irregular ou apátridas. De acordo com o EXCOM nº 111, toda criança deve ser registrada imediatamente após o nascimento, indiscriminadamente. A dificuldade de registrar bebês em zonas de conflito ou em campos de refugiados apareceu durante o trabalho de campo. A pequena Aisha nasceu no campo de refugiados de Zaatari, na Jordânia, e seu tio contou que eles vieram para o Brasil, pois foi o único país que concedeu visto para a bebê:

Ela não é jordaniana porque lá eles não dão a nacionalidade de nascimento. Na verdade, ela também não é síria porque o pai dela é procurado lá. Eles vieram com a ajuda do governo brasileiro, eles deram a ela um passaporte temporário brasileiro para viajar, porque seu pai tem um passaporte sírio e ele veio aqui para o RNE. Eu me juntei a ele para fazer a solicitação ao governo. Caso contrário, o aeroporto jordaniano não permitiria que eles viajassem. (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos)<sup>37</sup>

O documento do ACNUR mais recente sobre a temática é o EXCOM nº 113 de 2016 sobre juventude. As conclusões mencionam as importantes contribuições dos jovens em programas de proteção e assistência para eles por meio de abordagens participativas, e a necessidade de olhar para o momento singular do desenvolvimento desses indivíduos.

Os diversos documentos de política do ACNUR sobre a proteção de crianças e jovens estão listados no Quadro 4:

---

<sup>37</sup> Tradução livre do original: “*She isn’t Jordan because there they don’t give birth nationality. Actually, she is Syrian either because her father is wanted there. They came with the Brazilian government help, they gave her a Brazilian temporary passport to travel, because her father has a Syrian passport and he came here for RNE. I joined him together to do the application to the government. Otherwise, the Jordanian airport would not allow them to travel.*”

**QUADRO 4 – PRINCIPAIS DOCUMENTOS DO ACNUR  
SOBRE PROTEÇÃO INFANTO-JUVENIL**

<b>Ano de criação</b>	<b>Instrumento internacional</b>
1987	EXCOM nº 47 – Crianças Refugiadas
1988	Diretrizes sobre Crianças Refugiadas
1989	EXCOM nº 59 – Crianças Refugiadas
1993	Política do ACNUR sobre Crianças Refugiadas
1994	Crianças Refugiadas: Diretrizes sobre Proteção e Cuidado
1995	Política do ACNUR sobre Adoção
1997	Diretrizes sobre Crianças Desacompanhadas Solicitantes de Refúgio
1997	EXCOM nº 84 – Crianças e Adolescentes Refugiados
2006	EXCOM nº 105 – Mulheres e Meninas em Situação de Risco
2007	EXCOM nº 107 – Crianças em Risco
2008	Diretrizes sobre a Determinação do Melhor Interesse da Criança
2008	Manual para a Proteção de Mulheres e Meninas
2009	Diretrizes sobre Proteção Internacional nº 8 - Solicitações de Refúgio apresentadas por Crianças, nos termos dos Artigos 1(A)2 e 1(F) da Convenção de 1951 e/ou do Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados
2011	Políticas de Idade, Gênero e Diversidade
2011	Manual de campo para a implementação das Diretrizes do ACNUR sobre a Determinação do Melhor Interesse da Criança
2012	Quadro do ACNUR para a Proteção de Crianças
2012	<i>Ação contra a Violência Sexual e de Gênero: Uma Estratégia Atualizada</i>
2012	<i>Estratégia de Educação do ACNUR, 2012 - 2016</i>
2013	EXCOM nº 111 – Registro Civil
2016	EXCOM nº 113 – Juventude

Fonte: ACNUR. Suggested background material for 2016 Dialogue on Children on the Move, 2016.

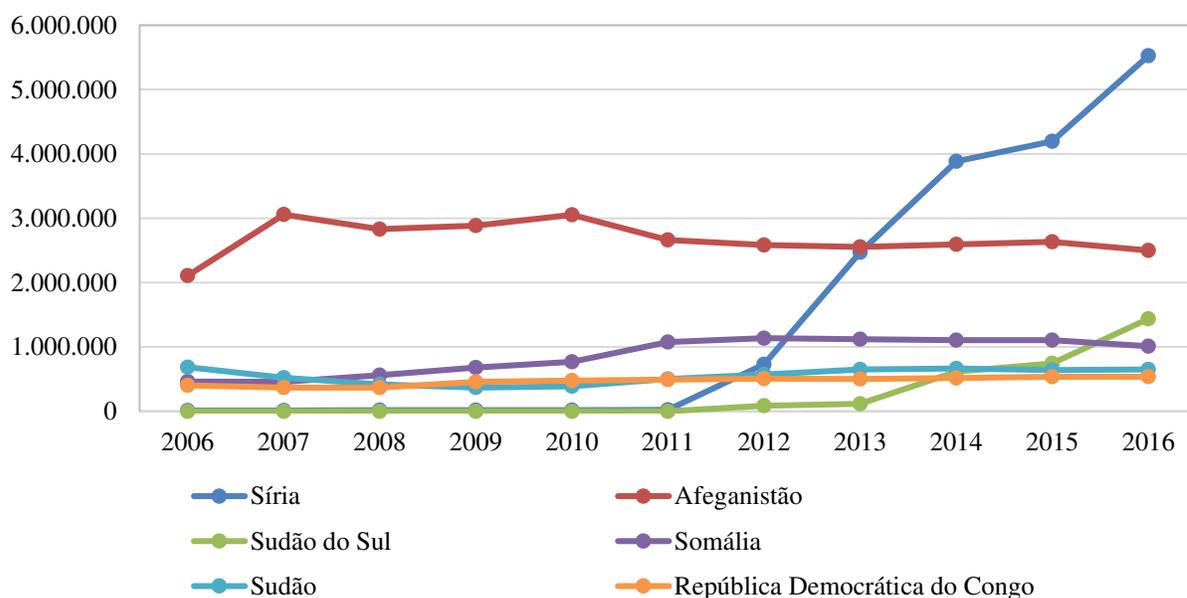
### **1.3 Panorama do refúgio no século XXI**

A migração aparece, no século XXI, com novos contornos, novas questões jurídicas e políticas (BAENINGER, 2014). Os fluxos migratórios de crise vão além das fronteiras nacionais, e tomam uma proporção global (HARVEY, 1992). Essa nova dimensão socioeconômica do fenômeno traz consequências problemáticas, como questionamento do Estado-Nação, xenofobia, controle rígido das fronteiras, preconceito estimulado pela mídia, criminalização dos movimentos

migratórios, acolhimento precário dos estrangeiros, e privação dos direitos humanos (CLOCHARD, 2007). De acordo com Clochard (2007), a categorização “falsos refugiados”, “refugiados econômicos”, “clandestinos”, “falsos requerentes de asilo” aliena a população e piora a condição de vida desses migrantes.

Atualmente, há aproximadamente 22.5 milhões de refugiados no mundo<sup>38</sup>. Apenas no ano de 2016 surgiram 3.4 milhões de novos refugiados e solicitantes de refúgio, além de quase 7 milhões de pessoas deslocadas dentro do próprio país, o que resulta em 20 indivíduos por minuto tendo que deixar suas casas (ACNUR, 2017a). E, ainda, 1 em cada 113 pessoas no mundo é um deslocado forçado, seja refugiado, solicitante de refúgio ou deslocado interno (ACNUR, 2017a).

**Gráfico 1**  
**Refugiados no mundo por país de origem**  
**1996 a 2016**



Fonte: ACNUR. Statistical Online Population Database, 2018.

Nas últimas duas décadas o número de deslocamentos forçados quase dobrou, e o maior acréscimo foi entre 2012 e 2015, especialmente devido à Guerra Civil Síria (ACNUR, 2017a). Nas últimas três décadas, a principal origem de refugiados no mundo era Afeganistão, mas hoje a principal nacionalidade é síria com cerca de 5.5 milhões de refugiados no mundo, sendo 824.400

<sup>38</sup> Dados oficiais mais recentes lançados pelo ACNUR em junho de 2017.

novos reconhecimentos apenas no ano de 2016 (ACNUR, 2018a). Atualmente, as principais origens de refugiados no mundo são: Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Somália, Sudão e República Democrática do Congo (Gráfico 1).

O conflito no Afeganistão teve início em 1978, com a intervenção militar da União Soviética na região, o que durou dez anos. Após a saída soviética, o país viveu lutas internas e guerras civis. Um outro momento da história afegã foi inaugurado, em 1994, com o surgimento do Talibã – Emirado Islâmico do Afeganistão –, que oferecia como proposta o fim do conflito por meio da imposição da lei islâmica. Em 2001, países ocidentais invadiram o país com justificativas anti-terroristas e a guerra permaneceu constante. Assim, entre 1981 e 2013, o Afeganistão foi o principal país de origem de refugiados no mundo.

Não há legislação de refúgio no Afeganistão. Em 2015, o país assumiu o compromisso de garantir condições para o retorno de refugiados; mas a segurança e o desenvolvimento ainda estão comprometidos por motivos de intervenções internacionais e transição econômica (ACNUR, 2016). O número de refugiados afegãos diminuiu no último ano devido ao número de retornados para o país de origem, principalmente do Paquistão. Os refugiados retornados representavam, em 2015, 20% da população afegã e o número de retornados aumentou ainda mais no ano seguinte. Assim, o Afeganistão passa a ser o principal país com refugiados retornados, ainda que as condições de retorno não sejam ideais (ACNUR, 2017a).

Até 2013, o Sudão do Sul não aparecia no cenário mundial de refúgio, mas nos anos seguintes o país figurou entre as cinco principais origens de refugiados. O país se tornou independente do Sudão em 2011, mas as tensões sociais permaneceram e os conflitos com o Norte também em função da região petrolífera na fronteira. Logo, uma inicialmente guerra civil no Sudão passou a ser um conflito internacional com a separação do Sudão do Sul. O conflito no sul-sudanês estourou em dezembro de 2013, quando líderes da oposição tentaram boicotar as forças do governo por razões étnicas. Durante o ano de 2016 o número de refugiados que deixaram o país quase dobrou, colocando o Sudão do Sul como a terceira principal origem de refugiados no mundo e a principal do continente africano.

A Somália, por sua vez, teve sua guerra civil iniciada em 1991 com conflitos tribais. Na década seguinte, o caráter militante islâmico passou a ser predominante. A Etiópia participou do conflito entre 2006 e 2009, ano em que a Somália declarou estado de exceção e sofreu intervenção militar de diversos países do Leste Africano. O Estado somali tem perdido o controle

do país para as forças rebeldes e ainda há instabilidade política. Desde 2013, uma parceria entre Somália, Quênia e ACNUR busca alternativas de repatriação voluntária para refugiados somalis. Assim como no Afeganistão, em 2016, o número de refugiados da Somália diminuiu e o país passou a ser o segundo principal com refugiados retornados, especialmente os que estavam no Quênia.

Já o Sudão sofre, desde 2003, com o Conflito de Darfur, na região oeste do país. Tal conflito se dá pela oposição entre os Janjaweed<sup>39</sup> - apoiados pelo governo sudanês - e os povos não-árabes. O Conflito de Darfur tem caráter cultural, religioso, racial, étnico e político. Desde 2014, a situação humanitária em Darfur se deteriorou ainda mais com deslocamentos internos causados por conflitos. Além disso, o Sudão também sofre com os conflitos contra o Sudão do Sul. A maior parte dos refugiados sudaneses vive no Chade.

A República Democrática do Congo vivenciou uma guerra civil entre 1998 e 2001, mas apesar do fim desta, o número desses refugiados mais do que duplicou nos últimos anos. Em 2012, o conflito interno recomeçou entre as forças do governo, grupos dissidentes e milícias, o que gerou mais deslocados congolezes. Além do conflito armado, o país sofre também com a pobreza e falta de infraestrutura. Em 2016, o número de refugiados congolezes diminuiu ligeiramente e estão, principalmente, em Uganda.

A mudança no cenário mundial do conflito se dá, principalmente, devido ao conflito na Síria que teve início em 2011. Um entrevistado contou: “*Problema agora guerra na Síria, Damasco. Governo não democracia, muito problema.*” (Essam, refugiado sírio, 41 anos). A Guerra Civil Síria começou com protestos e mobilizações populares, como reflexo de outros movimentos no mundo árabe denominados Primavera Árabe. As manifestações ocorreram em grande parte do Oriente Médio e Norte da África, em países como: Síria, Egito, Tunísia, Líbia, Iraque, Jordânia, Iêmen, Omã, Djibuti, Bahrein, Argélia, Líbano, Kuwait, Arábia Saudita, Sudão, Mauritânia, Saara Ocidental e Marrocos (Figura 1).

A Primavera Árabe surgiu com manifestações na Tunísia, onde o ditador foi derrubado, e se estendeu para diversos outros países que também almejaram transformações políticas. O protesto terminou com o governo deposto na Tunísia (Zine El Abidine Ben Ali), no Egito (Hosni Mubarak), no Iêmen (Ali Abdullah Saleh), e na Líbia (Muammar Gaddafi). Nos demais países as

---

<sup>39</sup> Os Janjaweed são milicianos de tribos nômades africanas, especialmente os *baggara*, de religião muçulmana e língua árabe.

manifestações foram encerradas por outros motivos como renúncia e demissões de políticos, libertação de presos políticos, novas eleições, entre outros.

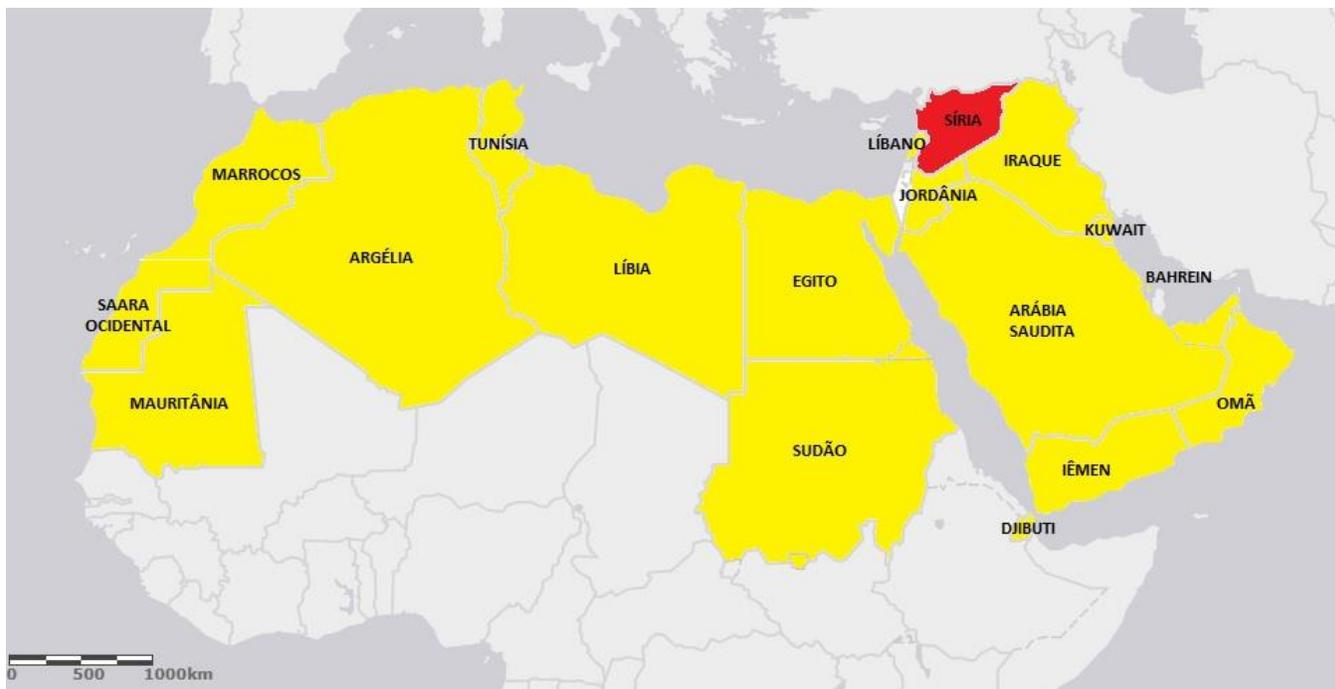


Figura 1 Mapa da Primavera Árabe

Uma grande especificidade do conflito sírio está no fato do presidente Bashar al-Assad continuar no poder apesar de terem se passado sete anos desde o início da guerra civil. No início dos protestos em questão, a população síria exigia maior atenção aos direitos humanos, mais liberdade, mais democracia, uma nova legislação e a queda de Bashar al-Assad. O governo sírio, então, resolveu conter os revoltosos enviando tropas para as cidades manifestantes. O conflito se agravou ainda mais com a intervenção do Estado Islâmico. Este grupo que inicialmente apoiava a oposição, passou a combater tanto os manifestantes quanto o governo para obter hegemonia no país. Como menciona um de nossos entrevistados:

Para mim, a Síria realmente mudou por causa da guerra. Eu visitei a Síria duas vezes com pessoas da Malásia. Na Malásia, eu costumava trabalhar como voluntário para refugiados. Eles eram responsáveis por escolas e hospitais. Eu fui com eles visitar a Síria e eu vi muitos mortos. E não é corpo inteiro, é realmente muito triste. Quando eu tinha quatorze anos eu fui com a minha família para Aleppo e era muito bom, porque sou de Damasco.

Eu fui para Aleppo durante essa guerra e eu muito chocado, eu realmente fiquei surpreso. Eu não acredito que isso é Síria, você sabe. Eu vi a destruição e eu vi pessoas mortas, eu escuto vozes... É realmente difícil na Síria e ninguém sabe quando terminará. E se terminar hoje, quantos anos para reconstruir novamente? Em Damasco tudo é controlado por Bashar Al-Assad, 90%, todas as ruas, todos os bairros. No Facebook eu vejo algumas fotos e a casa três horas está diferente. Antes, um dólar era cinquenta libras sírias, agora um dólar é trezentos. Antes, um quilo de carne era mil libras sírias, agora é quatro mil libras sírias. Grande diferença, muito difícil, muito caro. Quando eu fui da Turquia para a Síria, na Turquia tudo estava bem, é só quando você cruza a fronteira que você vê o estrago. Eu pensava ‘apenas há uma hora estava tudo tranquilo’, você entra na Síria e vê o estrago. Apenas uma hora, é muito perto. (...) Eu não posso ir para Damasco e meu nome está na fronteira. Se eu for, a polícia vai me pegar. Eu não vejo o que acontecerá no futuro. É muito difícil, ninguém sabe. E há o Estado Islâmico, a oposição e Bashar Al-Assad, três grupos diferentes. Bashar é um terrorista e ele é esperto. E o Estado Islâmico luta contra os outros dois, Bashar e a oposição. Nem todo mundo no Brasil conhece esses detalhes. E agora eu tenho estado fora da Síria por cinco anos. (Aziz, refugiado sírio, 32 anos)<sup>40</sup>

A disputa entre os diversos grupos levou a uma guerra civil caracterizada por grande violência e violação aos direitos humanos. Em seis anos de conflito, a Guerra Civil da Síria matou mais de 320 mil pessoas, promoveu o deslocamento interno de mais de 6 milhões de indivíduos, 5.5 milhões de refugiados sírios pelo mundo e cerca de 185.000 solicitantes de refúgio (Tabela 1). Aproximadamente dois terços (65%) da população síria foi deslocada desde o início do conflito,

---

<sup>40</sup> Tradução livre do original: “For me, Syria really changed because of the war. I visit Syria two times with the Malaysian people. In Malaysia, I used to work as a volunteer for refugees. They were responsible for schools and hospitals. I went with them to visit Syria and I saw a lot of dead. And it’s not full body, it’s really muito triste. When I was fourteen years old I went with my family to Aleppo and it was very nice, because I’m from Damascus. I went to Aleppo during this war and I really choked, I really was surprised. I don’t believe this is Syria, you know. I saw the damage and I saw dead people, I hear voices... It’s really difficult in Syria and nobody knows when it will finish. And if it finishes today, how many years to rebuild again? In Damascus everything is controlled by Bashar Al-Assad, 90%, every street, every block. In Facebook I see some fotos every three hours is different. Before, one dollar is fifty Syrian pounds, now one dollar is trezentos. Before one kilo of carne was one thousand Syrian pounds, now is four thousand Syrian pounds. Big difference, very difficult, muito caro. When I went from Turkey to Syria, in Turkey everything was fine, is just when you cross the border you see the damage. I thought ‘just one hour ago everything was cool’, you enter in Syria you see the damage. Just one hour, it’s very near. (...) I can’t go again to Damascus and my name is in the border. If I go, the police will take me. I don’t see what will happen in the future. It’s very hard, nobody knows. And there is Estado Islâmico, and the opposition and Bashar Al-Assad, three different groups. Bashar is a terrorista and he’s smart. And Estado Islâmico fight the other two positions, Bashar and the opposition. Not everybody in Brazil knows these details. And now I have been out of Syria for five years.”

totalizando 12 milhões de pessoas; a Síria é o único país do mundo que tem mais da metade de sua população deslocada de maneira forçada (ACNUR, 2017b).

**Tabela 1**  
**Situação humanitária**  
**Síria, 2016**

Situação humanitária	Indivíduos
Refugiados	5.5 milhões
Deslocados internos	6.3 milhões
Deslocados internos vivendo em campos e centros coletivos	1.7 milhões
Pessoas sem abrigo adequado	2.4 milhões
Domicílios danificados	1.2 milhões
Domicílios destruídos	400.000
Pessoas com necessidade de ajuda humanitária	13.5 milhões
Pessoas com necessidade em áreas de difícil acesso	3.9 milhões
Pessoas com necessidade de assistência à saúde	12.8 milhões
Pessoas com necessidade de assistência à alimentação	9 milhões
Menores com necessidade de assistência escolar	6.1 milhões
Mortos	320.000

Fonte: ACNUR. Syria End of Year Report 2016: Working Towards a Better Future, 2017.

Além disso, muitos sírios passaram a viver em campos, centro coletivos ou não têm um abrigo adequado devido ao deslocamento e ao grande número de domicílios danificados ou destruídos. O acesso à saúde, água, alimentação, escola e assistência humanitária também é escasso. A soma desses acontecimentos levou a uma crise humanitária considerada a pior da nossa era, segundo as Nações Unidas. Um entrevistado descreveu:

O campo é como uma prisão. Primeiro eles colocam você em tendas, depois em caravanas. E as caravanas você paga para alguém por debaixo dos panos. Na Jordânia não é uma sensação de ser refugiado, é como uma prisão. E se você quer sair desse campo você deve ter uma permissão, e eles podem te dar ou não. Há muitos problemas na Jordânia, refugiado não tem permissão para trabalhar. Se ele trabalha e pegam ele, eles jogam a pessoa na Síria, eles escondem da ONU os documentos, eles vão esconder e jogar ele na Síria. Então tudo morre dentro de você. (Akhim, refugiado sírio, 39 anos)<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Tradução livre do original: “It’s like a prison. First they put you in tents, then caravans. And the caravans you pay for somebody under the table. In Jordan is not a feeling of being a refugee, it’s like a prison. And if you want to go

**Tabela 2**  
**Refugiados sírios por país de destino –**  
**Mundo (países com mais de 2.000 refugiados sírios), 2016**

País de destino	Refugiados sírios
<b>Europa</b>	
Alemanha	375122
Suécia	96914
Áustria	30958
Países Baixos	28394
Dinamarca	18215
Bulgária	15027
Grécia	14420
Noruega	11537
Suíça	11159
Bélgica	9080
França	8991
Reino Unido	8269
Espanha	8205
Itália	2613
<b>África</b>	
Egito	116013
Sudão	6997
Marrocos	3242
<b>Ásia</b>	
Turquia	2823987
Líbano	1005503
Jordânia	648836
Iraque	230836
Armênia	14626
Chipre	4263
Iêmen	3249
<b>América do Norte</b>	
Estados Unidos	6444
Canadá	2757
<b>América Latina</b>	
Brasil	2591

Fonte: ACNUR. Statistical Online Population Database, 2018.

*outside of this camp you should have a permission, and they may give you or may not. There are many problems in Jordan, refugee is not allowed to work. If he work and they catch him, they will throw the person to Syria, they will hide the documents from UN, they will hide it and throw him to Syria. And everything has died in you.”*

Os principais destinos dos refugiados sírios no mundo são Turquia, Líbano, Jordânia, Alemanha, Iraque, Egito e outros países europeus (Tabela 2). A Turquia é o país que mais recebeu refugiados em 2016 devido ao grande contingente de sírios, mas oferece apenas “baixa proteção temporária” uma vez que o país ratificou a Convenção de 1951 e estabeleceu a reserva geográfica apenas para refugiados europeus. O Líbano, por sua vez, é o país com o maior número de refugiados em relação à população nacional, sendo 1 refugiado em cada 6 habitantes; e na Jordânia há 1 refugiado em cada 11 habitantes (ACNUR, 2017b).

Em 2016, foram realizados 2 milhões de novas solicitações de refúgio e o principal país a receber os pedidos foi a Alemanha (722.400) seguida por Estados Unidos (262.000), Itália (123.000) e Turquia (78.600). Na União Europeia há cerca de 630 mil refugiados sírios (ACNUR, 2017a), e o número de solicitantes de refúgio aumenta cada vez mais. De acordo com dados da Eurostat (2017), em janeiro de 2013 o número de solicitações de refúgio de sírios na União Europeia era de 3.400, passando para 6.490 no mesmo mês no ano seguinte, e chegando a 7.550 em janeiro de 2015. O maior número de aplicações foi em setembro de 2014, quando 17.175 sírios pediram asilo na região devido ao aumento da violência na Síria com a presença do grupo Estado Islâmico (EUROSTAT, 2017).

Já o número de sírios que solicitaram refúgio pela primeira vez refúgio na União Europeia caiu de 363.000 em 2015 para 335.000 em 2016, mostrando uma diminuição de novos indivíduos em busca de proteção na região (EUROSTAT, 2017). A proporção de sírios entre os solicitantes de refúgio também teve queda de 28,9% para 27,8% no período (EUROSTAT, 2017). Apesar da diminuição de tais números, a Síria foi a principal origem dos requerentes em 13 dos 28 países europeus (EUROSTAT, 2017). De toda a União Europeia, o maior número de requerentes em um único país de destino foi de sírios na Alemanha, com cerca de 266.000 solicitações (EUROSTAT, 2017).

Os países da região com mais refugiados sírios são Alemanha, Suécia, Áustria, Países Baixos, Dinamarca, Bulgária e Grécia (Figura 2).

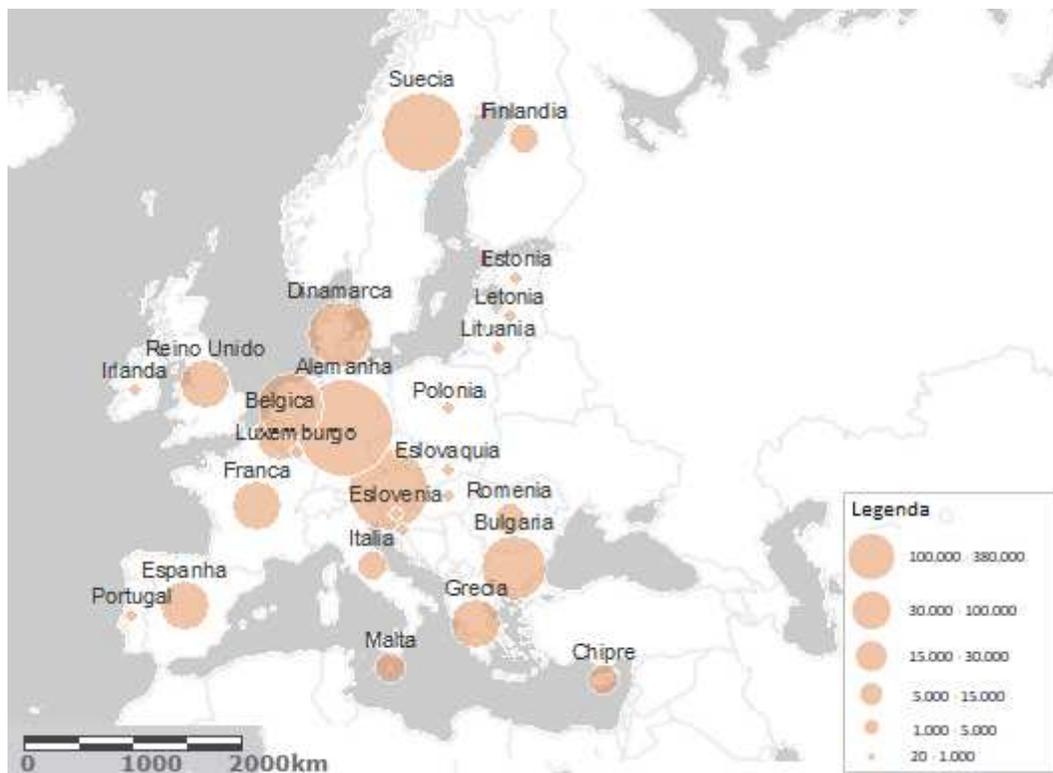


Figura 2 Mapa dos refugiados sírios por país de destino – União Europeia, 2016

Fonte: ACNUR. Statistical Online Population Database, 2018.

Em 2012, após parceria com a França e o Reino Unido para apoiar a queda do presidente Bashar Al-Assad, a Alemanha buscou desenvolver estratégias para a reconstrução política e econômica da Síria e, em 2013, se comprometeu a receber 5.000 refugiados sírios. A Alemanha aumentou, em 2014, os investimentos para proteção dos sírios e países vizinhos, número de bolsas de estudo para jovens dessa população e ofereceu asilo para mais 20.000 indivíduos no seu Programa Humanitário de Admissão para Refugiados Sírios. Após abrir as fronteiras em 2015, a Alemanha foi o país que mais recebeu novas solicitações de refúgio por sírios, em 2016, inclusive de crianças desacompanhadas. O país criou uma Lei de Integração de Migrantes e Refugiados, além de um projeto de reunião familiar para facilitar a reunificação de refugiados sírios com membros que estavam no Líbano ou Turquia. Atualmente, a Alemanha é o oitavo principal país de destino de refugiados no mundo (ACNUR, 2017a).

A Suécia, por sua vez, garantiu em 2012 concessão de asilo automática para sírios com permissão de residência por três anos, e em 2013 ofereceu residência permanente para os sírios que possuíam a permissão temporária. Desde o início do conflito, a Suécia oferece apoio financeiro

para a crise humanitária na Síria e, atualmente, busca soluções para assistência humanitária emergencial e ajuda a longo prazo. Em 2016, a Suécia foi o quinto país com a maior parcela de refugiados em sua população total, aproximadamente 3%.

O terceiro principal país de destino de refugiados sírios na União Europeia é a Áustria, especialmente devido à permissão, em 2015, para a entrada de diversos refugiados que estavam na Hungria. No entanto, em 2016, o país passou a ter cota máxima de entrada de refugiados por dia e o número de solicitações de refúgio foi menos que a metade do ano anterior. Os Países Baixos, por sua vez, vêm contribuindo financeiramente com o ACNUR para a causa síria e enviando reforços humanitários para os locais atingidos e, em 2016, abrigaram milhares de refugiados sírios em prisões desativadas. Apesar da Dinamarca ter um elevado número de refugiados sírios, o país possui uma política de não receber muitos refugiados em seu território, permitindo que fiquem no país como “estadia tolerada”. Em 2016, a Dinamarca restringiu os direitos dos refugiados dificultando a reunião familiar e confiscando bens.

A Bulgária recebe um grande número de sírios não por programas humanitários específicos, mas por fazer fronteira com a Turquia, um dos países com mais refugiados sírios no mundo. Em 2013, a Bulgária começou a sofrer com o enorme contingente de solicitantes de refúgio e os centros de acomodação para sírios ficaram superlotados; então, em outubro do mesmo ano, o exército búlgaro construiu uma cerca na fronteira com a Turquia para impedir a entrada de mais sírios. Outro país que encontra grandes problemas referentes à recepção e condições de vida para os refugiados sírios é a Grécia. Nos últimos anos, muitos sírios atravessaram o mar entre a Turquia e a Grécia arriscando suas vidas em embarcações perigosas e quando chegaram às ilhas gregas continuaram em situação precária.

Durante os sete anos de conflito sírio, diversos países europeus se reuniram e desenvolveram projetos de ajuda humanitária para a crise síria, apesar de alguns países terem uma política de fechar suas fronteiras. Os problemas que necessitaram de ações específicas foram tempestades de neve, greves, ataques e explosões, vacinação, assistência financeira, deslocamentos fronteiriços, insegurança, falta de água, cuidados sociais, medicamentos, e campos de refugiados. Segundo os dados do ACNUR, a necessidade de assistência humanitária na Síria cresceu nos últimos anos do conflito.

**Tabela 3**  
**Taxa de elegibilidade para sírios solicitantes de refúgio –**  
**Mundo (países com mais de 300 decisões), 2016**

País de destino	Decisões	Reconhecidos	Rejeitados	Encerrados por outros motivos	Elegibilidade
<b>Europa</b>					
Alemanha	304912	295090	1010	8812	96,8%
Suécia	50529	44260	1136	5133	87,6%
Hungria	17556	92	908	16556	0,5%
Áustria	17245	16113	2	1130	93,4%
Países Baixos	13947	12322	582	1043	88,3%
Noruega	9070	7414	332	1324	81,7%
Bélgica	7383	7055	101	227	95,6%
Espanha	6272	6213	59	0	99,1%
Dinamarca	5318	5258	0	60	98,9%
França	4299	4009	277	13	93,3%
Suíça	3023	2332	89	602	77,1%
Grécia	2494	1860	23	611	74,6%
Reino Unido	2309	1812	236	261	78,5%
Bulgária	1276	1209	67	0	94,7%
Rússia	1273	542	0	731	42,6%
Finlândia	1243	1114	6	123	89,6%
Itália	1184	1168	16	0	98,6%
Romênia	661	504	8	149	76,2%
Luxemburgo	567	538	3	26	94,9%
Malta	373	340	4	29	91,2%
<b>África</b>					
Argélia	2404	0	0	2404	0%
<b>Ásia</b>					
Chipre	1187	1154	7	26	97,2%
<b>América do Norte</b>					
Estados Unidos	850	578	31	241	68%
Canadá	799	751	25	23	94%
<b>América Latina</b>					
Brasil	336	336	0	0	100%

Fonte: ACNUR. Statistical Online Population Database, 2018.

Além do número total de refugiados sírios, é importante analisar também a taxa de elegibilidade para esse grupo. Na presente tese, consideramos taxa de elegibilidade como a razão entre o número de indivíduos reconhecidos como refugiado (ou outro reconhecimento) no ano e o

número de decisões sobre solicitações de refúgio no mesmo ano - considerando apenas países com mais de 300 decisões. Para calcular tal taxa, foi considerado o valor total de todos os tipos de requerimentos para determinação do status de refugiado; uma vez que os procedimentos podem ser governamentais, do ACNUR ou conjunto (governo e ACNUR).

Na Europa, os países com a maior taxa de elegibilidade para sírios são Espanha, Dinamarca, Itália, Alemanha e Bélgica (Tabela 3), sendo que os dois primeiros reconhecem a maioria dos pedidos de refúgio por outro meio que não o convencional. O único país da África com mais de 300 decisões sobre solicitações de refúgio para sírios é a Argélia, mas todos os pedidos foram recusados em 2016; enquanto o único país na Ásia é o Chipre com uma taxa alta de aproximadamente 67%. Na América do Norte, o Canadá tem uma alta taxa de elegibilidade para sírios, mas os Estados Unidos reconheceram apenas 68% dos requerimentos.

No mundo, o único país com mais de 300 decisões sobre refúgio para sírios, que elege 100% dos solicitantes é o Brasil. Em 2016, o Brasil reconheceu o status de refugiado para as 336 decisões sobre solicitações de refúgio para sírios; nos anos anteriores também reconheceu todas as solicitações (532 em 2015, 1.405 em 2014, e 294 em 2013). No continente americano, existem quase 700 mil refugiados e a maior parte deles são originários de conflitos na Colômbia, Venezuela e Norte da América Central (ACNUR, 2017a).

A modalidade migratória do refúgio tende a crescer na América Latina e no Brasil tanto pelos conflitos emergentes nos países de origem quanto pela política de refúgio do país de destino. Desse modo, torna-se necessário aprofundar as especificidades dos diferentes fluxos, a composição e a heterogeneidade dos contingentes populacionais envolvidos em tais processos migratórios. A questão dos refugiados sírios traz desafios para o mundo todo, não apenas para a União Europeia e para o Brasil. As dificuldades são inúmeras: visto, documentos, busca pelo refúgio, acolhimento no país de destino, condições de vida, habitação, emprego, educação, saúde, apoio psicológico, atendimento jurídico, língua, cultura, religião, reunião familiar, entre outros.

A presente pesquisa constatou a fragilidade do conceito de refugiado, posto que é carregado de intencionalidades, uma vez que pode beneficiar indivíduo ou Estado, dependendo do cenário em questão. O refúgio como categoria jurídica limita não só o número de indivíduos como também o número de famílias que migram nessa situação. Ao limitar a liberdade social do indivíduo, a condição jurídica limita também o acesso ao espaço público onde a pluralidade humana se manifesta por meio da ação e do discurso (ARENDR, 1989).

As migrações de crise refletem problemas políticos, sociais, econômicos, jurídicos e humanitários da geopolítica internacional. O Brasil passa a compor o cenário das migrações de refugiados, em especial de sírios, justamente pela impossibilidade de entrada desse contingente na União Europeia.

Fotos ilustrativas:



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

## CAPÍTULO 2 – REFÚGIO NO BRASIL: A IMIGRAÇÃO SÍRIA

### 2.1 O comprometimento brasileiro com os refugiados

O tema dos refugiados se apresentou no Brasil no contexto internacional de pós Segunda Guerra e no cenário nacional da industrialização. O contato com a questão foi conduzido por questões humanitárias e econômicas (MOREIRA, 2012). A recepção de refugiados permitiria, então, ajudar as vítimas das consequências da guerra e ao mesmo tempo aumentar a mão-de-obra no país (SALLES, 2002). Em 1947, o Brasil assinou um acordo com o Comitê Intergovernamental para os Refugiados (CIR) a fim de receber refugiados europeus. O acordo estabelecia reassentamento em centros agrícolas e industriais, onde os refugiados deveriam ser bem recebidos, ter trabalho, salário e boas condições de vida (ANDRADE, 1996).

A 1º de abril de 1947, era concluído em Londres, no plano bilateral, o Acordo entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e o Comitê Intergovernamental de Refugiados (Acordo Brasil-Comitê Intergovernamental), mediante o qual o Brasil se comprometia a receber um primeiro grupo, a título de experiência, de mil famílias, não devendo exceder o total de cinco mil indivíduos, sendo que o número de celibatários em cada grupo não deveria ultrapassar 40%. Sendo satisfatórios os resultados da imigração deste primeiro grupo experimental, o governo brasileiro se dispunha a concluir um acordo para a imigração de um número mais elevado de pessoas. Segundo o Acordo Brasil-Comitê Intergovernamental, ao Brasil caberia o pleno direito de seleção e a responsabilidade pela recepção, encaminhamento e colocação profissional dos imigrantes, sendo que todas as despesas decorrentes do transporte, assim como os meios deste, seriam de incumbência do Comitê Intergovernamental, ao qual caberia, igualmente, a contribuição, com até cem mil dólares americanos, para as despesas de melhoramento das condições de recebimento e de estabelecimento de centros de orientação. (ANDRADE, 2005: 16-17)

A seleção dos refugiados europeus que viriam para o Brasil era realizada considerando elegibilidade, saúde, educação e família dos indivíduos; especialmente porque eram considerados culturalmente, socialmente e economicamente superiores aos cidadãos brasileiros (MOREIRA, 2012). Os judeus estavam excluídos dessa seleção por justificativas socioeconômicas, mas segundo Carneiro (2003), eles não eram desejados pois representavam perigo para qualquer nação.

No ano seguinte, 1948, o Brasil assinou um acordo com a então Comissão Preparatória da Organização Internacional para os Refugiados (CPOIR) que garantia medidas assistenciais para os refugiados europeus. Em três anos, o país recebeu mais de 20.000 refugiados europeus (ARQUIVO DO ITAMARATY apud MOREIRA, 2012). Em 1951, a delegação brasileira participou da conferência internacional que discutiu a Convenção de 1951, e no ano seguinte assinou-a concordando com a reserva geográfica para refugiados apenas europeus, com aprovação parlamentar em 1960 (BRASIL, 1961).

Havendo o Congresso Nacional aprovado, pelo Decreto-Legislativo nº 11, de 7 de julho de 1960, com exclusão do seus Artigos 15<sup>42</sup> e 17<sup>43</sup>, a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, concluída em Genebra, a 28 de julho de 1951, e assinada pelo Brasil a 15 de julho de 1952; e tendo sido depositado, a 15 de novembro de 1960, junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas, o Instrumento brasileiro de ratificação da referida Convenção, com exclusão dos Artigos já citados; Decreta que a mencionada Convenção, apensa por cópia ao presente Decreto, seja, com exclusão dos seus artigos 15 e 17, executada e cumprida tão inteiramente como nela se contém. (BRASIL, 1961)

O Brasil foi membro do ExCom desde sua criação, em 1957 (ONU, 1957); e, em 1966, recebeu a visita do ACNUR. Por questões no cenário nacional, o posicionamento do governo brasileiro foi modificado em relação à política interna e externa após o golpe militar de 1964, quando o tema central passou a ser segurança nacional. O Brasil adotou uma nova Constituição em 1967 e diversos Atos Institucionais. A recepção de imigrantes, assim como de refugiados, passou a ser mais controlada e havia possibilidade de devolução para o país origem caso o estrangeiro ameaçasse de alguma forma a segurança brasileira.

A questão da violação dos direitos humanos passou a ser central também no Brasil, que se tornou origem de exilados (MOREIRA, 2012). No cenário internacional, o Protocolo de 1967 foi criado para proteger vítimas de conflitos na África e na Ásia. O Brasil aderiu ao Protocolo

---

<sup>42</sup> Passou a ser aceito por meio do Decreto n. 99.757 de 1990 (BRASIL, 1990b). Direitos de associação: “*Os Estados Contratantes concederão aos refugiados que residem regularmente em seu território, no que concerne às associações sem fins políticos nem lucrativos e aos sindicatos profissionais, o tratamento mais favorável concedido aos nacionais de um país estrangeiro, nas mesmas circunstâncias.*” (Convenção de 1951, capítulo II, artigo 15)

<sup>43</sup> Passou a ser aceito por meio do Decreto n. 99.757 de 1990 (BRASIL, 1990b). Profissões assalariadas: “*Os Estados Contratantes darão a todo refugiado que resida regularmente no seu território o tratamento mais favorável dado, nas mesmas circunstâncias, aos nacionais de um país estrangeiro no que concerne ao exercício de uma atividade profissional assalariada.*” (Convenção de 1951, artigo 15, capítulo III, parágrafo 1)

apenas em 1972, mas sem intenção de retirar a reserva geográfica. Na década de 1970 surgiram diversos refugiados latino-americanos fugindo da perseguição política e da violência de regimes ditatoriais. A Comissão Justiça e Paz foi inaugurada em São Paulo, em 1972, para assistir vítimas de violação de direitos humanos. E, em 1976, a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro começou a atender refugiados sul-americanos.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) também lidava com refugiados argentinos e chileno, como atividade do ACNUR (ANDRADE, 1996). Os deslocados latino-americanos, no entanto, não eram reconhecidos como refugiados devido à permanência da reserva geográfica. Dessa forma, o Escritório trabalhava apenas fazendo reassentamento de refugiados argentinos, bolivianos, chilenos e uruguaios em países da América do Norte, Europa e Oceania (ANDRADE, 1996). Diversas manifestações eclodiram no Brasil em busca dos direitos dos refugiados; argentinos ocuparam o Escritório do PNUD, e chilenos fizeram greve de fome. Ainda assim, as autoridades brasileiras pediam a saída dos sul-americanos (MOREIRA, 2012).

Uma abertura política teve início, em 1978, com a revogação dos Atos Institucionais e a nova Lei de Segurança Nacional, que facilitava o retorno de exilados brasileiros. Em 1979, o Brasil concedeu asilo a vietnamitas. O Estatuto do Estrangeiro foi estabelecido em 1980 para regulamentar a situação dos imigrantes e permitir a expulsão de estrangeiros em situação irregular:

Nos casos de entrada ou estada irregular de estrangeiro, se este não se retirar voluntariamente do território nacional no prazo fixado em Regulamento, será promovida sua deportação. (...) A deportação consistirá na saída compulsória do estrangeiro. A deportação far-se-á para o país da nacionalidade ou de procedência do estrangeiro, ou para outro que consinta em recebê-lo. (Estatuto do Estrangeiro, 1990, título VII, artigos 57 e 58)

O estrangeiro continuava a ser visto como um problema sob a ótica da segurança nacional, por outro lado a lei garantia a possibilidade de asilo político (ANDRADE, 2006). No mesmo ano, o Brasil recebeu mais vietnamitas e concedeu asilo a alguns refugiados bolivianos e cubanos. Em 1982, o Escritório do ACNUR foi oficialmente reconhecido no país; e foram recebidos como asilados poloneses, nicaraguenses, romenos e uruguaios. De acordo com Moreira (2012), em um cenário onde o Brasil ainda se recusava a retirar a reserva geográfica para

refugiados, diversos países<sup>44</sup> latino-americanos aprovaram a Declaração de Cartagena que ampliava ainda mais a definição de refugiado:

Deste modo, a definição ou o conceito de refugiado recomendável para sua utilização na região é o que, além de conter os elementos da Convenção de 1951 e do Protocolo de 1967, considere também como refugiados as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública. (Declaração de Cartagena, 1984, artigo 3)

O reconhecimento de refugiados como vítimas de “violação maciça dos direitos humanos” foi um grande avanço humanitário na proteção internacional, ainda que o documento não tenha caráter obrigatório (ACNUR, 2005). O Brasil, inicialmente, recusou-se a assinar essa declaração, ainda que fosse apenas recomendatória. O país passou a utilizar a definição ampliada de “refugiado”, da Declaração de Cartagena, apenas em 1992. O processo de redemocratização brasileira teve início em 1985 e levou alguns anos para o país alcançar uma reestruturação política. Os direitos humanos prevaleceram com a Constituição Federal de 1988:

A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: independência nacional; prevalência dos direitos humanos; autodeterminação dos povos; não-intervenção; igualdade entre os Estados; defesa da paz; solução pacífica dos conflitos; repúdio ao terrorismo e ao racismo; cooperação entre os povos para o progresso da humanidade; (Constituição Federal de 1988, título I, artigo 4)

A proteção internacional também foi reforçada por meio da Resolução n.17/1988 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que autorizava a presença de refugiados latino-americanos temporariamente (ARQUIVO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS apud MOREIRA, 2012). E, finalmente, a reserva geográfica para refugiados foi retirada por meio do Decreto n.98602/1989. De acordo com Barreto (2010), no mesmo ano, o Escritório do ACNUR foi transferido do Rio de Janeiro para Brasília. A concessão de refúgio teve ganhos também com a Portaria Interministerial n.394/1991, porém a assistência a refugiados continuava escassa.

---

<sup>44</sup> Belize, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e Venezuela. (Declaração de Cartagena, 1984)

Naquele momento, sob a portaria interministerial que proporcionava um marco jurídico interno mínimo, o Acnur entrevistava essas pessoas e apenas solicitava ao governo brasileiro o reconhecimento formal. O papel do governo brasileiro se restringia à liberação dos documentos e a partir daí os refugiados tinham que caminhar com suas próprias pernas no país que os acolhia. Como muitos desses refugiados vinham de regiões de guerra, com traumas psíquicos e com problemas de saúde, o apoio oferecido era insuficiente e havia a necessidade de maior integração dos refugiados no ambiente local. (BARRETO, 2010: 18)

Foi no ano de 1992 que o Brasil utilizou pela primeira vez a definição ampliada de “refugiado” da Declaração de Cartagena para reconhecer angolanos que fugiam da guerra civil do país de origem. De 1993 a 2013, os angolanos foram o principal grupo de refugiados no Brasil (ACNUR, 2016).

De acordo com Barreto (2010), em 1994, a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo inaugurou um centro de referência para refugiados e, ainda hoje, desenvolve diversas parcerias para garantir apoio e proteção para refugiados e solicitantes de refúgio. No mesmo ano, a Declaração de San José foi elaborada por países latino-americanos com auxílio do ACNUR e do Instituto Interamericano de Direitos Humanos para ampliar o debate acerca dos direitos dos refugiados na América Latina.

Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, relações foram estreitadas com os Estados Unidos e países da União Europeia e América do Sul. O Brasil reafirmou sua democracia e preocupação com direitos humanos, reforçando sua participação no cenário global (MOREIRA, 2012). Em 1996, foi instituído o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) por meio do Decreto n.1.904/1996; e, em 1997, a Secretaria de Direitos Humanos.

Não há como conciliar democracia com as sérias injustiças sociais, as formas variadas de exclusão e as violações reiteradas aos direitos humanos que ocorrem em nosso país. A sociedade brasileira está empenhada em promover uma democracia verdadeira. O Governo tem um compromisso real com a promoção dos direitos humanos. (BRASIL, 1996, Prefácio)

No item “Estrangeiros, Refugiados e Migrantes Brasileiros” havia uma proposta de projeto de lei para um estatuto do refugiado. No ano seguinte, foi promulgada a Lei n. 9.474/97. A

Lei Nacional de Refúgio é composta por oito títulos: o Título I apresenta os aspectos caracterizadores do refúgio (conceito, extensão, exclusão e condição jurídica); o Título II explora os procedimentos para o solicitante ao ingressar no Brasil e realizar o pedido de asilo; o Título III traz detalhes sobre a competência, a estrutura, e o funcionamento do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE); o Título IV explica a legislação para todo o processo de refúgio; o Título V discute os efeitos do Estatuto de Refugiados sobre a extradição e a expulsão desses indivíduos; o Título VI relata as situações de perda ou cessação da condição jurídica de refugiado; o Título VII prevê como soluções duráveis a repatriação, a integração local e o reassentamento; o Título VIII conclui o documento com as disposições finais (BRASIL, 1997).

A partir dessa lei, o CONARE foi implementado como organismo responsável por avaliar as solicitações de refúgio, promover ações e coordenar políticas para refugiados em território nacional. Para deferir um pedido de refúgio, o CONARE considera a “violação maciça dos direitos humanos” da Declaração de Cartagena.

Este conceito reúne, para sua materialização, três relevantes condições especialmente consideradas pelo Conare: 1) a total incapacidade de ação ou mesmo a inexistência de entes conformadores de um Estado Democrático de Direito, como podem ser as instituições representativas dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário de um Estado qualquer. Ou seja, a dificuldade mesmo em se identificar a existência de um Estado, tal qual conceituado pelo direito internacional público, em um território específico. 2) a observação naquele território da falta de uma paz estável e durável. 3) o reconhecimento, por parte da comunidade internacional, de que o Estado ou território em questão se encontra em uma situação de grave e generalizada violação de direitos humanos. (LEÃO, 2010: 89)

Em 1998, o Escritório do ACNUR no Brasil teve que ser fechado devido a problemas orçamentários, sendo reaberto em 2004. No ano seguinte, o país assinou o Programa de Reassentamento Solidário reforçando a importância do reassentamento como uma das soluções duradouras para refugiados (RODRIGUES, 2010). Segundo Jubilut (2007), o Brasil era um bom candidato para reassentamento devido à legislação específica para refugiados e tradição histórica de recepção a migrantes.

O reassentamento, diferentemente da proteção, não constitui um direito do indivíduo, apesar de estar presente nos diplomas legais acerca da temática dos refugiados, mas sim uma tentativa, quando possível, de oferecer uma nova oportunidade de integração. Outra importante característica do reassentamento vem a ser seu caráter necessariamente voluntário, ou seja, o refugiado deve concordar em mudar de país de proteção. Isto decorre indiretamente do princípio do *non-refoulement*, pois, caso se realizasse a troca de países sem que o refugiado assim o desejasse, poder-se-ia estar encobrindo a sua devolução para um país no qual sua vida fosse ameaçada. (JUBILUT, 2007: 200)

Entre 2000 e 2014, o Brasil realizou 646 reassentamentos (ACNUR, 2016). O II PNDH foi aprovado em 2002 para complementar o primeiro, a partir da sistematização das diversas demandas sociais brasileiras nos anos anteriores. Em 2003, o ACNUR instituiu a Cátedra Sérgio Vieira de Mello para difundir a questão dos refugiados no meio acadêmico e incentivar a pesquisa sobre a temática. O governo de Luiz Inácio Lula da Silva manteve a política anterior sobre refugiados e a perspectiva dos direitos humanos para a política interna e externa (MOREIRA, 2012).

Mais princípios sobre o acolhimento de refugiados foram implementados a partir do Plano de Ação do México, em 2004, realizado por países latino-americanos em homenagem aos 20 anos da Declaração de Cartagena. Este plano visava efetivar a Declaração de 1984 para toda a América Latina, buscando soluções regionais para a questão a fim de fortalecer a proteção internacional dos refugiados (ACNUR, 2004).

De acordo com Jubilut (2007), uma das principais propostas desse documento é o “Reassentamento Solidário”, a partir do qual países sul-americanos auxiliariam os que mais têm dificuldades em relação aos refugiados, especialmente os Estados que mais recebem refugiados colombianos - Equador, Costa Rica e Venezuela. Assim, a maior parte de refugiados reassentados no Brasil é justamente de colombianos. Outros dois programas contemplados pelo Plano de Ação do México foram: o Programa de Autossuficiência e Integração Cidades Solidárias, que incentiva a integração de refugiados especialmente nos centros urbanos; e o Programa Integral Fronteiras Solidárias, que busca promover desenvolvimento socioeconômico de refugiados e locais (MOREIRA, 2012).

Nos anos seguintes, várias reuniões sobre reassentamento solidário foram realizadas por países latino-americanos (RODRIGUES, 2010). Em 2007, o Brasil recebeu também refugiados palestinos pelo mesmo programa. No mesmo ano foi criado o Comitê Estadual para Refugiados

(CER) em São Paulo presidido pelo Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania e com a participação de representantes de diversas secretarias como Casa Civil, Secretaria de Economia e Planejamento, Secretaria da Habitação, Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social, Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, Secretaria da Educação, Secretaria da Saúde, Secretaria de Relações Institucionais, Secretaria da Cultura, Secretaria da Segurança Pública; além de representantes de organizações não-governamentais voltados à assistência de refugiados (BRASIL, 2007).

Em 2009, foi aprovado o III PNDH a fim de dar continuidade aos programas anteriores. Este incorporava novas diretrizes em busca de promoção dos direitos humanos a partir de ações do Estado e da sociedade civil. O programa é composto por vinte e três diretrizes baseadas em seis eixos principais: Interação Democrática entre Estado e Sociedade Civil; Desenvolvimento e Direitos Humanos; Universalizar Direitos em um Contexto de Desigualdades; Segurança Pública, Acesso à Justiça e Combate à Violência; Educação e Cultura em Direitos Humanos; e Direito à Memória e à Verdade (BRASIL, 2010).

Em relação a questão dos refugiados no país, o III PNDH propõe:

Apoiar, no âmbito do Ministério da Justiça, o funcionamento do Comitê Nacional para Refugiados – CONARE; implementar a Convenção da ONU relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951, e o Protocolo Adicional de 1966; promover a capacitação das autoridades nacionais diretamente envolvidas na execução da política nacional para refugiados; promover e apoiar estudos e pesquisas relativos à proteção, promoção e difusão dos direitos dos refugiados, incluindo as soluções duráveis (reassentamento, integração local e repatriação), com especial atenção para a situação das mulheres e crianças refugiadas; apoiar projetos públicos e privados de educação e de capacitação profissional de refugiados, assim como campanhas de esclarecimento sobre a situação jurídica do refugiado no Brasil. (BRASIL, 2010: 284-285)

No mesmo ano foi criado o Comitê Paulista para Imigrantes e Refugiados para unificar a promoção de direitos humanos em São Paulo (RAMOS, RODRIGUES e ALMEIDA, 2011). No ano seguinte, foi criado o Comitê Estadual Intersetorial de Política de Atenção aos Refugiados (CEIPAR) do Rio de Janeiro com o intuito de viabilizar políticas que garantissem melhores condições de vida para refugiados no estado (ACNUR, 2010a). Ainda em 2010, foi fundado o Adus

– Instituto de Reintegração do Refugiado, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) para reintegração de refugiados na região (ADUS, 2018).

O I Seminário Nacional Cátedra Sérgio Vieira de Mello foi realizado, em 2010, para debater a inclusão de refugiados no mundo acadêmico por meio de vestibulares, validação de diplomas, capacitação e acesso ao Ensino Superior (RODRIGUES, 2010). No cenário de políticas para refugiados, esse ano foi marcado pela Declaração de Brasília Sobre a Proteção de Refugiados e Apátridas no Continente Americano e pelo Memorando de Entendimentos entre o Acnur e o Brasil.

A Declaração de Brasília de 2010 foi realizada em homenagem aos 60 anos do ACNUR e foi assinada por dezoito países latino-americanos<sup>45</sup> (ACNUR, 2010b). O documento incorpora gênero, idade e diversidade na proteção internacional dos refugiados e aceita irrestritamente o princípio de *non-refoulement*:

Reconhecendo com satisfação que a legislação nacional existente em matéria de refugiados e deslocados internos dos países do continente incorporou as considerações de idade, gênero e diversidade para responder às necessidades diferenciadas de cuidado e proteção de homens e mulheres, meninos e meninas, idosos, pessoas com deficiência, povos indígenas e afro-descendentes (Declaração de Brasília, ACNUR, 2010b)

O Memorando de Entendimentos entre o Acnur e o Brasil, por sua vez, formaliza as relações entre o país e o ACNUR para garantir assistência humanitária a países vítimas não só de violência, mas também de desastres naturais e problemas nutricionais:

Assinado pelo Alto Comissário da ONU para Refugiados, António Guterres, e pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, o documento prevê contribuições voluntárias do Brasil para os programas regulares do ACNUR, como também para atividades específicas em países afetados por desastres naturais, conflitos e insegurança alimentar e nutricional. As doações do Brasil ao ACNUR terão como base os Objetivos Estratégicos Globais da agência, conforme aprovado por seu Comitê Executivo. O Brasil também apoiará os programas de formação de oficiais do ACNUR (o chamado “*Junior Professional Officer Programme*”), permitindo que brasileiros ganhem

---

<sup>45</sup> Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai, e Venezuela. (ACNUR, 2010b)

experiência de trabalho na sede do ACNUR, em Genebra, e em escritórios de campo nas áreas de proteção e prestação de assistência humanitária em emergências. (ACNUR, 2010c)

O CONARE, em 2011, criou o Programa de Reassentamento Brasileiro a partir da Resolução Normativa n.14, estabelecendo critérios sobre procedimentos e processos decisórios de reassentamento solidário com mecanismos mais acelerados (ACNUR, 2011a). Em 2012, foi assinada a Declaração de Princípios do Mercosul sobre Proteção Internacional dos Refugiados a fim de harmonizar a legislação de refúgio entre os Estados associados do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). No mesmo ano, foi estabelecido o Acordo de Cooperação entre Secretaria Nacional de Justiça, CONARE e Defensoria Pública da União para atuação conjunta frente às questões sobre refugiados (DPU, 2012). Em junho, a IKMR foi fundada como única organização voltada especificamente para crianças refugiadas no Brasil (IKMR, 2018).

No Paraná, o Comitê Estadual para Refugiados e Migrantes (CERM) foi criado para garantir os direitos dos indivíduos que migram ou solicitam refúgio no estado (PARANÁ, 2014). Duas importantes resoluções foram determinadas nesse ano: a Resolução Normativa n.15/2012 sobre a concessão de protocolo para solicitantes de refúgio; e a Resolução Normativa n.97/2012 sobre a concessão de vistos de trabalho para haitianos por motivos humanitários (ACNUR, 2012a). No ano seguinte, outra resolução mudou o cenário brasileiro do refúgio: a Resolução Normativa n.17/2013, que facilitava a emissão de vistos para refugiados sírios. A partir de 2014, a Síria passou a ser a principal origem de refugiados no Brasil (ACNUR, 2018a).

Em 2014, foi aprovado o Plano Estadual de Atenção aos Refugiados do Rio elaborado pelo CEIPAR. Segundo o ACNUR (2014), este plano é orientado por seis eixos temáticos: documentação; educação; emprego; moradia; saúde; e ambiente sócio-cultural e conscientização para a temática. Neste ano foi realizada a I Conferência de Migrações e Refúgio (COMIGRAR), uma iniciativa governamental promovida pelo Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho e Ministério das Relações Exteriores, com apoio do ACNUR, Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), PNUD e Organização Internacional da Migração (OIM). A COMIGRAR foi um evento realizado com a finalidade de debater a construção de uma Política Nacional sobre Migrações e Refúgio.

As conferências nacionais são espaços de participação direta que possibilitam o contato entre sociedade civil e Estado e são eventos importantes no âmbito da participação social no Brasil. Por isso, viu-se na 1ª Conferência Municipal de Políticas para Imigrantes de São Paulo, etapa da Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio – COMIGRAR, primeira experiência deste tipo, a oportunidade adequada de contatar diretamente os imigrantes para os fins desta pesquisa. Isso porque as organizações coletivas de imigrantes ainda são raras e poucas se encontram institucionalizadas, o que dificulta bastante sua localização. (MENDONÇA, 2014: 15)

De acordo com a Prefeitura de São Paulo (2014a), no mês de agosto, foi inaugurado o Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes (CRAI) na cidade com o compromisso de proteger os direitos do imigrante e os direitos humanos e, no ano seguinte, foi inaugurado o Segundo CRAI na cidade. Dois meses depois, a Casa de Passagem “Terra Nova” foi aberta para abrigar temporariamente solicitantes de refúgio e vítimas de tráfico de pessoas (SÃO PAULO, 2014b). Em dezembro, foi inaugurado o Centro de Integração da Cidadania (CIC) do Imigrante para facilitar o acesso dos imigrantes aos direitos fundamentais (SÃO PAULO, 2014c). Em 2015, o CONARE prorrogou por mais dois anos a Resolução Normativa n.17/2013, que facilita a emissão de vistos para refugiados sírios, por meio da Resolução Normativa n.20/2015. No mesmo ano, o Brasil fez parceria com ACNUR, estados, municípios, entidades e sociedade civil para aprimorar a abordagem da crise de refúgio, definindo procedimentos e ações conjuntas.

Em 2016, a Secretaria Nacional de Justiça deu início ao procedimento para formalizar e consolidar a Política Nacional sobre Migrações, Refúgio e Apatridia (PNMR) com uma minuta de Decreto. Esta política tinha como intuito planejar e executar políticas públicas de acolhimento, assistência e integração. Também foi estruturado um Plano de Ação para Imigrantes e Refugiados. Nesse mesmo ano foi estabelecida a Resolução Normativa n.23/2016, que regulamenta os procedimentos referentes a viagens internacionais de refugiados e solicitantes de refúgio.

Finalmente, em 2017, foi sancionada a Lei de Migrações. A Lei nº 13.445/2017 regula a entrada e permanência de estrangeiros no Brasil e foi criada para substituir o Estatuto do Estrangeiro, o qual tinha como princípio a segurança nacional uma vez que foi criado durante o regime militar. A nova lei estabelece os direitos e deveres dos imigrantes, emigrantes, residentes fronteiriços, visitantes e apátridas; propõe a participação dos estrangeiros e a não criminalização da migração. Os instrumentos e ações que garantem o compromisso do Brasil com a temática do refúgio, entre 1947 e 2017, estão listados no Quadro 5.

QUADRO 5 – INSTRUMENTOS E AÇÕES SOBRE O TEMA DO REFÚGIO  
NO CENÁRIO NACIONAL (1947-2017)

Ano	Instrumentos e ações ligados ao tema do refúgio no cenário nacional
1947	Acordo com o Comitê Intergovernamental para os Refugiados
1948	Acordo com a Comissão Preparatória da Organização Internacional para os Refugiados
1952	Brasil assinou a Convenção de 1951
1957	Brasil tornou-se membro do Comitê Executivo do ACNUR
1967	Nova Constituição brasileira e Atos Institucionais
1972	Brasil aderiu ao Protocolo de 1967; Comissão Justiça e Paz
1978	Revogação dos Atos Institucionais; Nova Lei de Segurança Nacional
1980	Estatuto do Estrangeiro
1982	Abertura do Escritório do ACNUR no Brasil
1988	Constituição Federal de 1988; Resolução n.17/1988 do CONARE
1989	Decreto n.98602/1989
1991	Portaria Interministerial n.394/1991
1992	Brasil utilizou a definição da Declaração de Cartagena
1994	Declaração de San José
1996	I Programa Nacional de Direitos Humanos
1997	Lei n. 9.474/97; Implementação do CONARE
1998	Fechamento do Escritório do ACNUR no Brasil
1999	Programa de Reassentamento Solidário
2002	II Programa Nacional de Direitos Humanos
2003	Cátedra Sérgio Vieira de Mello
2004	Plano de Ação do México; Reabertura do Escritório do ACNUR no Brasil
2007	Comitê Estadual para Refugiados em São Paulo
2009	III Programa Nacional de Direitos Humanos; CIEPAR do Rio de Janeiro
2010	Declaração de Brasília de 2010; Memorando de Entendimentos entre o Acnur e o Brasil
2011	Programa de Reassentamento - Resolução Normativa n.14/2011
2012	Declaração de Princípios do Mercosul sobre Proteção Internacional dos Refugiados; Comitê Estadual para Refugiados e Migrantes do Paraná; Resolução Normativa n.15/2012
2013	Resolução Normativa n.17/2013
2014	Plano Estadual de Atenção aos Refugiados do Rio; I Conferência de Migrações e Refúgio
2015	Resolução Normativa n.20/2015
2016	Minuta do Decreto para a Política Nacional sobre Migrações, Refúgio e Apatridia; Resolução Normativa n.23/2016
2017	Lei de Migrações n.13.445/2017

Fonte: CNIg; CONARE; DPU; MJ; MPF; MRE; MTE; PF.

A política brasileira para refugiados foi guiada nas últimas décadas por fatores externos e internos, combinando interesses nacionais e internacionais. Os documentos que tangem a temática do refúgio estão voltados prioritariamente para a questão da entrada e reconhecimento dos refugiados no Brasil, tendo um caráter de regulação imigratória (MOREIRA, 2012). O acolhimento de refugiados no país leva em consideração a segurança nacional e a proteção de vítimas de violação de direitos humanos, mas ainda é pouco eficiente em relação à integração e autonomia dessa população (RODRIGUES, 2015).

A integração local pode ser considerada como um processo que leva a uma solução duradoura para os refugiados. É um processo com três dimensões inter-relacionadas. Primeiro, é um processo legal, em que aos refugiados são concedidos uma série progressivamente mais ampla de direitos e prerrogativas pelo Estado de acolhimento. Nos termos da Convenção sobre Refugiados de 1951, estes incluem, por exemplo, o direito de procurar emprego, de se envolver em outras atividades geradoras de renda, possuir e dispor de propriedade, desfrutar de liberdade de movimento e ter acesso a serviços públicos como educação. O processo pelo qual os refugiados ganham e acumulam direitos pode levar à aquisição de direitos de residência permanente e, em última análise, à aquisição de cidadania no país de asilo. Em segundo lugar, a integração local pode ser considerada um processo econômico. Pois, ao adquirir os direitos e prerrogativas acima referidos, os refugiados também melhoram o seu potencial para estabelecer meios de subsistência sustentáveis, para atingir um grau crescente de autoconfiança, e para tornarem-se progressivamente menos dependentes da ajuda estatal ou assistência humanitária. De acordo com esses indicadores, os refugiados impedidos ou dissuadidos de participar da economia local, e cujo padrão de vida é consistentemente menor do que os membros mais pobres da comunidade receptora, não podem ser considerados localmente integrados. Em terceiro lugar, a integração local é um processo social que permite aos refugiados viver entre ou ao lado da população hospedeira, sem medo de discriminação sistemática, intimidação ou exploração por parte das autoridades ou pessoas do país de asilo. É conseqüentemente um processo que envolve tanto os refugiados quanto a população de acolhimento. (CRISP, 2004: 1-2)<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Tradução livre do original: “*Local integration can be regarded as a process which leads to a durable solution for refugees. It is a process with three interrelated dimensions. First, it is a legal process, whereby refugees are granted a progressively wider range of rights and entitlements by the host state. Under the terms of the 1951 Refugee Convention, these include, for example, the right to seek employment, to engage in other income-generating activities, to own and dispose of property, to enjoy freedom of movement and to have access to public services such as education. The process whereby refugees gain and accumulate rights may lead to the acquisition of permanent residence rights and ultimately to the acquisition of citizenship in the country of asylum. Second, local integration can be regarded as*

O sistema de proteção a refugiados teve diversos avanços nacionais, regionais e internacionais desde o instituto do refúgio e tem ganhado cada vez mais espaço no campo dos direitos humanos (JUBILUT, 2007). Entre os avanços estão: compromisso mundial com a temática do refúgio; avanços institucionais; legislação nacional; acesso à documentação; prevenção de novos casos de apatridia; processos de subconsultas regionais; inclusão de refugiados em políticas existentes; criação de comitês estaduais e municipais com o propósito de criar políticas para refugiados em âmbito local; reassentamento solidário; mobilização nacional e internacional; e diversas parcerias, capacitações e projetos (ONU, 2014). Todavia, é necessário que atores estatais, não-estatais e a sociedade civil integrem também os refugiados na discussão para garantir a efetivação das políticas de proteção. E, em última instância, a proteção internacional deveria garantir os direitos humanos nos países de origem procurando evitar os fatores que levam muitos indivíduos a compor o cenário das migrações de crise.

No caso da imigração de refugiados sírios no Brasil, a recepção de solicitantes de refúgio fugindo da Guerra Civil Síria foi facilitada por meio da Resolução Normativa N.17, a qual foi adotada em outubro de 2013 – e prorrogada por mais dois anos em 2015 - pelo CONARE para desburocratizar a emissão de vistos e o processo de solicitação de refúgio para sírios e outros estrangeiros, como libaneses, afetados pelo conflito sírio. Tal resolução afetou não apenas o número de solicitações de refúgio por sírios, mas também o perfil dos refugiados no Brasil, uma vez que 100% dos sírios foram reconhecidos.

Artigo 1º Poderá ser concedido, por razões humanitárias, o visto apropriado, em conformidade com a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto 86.715, de 10 de dezembro de 1981, a indivíduos afetados pelo conflito armado na República Árabe Síria que manifestem vontade de buscar refúgio no Brasil.

Parágrafo único: Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população em território sírio, ou nas regiões de fronteira com este, como decorrência do conflito armado

---

*an economic process. For in acquiring the rights and entitlements referred to above, refugees also improve their potential to establish sustainable livelihoods, to attain a growing degree of self-reliance, and to become progressively less reliant on state aid or humanitarian assistance. In accordance with these indicators, refugees who are prevented or deterred from participating in the local economy, and whose standard of living is consistently lower than the poorest members of the host community, cannot be considered to be locally integrated. Third, local integration is a social process, enabling refugees to live amongst or alongside the host population, without fear of systematic discrimination, intimidation or exploitation by the authorities or people of the asylum country. It is consequently a process that involves both refugees and the host population.”*

na República Árabe Síria. (BRASIL, Resolução Normativa Nº17 de 20 de Setembro de 2013)

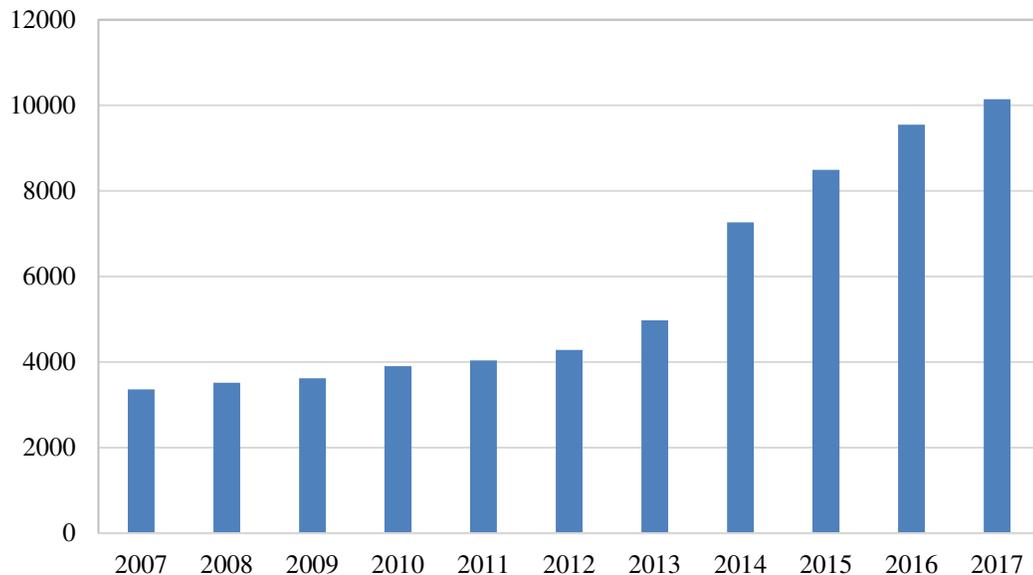
De acordo com a Resolução, haveria desburocratização para a obtenção de visto para os sírios que desejam solicitar refúgio no Brasil. A justificativa é dada pela relação histórica entre os dois países, visto que o território brasileiro possui grande população de ascendência síria; a grande busca de asilo no país; o enorme contingente, no mundo, de refugiados da Guerra Civil Síria; e a grave crise humanitária no país de origem.

O envolvimento político do Brasil em relação à população refugiada tem crescido nos últimos anos. O país é signatário dos principais instrumentos internacionais referentes ao refúgio e possui uma lei específica (Lei n.9474/1997) que garante proteção internacional. Além disso, o Brasil tem um órgão interministerial para lidar com a questão, o Conselho Nacional para os Refugiados (CONARE). Nos últimos anos, o Brasil se afirmou como o principal país de destino, na América Latina, para refugiados sírios. Um solicitante de refúgio entrevistado disse:

Em nenhum momento eu imaginei que eu viria ou moraria no Brasil. De repente alguém me disse ‘vá para o Brasil, eles estão dando o visto’ e peguei o visto. Brasil eu só conhecia futebol, isso é o que eu pensava sobre o Brasil. Eu procurei o Brasil na internet e gostei. Eu vim para o Brasil. Eu não tenho nenhuma escolha porque eu tentei Dubai antes, o Líbano é um país muito ruim para refugiados e um país muito ruim para sírios e palestinos, não é possível, nós não temos nenhum direito. Em todo o Golfo eles não recebem refugiados, mas eu podia viajar para Dubai porque eu tenho dois irmãos lá há muito tempo e eu tenho um bom emprego lá, mas quando eu fui na imigração para me registrar eles me rejeitaram, me rejeitaram, eles recusaram. Então, depois de um ano e meio eu tive que sair do país, eles disseram que eu tinha que pagar taxas porque eu estava com visto de turista e depois disso eu tinha passado o tempo de turista. Eles me fizeram pagar, eu acho, três ou quatro mil dólares. Sim, eles roubam as pessoas. Os governos árabes são muito maus. Eles não gostam de relação com outros, mesmo sendo ambos árabes e muçulmanos, mas eles não te ajudam, eles só pensam neles próprios. Então eu voltei para Líbano, nós moramos em campos de refugiados no Líbano, situação muito ruim, sem cidade, sem água. Síria em crise, Líbano em crise. Mas a decisão era ir para a Europa, não para o Brasil. Nós somos sete irmãos. Dois irmãos meus foram pelo mar a partir da Líbia, imigração da Líbia para a Itália pelo mar, muito arriscado. Depois que eles chegaram, eles disseram ‘não pense em vir desse jeito, é um caminho muito perigoso e nós não sabemos como chegamos sem morrer’. Muitas pessoas morrem no mar ou no deserto, muito complicado. Então

tentei ir como turista, mas não é possível e só o Brasil dá visto.” (Dabir, sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>47</sup>

**Gráfico 2**  
**Refugiados reconhecidos**  
**Brasil, 2007-2017**



Fonte: CONARE. Refúgio em número, 2018.

Segundo o CONARE (2018), no final de 2017, havia 10.145 refugiados reconhecidos no Brasil (Gráfico 2). Dentre esse total acumulado, os sírios representam 39%. E, ainda estão em trâmite mais de 86 mil solicitações de refúgio, a maioria feita nos últimos 5 anos (CONARE, 2018).

<sup>47</sup> Tradução livre do original: “Not in anytime I imagined I would come or live in Brazil. Suddenly someone told me ‘go to Brazil, they are giving visa’ and I take the visa. Brazil I know just football, this is what I think about Brazil. I search Brazil on the internet and I liked it. I come to Brazil. I don’t have any choices because I tried Dubai before, Lebanon is very bad country for refugees and very bad country for Syrians and Palestinians, not possible, we don’t have any rights. In all the Golf they don’t receive refugees, but I could travel to Dubai because I have two brothers there a long time and I have a good work there, but when I go to immigration to register myself they rejected me, rejected me, they refuse. So, after one and a half year I had to leave the country, they said I had to pay fines because I was as a visitor visa and after that I passed the tourist time. They made me pay, I think, three or four thousand dollars. Yes, they rob people. Arab governments is very bad. They don’t like relation with others, we are both Arab and muçulmanos, but they don’t help you, they just think about themselves. So I back to Lebanon, we lived in camps in Lebanon, very bad situation, no city, no water. Syria in crisis, Lebanon in crisis. But the decision was to leave to Europe, not to Brazil. We are seven brothers. Two brothers of mine went by the sea from Libya, immigration from Libya to Italy by sea, very risky. After they arrive, they told me ‘don’t think come this way, very dangerous way and we don’t know how we arrived without die’. A lot of people die in the sea or desert, very complicated. So I try to go as tourist but is not possible and only Brazil give the visa.”



Figura 3 Mapa das principais origens dos solicitantes de refúgio – Brasil, 2017

Fonte: CONARE. Refúgio em número, 2018.



Figura 4 Mapa das principais origens dos refugiados reconhecidos no ano – Brasil, 2017

Fonte: CONARE. Refúgio em número, 2018.

Em 2017, foram realizadas 33.866 novas solicitações de refúgio, mais que o triplo do ano anterior. Esse aumento se deu, especialmente, por causa de solicitantes venezuelanos que representam 53% dos pedidos (CONARE, 2018). Os principais países de origem dos solicitantes de refúgio são Venezuela, Cuba, Haiti, Angola, China, Senegal, Síria, Nigéria, Bangladesh e República Democrática do Congo (Figura 3).

Em relação ao reconhecimento da condição jurídica de refugiado, foram 587 refugiados reconhecidos no Brasil, em 2017 (CONARE, 2018). Os principais países de origens são Síria, República Democrática do Congo, Palestina, Paquistão, Egito, Iraque, Mali, Líbano, Camarões e Guiné (Figura 4). Dentre os reconhecidos, 71% são homens e 29% mulheres. Os menores de 18 anos representam 20% dos refugiados reconhecidos no ano (CONARE, 2018).

A maior parte das solicitações de refúgio, em 2017, foi feita em Roraima (também em razão dos venezuelanos), seguida por São Paulo, Amazonas, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Acre e Rio de Janeiro (Figura 5). Já os refugiados que viviam no Brasil, em 2017, residiam majoritariamente em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Minas Gerais e Santa Catarina (Figura 6). De acordo com o CONARE (2018), dos 10.145 refugiados reconhecidos pelo Brasil, apenas 5.134 vivem, atualmente, no território nacional e são originários da Síria (35%), República Democrática do Congo (13%), Colômbia (10%), Angola (8%), Palestina (5%), Líbano (4%), Paquistão (3%), Iraque (2%), Mali (2%), e outros (17%).

As diferenças entre países de origem de solicitantes e reconhecidos, assim como a diferença entre estados de solicitação e de residência, demonstram a desigualdade da elegibilidade dos diferentes grupos. A intensidade dos pedidos de refúgio foi acompanhada por um crescimento do número total de processos decididos por ano de 394 em 2010 para 2.414 em 2014, 1.667 em 2015 e 1.821 em 2016; e aumento nos reconhecimentos de 118 em 2010 para 2.245 em 2014, 1.217 em 2015 e 942 em 2016 (CONARE, 2017). Além do crescimento em números absolutos, houve também um aumento da taxa de elegibilidade do refúgio entre 2010 e 2014, de 30% para 93%, com queda em 2015 (73%) e 2016 (48%); tal comportamento se dá especialmente devido ao reconhecimento do status de refugiados para os requerentes sírios, uma vez que todos são reconhecidos (Gráfico 3).

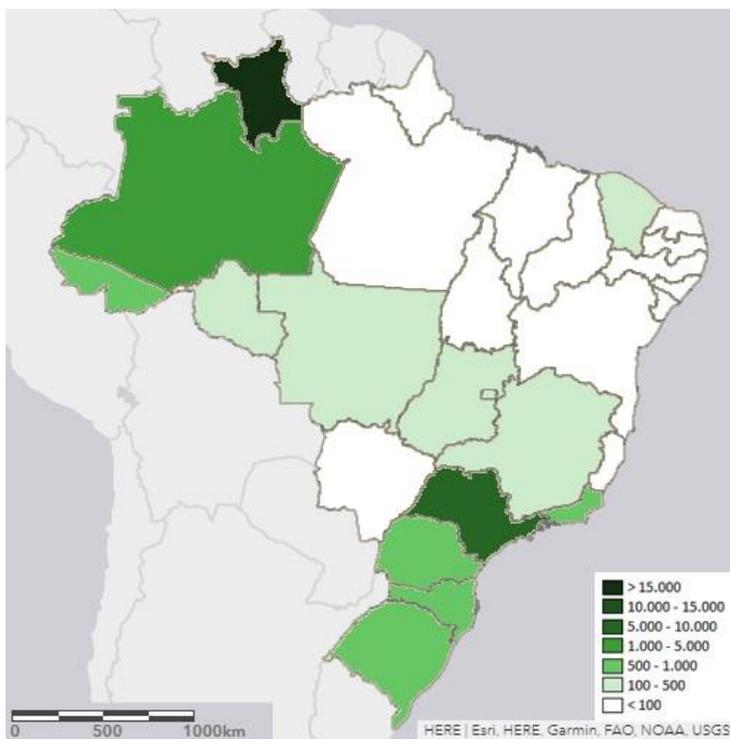


Figura 5 Mapa das solicitações de refúgio por Unidade da Federação – Brasil, 2017

Fonte: CONARE. Refúgio em número, 2018.

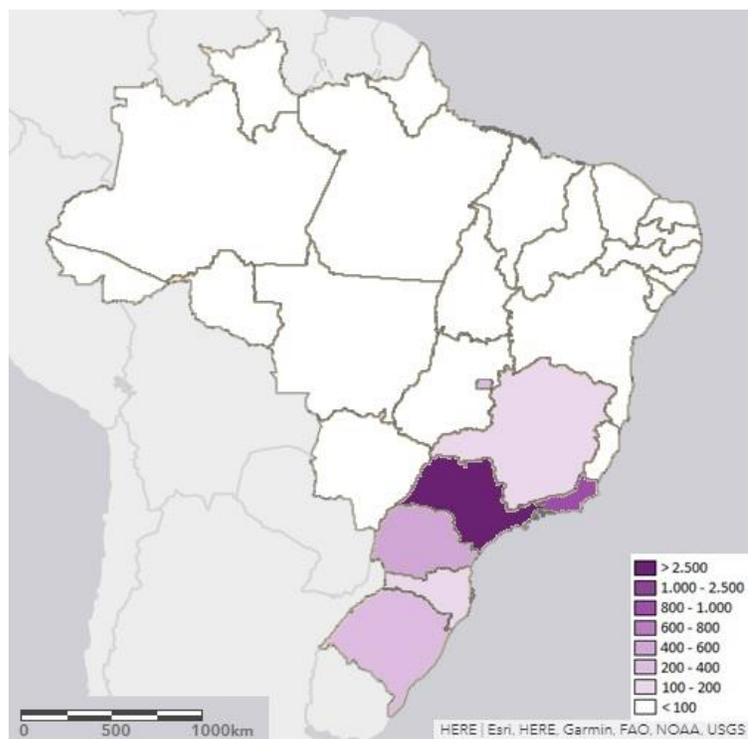
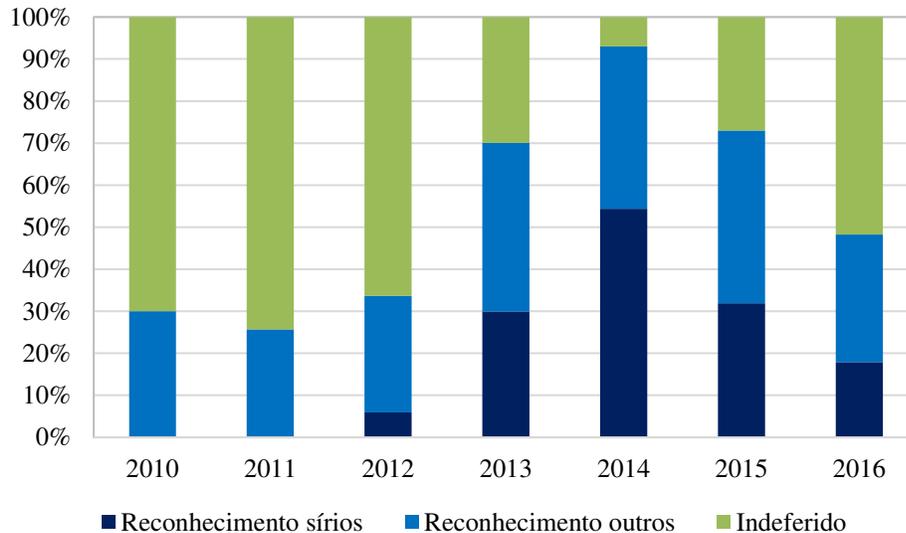


Figura 6 Mapa dos refugiados residentes por Unidade da Federação – Brasil, 2017

Fonte: CONARE. Refúgio em número, 2018.

**Gráfico 3**  
**Elegibilidade das solicitações de refúgio**  
**Brasil, 2010-2016**



Fonte: CONARE, 2017.

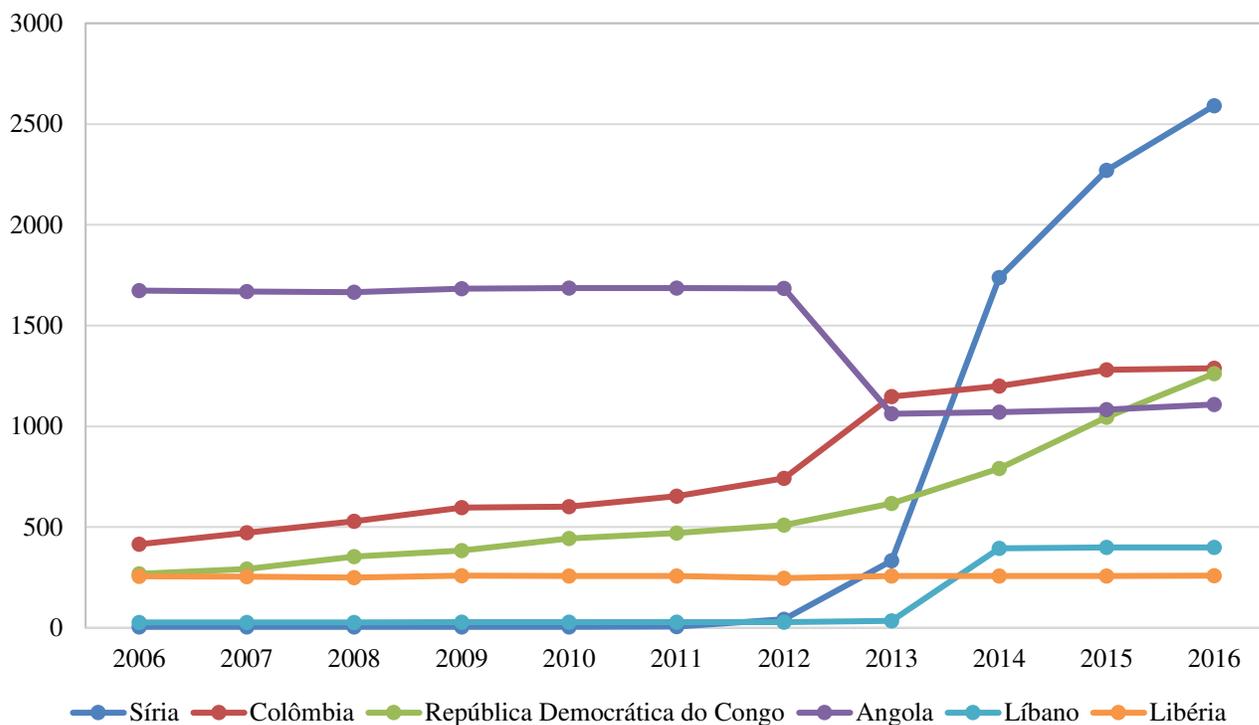
Assim como no cenário mundial, no Brasil também houve uma grande mudança na composição dos refugiados que vivem no país. Na última década a Angola era a principal origem de refugiados, mas em 2012 o ACNUR recomendou a cessação do estatuto de refugiados para angolanos e liberianos alegando que o país de origem se encontra pacífico. E, atualmente, a principal nacionalidade de refugiados no Brasil é síria (Gráfico 4). Outra consequência do conflito sírio, é a presença do Líbano como o quinto principal país de origem, que se dá não por um conflito interno, mas pelas condições do país frente ao enorme número de refugiados sírios que lá vivem.

O entrevistado Omar contou o motivo que o fez vir para o Brasil:

Por que eu escolhi o Brasil? Vou te dizer. Eu fui forçado a deixar a Síria, não foi minha escolha. Eu fui forçado por causa da guerra, é muito complicado. Então eu fui para a Jordânia e na Jordânia a situação era muito difícil, porque a Jordânia é um país pequeno, há muito poucas oportunidades lá e não há documentação lá. Sem documentos, você não pode trabalhar legalmente lá, eles não te dão uma permissão para trabalhar lá porque é apenas para as pessoas da Jordânia, então a vida lá é muito difícil. Você tem que trabalhar ilegalmente, você tem que receber a metade do salário das pessoas jordanianas então foi muito difícil por dois anos. Então, eu comecei a procurar, porque eu não sei quanto tempo vai durar a guerra na Síria, talvez dois, quatro, cinco, dez anos, ninguém sabe. Então, eu

não vou ficar toda a minha vida apenas esperando. Por causa da guerra agora, ir para a Europa ou para a América, você está indo para dizer o Primeiro Mundo, é muito difícil e muito caro. Na minha situação, eu não tenho esse monte de dinheiro. E nesse momento, o Brasil abre para sírios voarem para o Brasil. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>48</sup>

**Gráfico 4**  
**Refugiados por país de origem**  
**Brasil, 2006-2016**



Fonte: ACNUR. Statistical Online Population Database, 2018.

Sobre o procedimento para obter o visto para o Brasil e o status de refugiado, Omar continuou:

<sup>48</sup> Tradução livre do original: “Why I choose Brazil? I will tell you. I was forced to leave Syria, it was not my choice. I was forced because of war, it’s very complicated. So I went to Jordan and in Jordan the situation was very hard because Jordan is a small country, very small opportunities there and there is no documentation there. No documents, you cannot work legally there, they don’t give you a permission for work there because it’s just for Jordanian people, so life there is very hard. You has to work illegally, you has to take half the salário (salary) of Jordanian people so it was very hard for two years. So I started to search because I don’t know how long it takes the war in Syria, maybe two, four, five, ten years, nobody knows. So I will not stay all my life just waiting. Because of now war, going to Europe or to America, you’re going to say the First World, is very hard and very expensive. In my situation, I don’t have this a lot of money. And this time Brazil open for Syrians to fly to Brazil.”

Então eu fui para a embaixada na Jordânia e eles me pediram para assinar, 'O que você quer?', 'Eu quero ir para o Brasil', 'Ok, o que você tem? O que você quer fazer lá?'. Eles me fizeram todas aquelas perguntas sobre estudar, trabalhar. 'Então, apenas traga para nós passaporte e fotografia'. Então, eu levei para eles. Mas eles me disseram lá 'Se você for para o Brasil, o governo brasileiro apenas vai te dar o papel, apenas te dar os documentos, eles não vão te dar trabalho, eles não vão te dar uma casa, salário como a Europa, eles não vão, apenas te dão os papéis, situação jurídica. Se você quiser ir, vá'. Então eu vim para cá. (...) As pessoas só querem um lugar para ficar seguro, fora da guerra, eles só querem uma sensação de segurança. Quando você tem medo, quando você acorda, vai dormir, vai para o trabalho, quando você está com medo, a qualquer momento você pode ser preso ou morto, é muito difícil, você não pode imaginar isso. Então sentir-se seguro é algo muito importante. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>49</sup>

## 2.2 A produção acadêmica sobre o refúgio no Brasil

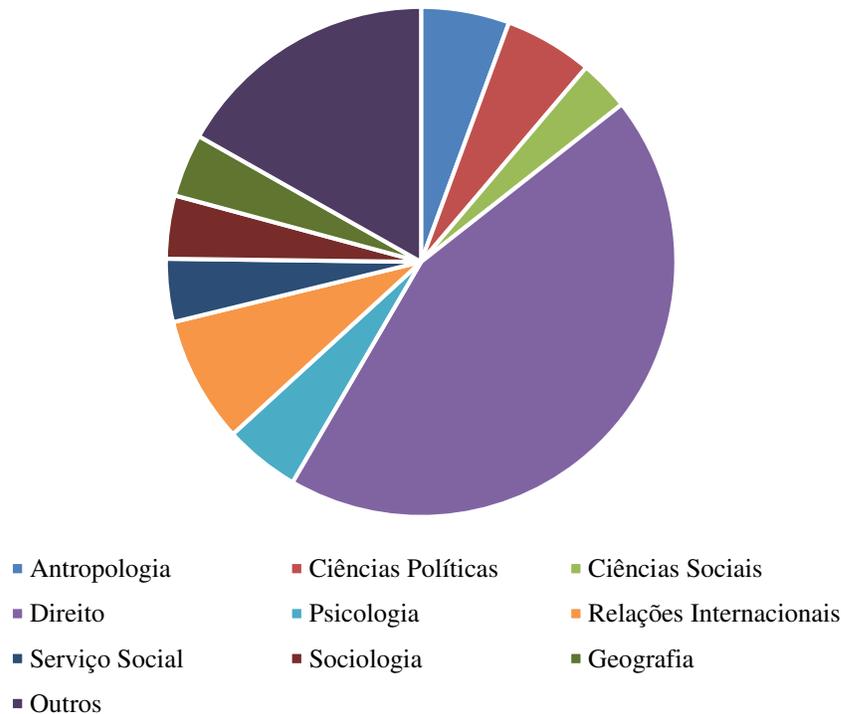
A questão do refúgio no Brasil é interesse dos acadêmicos há algumas décadas e vem ganhando cada vez mais importância devido à crise humanitária atual. O presente item não tem a pretensão de cobrir à exaustão toda a produção bibliográfica sobre refúgio no Brasil, mas apresentar um “estado da arte” dos estudos sobre a temática. Para tanto, foi consultado o Diretório Nacional de Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado sobre Refúgio, Deslocamentos Internos e Apatridia do ACNUR para a produção entre 1987 e 2009; para os anos de 2011 e 2012 foi consultado o Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e entre 2013 e 2016 o Banco de Teses e Dissertações da CAPES com base na Plataforma Sucupira.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Tradução livre do original: “*So I went to the embassy in Jordan so they asked me to sign, ‘What you want?’, ‘I want to go to Brazil’, ‘Okay, what do you have? What do you want to do there?’.* They asked me all that questions to study, to work. *‘So just bring to us passport and photo. So I bring to them. But they said to me there ‘If you go to Brazil, the Brazilian government just give you paper, just give you the documents, they will not give you work, they will not give you like a house, salary like Europe, they are not, just give you the papers, legal situation. If you want to go, go’.* So I came to here. (...) *People just want a place to be safe, out of war, they just want a feeling of safe. When you fear, when you wake up, go to sleep, go to work, when you are afraid, any moment you can be arrested or killed, it’s very hard, you can’t imagine this. So feeling safe is something very important.*”

<sup>50</sup> Não foram encontrados os registros de teses e dissertações para o ano de 2010.

**Gráfico 5**  
**Disciplina das Teses e Dissertações em Refúgio**



Fonte: Diretório Nacional de Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado sobre Refúgio, Deslocamentos Internos e Apatridia, ACNUR, 1987-2009. Banco de Teses e Dissertações da CAPES, 2011-2016.

Foram selecionadas 126 produções científicas relevantes para a atual tese, sendo 111 dissertações de mestrado e 25 teses de doutorado. A maior parte da produção está concentrada entre 2013 e 2016. A principal área de formação foi Direito, seguida por Relações Internacionais, Antropologia, Ciências Políticas, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, Geografia, Ciências Sociais, e diversas outras<sup>51</sup> (Gráfico 5).

Na área do Direito, a maioria dos trabalhos discorrem acerca dos instrumentos internacionais e do instituto jurídico do refúgio. Cavarzere (1992) analisa o Direito Internacional da Pessoa Humana, o estatuto dos refugiados e a circulação internacional de pessoas. Fischel de Andrade (1994) trata da proteção aos refugiados e políticas

<sup>51</sup> Na categoria “outras” estão incluídas: Administração, Biodireito, Ética e Cidadania; Comunicação e Informação; Demografia; Desenvolvimento Sustentável; Economia Política Internacional; Educação; Educação Ambiental; Estudos Comparados sobre as Américas; Estudos Estratégicos Internacionais; Estudos Étnicos Africanos; Geografia; Gerontologia; História, Política e Bens Culturais; Linguística; Planejamento Urbano e Regional; População, Território e Estatísticas Públicas; Psiquiatria; Saúde Pública; Sistemas Constitucional de Garantia de Direitos; Sociedade e Cultura na Amazônia.

internacionais de refúgio no que se refere à elegibilidade, repatriação e reassentamento. Jubilut (2003) escreve sobre o sistema de proteção da pessoa humana, considerando as especificidades do ordenamento jurídico brasileiro. Hora (2005) relaciona Direito Internacional do Refugiado e a legislação brasileira para estudar o caso dos refugiados africanos no Brasil.

Garcia (2007) é mais um pesquisador que trata da questão dos direitos humanos, status jurídico de refugiado e legislação nacional. Chaves (2008) apresenta a relação entre os Estados e o Regime Internacional dos Direitos Humanos com ênfase no caso dos refugiados colombianos no Brasil. Andreatta (2008) discute o princípio da dignidade da pessoa humana, além da vulnerabilidade dos imigrantes e refugiados. Raiol (2009) analisa o instituto do refúgio, o plano internacional e a ordem jurídica interna, com ênfase na questão dos refugiados ambientais. Outro trabalho acadêmico sobre refugiados ambientais é de Pereira (2009), sob a perspectiva da proteção e da assistência humanitária.

Rogued (2009) pesquisa a legislação brasileira a partir dos direitos e deveres dos refugiados. Daniel (2009) avalia integração, dificuldades e perspectivas no caso dos refugiados angolanos no Rio de Janeiro. S. Costa (2011) explora a questão dos direitos humanos no caso dos refugiados palestinos no Rio Grande do Sul. E. Ramos (2011) e Peixer (2012) recuperam a discussão sobre refugiados ambientais no contexto do Direito Ambiental. Soares (2012) avalia a efetividade da proteção nacional e o instituto internacional do refúgio.

Bezerra (2013) explora o tema do refúgio e das políticas públicas na linha de Direitos Humanos, Cidadania e Violência no contexto do Distrito Federal. Cunha (2013) coloca em debate o direito dos refugiados ao voto no âmbito da concretização dos direitos fundamentais. A discussão sobre refugiados ambientais aparece novamente com Curraladas (2013) que utiliza argumentos históricos e teóricos que deveriam garantir a esses os mesmos direitos dos refugiados políticos. O mesmo tema é tratado por Furon (2013) na área de Direitos Fundamentais Coletivos e Difusos, Prestes (2013) em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, Pereira (2014) na linha de Teoria do Estado e Direito Constitucional, Serraglio (2014) no âmbito do Direito Econômico e Socioambiental, e Zeferino (2014) em Direitos Coletivos e Cidadania.

Cardoso (2014) analisa o tráfico de pessoas a partir da perspectiva do Protocolo de Palermo e do Direito Internacional dos Refugiados. Santana (2014), por sua vez, aborda a aceitação do refugiado e a discricionariedade do Estado. No ano seguinte, mais uma vez o tema dos refugiados ambientais foi recorrente (CLARO, 2015; FELDMANN, 2015; FERREIRA, 2015;

MARINO, 2015). Gomes (2015) apresenta as peculiaridades da migração de refugiados senegaleses para o Rio Grande do Sul. Os novos problemas do refúgio são questionados por Júnior (2015), especialmente no que diz respeito às políticas de controle de fronteiras.

Leite (2015) discute o Devido Processo Legal para o refúgio e os diversos objetivos e manipulações políticas presentes nesse processo. Madureira (2015) se atém a soluções duráveis como integração local, repatriação voluntária e reassentamento. A intensificação da questão do refúgio é discutida por Migliorini (2015), o qual critica o detrimento da proteção internacional em nome da soberania nacional. Em sua dissertação, Medeiros (2015), diferencia os institutos de asilo e de refúgio. Silva (2015) reforça a importância do princípio de *non-refoulement* (não devolução).

Em 2016, Baptistela (2016) critica a falta de efetivação e proteção dos direitos coletivos e cidadania dos refugiados. Na linha de pesquisa de Direitos Fundamentais, Conceição (2016) analisa a questão da segurança na crise de refugiados na União Europeia e Melo (2016) o papel das empresas na integração local dos refugiados. Delgado (2016) reflete sobre a contenção territorial e campos de refugiados, Gilberto (2016) sobre a eficácia da Convenção de 1951 e Protocolo de 1967, e Godoy (2016) acerca de globalização e refúgio. Com ênfase em Ciências Jurídicas, Lucio (2016) apresenta a questão da fronteira nas solicitações de refúgio. Mahlke (2016) e Paiva (2016) retomam a possibilidade da condição de refugiado ambiental para os haitianos no Brasil.

E. Oliveira (2016), K. Oliveira (2016) e Waldely (2016) estudam o paradigma jurídico da proteção internacional dos refugiados. O direito dos refugiados à moradia é discutido por Rocha (2016) e o direito à dignidade humana por Ventura (2016). Sartoretto (2016) realiza uma reflexão acerca da definição de refugiado na atualidade a partir de uma perspectiva latino-americana e africana. Souza (2016) faz uma análise espaço-temporal de migração e refúgio. Já Tarantini (2016) utiliza o ensino da língua portuguesa como abordagem para o acolhimento a imigrantes e refugiados. E, finalmente, Zuppi (2016) aborda o sistema de acolhimento e inserção de refugiados sírios no Brasil.

Na área de Relações Internacionais, Aguiar (2005) reflete acerca da construção social do refugiado, as práticas discursivas e estruturas constitucionais da sociedade internacional. Fischel de Andrade (2006) avalia o desenvolvimento do direito internacional dos refugiados, proteção e assistência. Moreira (2006) recupera a construção e a transformação das definições de refugiado ao longo do tempo. Mazão (2011) estuda os refugiados em situação prolongada do ponto de vista da política internacional, dos conflitos e das negociações internacionais. A. Silva (2013) questiona

o papel do ACNUR e a questão da repatriação voluntária no caso dos refugiados angolanos. O trabalho do ACNUR também foi analisado por Gonçalves (2015), especificamente as missões integradas da ONU na Libéria. Thomaz (2015) e Nogueira (2016) revisitam a categoria de refugiado ambiental. O processo de elegibilidade do refúgio é avaliado por Lacerda (2016). E, a temática do refúgio por perseguição em razão de sexualidade é abordada por Nunes (2016).

Na disciplina de Antropologia, Benevides (2001) pesquisa a categoria jurídica de refugiado e histórias individuais relacionando existência social e narrativa. Hamid (2007) reflete acerca de refúgio, gênero e identidade no caso das mulheres palestinas em Brasília. Prates (2012) investiga deslocamento forçado, memória e heterotopia também no caso dos refugiados palestinos. Menezes (2012) debate acerca de direitos humanos e regime internacional dos refugiados. C. R. Silva (2013) trata do tema a partir da perspectiva da identidade, especificamente no caso dos angolanos em Santa Catarina. Com ênfase em interpretação social do sofrimento, Navia (2014) estuda os refugiados colombianos nas regiões Sul e Sudeste. Vieira (2015) escreve acerca do acolhimento de refugiados e solicitantes de refúgio congolezes no Brasil.

Em Ciências Políticas, Cruz (2006) discute soberania nacional e a situação dos refugiados angolanos no Rio de Janeiro. Corrales (2007) considera o Direito Internacional Humanitário e o caso dos refugiados colombianos em São Paulo a partir da interpretação política e psicanalítica. Júnior (2011) questiona comportamento político e organizações internacionais no contexto dos refugiados ambientais, categoria também abordada por Bernardes (2016). As políticas migratórias para refugiados no Brasil são analisadas por Moreira (2012) e C. A. Silva (2013). E, Stephan (2014) investiga a ação da UNRWA na proteção aos refugiados palestinos.

Na área da Psicologia, Garcia (2009) discorre acerca dos modos de resistência dos refugiados palestinos em Mogi das Cruzes. Oliveira (2011) escreve sobre a elaboração psíquica e esquecimento no caso dos refugiados africanos. A partir do caso dos refugiados colombianos, Souza (2015) realiza uma leitura psicossocial acerca de inserção social e identidade. Zozzoli (2015) enfatiza a experiência de vida de mulheres refugiadas a partir de uma comparação entre Brasil e França. Bezerra (2016) problematiza migração forçada e direitos; e M. Silva (2016) coloca os haitianos como migrantes forçados.

Em Serviço Social, Bernardon (2009) traz a questão da inserção e inclusão social de refugiados. Alves (2011) discute direitos, legislação e atendimento social a refugiados. Também com ênfase em direitos, Sales (2013) analisa o reconhecimento dos povos deslocados. Andrade

(2014) apresenta as especificidades das mulheres refugiadas em São Paulo, especificamente no que diz respeito a trabalho. E, Viana (2016) traz uma análise da Declaração de Cartagena.

Já em Sociologia, C. Costa (2011) contempla os refugiados ambientais frutos das mudanças climáticas em São Tomé e Príncipe. Oliveira (2012) trata do reassentamento de refugiados colombianos no Rio Grande do Sul. Perin (2013) realiza uma etnografia no Centro de Acolhida para Refugiados (CAR) em São Paulo. Lacerda (2015) questiona democracia e governança no contexto da proteção aos refugiados. Na linha de Sociologia Política, J. Silva (2016) discute os impactos psicológicos decorrentes da imigração involuntária com ênfase em crianças.

Na área da Geografia, Cruz (2008) averigua os conceitos de território e migrações internacionais no caso dos refugiados colombianos e palestinos reassentados no Rio Grande do Norte. Silva (2014) critica a dificuldade de integração dos refugiados no Rio de Janeiro e falta de políticas públicas específicas. Costa (2016) questiona a efetividade do Direito Internacional. Uma reflexão a respeito da Filosofia do Direito dos Refugiados, asilo e hospitalidade é realizada por Serricella (2016). D. Silva (2016) investiga as migrações forçadas na África Subsaariana.

Na disciplina de Ciências Sociais, Pacífico (2008) indaga sobre integração e participação cívica dos refugiados, capital social, bagagem cultural e políticas públicas. Júnior (2013) reflete acerca da participação do Brasil no cenário mundial com as missões no Haiti e o reassentamento de refugiados. O tema do reassentamento também é levantado por Rodrigues (2015) juntamente com a questão da integração local. Matos (2016) estudou a burocracia na solicitação do reconhecimento de refúgio.

Em Administração, Castro (2016) aborda regime internacional dos refugiados e direitos humanos. No curso de Biodireito, Ética e Cidadania, Ferreira (2009) investiga a evolução histórica do instituto do refúgio e a efetividade dos sistemas de proteção. Em Comunicação e Informação, Cardoso (2013) analisa a representação dos refugiados na mídia brasileira. Na área de Demografia, Calegari (2014) – a mesma autora da presente tese – pesquisa a importância da família no contexto do refúgio. Em Desenvolvimento Sustentável, Claro (2012) apresenta a questão dos refugiados ambientais, mudanças climáticas e governança global. Na Disciplina de Economia Política Internacional, Franca (2013) escreve sobre diplomacia e refúgio a partir das relações bilaterais entre Brasil e África.

Gomes (2004) defende sua dissertação em Educação sobre a situação social, econômica e política dos refugiados angolanos em Hortolândia. O tema dos refugiados ambientais aparece

também na área de Educação Ambiental com Laborde (2013). Em Estudos Comparados sobre as Américas, Júnior (2005) retrata o refúgio e a história das crises dos Estados a partir do caso haitiano. Estudos Estratégicos Internacionais é a linha em que Santos (2015) pesquisa a responsabilidade dos Estados frente à proteção aos refugiados. Gallo (2011) investiga os refugiados congolese em São Paulo, na perspectiva dos Estudos Étnicos e Africanos.

Em Gerontologia, Collus (2015) estuda o envelhecimento de refugiados no país de destino. Na linha de História, Política e Bens Culturais, Bravo (2014) analisa a evolução do status de refugiado no Brasil; e em História Comparada, Leite (2016) decorre sobre a atual crise de refugiados. Na disciplina de Linguística, Sousa (2015) reflete a respeito do ensino da língua portuguesa para refugiados e Bernardo (2016) sobre imigração e Estados Falidos no caso dos refugiados sírios.

Tannuri (2011) avalia integração, ações institucionais, políticas públicas e redes sociais dos refugiados congolese no Rio de Janeiro, em Planejamento Urbano e Regional. No curso de População, Território e Estatísticas Públicas, Reis (2012) examina integração local e políticas públicas de refúgio. Em Psiquiatria, Santana (2001) discute o atendimento psiquiátrico a refugiados a partir da etnopsiquiatria e da metodologia qualitativa. Oliveira (2008) explora o caso dos refugiados colombianos na Amazônia, no âmbito de Sociedade e Cultura na Amazônia. Em Saúde Pública, Alves (2013) investiga os cuidados dos refugiados com o próprio corpo. E, por fim, em Sistema Constitucional de Garantia de Direitos, Koeke (2013) analisa a Constituição Federal e a Lei de Refúgio de 1997.

Além de dissertações de mestrado e teses de doutorado, também foram revisitados livros sobre a questão do refúgio no Brasil. O Diretório Nacional de Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado sobre Refúgio, Deslocamentos Internos e Apatridia do ACNUR (1987 – 2009) também possui uma lista de livros publicados no Brasil sobre a temática. Foram consultados os 12 livros desse Diretório mais relevantes para a presente tese. O livro mais antigo da lista é de Fischel de Andrade (1996), fruto da dissertação de mestrado do autor, que trata da evolução histórica dos instrumentos jurídicos sobre refúgio.

Araújo e Almeida (2001) organizaram uma coletânea acerca do Direito Internacional dos Refugiados abrangendo conceitos, categorias, instituto jurídico, proteção e problemáticas. Com o apoio do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios e do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), Milesi (2004) organizou uma obra com textos sobre acolhimento, direitos,

reassentamento e assistência. Rodrigues e Silva (2005) estruturaram uma coletânea sobre refúgio, proteção, agentes e agência com suporte do ACNUR e do IMDH. Rodrigues (2006) também foi organizador de um livro sobre refúgio, direito de migração e direito internacional público.

Em 2007, o ACNUR apoiou a publicação de três livros sobre a temática: Barbosa e Sagrado da Hora (2007) escreveram sobre a proteção internacional dos refugiados a partir da relação desta com a Polícia Federal; Jubilut (2007), por sua vez, teve sua dissertação de mestrado (JUBILUT, 2003) sobre o ordenamento jurídico brasileiro publicada em forma de livro; e Leão (2007) compilou artigos sobre o reconhecimento dos refugiados no contexto brasileiro. Posteriormente, Balera (2009) organizou um livro comemorativo dos 25 anos da Declaração de Cartagena.

Barreto (2010), em parceria com o ACNUR e o Ministério da Justiça, elaborou uma obra composta por diversos artigos de diferentes autores sobre a questão do refúgio no Brasil e nas Américas. Pacífico (2010) publicou sua tese de doutorado (PACÍFICO, 2008) sobre o capital social dos refugiados em forma de livro. Pereira (2010) também escreveu um livro baseado em sua dissertação de mestrado (PEREIRA, 2009) sobre refugiados ambientais.

Na página do ACNUR Brasil na internet<sup>52</sup> há duas novas publicações que não constavam no diretório pesquisado. Ramos et al (2011) organizaram uma coletânea sobre os sessenta anos de trabalho do ACNUR no Brasil discutindo conceitos, desafios, instituições e perspectivas. Gediel e Godoy (2016) organizaram um livro com ênfase em direitos, visibilidade, agências, sociedade civil, políticas, multiculturalidade, proteção e hospitalidade. O livro mais atual do acervo em questão foi organizado por Jubilut e Godoy (2017), no qual diversos autores discutem a Lei do Refúgio no Brasil.

Uma pesquisa acadêmica muito importante para a atual tese é a Pesquisa de Condições de Vida da População Refugiada (CVPR) realizada em 2007 pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO/Unicamp), sob a coordenação da Professora Doutora Rosana Baeninger e com a cooperação das Cáritas Arquidiocesanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, do ACNUR, e da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. A CVPR foi inovadora ao mapear as condições de vida da população refugiada em São Paulo e no Rio de Janeiro, oferecendo dados sobre características sociodemográficas da população estudada (BAENINGER e AYDOS, 2008).

---

<sup>52</sup><<http://www.acnur.org/portugues/recursos/publicacoes>>

A partir desta pesquisa, foi possível atualizar a presença da imigração refugiada síria em São Paulo, para a realização desta tese.

### **2.3 Contexto histórico: a migração árabe para o Brasil**

A migração internacional, como um processo social, possui uma estrutura complexa e pode ser melhor compreendida por meio da perspectiva histórico-estrutural. De acordo com essa perspectiva, a migração é derivada de um contexto social, econômico e político, dentro do qual as decisões individuais estão inseridas (WOOD, 1982). O fluxo migratório de refugiados sírios para o Brasil é sustentado pelo longo processo migratório de árabes para o país desde o século XIX (TRUZZI, 1992).

Em relação ao destino, a tese apresenta uma breve história da migração árabe para o Brasil (KNOWLTON, 1960; MOTT, 2000; OSMAN, 1998; TRUZZI, 1992), responsável pela tradição migratória entre origem e destino (TRUZZI, 2008). A presença de sírios no país, mais especificamente em São Paulo (OSMAN, 1998), é significativa há mais de um século com uma construção de redes sociais que facilitam o processo migratório e a integração do grupo no destino (TRUZZI, 2008). As relações entre Brasil e Síria também foram abordadas para justificar os elementos jurídicos que facilitam a entrada de refugiados sírios no território brasileiro (ACNUR, 2013a).

Um entrevistado pela pesquisa confirmou:

Eu escolhi São Paulo porque existem muitos árabes aqui. É a cidade famosa aqui. Eu vim para cá porque se você quer trabalhar, conhecer pessoas, pessoas árabes, as pessoas podem te ajudar aqui – os árabes. Tem muitos árabes aqui. Então todos os sírios começam por aqui, então talvez você possa ir para outras cidades, mas primeiro você precisa aprender a língua, ter dinheiro, trabalhar, daí você pode começar e outra cidade. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>53</sup>

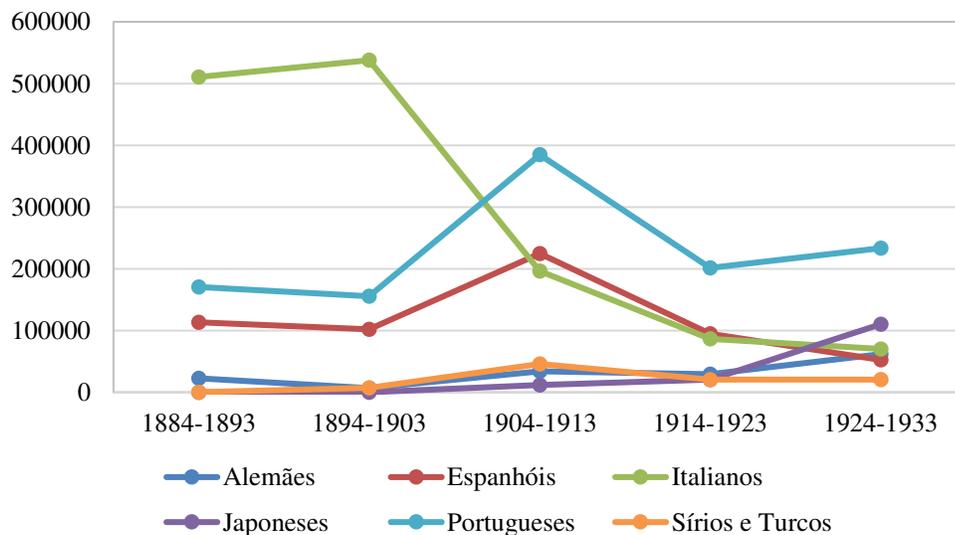
---

<sup>53</sup> Tradução livre do original: “I choose São Paulo because there is a lot of Arab here. It’s the famous city here. I came here because if you want to work, if you to meet people, Arab people, people can help you here – Arabs. There’s a lot of Arabs here. So all the Syrians start from here, then maybe you can go to other cities, but at first you need to learn the language, to have money, to work, then you can start in another city.”

A imigração no Brasil sempre foi uma questão relevante para a história do país, desde a chegada dos colonos portugueses, seguidos por franceses, holandeses e africanos (IBGE, 2000). No final do século XIX, a economia agrícola era a principal responsável pela imigração para o Brasil, mais especificamente para São Paulo. O desenvolvimento da lavoura cafeeira fez com que grandes fluxos migratórios viessem para a região a fim de substituir a mão-de-obra escrava. O principal grupo, nesse período, foi de italianos.

Os italianos foram os principais imigrantes no Brasil entre 1884 e 1904 (IBGE, 2000), quando foram superados por portugueses e espanhóis (Gráfico 6). A quinta principal nacionalidade no final do século XIX foram os árabes, denominados *Sírios e Turcos* pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os imigrantes frequentemente generalizados como *árabes* ou *turcos* tinham diversas origens como Síria, Líbano, Turquia, Iraque, Egito e Palestina. Devido ao domínio do Império Otomano na origem, muitos desses imigrantes viajavam com passaporte turco, por isso também eram assim chamados (TRUZZI, 1992).

**Gráfico 6**  
**Imigração por principais nacionalidades**  
**Brasil, 1884-1933**



Fonte: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.

Assim, os imigrantes árabes possuíam nacionalidades diversas o que tornava o grupo heterogêneo, mas ao mesmo tempo compartilhavam aspectos culturais que permitiam a formação de uma comunidade árabe no país de destino (OSMAN, 1998). De acordo com Hitti (1951), o Império Turco-Otomano existiu entre 1299 e 1922 e tomou a Grande Síria - Síria, Líbano, Israel, Cisjordânia, Faixa de Gaza, Jordânia, parte da Turquia e parte do Iraque - em 1516, dominando a região por 400 anos. Este período foi bastante conflituoso, especialmente entre turcos islâmicos e árabes cristãos e, em 1860, um grande massacre de cristãos fez com que muitos emigrassem do local (HITTI, 1951). Além da questão religiosa, outro fator importante para a emigração era socioeconômico, devido à estrutura agrária que dificultava a produção familiar (OMRAN, 2014).

Os principais destinos dessa população foram América do Norte e América do Sul (TRUZZI, 2001). A maior parte dos árabes que migraram para as Américas eram sírios e libaneses, que saíam dos portos de Beirute e Trípoli, no Líbano (MOTT, 2000). A trajetória migratória incluía algum porto no Egito ou na Europa (Itália ou França) e, por fim, chegavam à Argentina, no Porto de Buenos Aires, ou ao Brasil, no porto de Santos ou do Rio de Janeiro (MOTT, 2000). A maior parte dos emigrantes árabes esperava ir para os Estados Unidos, mas era enganada pelas agências de navegação e desembarcava na América do Sul (KNOWLTON, 1960). De acordo com Knowlton (1960), a permanência no Brasil muitas vezes se dava pela dificuldade de migrar para os Estados Unidos, onde as barreiras eram maiores, e também pela vontade de “fazer a América”, independente do destino específico.

Segundo Mott (2000), a grande maioria dos imigrantes árabes era do sexo masculino, solteiros e cristãos. Os cristãos do Oriente Médio dividiam-se em quatro grupos: maronitas (Líbano); ortodoxos (Síria e Líbano); melquitas (Síria, Palestina e Egito); e coptas (Egito). De acordo com Mott (2000), tais religiões distinguem-se da seguinte maneira:

Em termos gerais, os Maronitas têm como chefe espiritual o Patriarca de Antíquia, lêem a Bíblia em árabe e estão em união estreita com o Igreja Católica Romana, pois o Patriarca é confirmado por Roma. Os Melquitas estão sujeitos ao Patriarca de Antíquia, estão vinculadas à Santa Sé, mas seguem o ritual bizantino. Os Ortodoxos crêem conservar a doutrina e ritual dos Apóstolos, daí a denominação, não possuem um Papa nem outra autoridade suprema, mas uma federação de igrejas autônomas, que celebram o culto em sua própria língua e costumes. Os Coptas, por fim, acreditam somente na divindade do Cristo, recusando a sua humanidade. Sua linguagem litúrgica provém do egípcio antigo,

mas escrito com maiúsculas gregas, sendo uma “língua morta” só usada em caráter religioso. O chefe espiritual é o Patriarca de Alexandria. (MOTT, 2000: 183)

A religião, além de ser uma importante motivação para a saída do país de origem, foi também fundamental para a vida social dos imigrantes árabes em suas comunidades no país de destino. Os diversos grupos religiosos árabes abriram igrejas, associações religiosas, e também sociais, culturais e comerciais (MOTT, 2000). Assim que os imigrantes conseguiam juntar dinheiro, eles traziam outros membros da família para o Brasil e a comunidade árabe, majoritariamente sírio-libanesa, crescia. Entre os casados, o primeiro a migrar era geralmente o homem chefe da família, e depois vinha a esposa e os filhos; já os solteiros migravam sozinhos e posteriormente buscavam pais e irmãos (SIQUEIRA, 2006).

A presença de mulheres era pequena; elas tinham certas responsabilidades como educação dos filhos, preservação da língua, manutenção das tradições, culinária árabe, além de participar também do comércio, que era uma atividade familiar (SIQUEIRA, 2006). Em relação à estratificação social, as famílias árabes tinham origens de classe diferenciadas e eram distribuídas em diferentes regiões da cidade. Segundo Pereira (2000), ainda que a diversidade socioeconômica dificultasse a presença de uma identidade comum, ela promovia importantes estratégias de integração dos indivíduos na comunidade sírio-libanesa e na sociedade brasileira.

Outro entrevistado disse:

Árabe tudo São Paulo. Eu não fala português, eu pouco inglês. Eu só fala árabe. Eu não entende e São Paulo tem árabe.” (Inas, síria solicitante de refúgio, 50 anos)

A maior parte desses imigrantes se instalou em São Paulo, e alguns foram para o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia (IBGE, 2000). A imigração árabe para o Brasil apareceu no contexto nacional de forma bastante diferenciada, uma vez que foi um grupo com inserção, prioritariamente, urbana (TRUZZI, 1992). Ainda que eles tivessem experiência com a agricultura no país de origem, o sistema de lavouras no Brasil não permitia que os imigrantes tivessem acesso à terra, então optaram por não trabalhar no campo (VILELA, 2011). O mercado urbano paulista oferecia empregos na indústria, no entanto, os imigrantes árabes preferiram estabelecer-se no comércio (KHOURI, 2013).

De acordo com Mott (2000), a mascateação já era uma atividade existente no Brasil, mas os imigrantes árabes introduziram elementos específicos no comércio tendo em vista o consumidor, como quantidade de produtos, rotatividade, promoções e novas condições de lucro. Segundo Truzzi (2001), o pioneirismo desses imigrantes fez com que obtivessem grande inserção social e econômica. Mesmo que muitas vezes a figura do mascate árabe fosse vista como estereótipo pejorativo pelos brasileiros, a comunidade sírio-libanesa percebia o comerciante como um herói corajoso que obteve sucesso no país de destino (SAFADY, 1956).

Um refugiado sírio da pesquisa contou:

Agora eu trabalho em uma loja na 25 de março. Muitos sírios lá, se você quiser ir me peça e eu te conto sobre as pessoas lá. Há pessoas que têm família aqui também. Eu conheço todos eles – quem tem família, quem não tem, quem é novo, quem tem filhos brasileiros... (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>54</sup>

Os mascates começaram a ampliar seu pequeno negócio e as lojas tornaram-se grandes centros comerciais (TRUZZI, 1992). A ascensão socioeconômica dos imigrantes árabes pioneiros fez com que o fluxo migratório fosse renovado, a partir de 1890, com a vinda de familiares e amigos para trabalhar no comércio. De acordo com Vilela (2011), essa rede migratória influenciava não apenas a decisão de migrar e a escolha do destino, mas também a solidariedade durante o processo migratório e no país de destino (ajuda emocional, inserção no mercado de trabalho, auxílio financeiro, troca de informações).

A formação da rede é provavelmente o mecanismo estrutural mais importante apoiando a causalidade cumulativa na migração internacional. As redes de migrantes são conjuntos de laços interpessoais que ligam os migrantes, antigos migrantes e não migrantes nas áreas de origem e de destino por meio de laços de parentesco, amizade e origem comunitária compartilhada. (MASSEY, 1988: 396)<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Tradução livre do original: “*Now I work in a shop in 25 de março. A lot of Syrians there, if you want to go ask me and I tell you about people there. There is people that has family here also. I know all of them – who has family, who has not, who is new, who has Brazilian children...*”

<sup>55</sup> Tradução livre do original: “*Network formation is probably the most importante structural mechanism supporting cumulative causation in international migration. Migrant networks are sets of interpersonal ties that link migrants, former migrants, and nonmigrants in origin and destination areas through the bonds of kinship, friendship, and shared community origin.*”

As redes migratórias diminuía os riscos, os custos financeiros e a ruptura entre origem e destino (TRUZZI, 2008). Os imigrantes sírio-libaneses que chegaram duas décadas após os pioneiros tiveram a inclusão no mercado de trabalho facilitada, pois a comunidade já estava estabelecida no ramo comercial. A partir da troca de informações, havia maior garantia de emprego para os imigrantes recém-chegados e maior reposição da mão-de-obra (FRANCISCO e LAMARÃO, 2013). As redes sociais influenciaram diretamente, portanto, na profissão dos sucessores (TRUZZI, 2008).

O entrevistado Uthman comentou:

O Brasil é um país muito bom. Você sabe, sírios e libaneses vieram cerca de cinquenta anos atrás e eles oferecem emprego em restaurantes. (Uthman, refugiado sírio, 30 anos)<sup>56</sup>

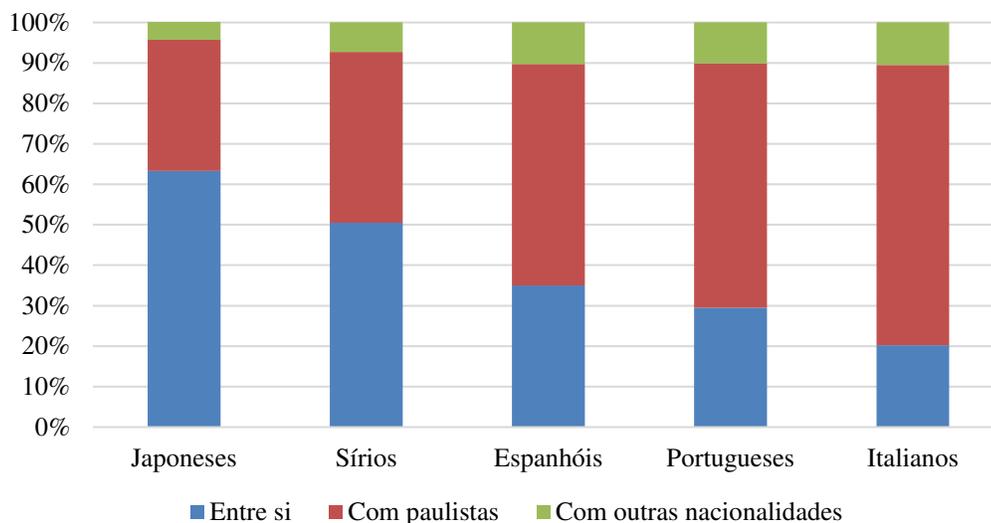
Segundo o IBGE (2000), entre 1870 e 1900 chegaram cerca de 5.400 imigrantes árabes no Brasil e, em 1901, já havia mais de 500 casas comerciais árabes em São Paulo. Os lucros dessa população aumentaram durante a Primeira Guerra Mundial devido à dificuldade de importar produtos europeus (IBGE, 2000). O maior volume de entrada de imigrantes sírio-libaneses no Brasil foi no início do século XX, especialmente até 1914, quando essa população somava aproximadamente 60.000 indivíduos. Durante a Primeira Guerra a imigração diminuiu, mas o fluxo retornou entre 1920 e 1930 com uma entrada superior a 40.000 indivíduos (TRUZZI, 2001).

Nesse período foi significativa a endogamia do grupo (VILELA, 2011). A maioria dos imigrantes sírio-libaneses solteiros voltava para o país de origem para se casar e depois retornava ao Brasil. De acordo com os dados do Anuário Demográfico de 1927, os sírios<sup>57</sup> eram o segundo grupo com a maior taxa de endogamia (51%), ficando atrás apenas dos japoneses (63%); depois apareciam com menor endogamia espanhóis (35%), portugueses (30%) e italianos (20%). Entre os sírios que não se casavam com indivíduos da mesma origem, a maior parte casava-se com paulistas (42%) e poucos com outros estrangeiros (7%) (Gráfico 7).

<sup>56</sup> Tradução livre do original: *"Brazil is a very nice country. You know, Syrian and Lebanese came about fifty years ago and they offer job in restaurants."*

<sup>57</sup> Os sírios e libaneses eram inicialmente incluídos na mesma categoria "sírios", uma vez que o Líbano fazia parte da Síria, tornando-se independente apenas em 1926. Ainda que o Anuário Demográfico tenha sido realizado em 1927 e publicado em 1928, os imigrantes sírios e libaneses ainda não foram contabilizados separadamente.

**Gráfico 7**  
**Casamentos por principais nacionalidades**  
**Brasil, 1927**



Fonte: SÃO PAULO. *Anuario Demographico*, 1928.

Segundo Vilela (2011), o casamento endogâmico entre os sírios-libaneses tinha a intenção de manter a coesão familiar a partir da manutenção da coesão do grupo. Um importante componente da questão matrimonial era também o fato de que na maioria dos casos os casamentos eram arranjados, então a escolha do cônjuge não era individual, mas familiar.

De acordo com o Censo de 1920, viviam 50.337 imigrantes sírio-libaneses no Brasil, dentre os quais 38% viviam em São Paulo, 19% no Rio de Janeiro, 17% em Minas Gerais, 5% no Rio Grande do Sul e os demais em outras regiões do país. A presença de imigrantes árabes em São Paulo foi ainda mais evidente em 1940, quando o total de sírios e libaneses era de 48.970, sendo 49% em São Paulo, 18% no Rio de Janeiro, 12% em Minas Gerais, 2% no Rio Grande do Sul, e os demais espalhados por outros estados (IBGE, 2000).

Um solicitante de refúgio disse:

São Paulo é a cidade famosa no Brasil e quando eu pesquisei na internet eu vi que é a cidade mais importante para trabalho, cidade econômica. E a capital não é famosa, apenas para administrar o país. E Rio de Janeiro para turismo. E os sírios que estão aqui há trinta

anos também estão ajudando os novos sírios. Eu vi muitos sírios e árabes em São Paulo, então eu decidi vir para São Paulo. (Dabir, sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>58</sup>

Na cidade de São Paulo, os imigrantes sírios se concentravam na região central, especialmente nos distritos da Sé (1.245), da República (1.086 na Santa Ifigênia), seguidos por Vila Mariana (713), Belém (627 em Belenzinho), Mooca (597), Bela Vista (559), Ipiranga (548), Liberdade (462), Brás (460), Consolação (400), e outros 1.516 indivíduos espalhados por diferentes lugares da cidade (Figura 7). Na região da Sé, os sírios correspondiam a 12% da população, sendo o principal grupo de estrangeiros (KNOWLTON, 1960).

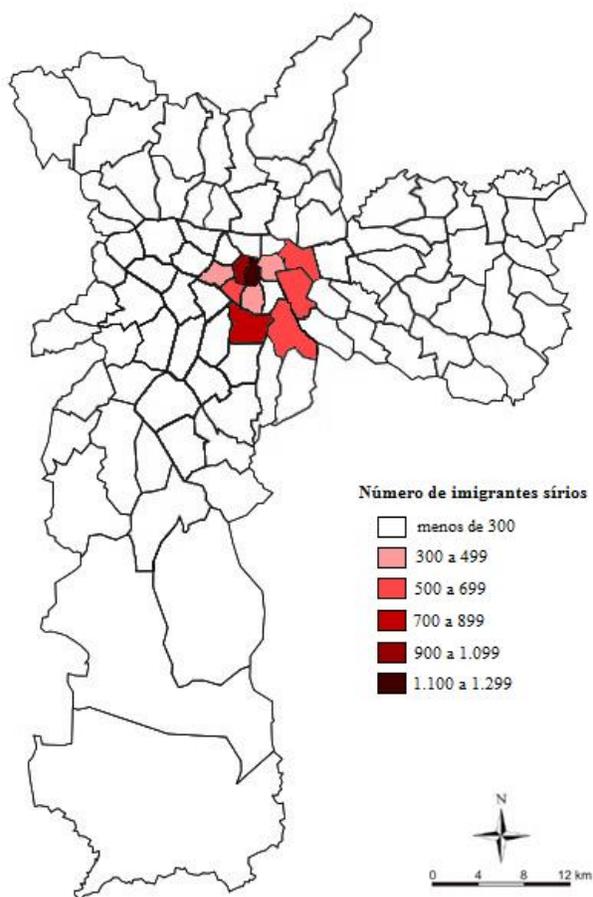


Figura 7 Mapa dos imigrantes sírios por distritos - São Paulo, 1934

Fonte: KNOWLTON, 1960.

<sup>58</sup> Tradução livre do original: “São Paulo is the famous city in Brazil and when I made the research on the internet I see is the most importante city about work, economic city. And the capital not famous, just for manage the country. And Rio de Janeiro for tourism. And the Syrians that are thirty years here are also helping the new Syrians. I saw a lot of Syrians and Arabics in São Paulo, so I decided to come to São Paulo.”

Na primeira metade do século XX, os imigrantes árabes perceberam que a migração não tinha um caráter temporário, mas sim definitivo (TRUZZI, 2001). Os imigrantes sírios passaram de mascates a varejistas e, posteriormente, entraram para a indústria nas grandes cidades. Em 1934, o parque industrial paulista contava com 225 empresas sírio-libanesas (KNOWLTON, 1960). De acordo com o Censo Econômico de 1940, os sírios e libaneses foram responsáveis por cerca da metade do capital aplicado à indústria têxtil em São Paulo.

O grupo também vivenciou forte integração nacional por meio da política, dos meios de comunicação, e das associações (KHOURI, 2013). Vários jornais e periódicos sírios e libaneses foram publicados até 1941, quando o Departamento de Imprensa e Propaganda proibiu a publicação em outros idiomas que não o português (MOTT, 2000). A participação política desses imigrantes aconteceu após a redemocratização, em 1945, sendo superada apenas pela presença dos italianos. A introdução dos sírios e libaneses na política brasileira foi facilitada pela inserção do grupo em profissões liberais por meio da segunda geração (OSMAN, 2011).

Em 1940, o Censo Demográfico contabilizava 107.074 brasileiros filhos de árabes e foram esses que se dedicaram ao Ensino Superior em áreas como Direito, Medicina e Engenharia. A escolaridade era vista como um investimento familiar para que a segunda geração obtivesse um diploma e se tornasse “doutores”, garantindo maior mobilidade social. O Censo de 1960 confirma o sucesso desse grupo, uma vez que demonstra o prestígio econômico devido ao grande número de empregadores – 39% dos sírios e libaneses eram empresários comerciais (VILELA, 2011).

Ao mesmo tempo que os imigrantes sírios e libaneses desenvolviam novas estratégias de integração na sociedade brasileira (OSMAN, 2011), as relações diplomáticas entre Síria e Brasil também foram intensificadas, especialmente com a criação da legação brasileira em Damasco em 1951 e da Embaixada do Brasil em Damasco em 1961 (BRASIL, 2018). Após a década de 1960, um novo fluxo migratório de sírios e libaneses veio para o Brasil, principalmente em decorrência da Guerra Civil do Líbano (1974-1991). Esse novo grupo de imigrantes era majoritariamente muçulmano. Atualmente, a comunidade islâmica no Brasil possui mais de 35.000 seguidores (IBGE, 2010).

No início do século XIX, as relações entre Brasil e Síria foram ainda mais estreitadas com a Cúpula América do Sul – Países Árabes. Em 2003, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva viajou para diversos países árabes (Síria, Líbano, Emirados Árabes, Egito e Líbano) para convidá-los para uma reunião com países sul-americanos (BRASIL, 2018). Lula entregou

pessoalmente a carta para o presidente da Síria, Bashar Al-Assad, que aceitou o convite<sup>59</sup>. O presidente brasileiro aproveitou também para estimular o comércio entre os países, apresentando a tecnologia e os produtos brasileiros<sup>60</sup>.

Ainda em 2003, Brasil e Síria assinaram um Acordo de Cooperação Esportiva a fim de promover intercâmbio de programas, informações, técnicas e qualificação de profissionais da área dos esportes (BRASIL, 2018). O chanceler brasileiro Celso Amorim visitou a Síria, em 2005, para garantir a presença de um representante sírio na reunião da Cúpula América do Sul – Países Árabes<sup>61</sup>. No mesmo ano o primeiro-ministro sírio Mohamad Naji Otri e o ministro da Economia Amer Lufti visitaram o Brasil.

Em 2006, Fernando Haddad (ministro da Educação) foi à Síria em busca de cooperação bilateral entre os países e foi implementado o primeiro curso de português na Síria, na Universidade de Damasco. O Brasil e a Síria já tinham um Acordo de Cooperação Cultural e Educacional assinado em 1997, que fortalecia o intercâmbio dos países nas áreas de Literatura, Artes, Educação e Ensino. O general brasileiro Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, também visitou a Síria em 2006.

Ainda nesse ano, o ministro sírio do Meio Ambiente Helal Al Atrach visitou o Brasil. Em 2007, o ministro sírio da Informação Mohsen Bilal também veio ao Brasil. Nos três anos seguintes (2008, 2009, 2010) o chanceler Celso Amorim foi novamente à Síria. Finalmente, em 2010, o presidente sírio Bashar Al-Assad veio ao Brasil para assinar acordos de cooperação bilateral na área jurídica, educacional e da saúde<sup>62</sup>. Bashar foi o primeiro alto dignitário sírio a vir para o Brasil, justamente na comemoração dos 130 anos da imigração árabe no país.

---

<sup>59</sup> Mais informações: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u56038.shtml>>

<sup>60</sup> Mais informações: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u26615.shtml>>

<sup>61</sup> Mais informações: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u80943.shtml>>

<sup>62</sup> Mais informações: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2010/06/759049-em-brasilia-presidente-da-siria-conver-sara-com-lula-sobre-o-orientes-medio.shtml>>

Fotos ilustrativas:



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

## CAPÍTULO 3 – CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO REFUGIADA SÍRIA

### 3.1 Aspectos teórico-metodológicos

A migração de crise, no cenário das migrações internacionais contemporâneas, é um fenômeno social complexo. O aumento dos refugiados no mundo, principalmente decorrente da guerra civil síria, é responsável pela maior crise humanitária do século XXI até o momento (ACNUR, 2016). Estudar essa modalidade migratória é, portanto, um desafio que exige grande discussão teórica e metodológica. Esta tese visa contribuir para o debate teórico das migrações de crise, incluindo o refúgio dentre as demais modalidades migratórias; e contribuir para o debate metodológico a fim de apreender os processos sociais presentes no fluxo migratório dos refugiados sírios para o Brasil e, mais especificamente, para São Paulo.

O desenvolvimento desta pesquisa deu-se no âmbito do projeto temático Observatório das Migrações em São Paulo – Migrações Internas e Internacionais Contemporâneas no Estado de São Paulo (FAPESP/CNPq-NEPO/UNICAMP), o qual tem como objetivo estudar as migrações como fenômeno social complexo e multifacetado e apreender as novas faces das migrações internas e internacionais em São Paulo. O projeto temático está dividido em duas linhas de pesquisa, cada uma composta por quatro estudos temáticos. A primeira linha - Migrações Internas - está dividida em: Migrações e urbanização em São Paulo no século XXI; Trabalhadores rurais migrantes, agroindústria paulista e mudanças climáticas; Mobilidade espacial dos povos indígenas; Migração e geração. E a segunda linha - Migrações Internacionais - divide-se em: Imigração internacional e sua distribuição espacial; Imigração, família e gênero; Fluxos imigratórios internacionais atuais; Emigrantes internacionais.

A presente tese está situada no estudo temático “Fluxos imigratórios internacionais atuais”, mas dialoga com os outros temas da segunda linha de pesquisa. Os aspectos teórico-metodológicos do projeto temático são fundamentais para o estudo dos refugiados sírios em São Paulo, entre eles estão: a importância dos vínculos históricos para os processos migratórios atuais (SINGER, 1973); a diversidade de modalidades migratórias no cenário internacional (BAENINGER; 2012; WENDEN, 2001); a nova configuração da migração interna e internacional (BAENINGER, 2017; DE HAAS, 2010); a construção de projetos migratórios (MA MUNG, 2009) que consideram fatores estruturais e sujeitos migrantes; as motivações individuais e familiares no

projeto migratório (ARIZA e VELASCO, 2012); e as práticas sociais migratórias na perspectiva transnacional (APADURRAI, 1996; GLICK-SCHILLER et al, 1994; GUARNIZO et al, 2003).

Um importante desafio nos estudos de migração internacional é a mensuração e fontes de dados. Na demografia, o Censo Demográfico é primordial para a maior parte dos estudos, todavia não pode ser utilizado na pesquisa por não apreender a condição jurídica do indivíduo, não sendo possível identificar os refugiados. Uma possibilidade seria explorar as características dos imigrantes sírios no censo, mas os dados são de 2010 e o atual conflito sírio teve início apenas em 2011.

Para uma caracterização geral da migração de crise e evolução do fluxo migratório de refugiados sírios para o Brasil, foram analisados os dados do ACNUR. Este banco de dados é aberto e gratuito, oferece séries históricas e dados organizados por origem, destino, condição jurídica, além de sexo e idade por país de destino. Os dados são oficiais e muito importantes para uma visão global do fenômeno, no entanto tem inúmeras limitações em relação a características sociodemográficas.

Assim, para que a pesquisa pudesse captar as especificidades do objeto de estudo foi necessário buscar outras fontes de dados, então optamos pela aplicação de questionários e trabalho de campo. Foi utilizado como base o questionário da Pesquisa de Condições de Vida da População Refugiada no Brasil (CVPR) realizada em 2007 pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO/Unicamp), sob a coordenação da Professora Doutora Rosana Baeninger e com a cooperação das Cáritas Arquidiocesanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, do ACNUR, e da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.

O questionário “Refugiados Sírios em São Paulo” foi aplicado pela pesquisadora, no âmbito do projeto temático Observatório das Migrações em São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Rosana Baeninger. A participação do presente trabalho em um projeto mais amplo foi essencial para a realização da pesquisa, assim como o apoio da Fapesp. A duração da aplicação dos questionários foi de dois meses – 31 de março a 31 de maio de 2015, e foram entrevistados refugiados e solicitantes de refúgio naturais da Síria.

Em um primeiro momento, esta fonte foi utilizada para caracterizar a população refugiada a partir de informações individuais e familiares, como: condição jurídica, condição de permanência, idade, sexo, escolaridade, religião, língua nativa, trabalho, renda, entre outros. As variáveis em questão foram estudadas para traçar um perfil sociodemográfico da população

refugiada e familiares. Já para uma análise mais profunda das famílias, foram estudados dados referentes à nupcialidade, fecundidade, composição familiar, parentesco, estado conjugal, contato com familiares, redes sociais e trajetória migratória.

O questionário<sup>63</sup> é composto por sete partes:

Módulo de Identificação;

Módulo 1 Lista dos residentes habituais, não habituais e ausentes com possibilidade de reunião familiar;

Módulo 2 Características Gerais dos Residentes (Habituais e Não habituais);

Módulo 3 Constituição da Família;

Módulo 4 Educação, Documentação e Status de Refúgio;

Módulo 5 Deslocamento, Refúgio e Trajetórias Migratórias;

Módulo 6 Questões abertas (somente para o entrevistado).



#### QUESTIONÁRIO REFÚGIO E FAMÍLIA

##### Módulo de Identificação

- 1- Número do questionário:
- 2- Data de realização:
- 3- Hora de início:
- 4- Hora de término:
- 5- Observação:

<b>2) No. de família</b>	<b>4) e 5) Relação com chefe da residência e família</b>	<b>10) Estado conjugal</b>	<b>11) Religião</b>	<b>15) É refugiado?</b>
1) Família principal	1) Chefe	1) Solteiro(a)	1) Candomblé	1) Sim
2) 2a família	2) Cônjuge	2) Casado(a)	2) Católica	2) É solicitante
3) 3a família	3) Filho(a)	3) Unido(a)	3) Espírita Kardecista	3) Não, porque é brasileiro
4) 4a família	4) Filho(a) adotivo(a)/ de criação	4) Separado(a)	4) Evangélica	4) Não, porque o pedido não foi aceito
	5) Enteado(a)	5) Viúvo(a)	5) Judaica	5) Não, por outro motivo
<b>6) Permanência</b>	6) Genro/nora	6) Não sabe	6) Protestante	6) Não é da família Do respondente
1) Habitual	7) Neto(a)	7) Não se aplica	7) Religiões orientais	7) Não se aplica (ausente)
2) Não habitual	8) Sobrinho(a)		8) Umbanda	
3) Ausente	9) Cunhado(a)		9) Muçulmana	
	10) Pai/Mãe		10) Outra	
<b>8) Sexo</b>		<b>13) Cor/Raça</b>	88) Nenhuma	
1) Masculino		Autodenominação	99) Não se aplica	
2) Feminino				

<sup>63</sup> Todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em inglês ou português. Para as fotografias que compõem a pesquisa, também foram assinados Termos de Autorização de Uso de Imagem, em inglês ou português.

## Módulo 1 - Lista dos residentes habituais, não habituais e ausentes com possibilidade de reunião familiar

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
No. de ordem	No. de família	Nome	Relação com chefe da residência	Relação com chefe da família	Condição de permanência	Local de moradia na data de referência (PARA NÃO HABITUAIS E AUSENTES)	Sexo	Idade	Estado conjugal	Religião	Estudos (em anos)	Cor/raça	Formação profissional	É refugiado?
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														
15														
16														
17														
18														
19														
20														

## Módulo 2 - Características Gerais dos Residentes (Habituais e Não habituais)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
No. de ordem	No. de família	Localidade de nascimento	Urbano/rural	Departamento ou Estado	País	Língua nativa	Língua falada em casa	Estatuto	Trabalho principal
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									

## 2) No. De Família

- 1) Família principal
- 2) 2a família
- 3) 3a família
- 4) 4a família

## 4) Urbano/rural

- 1) Urbano
- 2) Rural
- 3) Não sabe

## 9) Estatuto

- 1) Empregado(a)
- 2) Autônomo/ Conta própria
- 3) Empregador(a)
- 4) Profissional universitário autônomo
- 5) Dono de negócio familiar
- 6) Aprendiz/ Estagiário
- 7) Trabalhador em negócio familiar sem remuneração
- 8) Autônomo da economia informal
- 9) Presta serviço militar obrigatório ou religioso
- 10) Voluntário
- 11) Estudante
- 12) Não se aplica

## Módulo 3 – Constituição da Família

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
No. de ordem	Já viveu ou vive em companhia de cônjuge ou companheiro(a)	Qual a nacionalidade do atual/último companheiro(a)	Onde casou-se ou uniu-se ao atual/último companheiro(a) <indicar o país>	Tem filho nascido vivo? Quantos?	Dos filhos que tem, quantos moram no domicílio?	Dos filhos que tem, quantos moram no Brasil?	Dos filhos que tem, quantos moram em outro país?	Dos filhos que tem, quantos não tem notícia?	Dos filhos vivos que nasceram, quantos já morreram?	Qual o principal meio de contato com familiares?
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										
12										
13										
14										
15										

**2) Já viveu ou vive com cônjuge ou companheiro(a)**

- 1) Vive atualmente
- 2) Já viveu
- 3) Não viveu
- 4) Não se aplica

**11) Contatos com a família**

- 1) Internet
- 2) Telefone
- 3) Correio
- 4) Não tem contato

## Módulo 4 – Educação, Documentação e Status de Refúgio

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
No. de ordem	Como classifica sua comunicação em português?	Sabe ler e escrever em sua língua nativa principal?	Sabe ler e escrever em português?	Frequenta escola ou creche?	Por qual motivo não frequenta escola ou creche?	Quantos anos de estudo tinha antes de chegar ao Brasil?	Qual o grau do último ano concluído?	Qual a série frequenta?	Qual o grau da série que frequenta?	Qual o tipo da escola que frequenta?	Possui documentação de estudo anterior?	Como conseguiu validar os estudos?	Por que motivo não pode validar os estudos?	Frequenteu curso de português por quanto tempo?
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														
15														

**6) Por que não frequenta?**

- 1) Não tinha vaga
- 2) Não foi aceito por ser estrangeiro
- 3) Não tem documentação necessária
- 4) Não pretende estudar mais
- 5) Já concluiu os estudos
- 6) Porque trabalha no horário
- 7) Não tem tempo
- 8) Outro
- 9) Não se aplica

**8) e 10) Grau que frequenta?**

- a) Educação Infantil
- b) Ensino Fundamental
- c) Ensino Médio
- d) Ensino Superior
- e) Pós graduação

**14) Validação**

- 1) Através de certificados e diplomas
- 2) Prova de reclassificação
- 3) Não conseguiu por falta de equivalência
- 4) Não conseguiu por falta de documentos
- 5) Não procurou validar os estudos
- 6) NSA

**15) Curso de português**

- 1) Não frequentou
- 2) de 1 a 3 meses
- 3) de 3 a 6 meses
- 4) Mais de 7 meses

**2) Como classifica?**

- a) Satisfatória
- b) Insatisfatória?

**3) e 4) Sabe ler e escrever?**

- 1) Sim
- 2) Não

**5) Frequenta escola?**

- 1) Sim
- 2) Não

**11) Tipo de escola**

- 1) Pública
- 2) Particular
- 3) NSA

**12) e 13) Documentação**

- 1) Sim
- 2) Não

**18) Teve dificuldade**

- 1) Não teve problema
- 2) Demora na confecção do RNE
- 3) Não aceitação de RNE/protocolo
- 4) Problemas com carteira de trabalho
- 5) Problema com documento dos filhos

**17) Auxílio para curso**

- 1) Não
- 2) Sim, bolsa de estudo
- 3) Sim, bolsa de estudo e transporte
- 4) Sim, bolsa de estudo, transporte e material



<p><b>4) Como saiu?</b></p> <p>1) Ônibus 2) Avião 3) Barco/navio 4) A pé 5) Carro/caminhão</p> <p><b>6) Indicar organismo de proteção</b></p> <p>1) Não 2) Indicar organismo</p> <p><b>7) Solicitou refúgio em outro país?</b></p> <p>1) Não 2) Se sim, indicar país.</p> <p><b>10) Indicar a condição</b></p> <p>1) Legal 2) Ilegal</p> <p><b>12) Como chegou?</b></p> <p>1) Ônibus 2) Avião 3) Barco/navio 4) A pé 5) Carro/caminhão</p>	<p><b>13) Com quem viajou da última vez? (indicar até 3 principais)</b></p> <p>1) Sozinho 2) Companheiro(a)/Cônjuge 3) Filhos 4) Pais 5) Avós 6) Outro familiar 7) Amigo 8) Grupo de pessoas da mesma nacionalidade 9) Outro 10) Não se aplica</p> <p><b>14) Como conseguiu recursos para a viagem?</b></p> <p>1) Com próprias economias 2) Pediu dinheiro emprestado de familiares 3) Pediu dinheiro para amigos 4) Outro</p> <p><b>16) e 17) Quanto tempo morou neste local?</b></p> <p>1) de 1 a 3 dias 2) de 3 a 7 dias 3) de 7 a 15 dias 4) de 15 a 30 dias 5) de 1 a 6 meses 6) mais de 6 meses</p>	<p><b>15) Quando chegou ao Brasil, onde foi morar?</b></p> <p>1) Hotel/pensão 2) Albergue 3) Casa de amigos 4) Casa de parentes 5) Na rua 6) No local de trabalho 7) Casa alugada/casa própria 8) Igreja/mesquita/templo 9) Outro 10) Não se aplica</p> <p><b>19) Quem conhecia no Brasil?</b></p> <p>1) Ninguém 2) Familiares 3) Amigos 4) Outro</p>	<p><b>23) e 24)</b></p> <p>1) de 1 a 3 dias 2) de 3 a 7 dias 3) de 7 a 15 dias 4) de 15 a 30 dias 5) de 1 a 6 meses 6) mais de 6 meses 7) de 6 a 12 meses 8) de 12 a 24 meses 9) de 24 a 48 meses 10) de 48 a 60 meses 11) mais de 60 meses (5 anos)</p> <p><b>25) Motivos que o levaram a morar neste município:</b></p> <p>1) Obter um novo trabalho 2) Mudança do local de trabalho 3) Estudar 4) Realizar tratamento de saúde 5) Menores custos de moradia 6) Melhores condições 7) Morar com ou próximo de parentes 8) Melhores condições de transporte 9) Outros Especificar.</p>
--	---	---	---

## Módulo 5 – Deslocamento, Refúgio e Trajetórias Migratórias

1	26	27	28	29	30	31	32	33
No. de ordem	Tem amigos de sua nacionalidade no seu bairro?	Você diria que a maioria dos seus amigos no Brasil são...	Quando deu entrada no pedido de refúgio?	Quando foi reconhecido como refugiado?	Foi reconhecido em 1ª instância?	Entrou em contato com a Cáritas? Se sim, como?	Tem familiares refugiados em outro país?	Tem contato com esses familiares?
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								

**26) Tem amigos de sua nacionalidade em seu bairro?**

- 1) Sim  
2) Não  
3) Não sabe  
4) Não se aplica

**27) Você diria que a maioria de seus amigos no Brasil são...**

- 1) Brasileiros  
2) Estrangeiros da mesma nacionalidade  
3) Estrangeiros de outra nacionalidade  
4) Não tem amigos no Brasil  
5) Não tem diferença de nacionalidades

**30) Foi reconhecido em 1ª instância?**

- 1) Sim  
2) Não  
3) Não se aplica

**31) Como entrou em contato com a Cáritas?**

- 1) Através da Polícia Federal  
2) Através de familiares  
3) Através de amigos  
4) Através do ACNUR  
5) Através da Igreja  
6) Televisão  
7) Através do Consulado  
8) Outro  
9) Não se aplica  
10) Não entrou em contato

**32) Tem familiares refugiados em outros países?**

- 1) Sim  
2) Não

**33) Tem contato com esses familiares?**

- 1) Sim  
2) Não  
3) Não se aplica

Módulo 6 – Questões abertas (somente para o entrevistado)

- 1) Como vê sua permanência e de sua família no Brasil a longo prazo?
- 2) Por que escolheu o Brasil como país de refúgio? E como isso foi viabilizado?
- 3) Tem vontade de mudar de cidade? Para onde? Por que?
- 4) Como avalia o apoio do ACNUR?
- 5) Como avalia o apoio do CONARE?
- 6) Como avalia o apoio da Cáritas?

A aproximação com a população estudada aconteceu por meio de divulgação da pesquisa em dois grupos no Facebook e com o apoio da organização não-governamental IKMR (I Know My Rights). Os grupos do Facebook onde a pesquisa foi apresentada e alguns membros aceitaram participar foram: “Refugiados no Brasil”, um grupo aberto com informações sobre e para refugiados no território brasileiro; e “Sírios no Brasil”, um grupo fechado com a proposta de ajudar especificamente refugiados sírios que desejam vir ou que já estão no Brasil.

O primeiro entrevistado, cujo nome fictício é Omar, visualizou o texto sobre a pesquisa em um dos grupos do Facebook e se ofereceu para participar e responder ao questionário. Depois da entrevista, Omar passou o contato de uma professora de português para refugiados que também auxiliou no acesso a outros sírios.

Tem um lugar que ajuda os sírios com a língua. Fica na Liberdade. Tem famílias lá. Aulas de português. E eles vão para lá segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira. Esse lugar vai te ajudar muito porque tem muitas famílias lá. É quase uma coisa privada. Algumas pessoas no Brasil são muito amigáveis e eles tentam ajudar as pessoas e eles podem te ajudar

também. Não tem nome, mas eu posso te dar o endereço e um número para você telefonar para uma professor lá. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>64</sup>

Para a aproximação institucional com outros refugiados sírios, fizemos uma lista de organizações não-governamentais, associações, fundações, organizações religiosas, casas de passagem, entre outras; e optamos por entrar em contato com uma organização que não mantivesse vínculo político ou financeiro com os refugiados para que isso não interferisse nos resultados. A pesquisadora presenciou o trabalho da IKMR pela primeira vez na Copa dos Refugiados, em agosto de 2014, e acompanhou outro evento da organização em novembro do mesmo ano. Nesse evento a pesquisadora conheceu a presidente da organização que, após alguns meses de apresentação do projeto da tese, concordou em auxiliar no trabalho de campo.

A IKMR foi criada em 2012, como sendo a única organização que se dedica especificamente às crianças refugiadas no Brasil. Essa tem como objetivo defender os direitos das crianças refugiadas no país, criar programas de desenvolvimento que contemplem áreas fundamentais e deficientes como educação, abrigo e saúde; e devolver às crianças refugiadas sua dignidade, sua integridade e o sentido de individualidade. No início de 2016, a IKMR passou a ser parceira oficial do ACNUR.

O primeiro entrevistado indicado pela IKMR, cujo nome fictício é Abdul, é um refugiado sírio muito influente na comunidade local. Abdul e sua família enfrentaram dificuldades linguísticas, culturais, financeiras e mesmo violência nos primeiros meses no Brasil, mas criaram uma ampla rede de apoio; atualmente, conhecem muitos refugiados sírios em São Paulo, têm muitos amigos brasileiros, e participam de entrevistas e programas de televisão.

Na Síria, eu morava com minha família em Damasco, mas depois da guerra fui para o Líbano e morei lá e depois eu vim aqui com minha família. Quando eu cheguei aqui eu não gostava do Brasil porque todas as coisas eram diferentes, cultura, língua e as pessoas, mas agora tudo bem. (Abdul, refugiado sírio, 42 anos)

---

<sup>64</sup> Tradução livre do original: “*There is a place that help Syrian with language. It’s in Liberdade. There is families there. Portuguese classes. And they are ging to there segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira. This place will help you a lot because there is a lot of families there. It’s almost a private thing. Some guys in Brazil are very friendly and they try to help people and they can help you also. There is no name, but I can give you the address and a number to phone a teacher there.*”

Esse entrevistado indicou outras doze famílias para participarem da pesquisa, acompanhou algumas entrevistas, sua família auxiliou na tradução português-árabe e esteve muito presente durante todo o trabalho de campo.

Uma vez que a população refugiada síria em São Paulo é pequena e a dificuldade de comunicação é grande devido ao idioma e à condição jurídica especial, os entrevistados foram identificados pelo método “bola de neve” (WEISS, 1994; MAY, 2004; PIRES, 2010). Alguns entrevistados entraram em contato com a pesquisadora por meio do Facebook e outros foram indicados pela IKMR e, posteriormente, os próprios entrevistados sugeriram outras pessoas para participarem da pesquisa. As redes de entrevistados tendo como origem o Facebook (Figura 8) e como origem a IKMR (Figura 9) foram organizadas nos esquemas a seguir para facilitar a visualização da aplicação dos questionários.

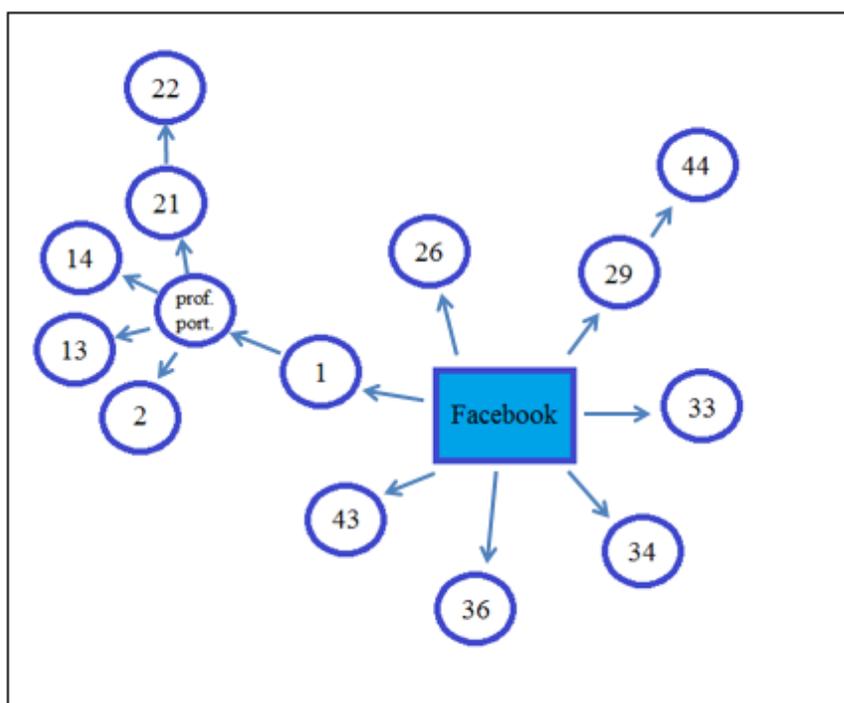


Figura 8 Rede de entrevistados com origem nos grupos do Facebook

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

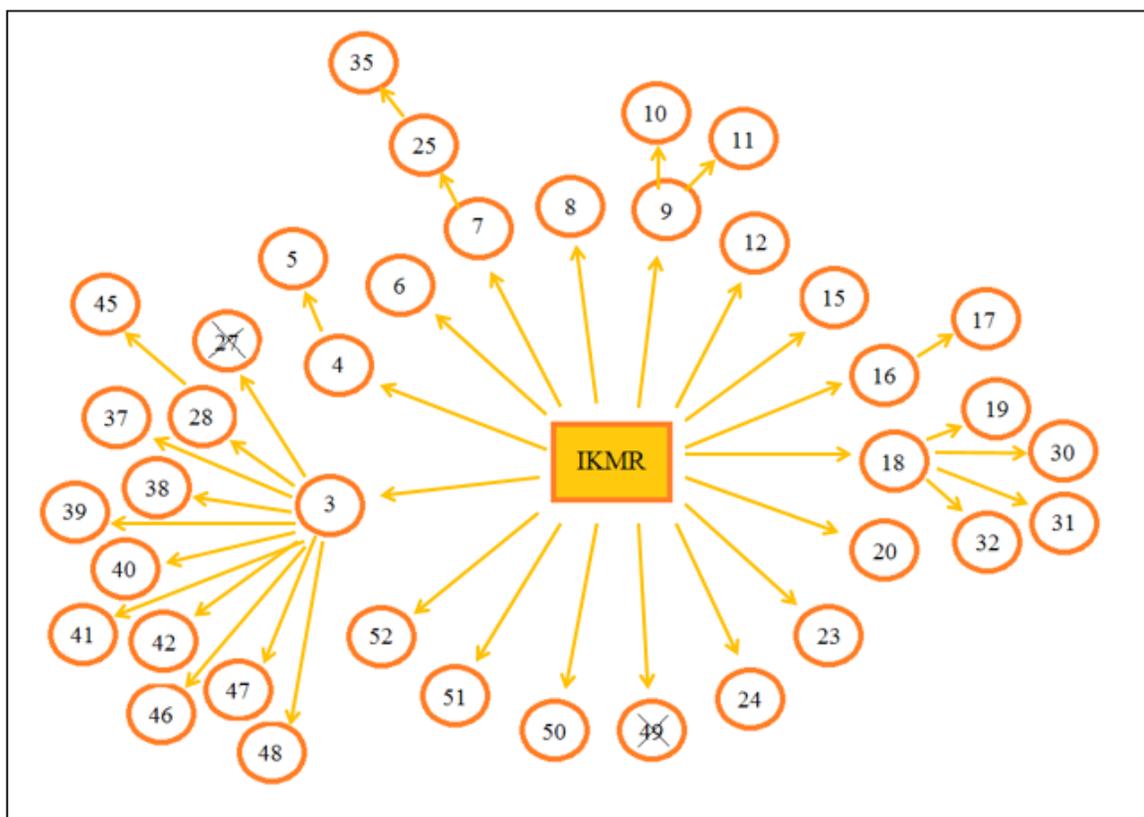


Figura 9 Rede de entrevistados com origem na organização IKMR

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Todos os nomes dos entrevistados na pesquisa de campo foram preservados. Segue uma lista de nomes fictícios citados na presente tese:

- Abdul, refugiado sírio, 42 anos
- Adilah, síria solicitante de refúgio, 50 anos
- Aisha, refugiada síria, 1 ano
- Akhim, refugiado sírio, 39 anos
- Alima, síria solicitante de refúgio, 27 anos
- Amizah, refugiada síria, 13 anos
- Aziz, refugiado sírio, 32 anos
- Boulus, refugiado sírio, 19 anos
- Bushra, refugiada síria, 32 anos
- Cantara, síria solicitante de refúgio, 30 anos

Dabir, sírio solicitante de refúgio, 29 anos  
Duha, síria solicitante de refúgio, 30 anos  
Érica, brasileira, voluntária da IKMR  
Essam, refugiado sírio, 41 anos  
Falak, refugiada síria, 4 anos  
Fawzi, refugiado sírio, 33 anos  
Fellah, refugiada síria, 12 anos  
Fouad, sírio com residência permanente, 57 anos  
Ghassam, refugiado sírio, 33 anos  
Ghayda, refugiada síria, 12 anos  
Gibran, sírio solicitante de refúgio, 29 anos  
Halim, refugiado sírio, 12 anos  
Hamed, refugiado sírio, 38 anos  
Hayat, refugiada síria, 15 anos  
Hessa, refugiada síria, 33 anos  
Ibrahim, refugiado sírio, 26 anos  
Idris, refugiado sírio, 28 anos  
Inas, síria solicitante de refúgio, 50 anos  
Inaya, refugiada síria, 26 anos  
Ishaq, refugiado sírio, 54 anos  
Jabbar, refugiado sírio, 33 anos  
Jimel, refugiado sírio, 43 anos  
João, brasileiro, fundador do curso de português para refugiados  
Johara, refugiada síria, 33 anos  
Júlia, brasileira, voluntária da IKMR  
Karida, refugiada síria, 45 anos  
Khalil, refugiado sírio, 28 anos  
Latifa, refugiada síria, 4 anos  
Leena, síria solicitante de refúgio, 30 anos  
Lívia, brasileira, professora no curso de português para refugiados sírios  
Lufti, refugiado sírio, 28 anos

Madiah, refugiada síria, 26 anos  
Masud, refugiado sírio, 28 anos  
Moal, refugiada síria, 34 anos  
Munir, refugiado sírio, 51 anos  
Nadia, refugiada síria, 30 anos  
Nurdin, sírio solicitante de refúgio, 27 anos  
Omar, refugiado sírio, 28 anos  
Paula, brasileira, voluntária da IKMR  
Qays, sírio solicitante de refúgio, 42 anos  
Rosa, brasileira, funcionária da Cáritas  
Rukan, refugiada síria, 14 anos  
Said, refugiado sírio, 30 anos  
Salwa, refugiado síria, 29 anos  
Samira, refugiada síria, 10 anos  
Seif, refugiado sírio, 28 anos  
Suhayr, refugiada síria, 21 anos  
Talib, refugiado sírio, 28 anos  
Tarub, refugiada síria, 27 anos  
Ubaid, refugiado sírio, 28 anos  
Uthman, refugiado sírio, 30 anos  
Wahibah, refugiada síria, 35 anos  
Wakil, refugiado sírio, 54 anos  
Yunus, refugiado sírio, 23 anos  
Yurem, refugiado sírio, 32 anos  
Zahra, refugiada síria, 29 anos  
Zaim, refugiado sírio, 40 anos

O trabalho de campo, por sua vez, teve duração de um ano – março de 2015 a fevereiro de 2016. Considerando a dinâmica do refúgio, os questionários não conseguiriam captar todas as informações necessárias para uma compreensão mais ampla desse fenômeno migratório tão complexo, por isso a observação por meio do trabalho de campo foi fundamental para a pesquisa.

A imersão no campo permitiu refletir sobre os diversos aspectos teóricos, confrontar a bibliografia e melhor apreender os processos sociais. Os temas norteadores do olhar da pesquisadora foram aproximação, acolhimento, diferenças culturais (especialmente idioma, alimentação, música e religião), assistência social e integração. A aplicação do questionário e algumas conversas foram gravadas, com consentimento do entrevistado, para que as verbalizações enriquecessem a análise das especificidades da migração refugiada síria para o Brasil.

### **3.2 Perfil da população estudada**

O questionário “Refugiados Sírios em São Paulo” foi aplicado pela pesquisadora, no âmbito do projeto temático Observatório das Migrações em São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Rosana Baeninger. A aplicação do questionário foi realizada para que a pesquisa pudesse captar as especificidades do objeto de estudo. A duração da aplicação dos questionários foi de dois meses – 31 de março a 31 de maio de 2015, e foram entrevistados refugiados ou solicitantes de refúgio naturais da Síria.

Em um primeiro momento, o questionário foi utilizado para caracterizar a população refugiada a partir de informações individuais e familiares, como: condição jurídica, condição de permanência, idade, sexo, escolaridade, religião, língua nativa, trabalho, renda, entre outros. As variáveis em questão foram estudadas para traçar um perfil sociodemográfico da população refugiada e familiares (AYDOS, BAENINGER e DOMINGUEZ, 2008). Já para uma análise mais profunda das famílias, foram estudados dados referentes à nupcialidade, fecundidade, composição familiar, parentesco, estado conjugal, remessas, contato com familiares e redes sociais.

As entrevistas foram principalmente em inglês (20) e português (18), algumas em português ou inglês com tradução para árabe (8) e outras em mais de uma língua (5). A aplicação dos questionários durou em média 45 minutos e foi realizada em cafés (11), mesquitas (11), casas das famílias sírias (10), algumas em escola de português para refugiados (5), restaurantes árabes (4) e outras em lugares diversos (5).

O banco de dados “Refugiados Sírios em São Paulo” é composto por 51 questionários válidos<sup>65</sup>, totalizando 265 indivíduos, distribuídos em 82 famílias. Na maioria dos casos havia apenas 1 família (65%) por questionário, em alguns casos 2 famílias (18%) ou 3 famílias (14%), e apenas em 1 caso 4 famílias e outro caso 5 famílias. Dentre as diferentes famílias que dividiam o mesmo domicílio, 93% dos membros eram parentes do respondente, sendo apenas 7% dos indivíduos amigos ou pensionistas.

A população estudada é composta, majoritariamente, por indivíduos residentes (77%), sendo importante o número de ausentes (20%) os quais são familiares que tem a possibilidade de vir para o Brasil, e poucos residentes não-habituais (3%) (Tabela 4). Os ausentes vivem, basicamente, na Síria (49), sendo que apenas 5 ausentes vivem em outros países (Egito, Emirados Árabes, Grécia, Sudão e Venezuela). Os residentes não-habituais, por sua vez, vivem na cidade de São Paulo (4), ou em outros estados como Mato Grosso (4) e Paraná (1).

**Tabela 4**  
**Condição de permanência**  
**São Paulo, 2015**

<u>Condição de permanência</u>	<u>Indivíduos</u>
Habitual	204
Não-habitual	9
Ausente	52
<u>Total</u>	<u>265</u>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Os indivíduos caracterizados como “ausentes” são aqueles que o respondente considera que seja de sua família e que possa vir para o Brasil também. A maior parte desses ausentes são irmãos (12), cunhados (11) e sobrinhos (10), alguns pais (8) e sogros (6), e poucos filhos (3) ou cônjuge (2) do respondente. Praticamente não houve diferencial por sexo entre os ausentes, uma vez que 27 são mulheres e 25 homens.

<sup>65</sup> Foram aplicados 53 questionários, mas 2 foram invalidados por terem sido aplicados para mais de uma pessoa da mesma família sendo, portanto, repetidos.

Os entrevistados relataram que a maior dificuldade para esses ausentes se reunirem com a família no Brasil é falta de documentação e custo financeiro: “*minha irmã não tem passaporte, minha mãe tem passaporte, mas não tem dinheiro*” (Moal, refugiada síria, 34 anos)<sup>66</sup>; “*depende da minha situação, meu trabalho, o Brasil não é um país barato para trazer a minha família*” (Ibrahim, refugiado sírio, 26 anos)<sup>67</sup>;

Essa é uma questão muito difícil. Não tem ninguém na Síria agora, a vida é muito perigosa. Mas aqui é muito caro e complicado, eu não posso convidá-los para cá porque não tem vida aqui, sem trabalho, sem casa. Eu não posso cuidar deles. Não posso. Cáritas me perguntou ‘você quer trazer que sua irmã venha?’, e eu disse ‘não, desculpe’. Eu não posso trazer ninguém para cá para viver em abrigo, sem dinheiro, nada, saúde, muito diferente aqui. Eu quero trabalhar, eu espero, mas agora já terminou um ano. Desculpe, eles não podem vir para cá. (Munir, refugiado sírio, 51 anos)<sup>68</sup>

A diferença cultural também foi apontada como motivo: “*Eu não acredito que algumas pessoas da minha família vêm para cá não. Talvez porque é difícil língua e acostumar a vida aqui, especialmente meu pai e mãe. Eles têm mais idade, então difícil para eles.*” (Seif, refugiado sírio, 28 anos). Há, ainda, aqueles que já não têm mais familiares para reencontrar: “*Não tem. Tudo morreram.*” (Jimel, refugiado sírio, 43 anos).

A grande maioria dos residentes é refugiada seguida por solicitantes de refúgio; a presença de brasileiros é pequena, sendo a maior parte filhos já nascidos no Brasil; na categoria “outros” encontram-se indivíduos que ainda não solicitaram refúgio, sírios que conseguiram residência permanente por ter filho brasileiro ou indivíduos que vivem na casa da pessoa de referência, mas não são da família do respondente (Tabela 5).

<sup>66</sup> Tradução livre do original: “*my sister doesn’t have passport, my mother has passport, but doesn’t have dinheiro*”

<sup>67</sup> Tradução livre do original: “*it depends of my situation, my work. You know, Brazil is not a cheap country to bring my family*”

<sup>68</sup> Tradução livre do original: “*That’s a very difficult question. There is nobody in Syria now, life is very dangerous. But here is very expensive and complicated, I can’t invite them to here because there is no life here, no job, no house. I can’t take care of them. I can’t. Cáritas asked me ‘do you want your sister come?’, I said “no, sorry”. I can’t bring anyone here to live in shelter, no money, nothing, health care, very different here. I want to work, I wait, but now finished one year. Sorry, they can’t come here.*”

**Tabela 5**  
**Condição jurídica dos residentes habituais**  
**e não-habituais – São Paulo, 2015**

Condição jurídica	Indivíduos
Refugiado	116
Solicitante	70
Brasileiro	32
Outra	10
<b>Total</b>	<b>228</b>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Os respondentes eram sírios refugiados ou solicitantes de refúgio, mas nem todos os membros da família nasceram na Síria. Os países de origem citados foram: Síria (174), Brasil (16), Arábia Saudita (7), Jordânia (4), Líbano (3), Emirados Árabes (2), Líbia (1), e Palestina (1). Dentre os não-sírios, 19 são filhos dos chefes da família, 6 são cônjuges e 9 outros familiares. Todos nasceram em áreas urbanas. Em relação ao local de nascimento (Figura 10), os sírios nasceram, principalmente, em Damasco (145), seguido por Aleppo (11), Hama (11), Daraa (3), Sweida (2), Homs (1) e Idlib (1).

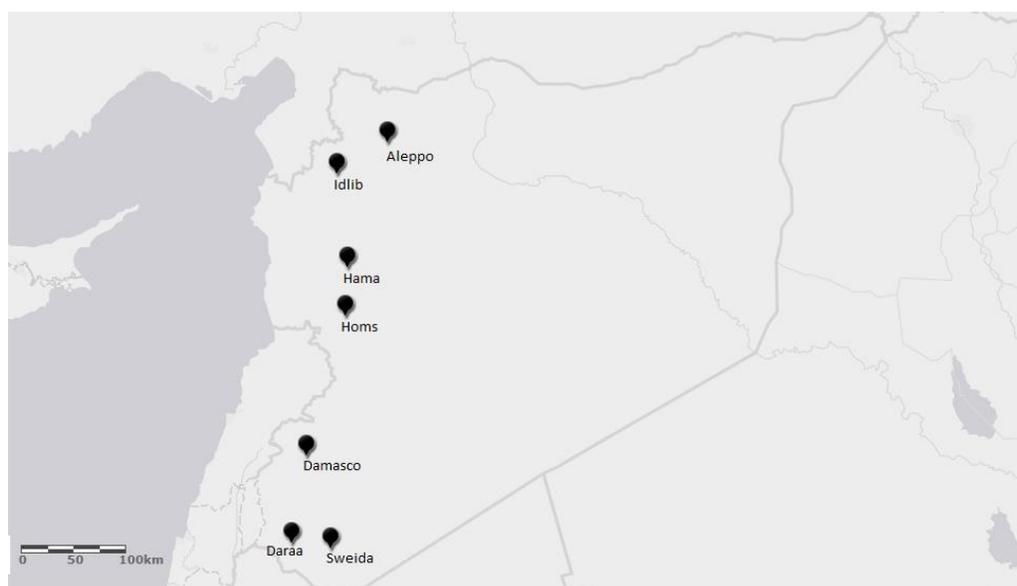
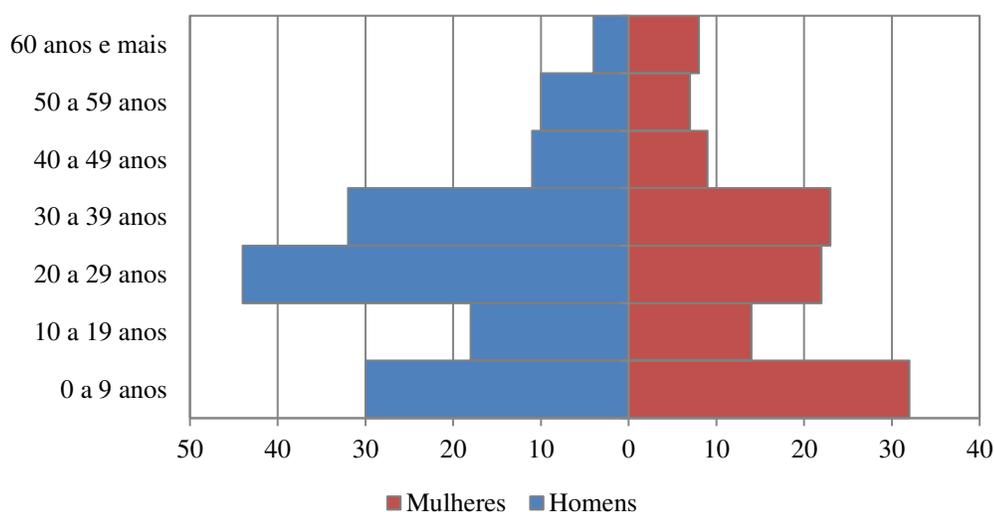


Figura 10 Cidade de nascimento dos sírios refugiados e solicitantes de refúgio

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

A maior parte da população é adulta, sendo a idade média 26 anos. A população estudada é composta por 57% de homens e 43% de mulheres. Há uma concentração maior de homens entre 20 e 29 anos, enquanto a maior parte das mulheres são crianças até 9 anos (Gráfico 8).

**Gráfico 8**  
**População por sexo e grupo etário**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Os chefes das famílias são quase todos homens, havendo apenas 1 caso de chefia feminina. Neste caso, Inaya é uma refugiada síria solteira que vive sem nenhum outro parente. Inaya contou durante algumas visitas a campo que sofreu preconceito por ser uma mulher muçulmana que viajou sozinha e vive sozinha em outro país, que chegou até a parar de usar o *hijab*<sup>69</sup> por um tempo, pois se sentia constrangida. Ela disse que apesar de se sentir segura por estar longe da guerra, aqui sente medo do preconceito e do julgamento das pessoas, especialmente dos próprios refugiados sírios, mas que estava aprendendo a lidar com a situação:

<sup>69</sup> *Hijab*: véu, em árabe. É utilizado pelas mulheres muçulmanas tradicionais.

Sinto segura, mas com outro tipo de medo e insegurança. Acho que mudei em relação a pensamento. Com todas as experiências que já tinha, tô sendo mais real, mais objetiva em cada dia que passa. (Inaya, refugiada síria, 26 anos)

Outras mulheres muçulmanas entrevistadas disseram não sofrer preconceito por conta do véu no Brasil: “*Em América não pode usar hijab, aqui pode usar hijab.*” (Hessa, refugiada síria, 33 anos);

Eu sempre falar para minha família vir para Brasil, por favor, vem aqui. Brasil não tem guerra, não tem problema para sírios, não tem problema para muçulmano também. Tudo Europa tem problema, aqui não tem problema para minha hijab. Em França, Europa, América tem problema para hijab. (Johara, refugiada síria, 33 anos)

Dentre os entrevistados, 95% são muçulmanos, 3% disseram não ter religião e 2% são cristãos. No momento da aplicação do questionário não havia diferenciação entre muçulmano sunita e xiita, mas todos os muçulmanos entrevistados eram sunitas e alguns fizeram questão de ressaltar isso: “*Muçulmano. Todo mundo. Sunita.*” (Omar, refugiado sírio, 28 anos);

Todos nós somos muçulmanos. Nós temos a maioria na Síria, cerca de 90% são muçulmanos. Mas nós temos maneiras diferentes de seguir a religião, nós temos pessoas acreditando em muitas coisas além de outras religiões. (Khalil, refugiado sírio, 28 anos)<sup>70</sup>

Ainda sobre a diferença entre as religiões, Masud, que casou-se com uma brasileira disse: “*Eu muçulmano, esposa ainda não, cristão.*” (Masud, refugiado sírio, 28 anos). Ghassam, que trabalha em uma mesquita, afirmou ser muçulmano, mas falou que não poderia garantir que a religião dos filhos permaneceria a mesma: “*Eu muçulmano. Crianças muçulmano, mas depois eu não sei.*” (Ghassam, refugiado sírio, 33 anos); outros também admitiram estar em dúvida em relação a qual religião seguir:

---

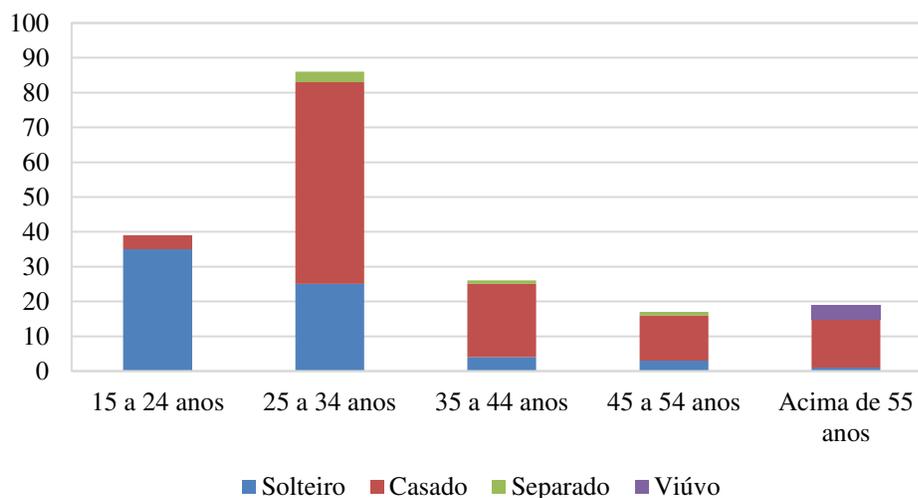
<sup>70</sup> Tradução livre do original: “*All of us are Muslims. We have the majority in Syria, about 90% are Muslims. But we have different ways of following the religion, we have people believing in many things beside the other religions.*”

Eu não sei qual religião, meu pai uma e minha mãe outra. Eu ainda não sei. Meu pai muçulmano, minha mãe cristão. Eu duas, muçulmano e católico. Eu conhece os dois, mas não decidi qual ser. (Seif, refugiado sírio, 28 anos)

Eu vou na mesquita e na igreja também. Eu vou aqui na católica, tem um homem lá que fala sobre todas as pessoas aqui e entende muito. É bom. Ele fala sobre Jesus, Satanás... Eu não entendo muito, mas é bom para mim. (Boulus, refugiado sírio, 19 anos)<sup>71</sup>

Quando questionados sobre frequentarem algum local religioso, a grande maioria afirmou ir à Mesquita do Pari, Mesquita do Brasil, Mesquita Santo Amaro, e alguns em igrejas de outras religiões.

**Gráfico 9**  
**População por idade e estado conjugal**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

A população maior de 14 anos é, majoritariamente, casada (58%), seguida por solteiros (37%), e poucos separados (3%) e viúvos (2%) (Gráfico 9). A pergunta sobre estado conjugal foi feita para todos a partir de 14 anos, mas não há nenhum menor de 18 anos casado. A divisão entre estado civil e estado conjugal também era incompreensível para a maior parte dos entrevistados

<sup>71</sup> Tradução livre do original: “I go to mesquita and to igreja também. I go here to Catholic, there is a guy that go speaking about all the people here and understand a lot. It’s good. He speaks about Jesus, Satanás... I don’t understand a lot, but it’s good to me.”

pois, de acordo com eles próprios, todas as uniões são por casamento, não havendo união estável. O pequeno número de indivíduos separados também se dá pelo fato do divórcio ser mal-visto pela religião muçulmana.

Na Síria é totalmente diferente. Na Síria, essa ideia sobre namorar não existe. Lá é assim ‘okay, se você gosta de uma mulher e ela gosta de você, okay’, você tem que ir até a família dela e pedir para eles ‘eu gosto dela, eu quero me casar com ela’. Então você fica noivo e casa. E lá não existe essa ideia de homem e mulher vivendo juntos sem casamento, isso não existe. E também, se existe as pessoas olham para eles diferente. Ainda, isso não é só uma ideia para muçulmanos, mas lá para todas as religiões. Lá, as pessoas cristãs são mais rígidas do que aqui. E não existe relacionamento antes do casamento. (...) Divórcio hoje em dia sim, mas se eu falar para o meu pai e meu avô que alguém divorciou... Atualmente é diferente, mas ainda há uma ideia sobre casamento e noivado, ainda é assim. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>72</sup>

Um homem sírio sentiu-se ofendido quando perguntei sobre a conjugalidade de sua mãe, pois se ela era sua mãe deveria obrigatoriamente ser casada – “*Ela é minha mãe! Não acredito nisso!*” (Khalil, refugiado sírio, 28 anos)<sup>73</sup>. Outro também criticou a pergunta sobre filhos para pessoas solteiras: “*Se não casou, não tem filhos; não igual o Brasil!*” (Qays, sírio solicitante de refúgio, 42 anos). Entre os casados, 83% das uniões aconteceram na Síria, 7% no Brasil, 7% na Jordânia, 2% no Líbano e 1% na Mauritânia.

Em relação ao parentesco entre os indivíduos, a maior parte é de filhos dos chefes das famílias seguidos por chefe e cônjuge. Há presença também de outros familiares, especialmente, irmãos e pais (Gráfico 10). A predominância dos filhos como principal relação com o chefe da família condiz com a média de 3 filhos por indivíduo (mínimo 1 e máximo 8 filhos). Dentre os maiores de 14 anos<sup>74</sup>, 64% têm filhos. A maior parte dos filhos mora no domicílio (73), alguns vivem em outro país (30) ou no Brasil, mas em outro domicílio (11), mas em todos os casos os pais

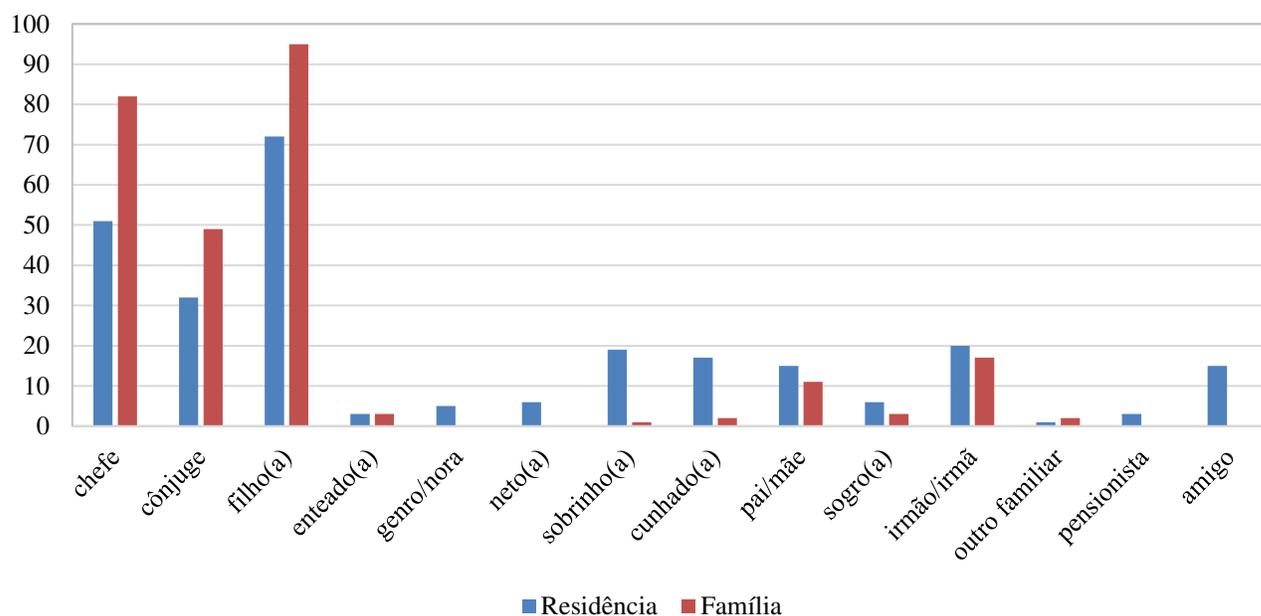
<sup>72</sup> Tradução livre do original: “*In Syria, it’s different totally. In Syria, this idea namorar, there you don’t have. There they have ‘okay, if you like a woman and if she likes you, okay’, you have to go to her about family to ask them that ‘I like her, I want to marry her’. Then you get engaged, and marry. And there not exist the idea of man and woman living together without marriage, it not exist. (...) Divorce nowadays yes, but if I ask my father and grandfather that someone divorced... Nowadays it’s different, but there is still this idea about marriage and engagement, still like this.*”

<sup>73</sup> Tradução livre do original: “*She is my mother. I don’t believe this!*”

<sup>74</sup> A pergunta foi feita para todos a partir de 14 anos, mas nenhum menor de 18 anos tem filhos.

afirmaram ter notícias e contato com os filhos. Houve apenas 1 caso de morte de um filho nascido vivo, e o motivo foi justamente a Guerra Civil Síria.

**Gráfico 10**  
**Relação com o chefe da residência e da família**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Muitos sírios não entenderam o item sobre raça/cor no questionário e responderam de acordo com sua opinião sobre a cor da pele, literalmente. A resposta era aberta e autodeclarada; 84% declarou-se branco, mas surgiram outras respostas como: mais ou menos branco (9), marrom (8), mediterrâneo (6), moreno (7), moreno claro (5), pardo (2), bege (1), e outros não souberam ou não quiseram responder (4). Alguns criticaram a pergunta dizendo ser preconceituosa, pois partiria do pressuposto que eles se importam com a diferença da cor de uma pessoa, o que os tornaria racistas; como contestou Khalil: “*Eu odeio essa pergunta, eu nunca diferencio isso*”<sup>75</sup>;

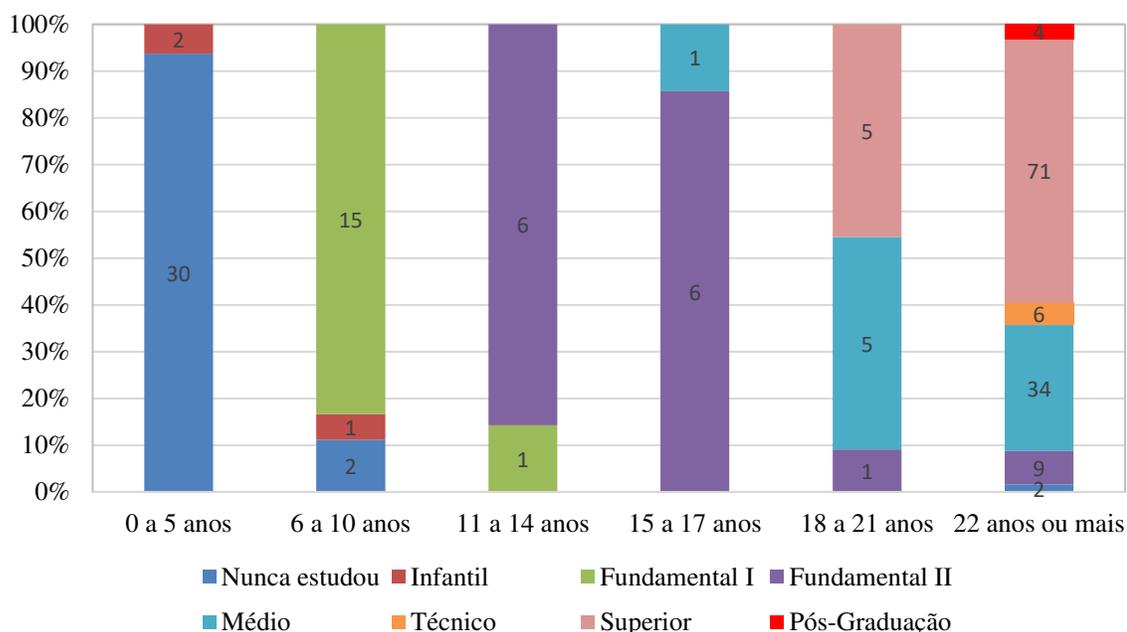
<sup>75</sup> Tradução livre do original: “*I hate this question, I never differentiate this.*”

Por que esse pergunta? Muito ruim. Essa pergunta é muito sensitiva, você sabia? Sensitiva para a pessoa. Eu sei que a pergunta é obrigatório, eu estava falando sobre isso no trabalho. (Seif, refugiado sírio, 28 anos)

E outros, ainda, afirmavam que a pergunta sobre cor não fazia sentido uma vez que todos os sírios são brancos: “*Não faça essa pergunta para os sírios, porque na Síria nós não temos pessoas pretas, e não é porque estamos escondendo eles não*” (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos)<sup>76</sup>; “*Na Síria você não encontra pessoas pretas ou de outra cor, todos são brancos*” (Ubaid, refugiado sírio, 28 anos)<sup>77</sup>.

Os chefes das famílias têm, em maior parte, mais de 16 anos de estudo (40), seguidos por 11 a 15 anos de estudo (34) e alguns entre 8 e 10 anos de estudo (4). A população residente tem alta escolaridade, cerca de 50% dos maiores de 18 anos tem Ensino Superior (Gráfico 11).

**Gráfico 11**  
**Grau do último ano concluído**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

<sup>76</sup> Tradução livre do original: “*Don’t ask this question to Syrians, because in Syria we don’t have black people. Not because we’re hiding them, no.*”

<sup>77</sup> Tradução livre do original: “*In Syria, you don’t find black people or other color, all are white.*”

Os dados foram separados por grupo etário escolar de acordo com a classificação brasileira de ensino: Ensino Infantil (0 a 5 anos), Ensino Fundamental I (6 a 10 anos), Ensino Fundamental II (11 a 14 anos), Ensino Médio ou Técnico (15 a 17 anos), Ensino Superior (18 a 21 anos), Pós-Graduação (acima de 22 anos). Ao contrastarmos a escolaridade de homens e mulheres, não pudemos notar grande diferença. Os grupos com menos de 21 anos apresentaram a mesma média de anos de estudos para os meninos e as meninas; e no grupo acima de 22 anos, os homens apresentaram 1 ano de estudo a mais que as mulheres (Tabela 6).

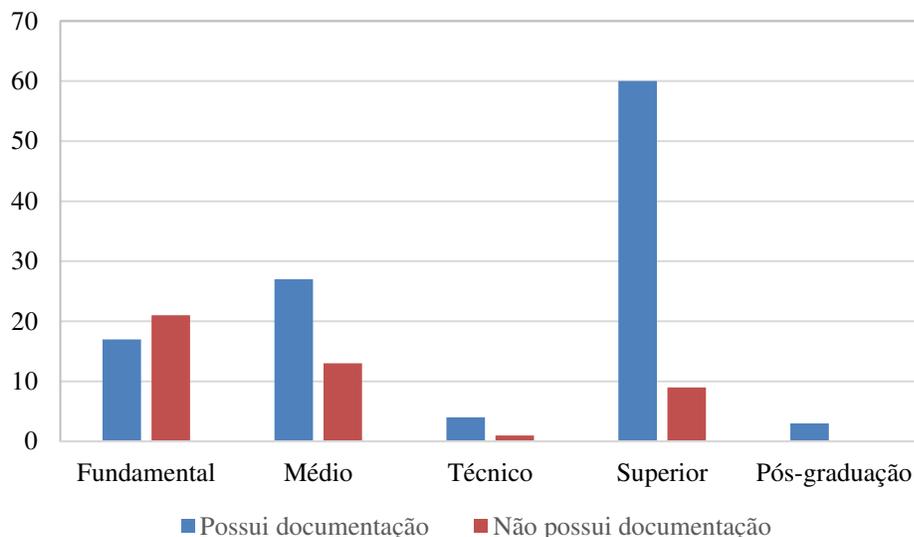
**Tabela 6**  
**Média dos anos de estudo por sexo e grupo etário**  
**São Paulo, 2015**

	Homens	Mulheres
0 a 5 anos	0,1	0,1
6 a 10 anos	2,3	2,2
11 a 14 anos	5,4	5,3
15 a 17 anos	9,4	10,0
18 a 21 anos	11,8	11,2
22 anos ou mais	14,7	13,6

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Muitas crianças e adolescentes não têm a documentação anterior de estudo, mas isso não foi relatado como dificuldade para colocá-los no sistema escolar brasileiro (Gráfico 12). Ainda que a maior parte dos entrevistados com Ensino Superior tenha a documentação de estudo, muitos se queixaram sobre a dificuldade de validar diplomas e certificados no Brasil. Dos 76 adultos com Ensino Superior, a maioria não procurou validar os documentos de estudo (45), 11 não conseguiram por falta de documentação, 8 estão em processo de validação, apenas 5 conseguiram fazer a revalidação por meio de diplomas e certificados, e 6 não responderam à pergunta.

**Gráfico 12**  
**Documentação anterior de estudo por**  
**grau do último ano concluído**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

A falta de validação de diplomas dificulta que muitos sírios completem seus estudos no Brasil, como relatou Khalil:

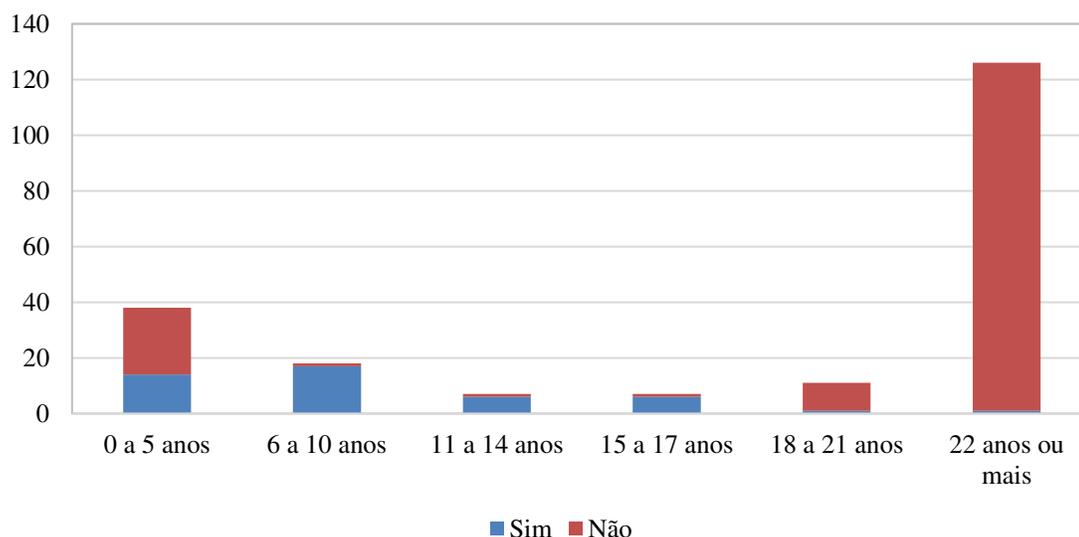
Na verdade, eu estou tentando agora. Para a gente é complicado pegar a transcrição do certificado com a universidade na Síria. Não é fácil esses dias. Você tem que estar lá pessoalmente para pedir a transferência, então, é impossível. Nós precisamos facilitar essa questão para a entrada na universidade, para a validação no Brasil. Nós estamos tentando aprender a língua, mas nós precisamos pegar os documentos. Para mim, é muito difícil conseguir um emprego na minha área só por causa disso. (Khalil, refugiado sírio, 28 anos)<sup>78</sup>

A ausência de conhecimento sobre o processo de validação de diplomas e certificados, a dificuldade de conseguir a documentação completa no país de origem por conta do conflito sírio

<sup>78</sup> Tradução livre do original: “*Actually, I’m trying now. For us it’s complicated to get a transcription of the certificate from the university in Syria. It’s not easy these days. You need to be in person there to get the transfer, so, it’s impossible. We need to facilitate this issue just to enter the university, to validate to a Brazilian. We are trying to get the language, but we need to get the documents. For me, it’s too difficult to get a job in my domain just because of that.*”

e a burocracia de muitas universidades brasileiras são os motivos que levam os refugiados a não conseguirem ou sequer tentarem a validação. Alguns entrevistados viajaram para Curitiba e realizaram a validação de certificados e diplomas na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A viagem e todos os demais custos foram pagos pelos próprios refugiados sírios.

**Gráfico 13**  
**Frequenta atualmente escola por grupo etário**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Em relação a estudo atual, apenas 22% dos residentes estão frequentando escola no Brasil (Gráfico 13). Dentre os que frequentam a escola, 72% está na rede pública, 21% em rede privada e 7% não sabe ou não respondeu. Entre os menores de 5 anos, a maior parte não frequenta a escola atualmente e o motivo dado em todos os casos é “porque ele é pequeno demais” (25). Quase toda a população em idade escolar obrigatória – 6 a 17 anos - está estudando, há apenas 1 menina de 7 anos que não estuda e a justificativa foi falta de vaga, 1 menino de 13 anos e 1 menino de 17 anos que não estão estudando ambos porque precisam trabalhar para ajudar a família. Akhim lamenta o filho ter que trabalhar, mas está agradecido porque a filha mais nova pôde voltar a estudar:

Ele não está estudando agora por causa de problemas financeiros. Ela está estudando há uma semana aqui no Brasil, ela não estudava no campo de refugiados de Zaatari, por quatro anos ela ficou sem estudar.” (Akhim, refugiado sírio, 39 anos)<sup>79</sup>

Entre os adultos, há apenas 1 refugiado sírio que frequenta a escola, um rapaz de 19 anos que está estudando em uma universidade pública em Curitiba e por isso foi classificado como residente não-habitual. Dentre os indivíduos entre 18 e 21 anos que não frequentam a escola, o principal motivo foi que já terminou os estudos e não pretende estudar mais (5), e alguns afirmaram não ter vaga (1), não ter documentação necessária (1), dificuldade com o idioma (1) e falta de tempo (1). Já entre os maiores de 22 anos, os principais motivos para não estudar atualmente são: já terminou os estudos e não pretende estudar mais (94), trabalha no horário (8), dificuldade com o idioma (7), não tem documentação necessária (6), não tem tempo (4), e outros (7).

Sobre essa questão, alguns entrevistados disseram: *“Eu não tempo escola, trabalho, trabalha doze hora hoje”* (Ghassam, refugiado sírio, 33 anos); *“Eu queria fazer mestrado, mas depende. Depende, porque aqui é muito caro e para estudar na universidade público é difícil”* (Said, refugiado sírio, 30 anos); *“Eu não posso pagar mestrado agora”* (Aziz, refugiado sírio, 32 anos)<sup>80</sup>;

Eu não termina universidade porque teve guerra. Eu saí da Síria para Líbano ilegal, daí foi para Malásia para estudar, eu fiz meu mestrado lá. Eu quero continuar, mas ainda precisa tempo e guardar dinheiro para fazer isso.” (Seif)

Ainda que o grupo seja altamente escolarizado, tantos homens quanto mulheres, isso não tem reflexo no mercado de trabalho. Pouco mais da metade dos maiores de 18 anos trabalha (52%), uma parte não pretende trabalhar (31%) - sendo todas mulheres -, há alguns desempregados (13%) e estudantes (4%) (Tabela 7). Em relação ao desemprego feminino alguns comentários foram: *“Mulheres não trabalha.”* (Idris, refugiado sírio, 28 anos); *“Mãe trabalha só em casa. Muito trabalho – cozinhar, arrumar, criança...”* (Hamed, refugiado sírio, 38 anos); *“Mulher árabe não trabalha.”* (Leena, síria solicitante de refúgio, 30 anos).

<sup>79</sup> Tradução livre do original: *“He is not studying now because of financial problems. She is studying now for a week here in Brazil. She didn’t study in Zaatari camp, for four years she didn’t study”*

<sup>80</sup> Tradução livre do original: *“I can’t afford the master now.”*

**Tabela 7**  
**População empregada por sexo**  
**São Paulo, 2015**

	Homens	Mulheres
Empregado	60	6
Autônomo	3	0
Empregador	2	0
Dono de negócio familiar	1	0
Trabalhador em negócio familiar sem remuneração	0	1
Autônomo da economia informal	1	0
Desempregado	16	3
Estudante	2	3
Não pretende trabalhar	5	39
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>52</b>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

A formação profissional da população é diversa aparecendo repetidas vezes, dentre os homens, profissões como contador, advogado, engenheiro, homem de negócios; e dentre as mulheres, principalmente, professoras, tradutoras ou sem profissão. Os empregos mais citados pelos que trabalham atualmente no Brasil foram funções em restaurantes árabes, loja de roupas e celulares, professor de idioma, e outros. A dificuldade de conseguir emprego na área de formação foi uma crítica comum:

Na Síria engenheiro, aqui só técnico. Tem que fazer aquilo de equalização. Mudei meu profissão de engenheiro de petróleo para técnico mecatrônico. Eu estudei dezessete anos para nada. Começa de novo” (Said, refugiado sírio, 30 anos);

Não tem outras opções, nós vamos ficar aqui porque não tem outra opção. Vida aqui no Brasil boa, né, mas não tem faculdade é ruim. Faculdade difícil, língua é difícil, tem muitas coisas difícil. Eu estou aqui um ano três meses e ainda não validei meu diploma para trabalhar na minha profissão e essa problema é grande. Eu tô procurando outro país para trabalhar com a minha profissão porque se eu fica aqui sem meu trabalho não vou trabalhar com outra profissão. Eu gosto da minha profissão, eu quero trabalhar com minha profissão. Se eu não validei e vai demorar muito, vou ficar em outro país porque trabalhando com petróleo, sistema de trabalho com petróleo um mês e um mês feriado. Eu vou trabalhar em

outro país um mês e ficar um mês aqui. Mas para outros membros de família não tem opção. (Idris, refugiado sírio, 28 anos)

Além da dificuldade de arrumar emprego, há também queixas em relação ao baixo salário e ao alto custo de vida: *“Na Síria a vida é muito bom, a casa muito bom, tudo que eu quer vai comprar porque tem dinheiro, tem trabalho. Mas agora não, pode comprar essa coisa ou não, porque trabalho não ganhar muito dinheiro igual em Síria.”* (Suhayr, refugiada síria, 21 anos); *“Você trabalha mês inteiro e muito gastar tudo.”* (Qays, sírio solicitante de refúgio, 42 anos); *“Eu estou trabalhando como representante de venda de calça jeans, mas é muito fraco. Eu estou procurando outro trabalho, mas a economia aqui está fraca”* (Aziz, refugiado sírio, 32 anos)<sup>81</sup>; *“Nós precisamos sobreviver. Não é fácil viver em São Paulo, Brasil, especialmente quando você tem familiares que não trabalham, eles não têm trabalho e você tem que sustentar.”* (Khalil, refugiado sírio, 28 anos)<sup>82</sup>.

O primeiro trabalho que eu estava, o dono era árabe e vive aqui por quarenta ou cinquenta anos. Eu trabalhar na fábrica de roupas, o aluguel é R\$500, então eu comecei a trabalhar no Brás. Depois de doze dias era natal, o final do ano tive que trabalhar muito. Era melhor o salário. Depois de doze dias, eles me disseram ‘agora nós não temos trabalho, você pode juntar-se a nós em fevereiro e este é o dinheiro dos últimos doze dias’. E eu estava chocado ‘o que fazer agora?’. Eles não me falaram primeiro que o trabalho era só doze dias, eles falaram ‘vem trabalhar comigo’ e eles não me falaram o que fazer, é férias demais. Sem trabalho e eu tenho que pagar R\$500 de aluguel e R\$500 de comida. É R\$1000 apenas para viver, você não pode fazer nada. Eu estava chocado. Esse é período no Brasil sem trabalho, todas pessoas falam para mim ‘essa época você não vai achar emprego’. Então dez dias sem trabalho, só esperando e esperando. E, em janeiro, eu fui na Cáritas para fazer registro e conheci um rapaz que é meu amigo agora, ele é sírio, ele é chef e ele me disse ‘eu preciso de alguém para me ajudar no restaurante, você pode ir amanhã’. Eu disse ‘ok’ e comecei imediatamente. Mas algumas pessoas, às vezes um mês sem nenhum trabalho e ninguém ajuda você com dinheiro. (Dabir, sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>83</sup>

<sup>81</sup> Tradução livre do original: *“I’m working as a representante de venda de calça jeans, mas é muito fraco. I’m still looking for another work, but the economy here is fraco...”*

<sup>82</sup> Tradução livre do original: *“We need to survive. It’s not easy to live in São Paulo, Brazil, especially when you have members that do not work. They don’t have job and you need to support.”*

<sup>83</sup> Tradução livre do original: *“The first job I was, the owner Arabic live here for forty or fifty years. I work in the fábrica of clothes, the aluguel is R\$500, so I started to work in Brás. After twelve days it was Christmas, the end of the year I had to work too much. It was better the salary. After twelve days, they told me ‘Now we don’t have work, you can join us in February and this is the money for the last twelve days’. And I was chocked ‘what to do now?’. They*

Mesmo assim, muitos entrevistados afirmaram ter o trabalho como motivação para viver na cidade de São Paulo: “*Aqui em São Paulo tem muito trabalho*” (Zaim, refugiado sírio, 40 anos); “*Todos falar no Facebook não tem trabalho igual São Paulo. Vive aqui muito difícil, mas meu trabalho muito bom.*” (Talib, refugiado sírio, 28 anos).

Em relação à língua nativa, todos os estrangeiros residentes falam árabe (202); os residentes que declararam como língua nativa o português são cônjuges (2) e enteados (3) brasileiros do chefe da família. Quanto à língua falada em casa, a maior parte afirmou falar exclusivamente árabe (154), muitos já se comunicam em árabe e português (29), alguns se comunicam em árabe, português e inglês (11) e exclusivamente em português (11) por conta das crianças que falam bem a língua do país de destino, e apenas 2 disseram se comunicar exclusivamente em inglês. O número de respostas “não se aplica” foi grande devido à quantidade de bebês e crianças que ainda não falam nenhuma das línguas. Um entrevistado respondeu: “*Árabe. Nós falamos árabe em casa. Todos os lugares, 24 horas nós falamos português, pelo menos em casa nós precisamos lembrar nossa língua.*” (Khalil, refugiado sírio, 28 anos)<sup>84</sup>. Outro contou:

Olha, eu com esposa árabe. Com criança, meio a meio, porque minhas crianças fala muito bom, eu não entende para eles. Eles fala português, eles vem na escola e tudo aprendeu rápido. Agora tudo fala português. E eu mando ‘fala árabe’. Eu entende bem, fala mais ou menos. Eu quero aprender, mas trabalho. Saio cinco horas e vai para Guarulhos, muito longe. Eu quero fazer curso, mas não tem tempo. (Talib, refugiado sírio, 28 anos)

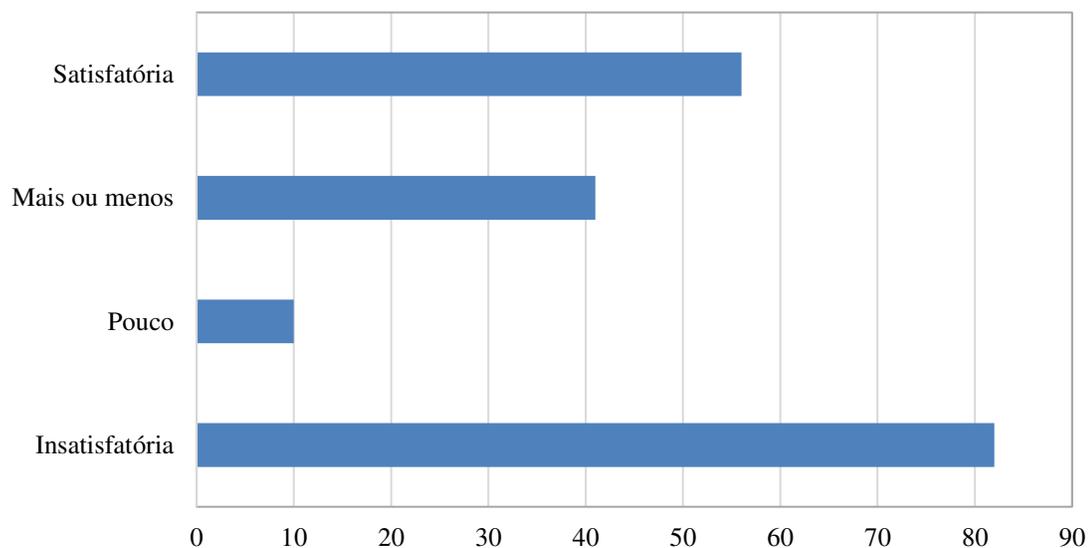
Ainda que a principal assistência na cidade de São Paulo seja justamente referente ao ensino da língua portuguesa, segundo os entrevistados, apenas 29% considerou a sua comunicação em português como satisfatória (Gráfico 14). Alguns afirmaram falar pouco português (5%) ou mais ou menos (21%), mas 43% considera insatisfatória a comunicação no idioma.

---

*don't tell me first the work was just twelve days, they tell me 'let's work with me' and they didn't tell me what to do, it's too much vacation. No work and I have to pay R\$500 for the aluguel and R\$500 for the food. It's R\$1000 just to live, you can't do anything. I was chocked. This is period of the year no work in Brazil, all people tell me 'this time you won't find a job'. So ten days without a job, just waiting and waiting. And in January I went to Cáritas to register and I met a guy that is my friend now, he's Syrian, he's a chef and he tell me 'I need someone to help me in the restaurant, you can go tomorrow'. I said 'ok' and immediately I started. But some people, sometimes, one month without any job and no one help you with money.*”

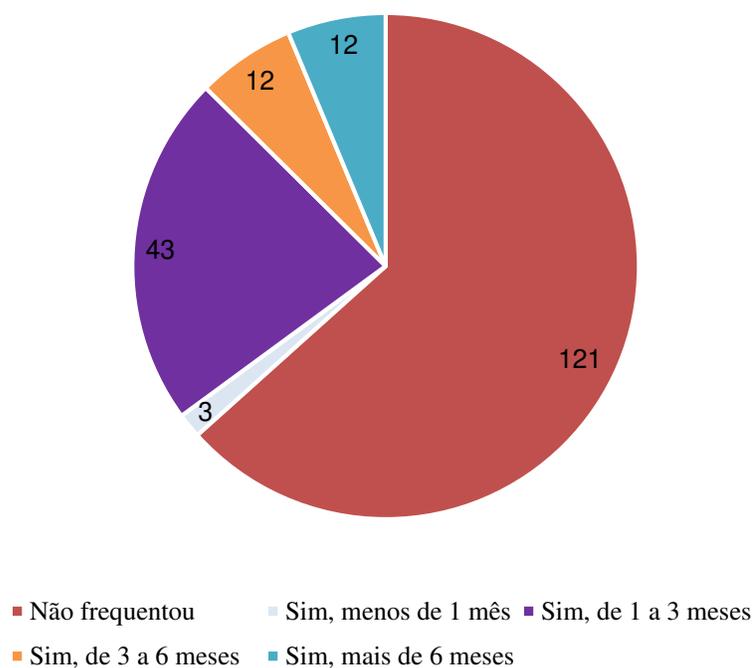
<sup>84</sup> Tradução livre do original: “*Arabic. We speak Arabic at home. All places, 24 hours we speak português. At least at home we need to remember our language.*”

**Gráfico 14**  
**Como considera a comunicação em português**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

**Gráfico 15**  
**Frequentou cursos de português**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

A dificuldade de comunicação é um reflexo da ausência de acesso às aulas de português. Mais da metade (63%) dos refugiados sírios captados pela pesquisa não frequentou curso do idioma no Brasil; e dentre os que frequentaram a maioria realizou apenas de 1 a 3 meses de curso (Gráfico 15). Ainda que diversas organizações ofereçam cursos gratuitos de português para refugiados sírios, muitos não conseguem fazer as aulas por dificuldade de transporte, horário e, às vezes, por falta de informações.

Ninguém me ajuda, né. Eu começando vida nova, tem que ir para mercado, hospital, tem muitas crianças. Eu não falo português, como eu vou fazer? Ninguém fala inglês, ninguém fala outra língua. Eu achei umas pessoas que falam inglês e me ajuda, mas em geral pessoas brasileiras quer ajudar mas não tem como para comunicar. E faculdade não tem outra língua para comunicar quem vem aqui para Brasil. É muito difícil. Meu irmão já conhece sete país na Europa, estudou lá, fez mestrado. Ele vem para aqui e não consegue aprender língua portuguesa. Ele estudou muito e tudo que ele estudou não tem valor aqui no Brasil sem língua. Tem que saber português e português não é fácil, é difícil para aprender. Nós estamos dezessete pessoas, como vai para aula? E no trem tem muitas pessoas, na Sé muitas pessoas, é horrível. Eu voltei para casa, não fui para aula. (Idris, refugiado sírio, 28 anos)

Agora não porque trabalho muito longo. Todo dia doze horas trabalho. Sete hora begin (começa) o trabalho e fecho sete hora. Vem para casa e espera, espera uma hora ônibus vem, depois em casa oito horas só. Não tem time (tempo), só comida e dormir. (Hamed, refugiado sírio, 38 anos)

O maior problema aqui é a língua. Se você não tem a língua, é muito muito impossível porque os brasileiros não têm todos uma cultura. Algumas pessoas não têm nenhuma cultura, não falam outra língua, não estudam na universidade. Na Síria, você aprende inglês na universidade porque você usa em muitos países. Agora meu inglês não muito bom porque eu não uso, por cinco anos eu não falo inglês. Eu gostaria de aprender português rápido. (Ubaid, refugiado sírio, 28 anos)<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> Tradução livre do original: “*The most problem here is the language. If you don’t have language, that’s very very impossible, because Brazilian people don’t all have a culture. Some people don’t have any culture, don’t speak other language, not studying in university. In Syria you learn English in university because you use in a lot of countries. Now my English not very good because I don’t use, for five years I don’t speak English. I wish to speak Portuguese fast.*”

Alguns tiveram uma experiência mais positiva com o idioma: “*Eu falo melhor porque falo inglês - inglês e português não muito diferente - e trabalho em empresa.*” (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos); “*Cáritas ajuda para nós falar português. Eu falo português.*” (Wakil, refugiado sírio, 54 anos); “*Comunicação boa, eu gosto. Na verdade, não muito bom, mas eu ando e todo dia eu escuto as mesmas palavras e eu sou bom em lembrar. Algumas coisas não são difíceis, não muito.*” (Dabir, sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>86</sup>;

Eu no Brasil só sete meses, ele aqui mais um ano. Eu mais, porque mulher gosta falar. Tudo mulher. Fala no trabalho, fala muito e trabalha muito. Muito fácil português. Português mais fácil que inglês, porque português tudo fala como escreve, inglês não. (Hessa, refugiada síria, 33 anos);

No trabalho temos muita coisa, eu entende, eu posso falar, mas não posso falar direito. Eu quero falar. Escrever português é melhor que falar. Estudo português sete meses, mas falo não porque é estudante, mas porque trabalho em empresa brasileira e tenho que falar tudo em português. Ninguém fala inglês lá.” (Said, refugiado sírio, 30 anos)

Outra área que os refugiados sírios admitiram ter muita dificuldade no Brasil é a habitação. A maioria chegou e foi morar em hotel (33%) ou já tinha casa alugada (32%), alguns ficaram na casa de amigos (15%) ou de parentes (11%), 5% ficaram em mesquitas e 4% em outro lugar. Muitos levaram menos de um mês (58) para conseguir uma residência fixa em São Paulo, alguns já tinham residência fixa ao chegar (52) por motivo de reunião familiar, os demais levaram entre 1 a 6 meses (37) ou mais de 6 meses (9), alguns ainda não tinham conseguido residência fixa (10) até a entrevista. No momento da entrevista, a maioria dos residentes estavam vivendo na habitação atual entre 1 e 6 meses (43%) ou 6 e 12 meses (27%), e alguns há menos de 1 mês (17%) ou mais de 1 ano (14%) (Tabela 8).

---

<sup>86</sup> Tradução livre do original: “*Communication good, I like. Actually, not very good, but I walk and everyday I hear the same words and I’m good in remembering. Some things are not difficult, not so much.*”

**Tabela 8**  
**População por tempo na residência atual**  
**São Paulo, 2015**

Tempo na residência	Residentes
Menos de 1 semana	4
De 7 a 15 dias	15
De 15 a 30 dias	13
De 1 a 6 meses	82
De 6 a 12 meses	52
De 12 a 24 meses	26
<b>Total (apenas familiares)</b>	<b>192</b>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Algumas das queixas em relação à moradia no país de destino foram burocracia, preço, localização e segurança. Alguns entrevistados relataram suas experiências para conseguir habitação em São Paulo: “*Nós fomos para hotel, muito caro, porque aqui você não pode alugar casa sem um monte de documentos*” (Uthman, refugiado sírio, 30 anos)<sup>87</sup>; “*Eu fico no hotel doze dias. Depois eu morei com um amigo, eu conhece ele em Cáritas. Eu dormi na casa dele um mês, sem cama, sem nada. Depois um mês eu consegui ficar num casa.*” (Seif, refugiado sírio, 28 anos); “*Meu marido fica na rua três dias, depois foi para mesquita. Fica na mesquita acho que um mês. Depois ele trabalhar e aluga.*” (Suhayr, refugiada síria, 21 anos); “*Eu vivo aqui em um abrigo, em uma igreja*” (Munir, refugiado sírio, 51 anos)<sup>88</sup>; “*Eu morei em um motel por 5 dias. Então, eu fui morar com amigos sírios no Brás, éramos quatro pessoas em um quarto. Eu morei com eles por quatro meses e, então, consegui um quarto para mim, é melhor morar sozinho.*” (Aziz, refugiado sírio, 32 anos)<sup>89</sup>;

Eu fiquei 45 dias para alugar casa. Ninguém quer me alugar casa porque eu não tenho fiador, nada, só depósito. Eu tava com sete pessoas seis meses em um apartamento de 30m<sup>2</sup>, eu tava dormindo no corredor. Eu tentando arrumar casa, mas ninguém aceitou. Eu conhece muitas imobiliárias aqui, eu quero casa, eu vou pagar. Depois eu aluga casa grande com seis quartos para minha família. Eu já paguei R\$18.000 só para seguro título

<sup>87</sup> Tradução livre do original: “*We go to hotel, very expensive, because here you can’t rent house without a lot of documents.*”

<sup>88</sup> Tradução livre do original: “*I live here in a shelter, in a church.*”

<sup>89</sup> Tradução livre do original: “*I lived in a motel for 5 days. Then, I went to live with Syrian friends in Brás. We were four people in one room. I lived with them for 4 months and then I get a room for myself, it’s better to live alone.*”

de capitalização porque tem que pagar seis meses antes. É difícil, né. E ninguém trabalhando, como vou fazer? Se eu não falava português como trabalha? Eu trabalha com árabe no Brás. Meu primo trabalha nove meses lá e não registrou ele. Difícil, né. (Idris, refugiado sírio, 28 anos);

Eu tive informação de onde eu poderia encontrar árabes e muçulmanos. Então, eu vou para o Brás com o *google maps* por conta própria. Então, no Brás eu fui na mesquita, então conheci pessoas lá e tentei encontrar acomodação. Então, eu encontrei alguém da minha região. Eu não conhecia ele, mas ele disse que é da minha região e nós conhecemos as famílias. Ele disse ‘eu vou te ajudar’ e ele me levou para sua acomodação, e eu fiquei lá dividindo o lugar. Eu fiquei lá só um mês, depois disso eu comecei a trabalhar em um restaurante e eles falaram que dão acomodação. (Dabir sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>90</sup>

Além de contar a própria experiência, Dabir completou:

Você sabe, não é fácil. E algumas pessoas roubaram dinheiro dos sírios. Alguns sírios vêm com dinheiro e eles roubaram seu dinheiro. Eu escuto algumas pessoas dizer que um rapaz disse que eles iam ajudar a família a encontrar uma acomodação, conseguir um apartamento, dá o dinheiro e depois sem acomodação. E não tem lei para proteger você. E essas pessoas não falam nada, eles não podem se defender. Eles não falam português e nem todos os sírios falam inglês também, e nem todos os brasileiros falam inglês. Então, algumas pessoas sem dinheiro, eles sofrem demais, especialmente as famílias. (Dabir sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>91</sup>

Dentre os residentes estrangeiros, apenas 1 já havia vindo para o Brasil antes. Fouad é comerciante e já havia visitado o Brasil mais de 20 vezes a trabalho e, em 2014, casou-se com uma brasileira e se mudou para o país definitivamente. Fouad é sírio com visto para residência

---

<sup>90</sup> Tradução livre do original: “*I had information where I could find Árabes and muçulmanos. So, I go to Brás by google maps by myself. So, in Brás I went to the mosque – mesquita - so I meet people there and I tried to find accomodation. So I met someone from my region. I didn’t know him, but he said he’s from my region and we know the families. He said “I’ll help you” and he take me to his accomodation, and I stayed there sharing. I stayed in this just one month, after that I started to work in the restaurant and they said we have accomodation.*”

<sup>91</sup> Tradução livre do original: “*You know, it’s not easy. And some people stole money from Syrians. Some Syrians come with money and they stole their money. I hear some people that a guy say that they will help the family to find accomodation, get an apartment, give the money and after that no accomodation. And there is no law to protect you. And this people don’t talk anything, they can’t defend themselves. They don’t speak Portuguese and not all Syrians speak English also, and not all Brazilian speak English. So, some people without money, they suffer too much, speacially the families.*”

permanente por motivo de casamento, mas foi incluído na presente tese uma vez que seu filho está no Brasil com a documentação de refugiado. Todavia, segundo Fouad, o filho não precisava do visto por questões políticas ou humanitárias, eles decidiram entrar com o pedido apenas porque era mais fácil e mais rápido do que o pedido de reunião familiar:

Eu não sou refugiado, meu filho é. Eu tenho cidadania brasileira. Temos opção, mas é mais fácil ficar refugiado agora, mas depois vai viver e casar aqui, vai mudar. Isso que eu falei para você, não é caso de refugiado.” (Fouad, sírio com residência permanente, 57 anos)

Além de nunca ter vindo ao Brasil anteriormente, a maioria dos residentes estrangeiros sequer conhecia alguém antes de vir para o país (70%), outros tinham amigos (16%) ou familiares (14%) que já estavam refugiados aqui. Alguns contaram que entraram em contato com outros sírios em grupos do Facebook que tem a finalidade de ajudar refugiados: “*Conversou só na internet. Coisas como a vida, quanto precisa para ficar, trabalho, dinheiro, só para isso.*” (Said, refugiado sírio, 30 anos); “*Antes de vir eu falei com pessoas aqui no Facebook, eu baixei vídeos sobre português, mas eu não entendi nada.*” (Aziz, refugiado sírio, 32 anos)<sup>92</sup>; “*Tem uma página no Facebook para sírios aqui. Daí a gente entra nessa página e pergunta para as pessoas sobre como viver aqui*” (Boulus, refugiado sírio, 19 anos)<sup>93</sup>.

Quando perguntados sobre o país que viviam em 2005 e 2010, 96% dos estrangeiros viviam na Síria. Em 2005, havia 6 indivíduos nos Emirados Árabes, 1 na China e 1 em Dubai; e, em 2010, 2 indivíduos na Jordânia, 1 no Catar, 1 em Dubai, 1 no Egito, 1 no Líbano e 1 na Líbia. Segundo os entrevistados, o sírios não têm o costume de mudarem de cidade, região ou país como os brasileiros:

As pessoas árabes geralmente ficam na mesma área, nós não trocamos ou mudamos de lugar. Nos países árabes nós ficamos com a família junta, com minha esposa, meus filhos, meu tio, meu pai, minha mãe, tudo. Em Brasil, não, pequena família. Em países árabes,

---

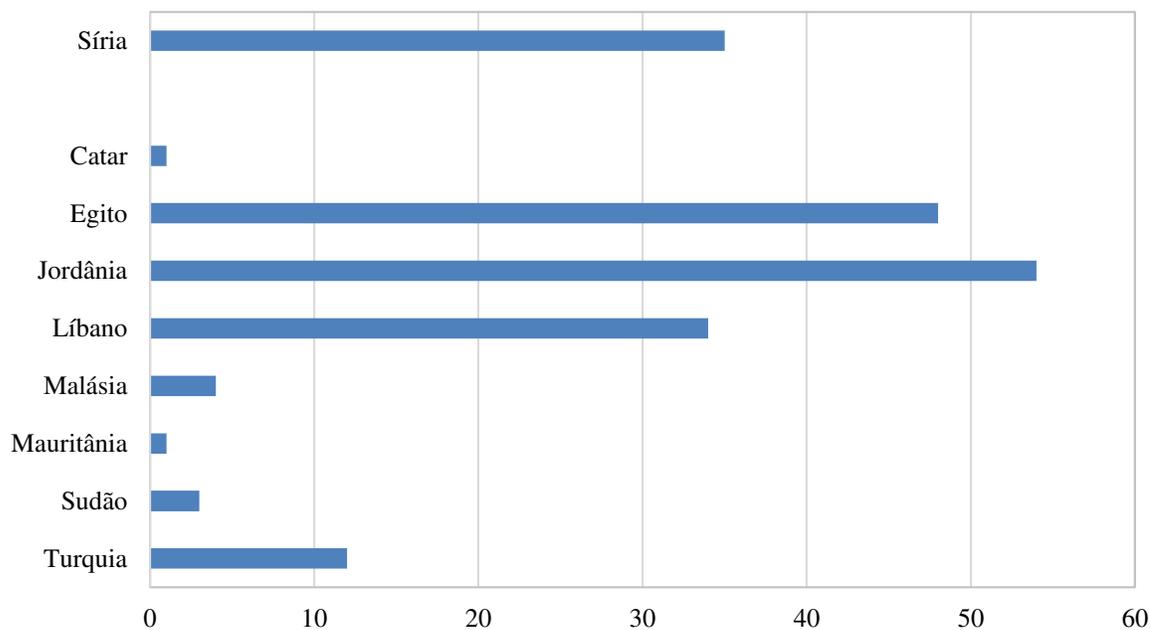
<sup>92</sup> Tradução livre do original: “*Before coming I talked to people here in Facebook, I downloaded vídeos about Portuguese but I didn’t understand anything.*”

<sup>93</sup> Tradução livre do original: “*There is a page on Faacebook for Syrian people here. Then we get in this page and ask the people about how to live here*”

família grande, então nós vivemos juntos na mesma área, não saímos. (Essam, refugiado sírio, 41 anos)<sup>94</sup>

Todavia, com o início da guerra na Síria, muitos tiveram que deixar o país de origem, mas a maioria não veio direto para o Brasil. Apenas 18% dos refugiados e solicitantes de refúgio sírios vieram direto da Síria para o Brasil, o restante viveu em outros países antes como: Jordânia (28%), Egito (25%), Líbano (18%), Turquia (6%), Malásia (2%), Sudão (2%), Catar (1%) e Mauritânia (1%) (Gráfico 16).

**Gráfico 16**  
**Último país de residência**  
**(antes de vir para o Brasil), 2015**

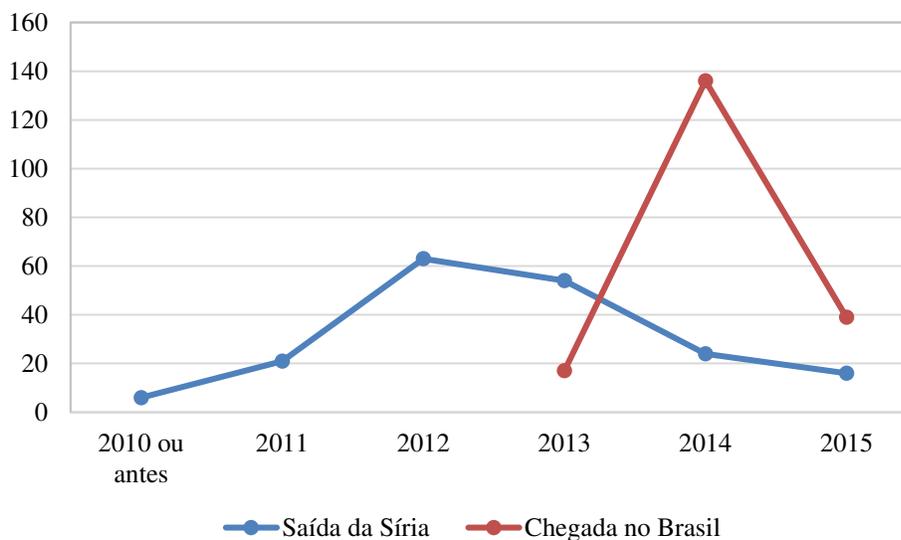


Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

A maior parte dos refugiados e solicitantes de refúgio sírios saiu do país de origem em 2012 e 2013; e 71% chegaram no Brasil em 2014 (Gráfico 17).

<sup>94</sup> Tradução livre do original: “Arabic person often stay in the same area, we don’t change, move this place. In Arabic country we stay with the family together, with my wife, my children, my uncle, my father, mother, tudo. Em Brasil não, pequena família. In Arabic country big family, so we live together in the same area, not go.”

**Gráfico 17**  
**Ano de saída da Síria**  
**e ano de chegada no Brasil**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

A média de tempo entre saída da Síria e chegada no Brasil foi de 32 meses, ou seja, pouco mais de 2 anos e meio. Muitos entrevistados não lembravam a data exata de saída e chega, apenas mês e ano; já outros afirmaram ser impossível esquecer: “*Claro que eu sei, não posso esquecer isso*” (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>95</sup>; “*Eu cheguei aqui na noite de Natal*” (Seif, refugiado sírio, 28 anos).

Entre os países que os indivíduos passaram antes de chegar no Brasil, estão: Líbano (69), Jordânia (59), Egito (56), Arábia Saudita (17), Turquia (17), Malásia (6), Sudão (6), Emirados Árabes (3), Dubai (2), África do Sul (1), Catar (1), Curdistão (1), Iraque (1), Líbia (1), Mauritânia (1), Rússia (1), e Tailândia (1). Apenas 14 indivíduos viajaram direto da Síria para o Brasil, a maioria passou por 1 país antes (126), alguns por 2 países (23) ou 3 países (23), e poucos por mais de 4 países (4).

As principais trajetórias migratórias captadas pela pesquisa foram: Síria > Líbano > Brasil (43); Síria > Egito > Brasil (41); Síria > Jordânia > Brasil (36); Síria > Jordânia > Arábia Saudita > Jordânia > Brasil (15); Síria > Turquia > Brasil (5); Síria > Líbano > Turquia (5); Síria > Egito > Sudão > Brasil (5); Síria > Jordânia > Líbano > Brasil (4); além de outras 18 trajetórias feitas por menos de 3 indivíduos cada (Figura 11).

<sup>95</sup> Tradução livre do original: “*Of course I know, I can’t forget this*”

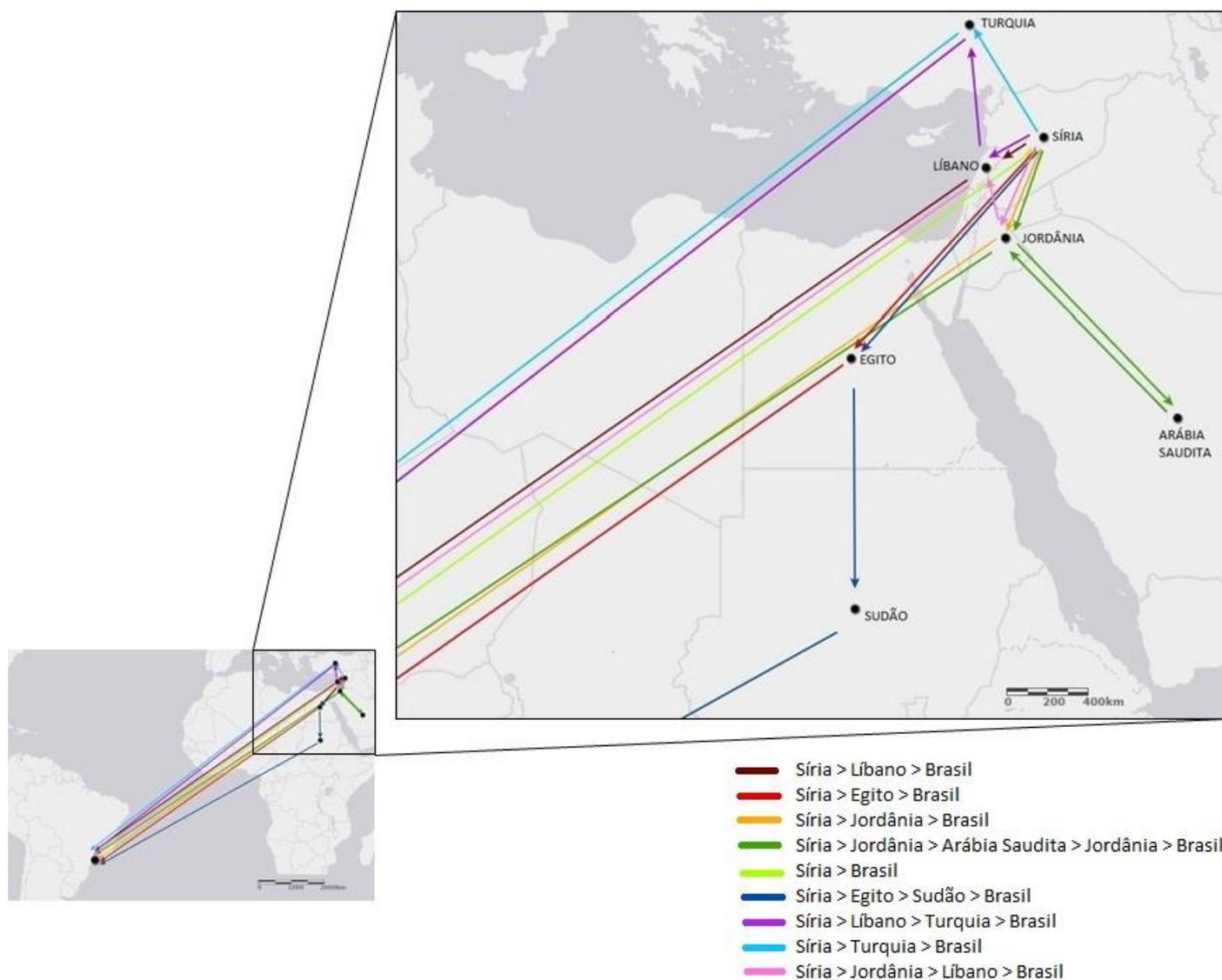


Figura 11 Principais trajetórias dos sírios refugiados e solicitantes de refúgio

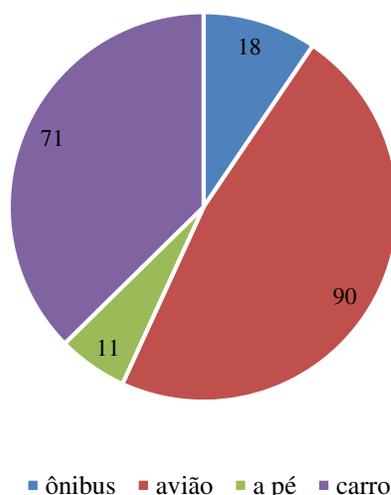
Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Quase metade dos indivíduos saiu da Síria de carro (47%), muitos de carro (37%), e alguns de ônibus (9%) ou a pé (6%) (Gráfico 18). Dois respondentes contaram que alguns familiares tiveram que ir caminhando para o campo de refugiados na Jordânia: “*Minha esposa foi a pé para Jordânia porque entrou ilegal para o Zaatari Camp, mas ela fica só quatro horas lá porque eu já tinha casa na Jordânia.*” (Idris, refugiado sírio, 28 anos); “*Eles foram para o campo*

de Zaatari porque nem todos têm passaporte, andaram mais de 16 horas” (Akhim, refugiado sírio, 39 anos)<sup>96</sup>. E outro disse:

Ônibus porque polícia não pode nós viajar. Depois, eu estava com medo (I was afraid), medo porque tem primo e meu irmão também, eles são procurados (they were wanted), tem nome de família. E depois eu pagar dinheiro para motorista do ônibus por causa de polícia na fronteira (in the border). (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos)

**Gráfico 18**  
**Como saiu da Síria**

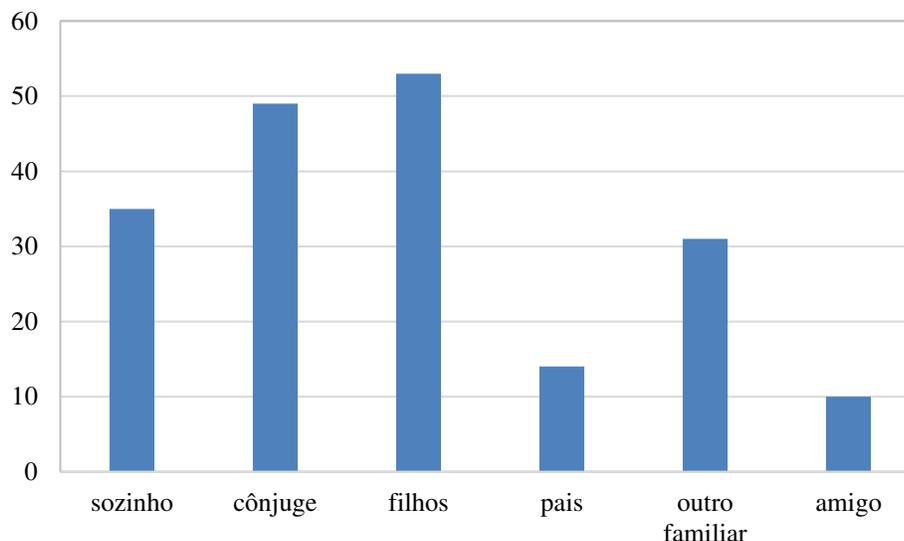


Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Ainda que tenham passado por diversos países, apenas 14% solicitou refúgio em algum outro país anteriormente, sendo estes, Líbano, Jordânia, Egito e Curdistão. Quando questionados sobre com quem viajaram da última vez, 18% dos maiores de 18 anos viajaram sozinhos, 26% com cônjuge, 28% com filhos, 7% com pais, 16% com outro familiar, e 5% com amigos (Gráfico 19). Quanto aos menores de 18%, todos viajaram com pelo menos 1 dos pais; dos 59 menores estrangeiros, 14 viajaram só com os pais e 45 viajaram com pais e outros familiares, especialmente irmãos.

<sup>96</sup> Tradução livre do original: “They went to Zaatari camp because not all of them have passport, walking more than 16 hours”

**Gráfico 19**  
**Com quem viajou da última vez**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Em relação aos recursos para a viagem, 67% dos maiores de 18 anos viajaram com as próprias economias, 23% pediram dinheiro emprestado para familiares, 7% pediram dinheiro para amigos, e 2% de outra forma. Todos chegaram ao Brasil de avião, no aeroporto Internacional de Guarulhos, com visto e entrada legal.

O questionário “Sírios em São Paulo” não perguntou para os indivíduos diretamente a respeito de reunião familiar; no entanto a partir das variáveis presentes no banco de dados foram reconstruídas possíveis reuniões familiares (CALEGARI, 2014) no destino. Não se pode afirmar quais indivíduos utilizaram o aparato legal da reunião familiar para conseguir o estatuto de refugiado; todavia, no caso dos sírios, a obtenção da condição de refugiado facilitada pela Resolução Normativa n.17 faz com que esses indivíduos não precisem utilizar esse instrumento jurídico específico.

Quando analisamos as datas de chegada de cada indivíduo, pudemos observar que das 82 famílias da pesquisa: em 28 famílias todos os membros chegaram juntos; 17 famílias tiveram pelo menos um membro que chegou separado dos demais; há 30 casos em que os indivíduos ainda estão sozinhos no Brasil, muitos aguardando familiares ausentes; e 8 casos em que a questão não se aplica porque os chefes são brasileiros ou ausentes.

Desses 30 indivíduos residentes que estão sozinhos, 22 são refugiados, 8 são solicitantes de refúgio; 29 são homens e apenas 1 é mulher; a média etária é de 29 anos; 26 são solteiros, 3 casados e 1 separado; e esperam, em média, mais 2 familiares que foram listados como ausentes. As famílias que chegaram juntas têm, em média, 4 membros residentes (sem contar os nascidos no Brasil); são chefiadas por 18 refugiados e 9 solicitantes de refúgio; todos os chefes são homens com, em média, 38 anos. No caso das 16 famílias em que menos um membro chegou separado dos demais, elas têm cerca de 4 membros residentes (sem contar os nascidos no Brasil); são chefiadas por 12 refugiados, 3 indivíduos que conseguiram residência permanente por teres filhos brasileiros, e 1 solicitante de refúgio; todos os chefes são homens com, em média, 34 anos.

**Tabela 9**  
**Possíveis reuniões familiares**  
**São Paulo, 2015**

Família	Indivíduo	Condição jurídica	Mês/ano de chegada	Relação com o chefe da família	Sexo	Idade
1	1	refugiado	fev/14	Chefe	masculino	28
	2	refugiado	jun/14	Irmão	masculino	24
2	1	refugiado	dez/13	Chefe	masculino	26
	2	refugiado	fev/14	cônjuge	feminino	21
3	1	refugiado	abr/14	Mãe	feminino	45
	2	refugiado	abr/14	Irmão	masculino	19
	3	refugiado	abr/14	Irmã	feminino	15
	4	solicitante	abr/15	Chefe	masculino	25
4	1	refugiado	mar/14	Chefe	masculino	38
	2	refugiado	set/14	cônjuge	feminino	29
	3	refugiado	set/14	Filho	masculino	2
	4	refugiado	set/14	Filha	feminino	3
5	1	refugiado	out/14	Chefe	masculino	40
	2	solicitante	mar/15	cônjuge	feminino	27
	3	solicitante	mar/15	Filho	feminino	7
	4	solicitante	mar/15	Filha	masculino	5
	5	solicitante	mar/15	Filha	feminino	2
6	1	refugiado	mai/14	Chefe	masculino	41
	2	refugiado	out/14	cônjuge	feminino	33
	3	refugiado	out/14	Filho	masculino	19
	4	refugiado	out/14	Filha	feminino	15
	5	refugiado	out/14	Filha	feminino	14
	6	refugiado	out/14	Filho	masculino	9

7	1	refugiado	jan/14	Chefe	masculino	30
	2	refugiado	fev/14	cônjuge	feminino	33
	3	refugiado	fev/14	Filha	feminino	5
8	1	refugiado	abr/14	Chefe	masculino	38
	2	refugiado	jan/15	cônjuge	feminino	35
	3	refugiado	jan/15	Filho	masculino	15
	4	refugiado	jan/15	Filha	feminino	12
	5	refugiado	jan/15	Filha	feminino	0
9	1	refugiado	jan/15	Chefe	masculino	24
	2	refugiado	abr/15	cônjuge	feminino	18
	3	refugiado	abr/15	Filha	feminino	3
10	1	residente	fev/14	Chefe	masculino	57
	2	solicitante	fev/15	Filho	masculino	31
11	1	solicitante	jan/14	Chefe	masculino	51
	2	solicitante	out/14	cônjuge	feminino	50
12	1	solicitante	mar/14	Chefe	masculino	31
	2	solicitante	jul/14	cônjuge	feminino	27
	3	solicitante	jul/14	Filha	feminino	9
	4	solicitante	jul/14	Filha	feminino	6
	5	solicitante	jul/14	Filha	feminino	5
	6	solicitante	jul/14	Filha	feminino	2
13	1	residente	jun/14	Chefe	masculino	29
	2	residente	jul/14	cônjuge	feminino	25
14	1	residente	mar/14	cônjuge	feminino	27
	2	residente	mai/14	Chefe	masculino	25
15	1	refugiado	dez/13	Chefe	masculino	23
	2	refugiado	abr/14	outro familiar	masculino	23
16	1	refugiado	abr/14	Chefe	masculino	35
	2	solicitante	jan/15	cônjuge	feminino	30
	3	solicitante	jan/15	Filho	masculino	5
	4	solicitante	jan/15	Filho	masculino	4

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Nessas possíveis reuniões familiares (Tabela 9), o primeiro membro a chegar foi, geralmente, o chefe da família (14), há apenas 1 caso em que a mãe chegou primeiro e o filho é o chefe da família, e outro em que a cônjuge chegou antes com os pais dela. Em quase todos os casos o primeiro membro da família veio sozinho e depois os outros vieram juntos, há apenas 1 caso em

que a mãe veio com 2 filhos e o filho mais velho chegou depois. A média de tempo entre a chegada do primeiro membro da família e os demais foi de 5 meses.

Sobre possíveis futuras reuniões familiares, alguns dos participantes da pesquisa declararam: *“Eu trouxe meu irmão, mas ele mora Paraná. Ele é casado, mas esposa dele na Síria ainda, filhos também. Acho que ele vai trazer eles, eles quer, mas depende de dinheiro e lugar de ficar.”* (Said, refugiado sírio, 30 anos); *“Eu quero convidar minha esposa para vir para o Brasil, minha esposa na Síria agora”* (Ubaid, refugiado sírio, 28 anos)<sup>97</sup>; *“Agora eu pesquisa casa porque meu pai morre e minha mãe sozinha, precisa ela vem. Antes irmão morava no Zaatari camp, em Jordânia, agora ele aqui.”* (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos);

Meu primo agora está viajando para Turquia. Eu levei ele para aeroporto para viajar Turquia, mas não deixou ele viajar porque ele é sírio, não tem visto de trânsito. Ele tem família grande, tem sete crianças e esposa. Ele vem primeiro para Brasil tentar trabalhar e depois todo mundo vem aqui, mas ele não conseguiu trabalho. Se ele trabalha com mil reais por mês ele não vai conseguir trazer toda família dele, só depois dois anos se ele não comer nada, mil reais um mês, doze mil um ano, vinte e quatro mil dois anos, e pronto só valor do ticket do avião. Difícil, o tíquete de cada pessoa mil dólar, três mil reais. Então ele tem que trabalhar aqui três meses para trazer uma pessoa, sem comer, sem gastar nada. (Idris, refugiado sírio, 28 anos)

E sobre o aparato jurídico de reunião familiar, dois entrevistados disseram: *“O RNE da esposa do meu irmão e da filha não chegou, demorou porque é processo de reunião familiar.”* (Idris, refugiado sírio, 28 anos);

Eles só fazem uma conexão se é esposa e filhos. Tipo assim, irmão, pai, mãe, não; só filhos se eles são menores de 18 anos e se você tem uma esposa, só assim. Agora mãe e pai é outra luta. Todo mundo tem uma luta. Você pode pedir isso, você pode ir na Polícia Federal e dizer que você tem uma mãe na Síria e ela está em uma situação difícil. Você pode pedir isso, mas não é algo automático. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>98</sup>

<sup>97</sup> Tradução livre do original: *“I want to invite my wife to come to Brazil. My wife in Syria now.”*

<sup>98</sup> Tradução livre do original: *“They only make a connection if it is a wife or children. Like this, brother, father, mother, no. Just kids if they are less than 18 or if you have a wife, just this. Now mother and father it’s another fight. Everybody has a fight. You can ask for this, you can go to Polícia Federal and say you have a mother in Syria and she has hard situation. You can ask for this, but it’s not something automatic.”*

Quando questionamos sobre familiares refugiados em outros países, Abdul disse rindo “*Ih... Agora tudo os sírios têm família refugiada em outros países. Eu tem na Alemanha e Suíça. Amigo na França e Holanda. Agora tudo país tem sírio.*” (Abdul, refugiado sírio, 42 anos). Pouco mais da metade dos refugiados sírios que vive em São Paulo, alcançados pela pesquisa, afirmou ter familiares refugiados em outros países (54%). Os países citados foram: Egito (49), Líbano (39), Turquia (37), Alemanha (32), Jordânia (29), Dinamarca (18), Suécia (12), Emirados Árabes (10), Suíça (6), Holanda (5), Áustria (4), Estados Unidos (4), Grécia (4), Rússia (4), Canadá (3), Arábia Saudita (2), Noruega (2), Kuwait (2) e Bulgária (1). A grande maioria disse utilizar a internet para entrar em contato com familiares que vivem em outros países (44%), alguns utilizam o telefone (8%), poucos não têm contato com familiares (4%), e os demais não responderam à pergunta.

Dos 192 estrangeiros captados pela pesquisa, apenas 3 não entraram com o pedido de refúgio. Dentre os que solicitaram, 57% o fizeram assim que chegaram ao Brasil; os demais demoraram, em média, 3 meses para fazê-lo. No momento da aplicação do questionário, 87 indivíduos ainda aguardavam o julgamento do pedido de refúgio. Os outros 102 indivíduos conseguiram a condição jurídica de refugiado, em média, 4 meses após a solicitação. Assim, o tempo médio entre a chegada no Brasil e a obtenção do RNE (Registro Nacional do Estrangeiro) foi de 7 meses. Todos os indivíduos foram reconhecidos em primeira instância.

A respeito do motivo que os levaram a escolher o Brasil como país de asilo, quase todos disseram que o Brasil é o único que concede visto para sírios atualmente. A pergunta sobre a motivação da escolha do Brasil como país de destino era aberta; algumas respostas foram organizadas no Quadro 6.

QUADRO 6 – MOTIVO PELO QUAL ESCOLHEU VIR PARA O BRASIL

Nome fictício	Idade	Resposta
Adilah	50	“Só Brasil abre a porta”
Khalil	28	“Eu não escolhi o Brasil, o Brasil me escolheu” <sup>99</sup>
Johara	33	“Brasil foi o único que disse ‘bem-vinda’, todos os outros disse ‘fora, fora, fora!’ ‘Você síria? Fora’, tudo país árabe também. Na viagem para Brasil eu tenho trânsito em Dubai, eu falar para segurança ‘Por favor, eu quero quarto para mim e minha filha, tenho 10 horas de trânsito’. Ele ‘Não, você síria, fora. Não pode.’ Só Brasil falar ‘bem-vinda’.”
Abdul	42	“Não eu escolhi Brasil. Para mim que é da Síria, Beirute ruim. Eu procurar outro país para sair, mas outro – América, Canadá – mas é difícil para visto para sair. Mas só Brasil em 2013 abre para todos os sírios se você quiser vir aqui. Então visto fácil e eu só preciso passaporte para tirar visto, por isso eu escolhi Brasil. Então não eu escolhi Brasil, Brasil escolheu.”
Suhayr	21	“Porque não tem país me deixa entrar, eu e minha família, não. Só se nós viaja em mar, tá bom. Mas avião não tem, só Brasil. E não tem país que dá para mim visto. Eu vai para consulado América, vai para muitos muitos consulados, mas não dá para mim visto não. Então, só Brasil dá para mim.”
Ghassam	33	“Só Brasil dá visita, Europa não tem visita. Não, visto, desculpa. Só Brasil dá visto. Arábia Saudita, Dubai, não. Só Brasil. Europa, América, não. Só Brasil.”
Hamed	38	“Eu não sabe Brasil. Eu não sabe Brasil bom, não bom. Depois não trabalho Síria e só Brasil visa (visto), não tem outra. Depois guerra só Brasil visa (visto). Primeiro só Brasil, depois tudo país e agora só Brasil. Depois tudo família aqui.”
Ishaq	54	“Não tem outro país” <sup>100</sup>
Said	30	“Só Brasil deu para mim visto. É o único que abre as portas para você. É mais fácil.”
Talib	28	“Porque nenhum outro país abre para receber sírios.”
Akhim	39	“Eles ajudaram mais do que qualquer outro país. Nenhum outro país deu passaporte para meus filhos, só Brasil.” <sup>101</sup>
Nurdin	27	“Só o Brasil nos dá visto, mas também por causa de trabalho. Eu disse para mim mesma ‘vá lá, tenha muitas oportunidades, trabalhe muito’. E eu senti que se eu venho para cá, eu conseguirei um trabalho rápido. Mas quando eu cheguei aqui, eles pediram meus documentos, e depois de sete meses eu peguei meus documentos. Agora posso trabalhar, mas não é fácil conseguir alguma coisa.” <sup>102</sup>
Ubaid	28	“Todos os países, sobre a guerra, eles não dão visto para sírios. Sem visto para pessoas sírias. As pessoas sírias não encontram nenhuma opção, nenhum país. Brasil abriu um visto para sírios, visto fácil. E eu também escolhi o Brasil por causa da religião, eu não gosto de país árabes; na Síria agora tem guerra por causa de religião” <sup>103</sup>
Moal	34	“Porque Brasil muito bom. Pessoas muito boas aqui. Não tem nenhum outro país que me dá visto, só Brasil. Muito bom Brasil.” <sup>104</sup>

<sup>99</sup> Tradução livre do original: “I did not choose Brazil, Brazil choose me”

<sup>100</sup> Tradução livre do original: “There is no other country.”

<sup>101</sup> Tradução livre do original: “They helped more than any other country. No other country gave passport to my children, just Brazil.”

<sup>102</sup> Tradução livre do original: “Only Brazil give us visa, but also because of work. I told myself ‘go there, have a lot of opportunities, work a lot. And I felt if I go here I’ll get a job very fast. But when I got here they asked for my documents, and after seven months I got my documents. Now I can work, but it’s not easy to get anything.”

<sup>103</sup> Tradução livre do original: “All the other countries, about the war, they don’t give visa for Syrian. No visa for Syrian people. Syrian people don’t find any choice, any country. Brazil open a visa for Syrian, visa easy. And I choose Brazil also because of religion, I don’t like Arabic country; in Syria now, there is war because of religion.”

<sup>104</sup> Tradução livre do original: “Because Brazil very good. Very good the persons here. There is no any country give me visa, just Brazil. Very good Brazil.”

Seif	28	<i>“Brasil me escolhe. Eu fui para quatorze embaixadas – Estados Unidos, Canadá, França, Inglaterra, Nova Zelândia, Argentina, Chile... Quatorze até Brasil. Brasil só foi até lá, vi na internet o que precisa para documentação, essas coisas. Eu fui outras embaixadas e geralmente tem mesma documentação – passaporte, fotos, essas coisas. Eu fui para lá, perguntei para a embaixada, ninguém para Brasil, não tem pessoas na fila. Eu entrei e a funcionária falou ‘O que você quer?’, ‘Eu quero visitar Brasil’. Falei fazer turismo porque tem país que fica muito bravo comigo, igual França e Austrália. Muito muito ruim as embaixadas. Então ela falou ‘Qual país você?’, ‘Síria’. Ela falou ‘Tem passaporte? Esse site quais são as coisas’, eu falei ‘Já tem tudo’. Ela respondeu ‘Tem fotos?’, não perguntou se é estudante, nada. Ela só falou ‘Esse é o ingresso, vai para o banco fazer pagamento e na volta você vai conseguir seu visa. No mesmo momento eu vou. Nem acredito. Eu fui, fiz pagamento, volta lá e ela disse ‘Esse é seu visa’. Eu só tirei adesivo para o passaporte e só. Nem acredito.”</i>
Masud	28	<i>“Coincidência. Quando foi para Líbano, encontrei alguém que conhece alguém aqui e sugeriu para tentar conseguir o visto e consegui.”</i>
Inas	50	<i>“Tudo país está fechado porta. Brasil abre porta para refugiado. Tudo mundo sabe que Europa e Estados Unidos tá fechado. E a gente fica agradecido Brasil.”</i>
Leena	30	<i>“Porque nenhum outro lugar abre porta, só Brasil.”</i>
Uthman	30	<i>“Porque Brasil dá visto. Brasil é um país muito bom. Você sabe, sírios e libaneses vieram cerca de cinquenta anos atrás e eles oferecem emprego tipo em restaurante.”<sup>105</sup></i>
Idris	28	<i>“Eu não conhecia Brasil. Tem muitas pessoas falou para mim ‘não vai lá porque não seguro’. Eu vim aqui para descobrir.”</i>
Aziz	32	<i>“É muito estranho. Eu estava em Istambul com amigos e todos os meus amigos falaram que o Brasil estava aberto para sírios. Eu não acreditei neles. Eles disseram ‘okay, vamos amanhã de manhã no Consulado do Brasil’. Então eu me candidatei e depois de duas semanas eu peguei o visto. Uau. Impressionante. Por causa da guerra, agora todos os países árabes fecharam para sírios. Não, eu não posso ir para países árabes, eu preciso de visto e é muito muito muito complicado. Então, meu plano, eu conversei com meu pai, era conseguir um visto de outro país. Meu pai disse ‘não, venha com a gente para o Egito’. Então eu tentei, me candidatei duas vezes para o Egito, mas não. Eu precisava de outro passaporte, porque eu sou sírio não posso ir. Eu fui para a Turquia, mas é difícil. Então eu estava pensando ‘onde, onde, onde’ e muitas pessoas ouviram sobre Brasil, então eu decidi vir para cá. No futuro, em 3, 4 ou 10 anos, eu vou pegar um passaporte brasileiro. Eu serei brasileiro e poderei ir para qualquer lugar. É muito difícil agora para sírios por causa da guerra lá.”<sup>106</sup></i>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Quando questionados sobre o motivo que os levou a escolher a cidade de São Paulo, a maior parte dos respondentes disse que foi trabalho (20) e a grande presença de árabes (16), alguns citaram melhores condições em geral (7), morar próxima a parentes (5), foi a cidade que chegou

<sup>105</sup> Tradução livre do original: “Because Brazil give visa.” “Brazil is a very nice country. You know, Syrian and Lebanese came about fifty years ago and they offer job like in restaurants.”

<sup>106</sup> Tradução livre do original: “It was very strange. I was speaking in Istambul with friends and all of my friends said that Brazil was opened for Syrians. I didn’t believe them. Then I said ‘okay, let’s go tomorrow morning to the Consul of Brazil’. Then I applied and after two weeks I get the visa. Wow. Impressive. Because of the war, now all the Arabic countries closed for Syrians. No, I can’t go to Arabic countries, I need visa and it’s very very very complicated. So my plan, I discussed with my father, was to get a visa for another country. My father said ‘no, come to us in Egypt’. Then I tried, I applied two times for Egypt, but no. I needed another passport, because if I’m Syrian I can’t go. I went to Turkey, but it’s difficult. Then I was thinking ‘where, where, where’ and a lot of people hear about Brazil so I decided to come here. In the future, in 3, 4 or 10 years, I will get a Brazilian passport. I will be Brazilian and the I can go anywhere. Is really difficult now for the Syrian because of the war there.”

(5), e outros motivos como estudos, transporte e moradia. O Quadro 7 apresenta algumas respostas para a pergunta aberta:

QUADRO 7 – MOTIVO PELO QUAL ESCOLHEU MORAR EM SÃO PAULO

Nome fictício	Idade	Resposta
Abdul	42	<i>“Eu foi no embaixador no Beirute, embaixador Brasil no Beirute, e uma mulher falou que o melhor para você ir vai a São Paulo porque tem economia melhor, tem dinheiro, tem muitos árabes, porque você não fala português então você precisa algumas pessoas para ajudar. Então primeiro você vai a São Paulo e depois São Paulo você pode escolher. Por isso eu vim aqui. Depois eu vou para outra cidade porque para mim não gosto de São Paulo.”</i>
Ghassam	33	<i>“Aqui São Paulo tem trabalho um pouco. Aqui sabe pessoa. Eu sei pessoa árabe.”</i>
Hamed	38	<i>“Todos falam São Paulo tem ajuda, brasileiro é muito bom, mas só pouquinho ajuda.”</i>
Essam	41	<i>“Os negócios em São Paulo são maiores que em outra cidade. Todas as fábricas aqui, todos os negócios aqui. Eu também acho que o mercado aqui em São Paulo é o melhor.”<sup>107</sup></i>
Ishaq	34	<i>“Eu não conheço outra cidade. São Paulo porque é a primeira cidade eu no Brasil.”<sup>108</sup></i>
Said	30	<i>“A primeira coisa é que tem muito árabes que fala árabe, então não precisa língua. E depois, eu queria para mim eu queria ir para Santa Catarina ou outras coisas, mas não tem trabalho, é difícil de achar trabalho, aqui mais fácil.”</i>
Jabbar	33	<i>“Quando eu pesquisei para tudo estado, eu olho São Paulo tem melhor oportunidades. Para meu profissão precisa grandes estados.”</i>
Nurdin	27	<i>“Eles me falaram ‘vá para lá, São Paulo, tem muitas pessoas árabes’. Mas quando eu vim para cá, eu não conheci ninguém. Dois meses e apenas procurando conhecer alguém.”<sup>109</sup></i>
Jimel	43	<i>“Nós gostamos de viver em cidade grande, Aleppo é uma cidade muito grande. Nós pode não viver em cidade pequena.”<sup>110</sup></i>
Seif	28	<i>“Não eu quis vir São Paulo. Quando eu fui na embaixada Brasil na Malásia, eles me ajudar com visa para Brasil e essas coisas e pergunte ‘Onde você vai no Brasil?’. Eu Brasília porque é capital’. E ele falou ‘Não, você vai para São Paulo’.”</i>
Aziz	32	<i>“Eu estava me comunicando com alguém aqui, um sírio no Brasil. Ele está aqui há quase dois anos. Então, ele disse que São Paulo, Brás, nós devíamos começar a vida aqui. Mas eu gostaria de ir para Brasília, Rio de Janeiro, Santa Catarina.”<sup>111</sup></i>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Após a pergunta a respeito do motivo de escolherem São Paulo, havia uma pergunta sobre se gostariam de mudar de cidade (Quadro 8).

<sup>107</sup> Tradução livre do original: *“The business in São Paulo is bigger than in another cidade. All factories here, all business here. I think also the market here in São Paulo is the best.”*

<sup>108</sup> Tradução livre do original: *“I don’t know other city. São Paulo because is the first city me in Brazil.”*

<sup>109</sup> Tradução livre do original: *“They told me ‘go to there, São Paulo, there is a lot of Arabic people’. But when I came here, I didn’t meet anyone. Two months and just searching to know somebody.”*

<sup>110</sup> Tradução livre do original: *“We like living in big city, Aleppo is a very big city. We don’t can live in small city.”*

<sup>111</sup> Tradução livre do original: *“I was communicating with someone here, a Syrian in Brazil. He has been here for almost two years. So, he said that São Paulo, Brás, we should start the life here. But I would like to go to Brasília, Rio de Janeiro, Santa Catarina.”*

## QUADRO 8 – VONTADE DE MUDAR DE CIDADE

Nome fictício	Idade	Resposta
Abdul	42	"Não sabe. Economia no Brasil antes melhor, agora você sabe. Agora dinheiro no Brasil é difícil, mas agora eu fico aqui no Brasil, mas não em São Paulo. Para mim, antes eu gostei de São Paulo, mas agora não. Por isso eu vou trocar, mas aonde não sei ainda. Eu vou Mogi, Santa Catarina, Jundiá para comparar, depois eu vou trocar. Mas em São Paulo não."
Ghassam	33	"Futuro, não sei. Eu gosto Brasil. Bom, muito bom. Só um problema, tem muito ladrão. Perigoso."
Akhim	39	"Agora, não. Mas se surgir uma oportunidade em outra cidade, talvez eu possa ir." <sup>112</sup>
Ubaid	28	"Eles me falaram que aqui em São Paulo tem mais trabalho que as outras cidades, mas eu quero mudar de São Paulo. São Paulo é uma cidade muito cara e eu quero ir para o interior, no mesmo estado, mas não a mesma cidade." <sup>113</sup>
Munir	51	"As pessoas dizem que aqui tem uma oportunidade, mas não. Eu tentei ir para outras cidades, mas eles disseram que não podem me ajudar porque estou em São Paulo e se eu for para outra cidade eles disseram que eles não podem me ajudar, eles não podem me dar dinheiro, eles não podem me ajudar a arrumar emprego." <sup>114</sup>
Dabir	29	"Na verdade, isso se trata da condição mudar. Se alguma coisa mudar para mim, eu poderia começar em outra cidade. Se eu conseguir um trabalho melhor, talvez eu vá. Mas eu viverei aqui, não estou planejando me mudar." <sup>115</sup>
Idris	28	"Eu vou procurar qual cidade vou trabalhar. Minha profissão tem no Rio de Janeiro muito, mas minha família vai ficar aqui em São Paulo."
Essam	41	"Para mim, talvez, acho que depois de dois ou três anos se eu encontrar uma área mais tranquila, mais bonita, mais calma, eu acho que posso mudar. Por quê? Porque aqui eu não tenho mãe, eu não tenho pai, irmão, irmã, eu não tenho, só amigos. Eu não tenho minha família no Brasil, só esposa e filho, então eu posso pegá-los e mudar para qualquer lugar se os negócios para mim for <del>em</del> melhor, se o estudo para meus filhos for melhor, se a vida lá for melhor eu posso me mudar. Nós perdemos tudo no nosso país, nós viemos aqui para o Brasil e nós começamos como um bebê, nós começamos do zero. Em Brasil, para mim, eu posso começar em qualquer lugar - em São Paulo, Paraná, Bahia, Rio de Janeiro, Brasília, sem problemas. Na Síria, eu não posso recomeçar em outro lugar." <sup>116</sup>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário "Refugiados Sírios em São Paulo", 2015.

<sup>112</sup> Tradução livre do original: "Now, no. But if he see opportunity of work in another city maybe I can go."

<sup>113</sup> Tradução livre do original: "They told me here in São Paulo have more work than other cities, but I want to change from São Paulo. It is a very expensive city and I want to go to interior, in the same state, but not the same city."

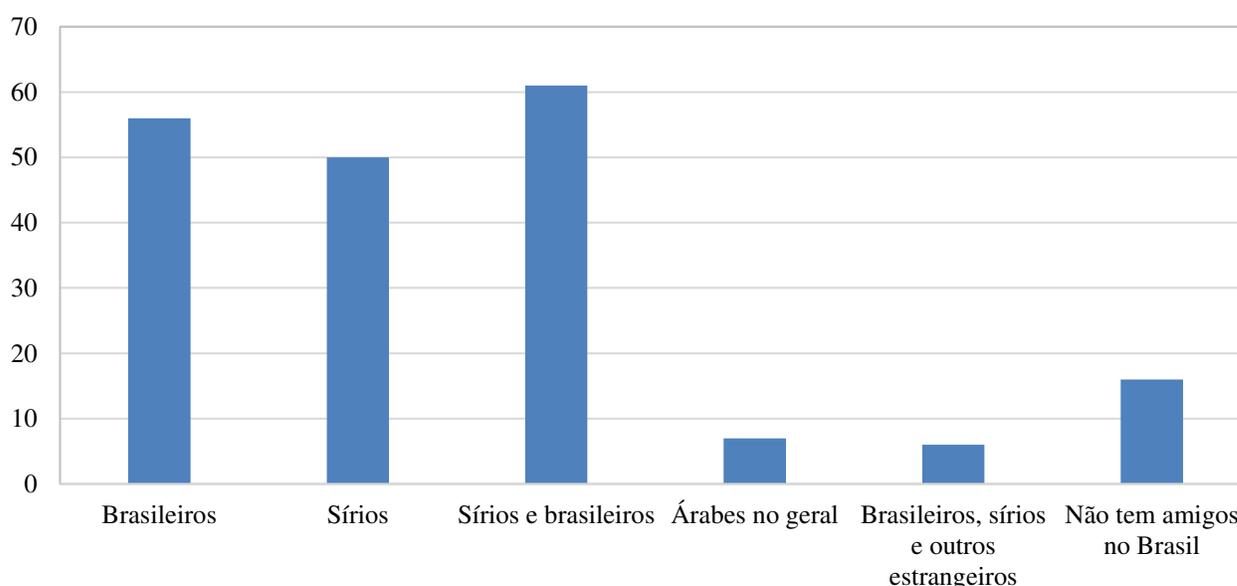
<sup>114</sup> Tradução livre do original: "People say here there is chance, but no. I tried to go to other cities, but they said they can't help me because I'm in São Paulo and if I go to the other city they say they can't help me, they can't give me money, they can't help me find a job."

<sup>115</sup> Tradução livre do original: "Actually, this is about the condition changing. If something change for me, I could start in another city. If I get a better job, maybe I go. But I'll live here, I'm not planning to change."

<sup>116</sup> Tradução livre do original: "For me, maybe, I think after two or three years if I find another área more rest, more beautiful, more calm, I think I can change. Why? Because here I don't have mother, I don't have father, brother, sister, I don't have, only friends. I don't have my family in Brazil just wife and son, so I can take them and change for any place if business for me better, if study for my children better, if the life there is better I can change. But now here, we are starting. After we can choose, but now we don't have a choice. São Paulo is the best for me, now. We loose everything in our country, we come here to Brazil and we start like a baby, we start from zero. In Brazil, for me, I can start anywhere - in São Paulo, Paraná, Bahia, Rio de Janeiro, Brasília, no problem. In Syria, I can't start in another lace."

Mais da metade dos refugiados sírios (56%) afirmou conhecer outros refugiados sírios que vivem em seu bairro. Quando questionados sobre a nacionalidade da maioria dos amigos, muitos afirmaram ter amigos brasileiros e sírios (30%), brasileiros (28%), sírios (25%), alguns afirmaram não ter amigos no Brasil (8%), outros responderam ter amigos árabes no geral (3%) ou amigos brasileiros, sírios e outros estrangeiros (3%), os demais não responderam (Gráfico 20).

**Gráfico 20**  
**Nacionalidade da maioria dos amigos**  
**São Paulo, 2015**



Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário “Refugiados Sírios em São Paulo”, 2015.

Alguns entrevistados elogiaram os amigos brasileiros: “*Brasileiro coração muito bom. Só brasileiro.*” (Ghassam, refugiado sírio, 33 anos); “*Eu não fala muito com sírios. Amigos, felizmente, brasileiros. Felizmente para aprender língua, aprender o país, nome de rua, é preciso.*” (Seif, refugiado sírio, 28 anos); “*Misto. Mas para mim é melhor brasileiro porque eles são muito gentis (they are very kind).*” (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos). Sobre os amigos árabes, outros mencionaram: “*Amigos árabe – sírio, libanês, palestino...*” (Zaim, refugiado sírio, 40 anos); “*A princípio, eles vão viver no Brás, tem muitos árabes lá. Então, eles vão lá e eles acham que eles vão ter apoio lá, tipo assim.*” (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>117</sup>. E outros dois afirmaram não ter

<sup>117</sup> Tradução livre do original: “*At first, they go to live in Brás, there are many Arabics there. So they go to there and they think that they will take support there, like this.*”

amigos no Brasil: “*Eu não tenho tempo para amigos, eu trabalho aqui com a minha esposa o dia todo. Eu abro aqui às nove e fecho meia-noite, tudo dia. Sexta-feira e sábado, 24 horas.*” (Essam, refugiado sírio, 41 anos)<sup>118</sup>; “*Amigo não, só trabalho-casa, casa-trabalho. Não tem amigo. Só irmãos.*” (Hamed, refugiado sírio, 38 anos).

Dentre todos os refugiados e solicitantes de refúgio sírios que foram captados pela pesquisa, 74% afirmaram nunca ter estado sob proteção ou assistência de qualquer organismo internacional. Entre os 26% que já estiveram sob algum tipo de proteção, todos afirmaram ter recebido assistência da ONU; os entrevistados citaram ONU-Jordânia, UNWRA, ONU-Líbano e ONU-Curdistão.

E, em relação à assistência no Brasil, muitos entrevistados afirmaram não receber nenhum tipo de ajuda: “*Aqui no Brasil não tem quem ajuda para sírios, não*” (Suhayr, refugiada síria, 21 anos); “*Só na TV as organizações ajudam os sírios, mas na realidade não*” (Uthman, refugiado sírio, 30 anos)<sup>119</sup>;

Deixe eu te contar uma coisa... Existem milhares de sírios que foram para a Europa ilegalmente. Eu tenho muitos amigos que estão vivendo agora na Alemanha e na Suécia. Se eu sou sírio e vou ilegalmente para a Europa, eu me entregaria à polícia e diria que eu sou um refugiado. Depois disso, eles me levariam para o campo, eu moraria um mês ou no máximo seis meses, e então eles me dariam casa e salário. Algumas pessoas acham que no Brasil é igual na Europa. O Brasil abriu para os sírios virem, mas eles não dão outras coisas. (Aziz, refugiado sírio, 32 anos)<sup>120</sup>

Quanto ao ACNUR, um refugiado disse: “*É como se eles não existissem*” (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>121</sup>. Segundo eles, a principal e, às vezes, única ajuda que recebem é em relação à documentação: “*Faz documentação, mas não faz mais. Precisa ficar mais organizado.*”

<sup>118</sup> Tradução livre do original: “*I don’t have tempo for friends, I work here with my wife the whole day. I open here at nine o’clock and close meia noite, tudo dia. Sexta-feira e sábado, 24 horas.*”

<sup>119</sup> Tradução livre do original: “*Only in TV organisation help Syrian, but in real no.*”

<sup>120</sup> Tradução livre do original: “*Let me tell you something... There are thousands of Syrian who went to Europe illegally. I have a lot of friends that are living now in Germany and Sweden. If I’m Syrian and I go illegally to Europe I’d give myself to the police and say I’m a refugee. After that they would take me to the camp, I would live one month or maximum six months, then they would give me house and salary. Some people think that Brazil is the same that Europe. Brazil opened for the Syrian to come, but they don’t give other things.*”

<sup>121</sup> Tradução livre do original: “*It’s like they don’t exist.*”

*Por exemplo, tem um livro de direitos para refugiados aqui no Brasil, mas infelizmente não tem muita informações.”* (Lufti, refugiado sírio, 28 anos);

Mora Brasil, muito cansado. Não você, você brasileira. Eu guerra em Síria, ajuda do governo (government) no Brasil só visto (visa). Só visto (visa). Não tem ajuda governo (government) não. Eu entende que problema Brasil grande, mas (but) eu quero ajuda. Não fala português, tem problemas, sírios todos não fala português. Não comida, não trabalho, nada, só brinde. ONU (UN), Cáritas, CONARE, não, só fala. Eu quero ajuda.” (Hamed, refugiado sírio, 38 anos)

Dentre os refugiados que afirmaram receber ajuda, a grande maioria citou: Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, IKMR, Adus, Oásis e Mesquita do Pari: *“A mesquita ajuda os sírios quando eles chegam pela primeira vez, eles te dizem o que fazer, eles te ajudam a achar emprego, eles te ajudam a achar acomodação.”* (Dabir, sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>122</sup>; *“Eu vim com meu dinheiro, minha esposa e meus filhos vieram com a ajuda da IKMR e amigos brasileiros”* (Akhim, refugiado sírio, 39 anos)<sup>123</sup>; *“Adus ajuda minha família. IKMR ajuda minha família. É grande a ajuda para aula de português também. CONARE eu não conhece, CONARE só ajudou com RNE e protocolo. Cáritas o mesmo, só ajudou com protocolo.”* (Said, refugiado sírio, 30 anos); *“Adus ajuda com documentos, trabalho, website... Eles têm coisas para famílias e crianças também. Ontem eles fizeram um evento com médicos, é bom.”* (Aziz, refugiado sírio, 32 anos)<sup>124</sup>; *“Cáritas ajuda com cartão SESC para comida. Para mim estava bom. Paga só 3 ou 4 reais. Mesquita ajudava, agora eles não dá nada. ACNUR ajuda minha família.”* (Said, refugiado sírio, 30 anos);

Esse problema dos sírios, o que acontece, quando eles desembarcam aqui quem oferece informação é o Oásis porque eles estão ligados à mesquita. Então a pessoa vem falando árabe e o Oásis consegue receber, consegue dar orientação em árabe. As pessoas geralmente já chegam no aeroporto sabendo da Cáritas, eles ajudam com cesta básica e

<sup>122</sup> Tradução livre do original: *The mosque help the Syrian when they arrive the first time, they tell what to do, they help find job, they help to find accommodation.*”

<sup>123</sup> Tradução livre do original: *“I came with my money, the wife and the kids came with a joint help of IKMR and Brazilian friends.”*

<sup>124</sup> Tradução livre do original: *“Adus help with documents, work, website... They have things for families with kids too. Yesterday they did an event with doctors, it’s good.”*

informações sobre trabalho, cartão do SESC. Lá na Cáritas tem mais africanos, sírios não tem tanto.” (Masud, refugiado sírio, 28 anos)

Especificamente em relação a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, alguns relatos foram: “*Eu fala Cáritas, Cáritas não ajuda.*” (Inas, síria solicitante de refúgio, 50 anos); “*Cáritas ajuda com curso de idioma e dentista. Cesta básica não, salário não.*” (Essam, refugiado sírio, 41 anos)<sup>125</sup>; “*Cáritas ajuda pagar salário, parte do aluguel da casa por três meses.*” (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos)<sup>126</sup>;

Da Cáritas a ajuda é muito fraca. Okay, talvez porque eles têm um monte de gente para ajudar. Então, eu acho que eles não têm recursos suficientes. Eu acho que eles estão tentando porque quando eu vim para cá, a Cáritas era muito pequena e agora eles estão muito organizados, mas ainda o apoio é muito fraco. Eu escuto que eles estão ajudando famílias, mas eu não vi. Eu escuto que eles estão ajudando eles com casa, crianças... Eu escuto isso, mas para mim eu não vi nada. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>127</sup>

A assistência também é composta, de acordo com os entrevistados, por aulas de português, atenção a crianças e alimentação. Alguns afirmaram receber ajuda médica e profissional. Apenas 2 dos 51 entrevistados viveram em abrigo e concluíram ter sido uma experiência ruim. Somente 1 recebe Bolsa Família: “*Não tem ajuda. Alguns dá cesta básica na Mesquita. E agora Bolsa Família.*” (Idris, refugiado sírio, 28 anos).

As principais demandas da população estudada são em relação a emprego, idioma, moradia e validação de diplomas. Muitos dos refugiados sírios entrevistados afirmaram não querer apenas ajuda financeira, mas auxílio para que eles possam ter autonomia:

Eu não quero ir para um país e apenas receber um salário e uma cesta básica para comer. Eu não quero viver como um animal. Eu não gosto disso. Eu quero trabalhar, eu preciso fazer alguma coisa. Essa vida não é para mim. (Essam, refugiado sírio, 41 anos)<sup>128</sup>

<sup>125</sup> Tradução livre do original: “*Cáritas help with language course and dentist. Cesta básica não, salário não.*”

<sup>126</sup> Tradução livre do original: “*Cáritas ajuda pagar salário, part of the rent of the house for three months.*”

<sup>127</sup> Tradução livre do original: “*From Caritas the help is very weak. Okay, maybe because they have a lot of people to help. So, I think they don’t have enough resources. I think they are trying because when I came to here, Cáritas was very small and now they are more organized, but still the support very weak. I hear that they are helping families, but I didn’t see. I hear that they are helping them with house, kids... I hear this, but for me I didn’t see anything.*”

<sup>128</sup> Tradução livre do original: “*I don’t want to go to a country and just get a salary and a cesta básica to eat. I don’t want to live like animal. I don’t like this. I want to work, I need to do something. This life is not for me.*”

Sobre as diferenças encontradas no país de destino muitos citaram cultura, idioma, comida, estudos, trabalho, religião, guerra, amigos, presença de recursos naturais, segurança, paz e liberdade. O Quadro 9 traz comentários a respeito das mudanças na vida dos entrevistados após a saída do país de origem:

QUADRO 9 – MUDANÇAS VIVIDAS ENTRE PAÍS DE ORIGEM E DE DESTINO

Nome fictício	Idade	Comentário
Yunus	23	<i>“A vida é diferente aqui”</i>
Idris	28	<i>“Agora sem país. Antes eu não sente o valor do país. Agora nós fiquemos sem país, não tem lugar para nós”</i>
Uthman	30	<i>“Toda a minha vida, a guerra é muito feia”<sup>129</sup></i>
Inas	50	<i>“Mudou nada. Eu refugiada e não muda minha vida nada. Aqui não tem guerra, na Síria tem guerra, mas não muda nada.”</i>
Talib	28	<i>“Livre, sem bombas, seguro para as crianças”<sup>130</sup></i>
Abdul	42	<i>“Aqui diferente. Aqui diferente sim, mas ainda não mudar. Ainda não, mas pode acontecer porque aqui é diferente. Mas ainda não porque meus filhos em casa sempre, não sai sozinho. Mas depois... não sei.”</i>
Omar	28	<i>“Meu trabalho mudou, minha vida muda, o ambiente. Mudou totalmente. Eu não estou falando sobre mudar para melhor ou pior, é um ambiente diferente. E também quando você tem um ambiente diferente, tudo muda, provavelmente, sua vida, seu trabalho. Mas tempo ao tempo, quando a gente chega aqui nós começamos a nos adaptar adaptar à cultura e pessoas, pessoas brasileiras. Degrau por degrau. Tudo muda.”<sup>131</sup></i>
Ghassam	33	<i>“Diferente tudo: comida, tudo, tudo, tudo, tudo. Meu país é diferente.”</i>
Hamed	38	<i>“Não tem vida boa, amigo, casa, entende. É diferente, Brasil é muito diferente. Em Síria tem sexta todos em casa, diferente família tudo. Comida, trabalho, tudo diferente. Nada igual aqui. No Brasil tem sistema metrô muito bom, não tem igual em Síria. Lá eu mora na village (vila) e não city (cidade), tem jardim, árvore, muito tem. Casa não igual brasileiro aqui. Não tem apartamento, eu tem casa, irmão tem casa, pai tem casa. Aqui tudo junto. Casa lá cinco quartos e não dois, quarto de visita.”</i>
Essam	41	<i>“Para mim, sair para a Paz. Síria agora perigoso. Aqui é seguro, isso é o melhor. Mas a vida tem muitos desafios da Síria para cá. Na Síria, muitas pessoas muçulmanas, você não vê namoradas e tal. Para crianças aqui, problema. É diferente. Todo lugar é balada, aqui tudo brasileiro vai. Na Síria muito diferente, muito difícil mas aqui é bom - um grande país, lindos jardins. O melhor do Brasil, o melhor melhor melhor é as pessoas. As pessoas aqui são muito muito muito boas, realmente gentis. As pessoas no Brasil adoram ajudar, elas sorriem o tempo todo. Eu viajei para muitos países, mas as melhores pessoas no Brasil.”<sup>132</sup></i>

<sup>129</sup> Tradução livre do original: *“All my life, the war is very ugly”*

<sup>130</sup> Tradução livre do original: *“Free, no bomb, safe for children”*

<sup>131</sup> Tradução livre do original: *“My work changed, my life changes, the environment. Totally change. I’m not talking about changing to better or worse, that’s a different environment. And also when you have a different environment everything changes, probably, your life, your work. But time by time, when we get here we start to adapt to culture and people, Brazilian people. Step by step. Everything change.”*

<sup>132</sup> Tradução livre do original: *“For me, leaving for Peace. Syria now is dangerous. Here is safe, that’s the best. But the life has a lot of challenges from Syria to here. In Syria, a lot of people muçulmano, you cannot see girlfriends and that. Para criança aqui, problema. It’s different. Every area is balada, aqui tudo brasileiro vai. In Syria very different, very difficult but here is good – a big country, beautiful gardens. The best of Brazil, best best best is people. People here very very very good, really nice. People in Brazil love to help, they smile all the time. I travelled to a lot of countries, but the best people in Brazil.”*

Ishaq	54	"Paz. Seguro para começar uma nova vida. Quando o Bashar al-Assad morrer, eu vou para a Síria. Aqui Paz, sem bombas. Aqui tem eletricidade, água, paredes. Síria agora guerra, sem eletricidade, sem água." <sup>133</sup>
Qays	42	"100% de diferença. Tranquilo aqui, sem guerra. Mas sem trabalho, gasto alto."
Zaim	40	"Mais seguro aqui. Mas mais ou menos, tem ladrão, sabe."
Said	30	"Em Brasil, também tem problema. Diferente da Síria. Em Síria não tem luz, não tem água, não pode comer tudo, não tem dinheiro, não tem trabalho, em São Paulo tem. Liberdade, precisa dinheiro, mas tem."
Talib	28	"Tudo diferente da minha país."
Jabbar	33	"A segurança e a liberdade." <sup>134</sup>
Jimel	43	"Aqui vida muito difícil."
Moal	34	"Tudo. Primeiro, idioma. Então, o clima. Nós vivíamos como primeira classe, agora a gente precisa de ajuda para tudo. Antes, nós tínhamos tudo. Nós tínhamos dinheiro, a gente não precisava de nada. Nós tínhamos prédios, não casa. Nós tínhamos escritórios, nós tínhamos dois carros... Aqui no Brasil, nós não temos isso." <sup>135</sup>
Aziz	32	"O mais difícil para mim aqui, agora, é a segurança. Dez meses atrás eu fui roubado, eles pegaram meu celular, meu dinheiro, meu casaco, minha blusa... Não é seguro. A Turquia é um país muito seguro, tem segurança 24 horas. E você não vê pessoas morando na rua. A comida é incrível também, não precisamos nos preocupar com presunto, por causa da religião." <sup>136</sup>
Munir	51	"Eu tive problemas na Síria antes da guerra, política, eu fui para a prisão. Eu odeio o Brasil, eu odeio português, eu odeio tudo aqui, eu não quero nada aqui." <sup>137</sup>
Masud	28	"Vamos começar em ordem... Agora estou gostando mais, já me casei, já comecei a resolver as coisas porque não tinha emprego na área especialista. São Paulo, o lugar é grande, o mercado também grande, por que não tem emprego não sei. Ainda não consegui entender a atuação do país."
Dabir	29	"Você é transferido de país, de comunidade, para uma comunidade muito diferente, cultura diferente, tudo diferente, língua diferente. Tudo é diferente, você sabe. Mas para mim, eu não tenho problema em mudar, eu gosto. Eu gosto de mudar e eu estou feliz. Eu estou mais feliz que antes, eu estava sofrendo de muitos problemas lá, documentos, lidando com pessoas no meu país, sem direitos. Então, aqui eles me dão todos os direitos. Eles me dão documentos, eles me dão o direito de trabalhar na primeira vez que venho para cá. Algumas pessoas não conseguem lidar com esse país porque temos que mudar a nós mesmos." <sup>138</sup>

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário "Refugiados Sírios em São Paulo", 2015.

<sup>133</sup> Tradução livre do original: "Peace. Safe to start a new life. When Bashar al-Assad die, I go to Syria. Here Peace, no bombs. Here there is eletricity, water, walls. Syria now war, no eletricity, no water."

<sup>134</sup> Tradução livre do original: "The safety and the liberdade."

<sup>135</sup> Tradução livre do original: "Tudo. First, language. Then, the weather. We lived like first class, now we need ajuda para tudo. Before, we had everything. We had money, we didn't need anything. We had prédios, não casa. We had offices, we had two cars... Here in Brazil, we don't have this."

<sup>136</sup> Tradução livre do original: "The most difficult for me here, now, is the security. Ten months ago I get robbed, they get my cellular, my money, my jacket, my blouse... It's not safe. Turkey is a very safe country, there is security 24 hours. And you do not see people living in the street. The food is amazing too, we don't need to worry about presunto, because of the religion."

<sup>137</sup> Tradução livre do original: "I had problems in Syria before this war, politics, I went to prison. I hate Brazil, I hate Portuguese, I hate everything here, I don't want anything here."

<sup>138</sup> Tradução livre do original: "You are transfered from country, from community to a very different community, different culture, everything different, different language. Everything is different, you know. But for me, I don't have problem to change, I like. I like changing and I'm happy. I'm happier more than before, I was suffering of many problems there, documents, dealing with people in my country, no rights. So, here they give me all the rights. They give me documents, they give me the right to work the first time I come here. Some people can't deal with this country because we have to change ourselves."

Finalmente, em relação às perspectivas sobre o futuro, a maior parte dos entrevistados afirmou que gostaria e pretende continuar no Brasil, alguns pensam em tentar ir para outros países, e poucos cogitam voltar para a Síria algum dia. O Quadro 10 traz algumas respostas para a pergunta “Como vê sua permanência e de sua família no Brasil a longo prazo?”:

QUADRO 10 – PERSPECTIVA DE PERMANÊNCIA NO BRASIL A LONGO PRAZO

Nome fictício	Idade	Resposta
Omar	28	<i>"Eu estou muito otimista. Eu estou muito otimista sobre o Brasil. Por quê? Porque eu vi que aqui quem tem trabalho tem boas oportunidades. Porque eu pergunto muito e eles precisam de gente, aqui eles precisam de pessoas qualificadas. E o Brasil agora está crescendo, crescendo, crescendo. Então eu não planejo ir para outro país. Dizendo depois de cinco ou dez anos, eu não voltarei para a Síria, mesmo se a guerra na Síria acabar. Eu não estou me planejando para isso porque eu perdi tudo na Síria e eu começo aqui então também não perderei aqui. Então, é muito difícil."</i> <sup>139</sup>
Khalil	28	<i>"Eu não sei. Se eu tiver uma vida aqui, eu quero ficar aqui. Mas eu preciso de oportunidade, documentos para residência."</i> <sup>140</sup>
Suhayr	21	<i>"Acho que continuar aqui. No começo seis meses é difícil, mas agora fácil. Se pessoas fala para mim 'vamos para outro país' eu vou falar 'não'. Vai aprender de novo, não não."</i>
Boulus	19	<i>"Todo mundo tem uma opinião nessa casa. Como eu, eu quero ficar. Mas para alguns talvez eles voltariam. Mas para mim, eu ficaria aqui. Eu gosto. Para sempre. Depois do que aconteceu na Síria e essa guerra, é uma nova chance para começar tudo. Uma nova chance, uma boa chance."</i> <sup>141</sup>
Hamed	38	<i>"Se acaba guerra na Síria, amanhã vamos embora."</i>
Essam	41	<i>"Se o problema na Síria não acabar nós não temos opção, nós ficamos aqui, nós precisamos salvar nossa família. Nós precisamos de estudos para meus filhos, nós precisamos viver em paz, nós não podemos voltar para lá. Nós deixamos nossa casa, nós deixamos nossos negócios, nós deixamos tudo. Eu peguei minha família e vim para o Brasil. Eu não quero voltar se Síria fica problema lá. Mas se depois de um ou dois anos tudo está bem, o governo muda, se está tudo certo lá, eu acho que talvez a gente pense em voltar. Mas agora, acho que para mim, eu gosto do Brasil, eu quero ficar aqui."</i> <sup>142</sup>

<sup>139</sup> Tradução livre do original: *"I am very optimistic. I am very optimistic about Brazil. Why? Because I saw here who has a job have very good opportunities. Because I ask a lot and they need people, here they need qualified people. And Brazil now is growing, growing, growing. So I don't plan to go to other country. If you say after five years or ten years, I won't go back to Syria, even if the war in Syria finishes. I am not planning for this because I lost everything in Syria and I start here so I will not also lost here. So it's very hard."*

<sup>140</sup> Tradução livre do original: *"I don't know. If a have a life here, I want to stay here. But I need opportunity, documents for residence."*

<sup>141</sup> Tradução livre do original: *"Everyone has an opinion in this case. Like me, I want to stay. But for some maybe they would go back. But for me, I would stay here. I like. Para sempre."* "After what happened in Syria and this war, it's a new chance for start everything. A new chance, a good chance."

<sup>142</sup> Tradução livre do original: *"If the problem in Syria not finish we don't have another choice we stay here, we need to save our family. We need study for my children, we need to live in peace, we cannot go back to there. We left our house, we left our business, we left everything. I take my family and come to Brazil. I don't want to go back if Syria stay problem there. But if after one or two years everything is good, the government change, if everything is right there, I think maybe we'll think of come back. But now, I think for me, I like Brazil, I want to stay here."*

Ishaq	54	"Para mim e minha esposa apenas, nós vamos para Síria, mas para meus filhos o Brasil é muito bom porque eles são jovens." <sup>143</sup>
Qays	42	"Vai viajar, vai voltar, não gostar. Vai voltar para Turquia. Hoje mesmo. Não gostar porque não consegue trabalhar, vai viajar."
Said	30	"Em Brasil. Se Síria não guerra, eu viagem para Síria, mas se guerra em Síria muito grande, não tem como."
Talib	28	"Não sei. Agora aqui. Muito longe guerra na Síria. Aqui minhas filhas aprendeu, eu também entende português e eu trabalho aqui."
Jabbar	33	"Eu acho agora aqui no país porque agora minha filhas estudar aqui e também agora eu trabalho aqui. Mais fácil. Guerra de Síria eu acho precisa mais dez anos. Depois não precisa voltar lá. Depois não precisa voltar lá porque elas estudar aqui. Eu também quero aqui estudar mestrado, doutorado também e trabalhar. E tenho um brasileiro também (sobre o bebê)."
Nuridin	27	"Se eu conseguir um emprego, eu ficarei aqui. Eu amo o Brasil." <sup>144</sup>
Ubaid	28	"Sim, a coisa mais importante é que o Brasil é um país aberto, não tem problema com nada - cor da pele, religião, isso não importa. Eu sempre sonhei em viver num país parecido com o Brasil." <sup>145</sup>
Moal	34	"Talvez toda a minha vida. Porque na Síria não tem nada, sem casa, sem mais família lá. Eu não sei quando acaba guerra, talvez cem anos... Não acaba hoje, não acaba." <sup>146</sup>
Seif	28	"Eu quero ficar aqui sempre. Aqui legal, oportunidade para pessoas, acho que não vou conseguir outro país."
Munir	51	"Quando eu vim para o Brasil, meu irmão na Bulgária e ele me falou 'não vá para o Brasil, o Brasil não é bom'. Mas eu não tenho o visto de nenhum outro país porque eu sou palestino. Por causa da minha idade, ninguém quer me ajudar. Eu sou árabe, então eles têm medo, eles acham que somos perigosos. Eu tentei muitos países. Na primeira vez que eu faço reunião na Embaixada brasileira, eu vejo que as pessoas brasileiras são muito gentis. Eu venho, difícil, língua diferente, tudo. Eu quero fazer alguma coisa. Eu estava muito triste um ano atrás. Eu tentei a Polícia Federal, Cáritas, ACNUR, CONARE, eles não ajudam a sair do Brasil." <sup>147</sup>
Masud	28	"Brasil por enquanto si, mas quer voltar para a Síria, na verdade. Muito difícil, mas não dá para voltar por enquanto porque tem guerra."
Uthman	30	"Para mim, eu tentarei ir para outro lugar, mas muito difícil. É muito caro aqui e o salário não é bom." <sup>148</sup>
Fouad	57	"Vamos ficar para sempre, já brasileiro. Não penso em ir para outro país, sabe por quê? Quando estamos aqui o povo faz sentir que estamos na nossa casa. Povo brasileiro muito carinhoso. Então, não sente falta de nada. Para eu, Brasil é bem melhor que Europa e Estados Unidos. Então, Brasil."

Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo. Questionário "Refugiados Sírios em São Paulo", 2015.

<sup>143</sup> Tradução livre do original: "For me and my wife only, we go to Syria, but for my children Brazil very good because they young."

<sup>144</sup> Tradução livre do original: "If I get a job, I'll stay here. I love Brazil."

<sup>145</sup> Tradução livre do original: "Yes, the most importante thing is that Brazil is an open country, don't have any problem with anything - color of skin, religion, that's not important. I always dream to live in a country similar Brazil."

<sup>146</sup> Tradução livre do original: "Maybe all my life. Because Syria there is nothing, no house, no more family there. I don't know when finish the war, maybe one hundred years... Not finish today, not finish."

<sup>147</sup> Tradução livre do original: "When I came to Brazil, my brother in Bulgary and told me 'don't go to Brazil, Brazil is not good'. But I don't have any other country visa, because I'm Palestine. Because of my age, nobody want to help me. I'm Arabic so they are afraid, they think we are dangerous. I tried many countries. In first time I do meeting in Brazilian embassy, I see Brazilian people very nice. I come, difficult, different language, everything. I want to do something, I was very very sad one year ago. I tried Polícia Federal, Cáritas, ACNUR, CONARE, they not help to leave Brazil."

<sup>148</sup> Tradução livre do original: "For me, I'll try to go to other place, but very hard. It's very expensive here and the salary no good."

### 3.3 Infância refugiada

Graves crises humanitárias acontecem no mundo no século XXI, e em meio a tantos desastres e guerras, crianças vivenciam violações de seus direitos. Segundo o ACNUR (2018b), a migração de crianças refugiadas é uma “crise silenciosa”. Esses pequenos migrantes são testemunhas de diversas formas de violência, perseguições e passam por riscos extremos em busca de sobrevivência. Os menores refugiados muitas vezes sofrem traumas, maus tratos físicos, abuso sexual, comércio infantil, ataques militares, recrutamento forçado, detenção arbitrária, apatridia, entre outros.

A proteção a esse grupo específico tem como foco assistência social, psicológica e jurídica, reunião familiar, registro de nascimento, repatriação, reassentamento, educação. A questão da infância e a consciência em relação aos direitos da criança refletem o caráter especial desse grupo de menores que, em fase específica de desenvolvimento, precisa da proteção da família, da sociedade e do Estado.

Há, atualmente, mais de 11 milhões de crianças refugiadas no mundo (ACNUR, 2017a). Dentre essas crianças refugiadas, 75.000 estão separadas ou desacompanhadas, sem a proteção de familiares (ACNUR, 2017a). Os menores de 18 anos representam 31% da população mundial, no entanto, formam 51% da população refugiada (ACNUR, 2017a). De acordo com a UNICEF (2016), a cada 200 crianças no mundo, 1 é refugiada; e a cada 3 crianças vivendo fora do país de origem 1 é refugiada.

A Síria é a principal origem de crianças refugiadas e 2,5 milhões dessas crianças vivem na Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito (UNICEF, 2018). Na região, mais de 700.000 dessas crianças estão fora da escola. De acordo com a UNICEF (2018), em 2018, 5 milhões de crianças sírias refugiadas precisarão de escola, 3.8 milhões de apoio e proteção, e 7.5 milhões de assistência à saúde. No Brasil, de acordo com o CONARE (2017), 11% dos solicitantes de refúgio são menores de 18 anos. Em 2016, 7% dos deferimentos de refúgio foram para crianças até 12 anos e 2% para jovens entre 13 e 17 anos; já nos processos de reunião familiar, os menores representam 43% (CONARE, 2017).

### *3.3.1 Eu Conheço Meus Direitos*

A IKMR é uma organização não-governamental brasileira que se dedica especificamente às crianças refugiadas em território nacional, sendo a única no país com tal peculiaridade (IKMR, 2018). Esta organização atua diretamente em São Paulo e foi criada no dia 04 de junho de 2012, sem fins lucrativos, tendo como base a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Convenção de Genebra de 1951 e seu Protocolo de 1967, a Declaração de Cartagena, a Declaração e o Plano do México, a Lei 9474/97 e as resoluções do CONARE (IKMR, 2018).

No início de 2016, a IKMR passou a ser parceira oficial do ACNUR, o que permite que a organização trabalhe em rede com outras entidades da sociedade civil. Segundo o ACNUR (2018c), esse tipo de parceria é fundamental para que a agência consiga concretizar suas ações no país, ampliando o número de projetos que buscam desenvolver a integração da população refugiada no Brasil.

De acordo com a IKMR (2018), as crianças refugiadas são as mais vulneráveis do mundo e, por isso, a organização tem como objetivo assegurar que essas crianças tenham seus direitos respeitados no Brasil, além de promover, esclarecer, conscientizar e defender tais direitos. Para tanto, a ONG cria programas de desenvolvimento em áreas consideradas fundamentais (educação, abrigo e saúde) e ações para apoiar políticas públicas já existentes.

Ainda que o foco seja a criança, a IKMR busca também proporcionar oportunidades para que todos os membros das famílias possam, juntos, criar novas memórias que ajudem no processo de cura do núcleo familiar por inteiro. Para tanto, a organização conta com uma equipe dedicada de voluntários que apoia as tarefas de maneira muito próxima e humanizada. (Vivianne Reis, presidente da IKMR)

Para garantir o cumprimento dos princípios e recomendações nacionais e internacionais de proteção às crianças e aos refugiados, todos os membros da equipe devem seguir um Guia Prático de Conduta Pessoal e Profissional em suas atividades diárias segundo as políticas e normas da organização (IKMR, 2015). De acordo com o Código de Conduta Ética da IKMR, esse guia tem a intenção de auxiliar os integrantes a entenderem o compromisso deles com a organização e com

as famílias assistidas, além de compreenderem o impacto de suas condutas nas atividades desenvolvidas.

Tal documento apresenta uma lista de valores fundamentais e princípios éticos, tais como: reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos; reconhecimento e busca pela efetivação do acesso e desfrute de seus direitos; tomada de medidas efetivas de proteção às crianças refugiadas e solicitantes de refúgio; respeito e endossamento do conjunto de direitos inalienáveis, interdependentes e intransmissíveis de cada criança; anteposição do interesse superior da criança em qualquer ação implementada; e princípios e direitos de não discriminação, da expressão de opinião livre por parte da criança e de confidencialidade (IKMR, 2015).

Segundo o Código de Conduta Ética, os membros da equipe devem tratar todas as crianças atendidas pela IKMR com respeito, justiça e dignidade, protegendo seus direitos e melhor interesse. Ainda, todo integrante deve:

Buscar entender as dificuldades experimentadas e vividas pelas crianças refugiadas e solicitantes de refúgio e outras pessoas em situação análoga, assim como a posição de desvantagem na qual – particularmente com relação ao gênero, à idade e às necessidades especiais – possam encontrar-se em relação àqueles que detêm poder e influência sobre aspectos de suas vidas (IKMR, 2015: 3)

Para tanto, a IKMR sugere que seus funcionários e voluntários mantenham-se constantemente informados não só sobre as atividades e políticas da organização, mas também em relação à temática do refúgio como um todo. Além de cumprir as normas da ONG e dos instrumentos internacionais, os membros da equipe devem garantir confidencialidade e sigilo das informações da população atendida, preservando a identidade e a privacidade desta (IKMR, 2015).

Em relação aos valores, o Código de Conduta Ética exige compromisso, responsabilidade, honestidade, prudência, respeito, tempestividade, profissionalismo e cooperação. A equipe deve valorizar sempre a diversidade e combater qualquer forma de discriminação, abuso, assédio, intimidação, exploração ou desrespeito aos direitos humanos (IKMR, 2015).

Além disso, a IKMR tem como missão:

Devolver às crianças refugiadas sua dignidade, sua integridade e o sentido de individualidade, propiciando a criação das condições necessárias para que todas possam se desenvolver com plenitude, estimulando todo o seu potencial. (IKMR, 2018:1)

Atualmente, a IKMR possui mais de 450 crianças refugiadas e solicitantes de refúgio cadastradas em seus programas e tem uma lista de espera de mais de 50 famílias que desejam ser incluídas (IKMR, 2017). No ano anterior, a organização atendia 300 crianças e a lista de espera era de 30 famílias (IKMR, 2016), o que demonstra um aumento de 50% da população assistida. Os países de origem das crianças contempladas pela organização são: Afeganistão, Angola, Catar, Iêmen, Jordânia, Líbia, Palestina, República Democrática do Congo, Síria, Sudão e Venezuela. As línguas nativas são árabe, espanhol, francês, kikongo e lingala. E, os grupos étnicos-religiosos são: católico apostólico ortodoxo, católico apostólico romano, cristão, druso e sunita (IKMR, 2018).

Segundo dados da organização (IKMR, 2018), aproximadamente um terço das famílias atendidas é síria. Essas famílias sírias têm, em média, 5 membros – 55% do sexo feminino e 45% do sexo masculino. Aproximadamente 75% são refugiados, 10% solicitantes de refúgio e 15% são bebês já nascidos no Brasil. A língua nativa de todos é árabe, mas alguns já falam português e outros também o inglês. Quase todos os sírios são muçulmanos sunitas. Em relação à moradia, mais da metade das famílias vive em apartamentos, e o restante em casas. Os refugiados e solicitantes de refúgio sírios atendidos pela ONG chegaram no Brasil entre 2013 e 2017, mas o principal ano de chegada foi 2014. A maioria das famílias sírias vive nas regiões Central ou Leste da cidade de São Paulo, alguns em Guarulhos ou na região do ABC Paulista (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul), e poucos na região Norte e Sul da cidade de São Paulo.

A IKMR possui três programas centrais: Educação; Arte; e Assistência Humanitária, sendo este último dividido em Emergências e Reunião Familiar. Este último, já promoveu a reunião de 17 famílias: 1 afegã, 1 colombiana, 8 congolesas, 1 egípcia e 6 sírias. As reuniões familiares foram realizadas, especialmente, a partir de campanhas de arrecadação de doações divulgadas pela IKMR na internet. Durante o trabalho de campo, a autora desta tese presenciou o desenvolvimento da reunião familiar de 3 dessas famílias sírias.

Segundo a presidente da ONG, o desenvolvimento de atividades artísticas, culturais e lúdicas são centrais na promoção do direito de brincar e da integração dessas crianças. Algumas dessas atividades foram divulgadas pelo site do ACNUR como: iniciativa de plantar árvores simbolizando a criação de raízes<sup>149</sup>; participação das crianças em jogo de futebol onde entraram

---

<sup>149</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2017/07/05/criancas-refugiadas-plantam-arvores-nativas-da-mata-atlantica-em-sao-paulo/>

acompanhando jogadores do Santos Futebol Clube<sup>150</sup>; celebração do Dia Mundial do Refugiado<sup>151</sup>, apoio à mostra internacional de cinema<sup>152</sup>, atendimentos de saúde<sup>153</sup>, Ato Pela Paz com a presença diversos artistas brasileiros<sup>154</sup>, e projeto educacional<sup>155</sup><sup>156</sup>.

A IKMR tem um importante projeto de educação complementar com orientação educacional multidisciplinar, em parceria com o ACNUR, denominado “Cidadãs do Mundo”. O projeto teve início em 2016, sendo renovado no ano seguinte e, novamente, em 2018. Por meio desse projeto, a IKMR fornece plantão de apoio escolar, acompanhamento das dificuldades de aprendizagem e promoção da integração dessas crianças nas escolas (IKMR, 2017). O “Cidadãs do Mundo” tem como objetivo desenvolver o acompanhamento pedagógico dessas crianças, coletar dados, identificar demandas específicas e articular uma rede de aprendizagem e troca de informação entre as escolas e os atores que atendem aos beneficiários do projeto (IKMR, 2016).

Entre os objetivos específicos do projeto estão: identificar os principais desafios relacionados à aprendizagem (currículo, tecnologia, docentes, relação entre os alunos, participação familiar, etc); mapear a inserção escolar, a integração sócio-comunitária e o bem-estar das crianças matriculadas; formação e capacitação de equipe especializada; contribuir para o empoderamento das mulheres integrantes dos núcleos familiares; melhorar a capacidade comunicativa dos beneficiários; favorecer o rendimento escolar como um todo; aumentar a frequência escolar; ampliar o envolvimento da família e da comunidade escolar no acompanhamento dessas crianças; avaliar as atividades desenvolvidas pelas famílias e pelas escolas; criar uma rede de integração entre todas as escolas nas quais as crianças estão matriculadas (IKMR, 2016).

O contato periódico com as famílias permitiu uma aproximação diferenciada e, na medida em que o vínculo entre tutor-criança-pais se fortalecia, foram implementadas ações

---

<sup>150</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2017/08/03/criancas-refugiadas-realizam-sonho-ao-entrar-em-campo-com-jogadores-do-santos-fc/>

<sup>151</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2017/06/14/celebracoes-pelo-dia-mundial-do-refugiado-movimentam-brasilia-sao-paulo-e-rio-de-janeiro/>

<sup>152</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2017/05/29/mostra-internacional-de-cinema-inaugura-celebracoes-do-dia-mundial-do-refugiado-no-brasil/>

<sup>153</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2017/02/17/em-sao-paulo-criancas-refugiadas-passam-por-check-up-de-saude-e-ganham-materiais-escolares/>

<sup>154</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2017/03/15/artistas-brasileiros-e-criancas-refugiadas-pedem-paz-na-siria-em-apresentacao-musical-no-cristo-redentor/>

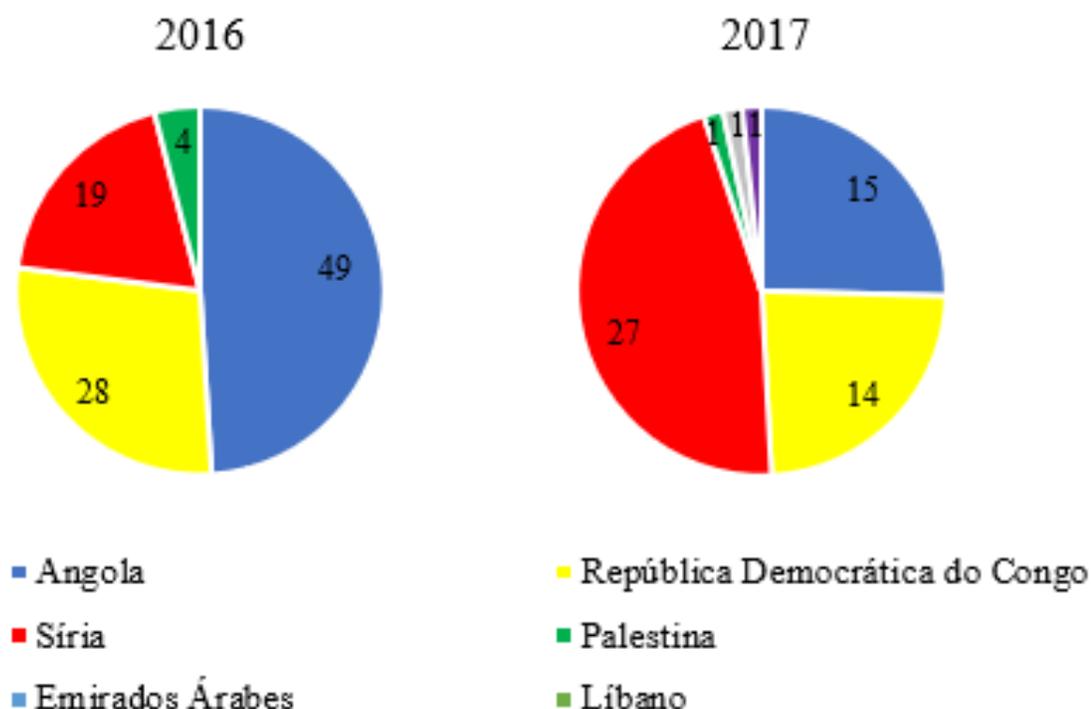
<sup>155</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2016/11/24/rede-virtual-de-escolas-com-alunos-refugiados-vai-fomentar-a-troca-de-experiencias-entre-educadores/>

<sup>156</sup> <http://www.acnur.org/portugues/2017/12/22/projeto-com-criancas-refugiadas-apresenta-possiveis-caminhos-para-a-integracao-em-sao-paulo/>

importantes de escuta, encaminhamento de demandas de assistência social e assistência básica, mediação com a escola e demais instituições, além da contribuição ao mapeamento e diagnóstico das principais demandas e necessidades desde um ponto de vista integral. (IKMR, 2016: 5)

Em 2016, o projeto educacional atendeu 100 crianças refugiadas e solicitantes de refúgio, entre 6 e 12 anos, inseridas em 65 famílias e 39 escolas (IKMR, 2016). Além das crianças matriculadas, foi também oferecida orientação para 42 crianças entre 0 e 5 anos solicitada pelos pais ou pela escola (IKMR, 2016). Em 2017, o projeto passou a beneficiar 50 crianças refugiadas e solicitantes de refúgio (IKMR, 2017). Para aumentar o número de crianças beneficiadas, a IKMR fez parceria com duas instituições que ajudaram a promover o atendimento em turmas e realizou, ainda, acompanhamentos à distância. Assim, em 2017, foram diretamente assistidas pelo projeto 76 crianças entre 5 e 17 anos, além do envolvimento de 184 familiares e 915 membros da comunidade escolar (IKMR, 2017).

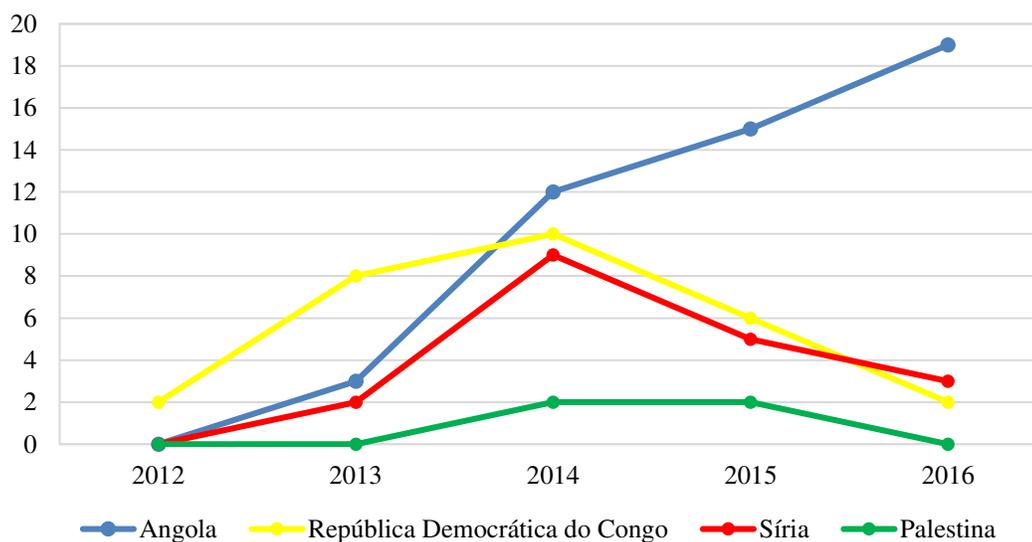
**Gráfico 21**  
Crianças atendidas pelo Projeto Cidadãos do Mundo  
por nacionalidade, 2016 e 2017



Fonte: IKMR. Relatório de desempenho do projeto Cidadãos do Mundo, 2016, 2017.

As crianças beneficiadas, em 2016, eram principalmente angolanas (49), congolezas (28) e sírias (19); já em 2017 houve uma inversão, sendo as principais nacionalidades sírias (27), angolanas (15) e congolezas (14) (Gráfico 21). No primeiro ano foram atendidas 59 meninas e 41 meninos (IKMR, 2016); e, no ano seguinte, 38 meninas e 37 meninos (IKMR, 2017).

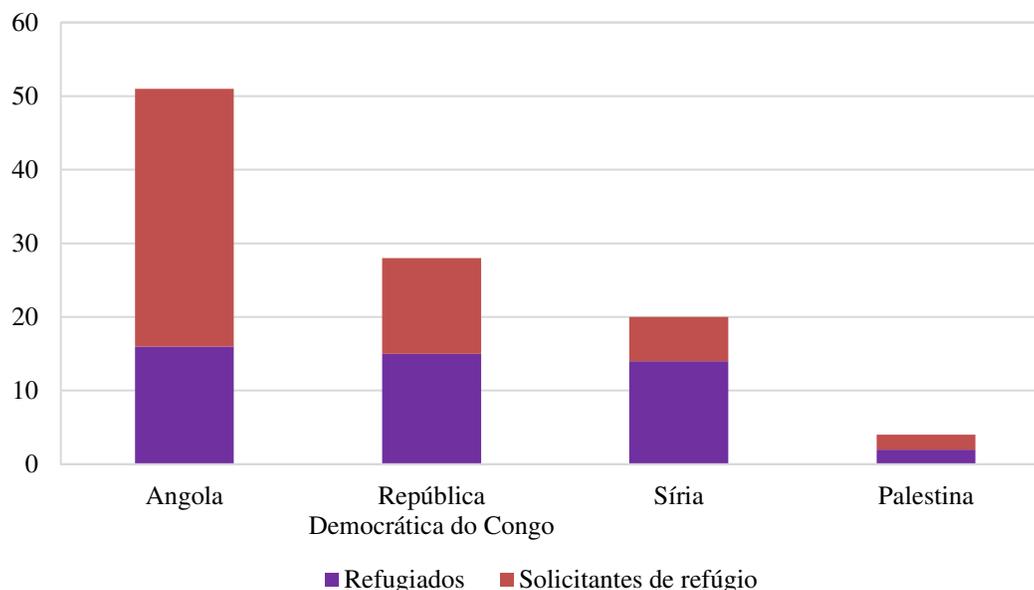
**Gráfico 22**  
**Crianças atendidas pelo Projeto Cidadãos do Mundo,**  
**em 2016, por nacionalidade e ano de chegada**



Fonte: IKMR. Relatório de desempenho do projeto Cidadãos do Mundo, 2016.

Dentre as crianças inicialmente inscritas no projeto, 58% tinham entre 6 e 8 anos, e a maioria chegou no país entre 2014 e 2016 (IKMR, 2016). As crianças angolanas chegaram no Brasil, principalmente, em 2015 e 2016; as congolezas entre 2013 e 2015; e as sírias em 2014 (Gráfico 22). Em relação à condição jurídica, 46% das crianças assistidas em 2016 eram refugiadas e 54% solicitantes de refúgio; e, em 2017, 57% eram refugiadas, 38% solicitantes de refúgio, e 5% tinham outra condição migratória (IKMR, 2016, 2017). Segundo a nacionalidade, a maior parte das crianças sírias têm a condição de refúgio reconhecida; enquanto as crianças angolanas são, principalmente, solicitantes de refúgio; já as crianças congolezas e palestinas se dividem entre ambas as condições jurídicas (Gráfico 23).

**Gráfico 23**  
**Crianças atendidas pelo Projeto Cidadãos do Mundo,**  
**em 2016, por nacionalidade e condições jurídica**



Fonte: IKMR. Relatório de desempenho do projeto Cidadãos do Mundo, 2016.

As crianças participantes do projeto e suas famílias vivem, predominantemente nas regiões Central e Leste da cidade de São Paulo. Os bairros em que as famílias residem são: Artur Alvin, Brás, Burgo Paulista, Cambuci, Cangaíba, Canindé, Cidade Estevão de Carvalho, Guaianazes, Jardim Brasília, Jardim Coimbra, Jardim das Acácias, Jardim Piratininga, Jardim São Francisco, Liberdade, Mooca, Parque Savoy City, Penha, Sapopemba, Sé, Vila Carrão, Vila Ré e Vila Rica (Figura 12).

Segundo os dados do relatório do projeto (IKMR, 2017), 83% das crianças encontram-se no Ensino Fundamental I e apenas 17% no Ensino Fundamental II. Em 2016, 9% das crianças frequentava o ensino privado de ensino, 32% o municipal, 59% o estadual (IKMR, 2016). Um dado importante captado pelos relatórios é sobre a escolaridade das famílias. Quase metade dos pais tinha Ensino Médio completo, mas há um diferencial de sexo, uma vez que a escolaridade das mães se concentra nos ensinos Fundamental e Médio, enquanto a dos pais está concentrada nos ensinos Médio, Técnico e Superior (Gráfico 24).

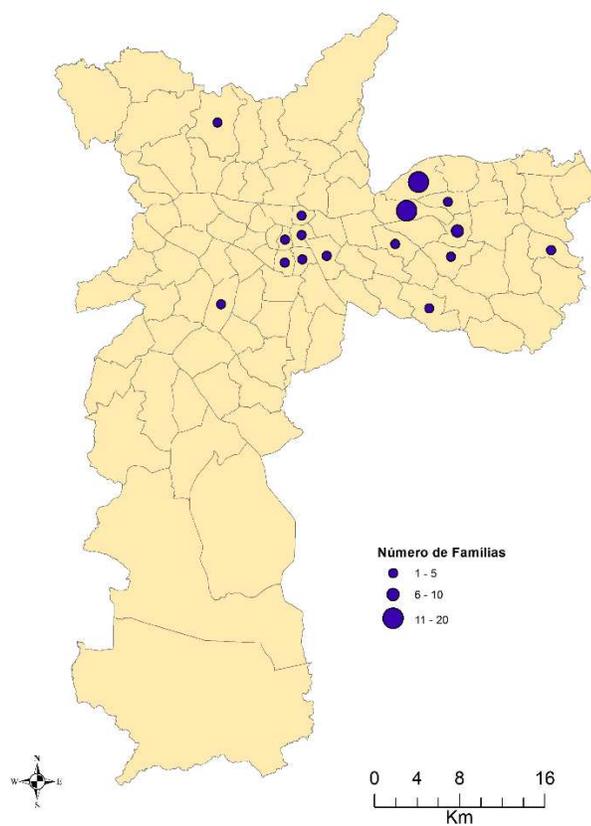
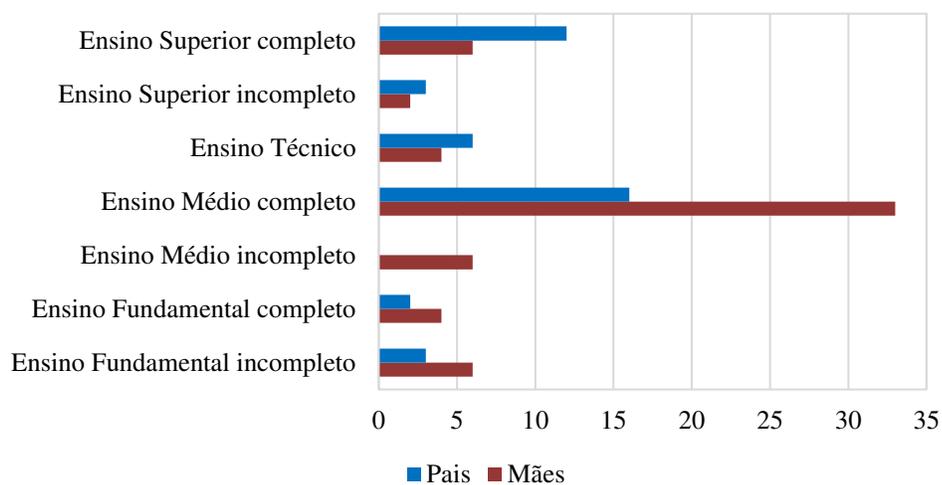


Figura 12 Mapa dos bairros das famílias atendidas pelo Projeto “Cidadãos do Mundo” – São Paulo, 2016

Fonte: IKMR. Atlas Temático do Observatório das Migrações em São Paulo - Migração Refugiada. NEPO-UNICAMP/FAPESP, 2018.

### Gráfico 24

#### **Mães e pais das crianças atendidas pelo Projeto Cidadãos do Mundo, por escolaridade, 2016**



Fonte: IKMR. Relatório de desempenho do projeto Cidadãos do Mundo, 2016.

Houve diferenças também em relação à ocupação dos familiares dessas crianças, pois 15% dos pais estavam desempregados enquanto 55% das mães estavam desempregadas no momento do levantamento dos dados (IKMR, 2016). Entre os homens, as principais ocupações eram no ramo da gastronomia, comércio e construção; já entre as mulheres os principais ramos de atividade eram comércio, estética, gastronomia, serviços e limpeza (IKMR, 2016).

Segundo o relatório do projeto, a escolaridade dos pais influencia a interação deles na vida escolar dos filhos (IKMR, 2017). Ainda, a maior parte das famílias utiliza em casa apenas a língua materna e 59% dos pais afirmaram que os filhos são seus tradutores e intérpretes quando tentam se comunicar com brasileiros (IKMR, 2017).

Outro elemento inovador do projeto foi a criação da “Rede Cidadãs do Mundo”, articulando IKMR, ACNUR e as escolas nas quais as crianças refugiadas e solicitantes de refúgio estão matriculadas. Houve articulação entre as educadoras do projeto e as escolas a fim de realizar um plano pedagógico individual para cada criança, foram realizadas reuniões, eventos e capacitações (IKMR, 2016). De acordo com o ACNUR (2016a), essa rede é fundamental para a troca de experiências entre educadores sobre alunos refugiados e para novos entendimentos sobre a temática.

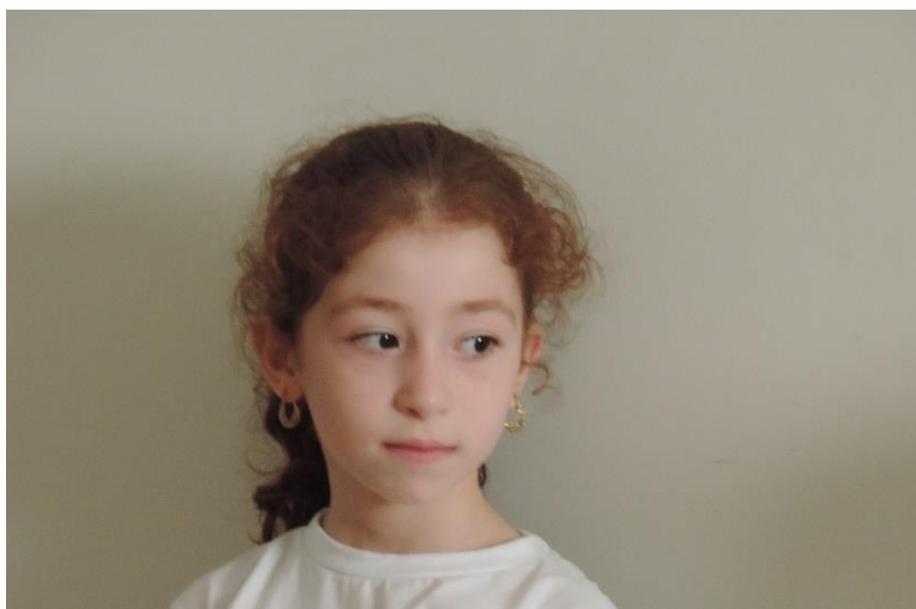
De acordo com as vivências das profissionais do projeto Cidadãs do Mundo, apoiado pelo ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) e realizado pela organização IKMR (I Know My Rights), as crianças refugiadas estão sempre dispostas a aprender e gostam de conviver no ambiente escolar. Entretanto, é preciso considerar três aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento pleno: o acesso, a adaptação e a integração ao novo contexto. (ACNUR, 2017c: 1)

Segundo o ACNUR (2016b), a questão da educação é especialmente importante no contexto atual do refúgio, pois 3,7 milhões de crianças e adolescentes refugiados estão sem acesso à educação e esse grupo tem 5 vezes mais chance de estar fora do sistema escolar do que crianças e adolescentes que não são refugiados.

Fotos ilustrativas:



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

## CAPÍTULO 4 – PRÁTICAS SOCIAIS DA MIGRAÇÃO REFUGIADA SÍRIA NO BRASIL

A presente tese considera a pesquisa uma prática social (BOURDIEU e WACQUANT, 1992; BOURDIEU, 2004a), processual (BOURDIEU, 1983, 2001) e relacional (BOURDIEU, 2000, 2002). Assim, a pesquisa é compreendida como uma construção social na qual a pesquisadora e o objeto de pesquisa foram sendo modificados ao longo da elaboração da tese. Segundo Bourdieu *et al* (2005), esse agir social científico acontece desde a elaboração conceitual do tema de pesquisa, durante a construção do objeto e até a concretização do trabalho empírico.

(O exercício) requer a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o ‘interesse’ do próprio objeto estudado para aquele que o estuda, tudo aquilo que ele menos pretende conhecer na sua relação com o objeto que ele procura conhecer. (BOURDIEU, 2002: 51)

De acordo com o autor, há interação entre pesquisador e pesquisado durante toda a investigação, o que permite que hipóteses, procedimentos metodológicos, suposições empíricas e interpretações teóricas sejam modificados durante esse processo (BOURDIEU, 2002). A pesquisa é uma prática social coletiva, onde a interação processual constante entre o pesquisador e a realidade pesquisada é fundamental (BOURDIEU, 2004a). Dessa forma, para Bourdieu (2004a), o conhecimento é produzido e apropriado coletivamente.

O objeto de estudo está inserido em contextos históricos e culturais específicos que devem ser considerados e, por isso, os problemas de pesquisa são também socialmente construídos (BOURDIEU, 2002). Logo, é a partir de uma construção coletiva da realidade social que a construção do fato social como objeto é possível (BOURDIEU, 2004a, 2011).

A ‘realidade social’ de que falam os objetivistas também é um objeto de percepção. E a ciência social deve tomar como objeto não apenas essa realidade, mas também a percepção dessa realidade, as perspectivas, os pontos de vista que, em função da posição que ocupam no espaço social objetivo, os agentes têm sobre essa realidade. (BOURDIEU, 2004b: 156-157)

Propõe-se, portanto, na presente tese um aprofundamento do objeto de estudo a partir das práticas sociais (BOURDIEU, 2004a) na imigração refugiada síria no Brasil por meio de uma “objetivação participante” (BOURDIEU, 2003):

Em resumo, não é preciso escolher entre a observação participante, uma imersão necessariamente fictícia em um meio estranho, e o objetivismo do ‘contemplar à distância’ de um observador que permanece tão distante de si próprio quanto de seu objeto. A objetivação participante compromete-se a explorar não a ‘experiência vivida’ do sujeito do conhecimento, mas as condições sociais de possibilidade – e, assim, os efeitos e limites – dessa experiência e, mais precisamente, do próprio ato de objetivação. É visado objetivar a relação subjetiva com o objeto que, longe de levar a um subjetivismo relativista e mais ou menos anticientífico, é uma das condições da genuína objetividade científica. (BOURDIEU, 2003: 282)<sup>157</sup>

Para tanto, Bourdieu (2002) sugere uma ruptura com o senso comum com a finalidade de compreender o fato social ao afastar-se do chamado saber imediato. Essa ruptura passa, necessariamente, pela superação da *ilusão da transparência*, quando o pesquisador consegue ver além do que lhe é mostrado, uma vez que a verdade da interação não se apresenta de imediato (BOURDIEU et al, 2005). Dessa forma, durante a realização da pesquisa as relações aparentes são substituídas por um novo sistema de relação (BOURDIEU et al, 2005).

O cientista deve, então, questionar-se ao longo de todo seu trabalho a respeito do objeto de estudo, do campo científico e de si mesmo enquanto produtor de conhecimento (BOURDIEU, 2002). Segundo Bourdieu (2004a), é necessária a consciência de que o objeto estudado não é independente da ciência que o estuda, e que o próprio objeto influencia e afeta o mundo social. Essa reflexão em relação ao trabalho do pesquisador e o rigor na construção do objeto científico são fundamentais no desenvolvimento da pesquisa.

---

<sup>157</sup> Tradução livre do original: “*In short, one does not have to choose between participant observation, a necessarily fictitious immersion in a foreign milieu, and the objectivism of the ‘gaze from afar’ of an observer who remains as remote from himself as from his object. Participant objectivation undertakes to explore not the ‘lived experience’ of the knowing subject but the social conditions of possibility – and therefore the effects and limits – of that experience and, more precisely, of the act of objectivation itself. It aims at objectivizing the subjective relation to the object which, far from leading to a relativistic and more-or-less antiscientific subjectivism, is one of the conditions of genuine scientific objectivity.*”

Uma prática científica que se esquece de se pôr a si mesma em causa não sabe, propriamente falando, o que faz. Presa no objeto que toma para objeto, ela descobre qualquer coisa do objeto, mas que não é verdadeiramente objetivado pois se trata dos próprios princípios do objeto. (BOURDIEU, 2002: 35)

A prática científica ideal para Bourdieu (1997) existiria a partir da ideia do *campo social*. Nesse campo, os indivíduos não apenas figuram, mas se relacionam reciprocamente, sendo diferentes agentes sociais, em diferentes posições e com diferentes estratégias (BOURDIEU, 1997). No caso da presente tese, é essencial pensar a imigração refugiada síria a partir da noção de *campo social* (BOURDIEU, 1997), onde as especificidades desses refugiados devem ser analisadas considerando a temporalidade da imigração, o contexto cultural, e o posicionamento desses indivíduos no espaço social.

É justamente o conjunto de posições distintas e coexistentes, definidas a partir de suas relações umas com as outras, que forma essa estrutura de justaposições denominada espaço social (BOURDIEU, 1997). Além da noção de espaço que traz consigo condições históricas, é também fundamental considerar as práticas sociais a partir do conceito de *habitus* para a compreensão desse campo social (BOURDIEU, 2011). É com esse conceito que o autor transcende a dicotomia objetivismo/subjectivismo, uma vez que rompe com senso comum captando tanto a “*interiorização da exterioridade*” quanto a “*exteriorização da interioridade*” (WACQUANT, 2004: 36).

O conceito de *habitus* de Bourdieu (2001) perpassa as noções de “hábito”, “costume” e “tradições”, mas vai além delas ao contemplar estrutura e ação. De acordo com o autor, o *habitus* é um sistema de arranjos duráveis e transferíveis que gera e organiza as práticas e as representações sociais (BOURDIEU, 2001). A lógica do *habitus* reflete uma racionalidade prática que é adquirida com a organização e a classificação da interação social, sendo ele condicionador e condicionante das ações (BOURDIEU, 2001).

O *habitus* específico, imposto aos novos postulantes como um direito de entrada, não é outra coisa senão um modo de pensamento específico (um *eidós*), princípio de uma construção específica da realidade, fundado numa crença pré-reflexiva no valor indiscutível dos instrumentos de construção e dos objetos assim construídos (um *ethos*). (BOURDIEU, 2001: 121)

Assim, considerando os conceitos de *campo social* (BOURDIEU, 1997) e de *habitus* (BOURDIEU, 2001), o presente capítulo apresenta um diário no qual a pesquisadora relata suas experiências durante as visitas a campo e as práticas sociais dos refugiados sírios em São Paulo.

A imersão no campo permitiu refletir sobre os diversos aspectos teóricos, confrontar a bibliografia e melhor apreender os processos sociais. Os temas norteadores do olhar da pesquisadora foram aproximação, acolhimento, diferenças culturais (especialmente idioma, alimentação, música e religião), assistência social e integração. A aplicação do questionário e algumas conversas foram gravadas, com consentimento do entrevistado, para que as verbalizações enriquecessem a análise das especificidades da migração refugiada síria para o Brasil.

Todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em inglês ou português. Na descrição do trabalho de campo e nas verbalizações transcritas dos entrevistados foram utilizados nomes fictícios para que nenhum participante fosse identificado. Para as fotografias que compõem a pesquisa, também foram assinados Termos de Autorização de Uso de Imagem, em inglês ou português. O objetivo do uso de fotografias na tese é apenas ilustrar as observações em campo.

#### 4.1 Diário de um campo de futebol



Fotografia: CALEGARI, M. **Copa dos Refugiados**, São Paulo, SP. 2014.

Era um sábado em agosto de 2014 e, apesar de ser inverno, fazia sol. Após dois anos e meio pesquisando refúgio, era a primeira vez que eu via, pessoalmente, refugiados. Andando do hotel até o campo de futebol, no centro de São Paulo, a migração era um tema presente em todo o percurso. Além dos diversos sotaques em meio ao português por toda a cidade de São Paulo, no bairro Liberdade a colonização japonesa podia ser vista não só pelos traços dos orientais e seus descendentes, mas também pela decoração nas ruas e calçadas. E quanto mais se caminhava, mais variava a decoração, os rostos, as cores, os cheiros, os sons.

Na região da Sé, línguas orientais e africanas se misturavam em cada esquina, em frente a um açougue um homem gritava em árabe, e dentro de um bar pessoas conversavam em espanhol. A ansiedade crescia ao ver os imigrantes deixarem os livros da biblioteca e ganharem rosto nas ruas da cidade. E, ao chegar à Comunidade Esportiva Novo Glicério, os refugiados saíam pouco a pouco do banco de dados e entravam na minha realidade. O trabalho de campo é mesmo aquele momento em que os indivíduos deixam de ser números e se tornam pessoas.



Fotografia: CALEGARI, M. **Copa dos Refugiados**, São Paulo, SP. 2014.

Na frente do centro esportivo havia uma faixa anunciando: “Copa dos Refugiados”, 02 e 03 de agosto de 2014, apoio Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e UNHCR/ACNUR. Na recepção do evento, funcionários da Cáritas davam as boas-vindas e o serviço de ambulância se

mostrava presente. Ao lado da grade do campo de futebol, quatro homens negros com roupas coloridas assistiam atentos à vitória de 10 x 0 de Togo sobre o Afeganistão. O restante da torcida comemorava, cantava e comentava os lances.

Em uma Copa em que o mais importante era se tornar visível para a sociedade, o que as pessoas queriam era participar e torcer, independente dos resultados. Naquele primeiro dia os jogos foram: Nigéria x Angola, República Democrática do Congo x Paquistão, Guiné x Costa do Marfim, Burkina Faso x Serra Leoa, Mali x Colômbia, Togo x Afeganistão, Síria x Bangladesh, Camarões x Iraque. Refugiados, brasileiros, jogadores, familiares e amigos se espalhavam em volta do campo, entre as tendas, bancos e arquibancada. Profissionais da mídia, estudantes e voluntários também compunham o cenário.

Apresentei-me aos funcionários da Cáritas e um deles decidiu me contar sobre o trabalho desenvolvido com os refugiados. A voluntária dizia o quanto ela estava emocionada com a realização do evento:

O convívio é super importante porque são relações, são culturas tão diversas, tão diferentes que a gente acha que isso nunca vai poder acontecer. Por exemplo, judeus conviverem com árabes amigavelmente, disputando partida. Que nem agora está Colômbia e Mali, então são duas culturas completamente diferentes, um país da América do Sul e um país da África. Então a gente ver isso é muito comovente. (Rosa, brasileira, funcionária da Cáritas)

Ela falou sobre a organização da Copa dos Refugiados, afirmando que eles já realizaram vários eventos anteriormente, mas que com esse formato era a primeira vez. A ideia da Copa dos Refugiados teria surgido devido a Copa do Mundo da FIFA ser no Brasil, mas os eventos não puderam ser concomitantes, pois grande parte dos refugiados é muçulmana e estava realizando o *Ramadã* - período em que praticam o jejum ritual -, o que os impediria de jogar futebol. A iniciativa, de acordo com a funcionária, foi dos próprios refugiados e da Cáritas, surgindo parcerias posteriores.

As principais nacionalidades de refugiados no Brasil estariam representadas no evento, excluindo algumas que não se organizaram a tempo, como Gana, e outras que não tem a condição jurídica de refugiado, como o Haiti. Sobre a questão dos haitianos, ela afirmou:

Eles não são considerados refugiados e a Copa é dos Refugiados. Eles não se conformam muito. Até já está bem mais abrangente do que era antigamente pela Cartagena, né, já está abrangendo bem mais categorias. Mas o haitiano é considerado migrante econômico, porque foi devido a uma catástrofe que aconteceu, então não está dentro da Convenção do Refúgio porque não tem o fundado temor de perseguição, eles não querem morar lá porque é um país devastado. (Rosa, brasileira, funcionária da Cáritas)

Ela explicou, então, sobre como funcionava o trabalho da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e quem era atendido por eles. O serviço consiste em receber e orientar refugiados e solicitantes de refúgio, auxiliar com a documentação, encaminhar para um possível emprego, entre outros. De acordo com a funcionária, o trabalho cotidiano era rápido por ser um escritório e receber um número muito elevado de imigrantes todos os dias; e esse tipo de evento como a Copa dos Refugiados permitia que a equipe da Cáritas se envolvesse mais com os refugiados, que tivesse mais proximidade e intimidade entre eles.



Fotografia: CALEGARI, M. **Copa dos Refugiados**, São Paulo, SP. 2014.

Conversando sobre as famílias de refugiados, ela afirmou que esse evento específico foi feito mais voltado para os homens, mas que haveria atividades para incluir as mulheres e as crianças. A funcionária disse que estava vendo apenas uma família naquele dia, que eram todos da Síria - mãe, pai e filhos; e que a mulher estava grávida. Segundo ela, no dia seguinte haveria mais famílias pois foram programadas atividades culturais para as crianças. Ao dar mais informações

sobre a composição dessas famílias, a funcionária da Cáritas me informou que poucos se casavam com brasileiros, que a maioria já vinha com a família, mesmo que não conseguissem chegar todos ao mesmo tempo ao Brasil.

Vários casos de reunião familiar foram contados por ela como reencontros emocionantes. Um rapaz contou para a Cáritas que havia se perdido da esposa no país de origem, mostrou uma foto dela, e a funcionária ficou surpresa ao ver que conhecia a mulher em questão. Ela disse que por segurança eles não poderiam dizer que sabiam o paradeiro da esposa sem verificar se ela também gostaria de rever o marido ou se ela havia fugido dele. No entanto, o reencontro era mesmo vontade dos dois e a Cáritas promoveu a reunião desse casal.

Olha, tem uma mãe do Congo também que ela veio com três crianças e agora vieram mais dois já maiorzinhos, e ainda ficou um lá. Ela tem seis filhos. Ela veio sozinha, ela não tem marido, e agora ela está trabalhando, ela conseguiu um emprego num hotel, está indo bem. Ela quer estudar, porque com cinco filhos não é fácil, mas os mais velhos já são mais companheiros, eles tomam conta dos menores... E ainda tem mais um lá. E esses dois mais velhos vieram também com um pastor, aí acabaram indo lá na Cáritas, nós é que localizamos depois a mãe. A mãe não sabia que eles estavam aqui já. Ela sabia que eles iam vir, mas não sabia quando, não sabia nada. Aí quando eles apareceram lá na Cáritas, a gente ligou, né, para ela e aí ela foi... É, todo dia tem assim uma história emocionante. (Rosa, brasileira, funcionária da Cáritas)

Outra reunião ocorreu entre uma mulher que chegou ao Brasil grávida acompanhada de dois filhos, e cerca de um ano depois encontrou o marido. A funcionária afirmou que o encontro foi comovente, principalmente porque o pai chorava muito, uma vez que não conhecia o filho menor, que havia nascido no Brasil. De acordo com ela, algumas famílias levam de seis meses a um ano e meio para se reencontrarem, mas outras nunca conseguem tal reunião. Assim, nem todas as histórias têm um desfecho feliz:

Tem um rapaz do Congo, que ele veio sozinho com dois filhos gêmeos de quatro anos. Essa aí é uma história triste porque ele se perdeu da esposa lá no Congo e veio sozinho. Aí chegou aqui e nenhum albergue aceita o pai com os filhos, se for a mãe tudo bem, mas se for um homem... Porque eles não podem ficar nem na ala feminina sozinhos e nem na ala masculina com o pai. Então é meio complicado, e as crianças estão em outro abrigo.

Então ele vai toda sexta, sábado e domingo, ele vai visitar os filhos. (Rosa, brasileira, funcionária da Cáritas)

Quando questionada sobre a possibilidade do pai reaver a guarda dos filhos caso conseguisse uma residência, a funcionária contestou:

Ele teria que conseguir alguém que tomasse conta das crianças, porque mesmo que ele consiga trabalhar, consiga alugar uma casa, como que ele vai fazer com essas crianças? Porque a escola precisa de alguém para levar, alguém para buscar. Em São Paulo a gente sabe como é, ninguém mora perto do trabalho, é longe. Então agora ele está com esperanças que agora parece que a esposa dele foi vista lá no Congo, perto da capital. Então ele está esperançoso que consiga algum contato com ela e ela venha pra cá. Ela está lá e eles se perderam, e ele acabou vindo sozinho. Estamos torcendo, né, para essa família se juntar. É triste ele não poder viver com as crianças, e as crianças ficarem com estranhos. (Rosa, brasileira, funcionária da Cáritas)

A questão de gênero me chamou muito a atenção nessa história, pois a desigualdade ficou visível visto que o pai não pôde ficar com os filhos, mas se fosse a mãe a separação não ocorreria. A mulher poderia ficar com as crianças mesmo sem moradia ou trabalho, mas o homem só poderia se tivesse o apoio de outra pessoa para cuidar dos filhos. Assim, após os traumas no país da origem e todo o sofrimento que levaram à migração, esses refugiados foram separados no Brasil por não haver o reconhecimento de que um pai e os filhos são capazes de formar uma família sem a presença da mãe.

A funcionária da Cáritas ainda acrescentou que essas crianças conseguiram vir com o pai, mas que muitas vêm sozinhas. Os menores desacompanhados viriam sozinhos escondidos em navios ou de avião com pastores de igrejas, mas que ao desembarcarem no Brasil eram deixados sozinhos e, futuramente, conseguiam entrar em contato com a Cáritas e receber assistência. Ela confessou ser um trabalho difícil, o qual exige muito equilíbrio emocional.

Sobre o trabalho da Cáritas, a funcionária afirmou que o objetivo deles era conduzir os refugiados até que eles conseguissem certa independência, trabalho, e integração na sociedade brasileira. A assistência da instituição consistiria em apoio financeiro, programa de saúde mental, acompanhamento com advogados para orientação e treinamento profissional. O Programa de Apoio de Recolocação de Refugiados (PARR) tem um projeto que faz o cadastro dos refugiados,

verifica as habilidades e formação acadêmica dos indivíduos, prepara o currículo e os direciona para determinadas empresas. Segundo a funcionária, a maior dificuldade encontrada por essas pessoas é a diferença cultural.



Fotografia: CALEGARI, M. **Copa dos Refugiados**, São Paulo, SP. 2014.

A Cáritas atende refugiados de diversas nacionalidades, entre os países de origem citados pela funcionária: Síria, Nigéria, República Democrática do Congo, Senegal, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Colômbia, Mali, Gana, Chade, República Centro-Africana, Iraque, Irã, Afeganistão, Paquistão, Bangladesh, Butão, Somália, Nepal e Angola. Em relação à cessação do estatuto de refugiado para angolanos e liberianos, a entrevistada afirmou que mesmo não havendo mais a guerra civil na Angola, muitos solicitantes de refúgio chegam da região de Cabinda, a qual luta por independência. Assim, continua existindo perseguição política no país e diversos angolanos chegam ao Brasil com suas famílias numerosas e conseguem o status de refugiado.

A maioria dos solicitantes de refúgio é homem e jovem; e a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo tem mais de cinco mil indivíduos cadastrados. De acordo com a funcionária, nos últimos anos o número de refugiados cresceu de maneira nunca vista antes, tendo triplicado de 2012 para 2013 e quadruplicado em 2014. Entretanto, muitos casos são negados pelo CONARE, mas há a possibilidade de entrar com recurso no CNIg para evitar o risco da ilegalidade. Muitas vezes o recurso seria negado pelo Ministro da Justiça, mas quando são muitos casos o CNIg pode

acompanhar os pedidos, no entanto os indivíduos conseguem a permanência como imigrante econômico e não como refugiado.

Após entrevistar a funcionária em questão, conversei com estudantes responsáveis por uma tenda de pintura para crianças. De acordo com uma estudante do terceiro ano de graduação em Relações Internacionais, a tenda era parte de um projeto multicultural para refugiados se expressarem por meio da arte. Inicialmente o projeto teria sido pensado apenas para as mulheres visto à exclusão que essas sofrem por serem mulheres, refugiadas, estrangeiras e muitas vezes negras. Porém o grupo decidiu estender o programa para homens também, a partir de um questionário sobre o interesse dessa população em atividades artísticas.

No segundo dia da Copa dos Refugiados, esse grupo de estudantes organizou uma “Tenda das Mulheres”, onde refugiadas sírias maquiavam e ensinavam mulheres brasileiras a colocarem o *hijab*. Cerca de dez mulheres sírias participaram dessas atividades; véus azuis, pretos, brancos, verdes, rosas e lilás coloriram o ambiente.



Fotografia: CALEGARI, M. **Copa dos Refugiados**, São Paulo, SP. 2014.

A temática das mulheres também esteve presente em uma tenda organizada pela ONU sobre violência de gênero. A campanha era inspirada pela frase “O valente não é violento contra as mulheres”. Ao lado da tenda um cartaz informava: “A violência contra a mulher aumenta o risco de contrair doenças como a AIDS. Humilha, assusta, traumatiza e mata”. Refugiadas sírias

pegavam folhetos informativos com os profissionais no local e em uma longa fila refugiados africanos aguardavam para fazer fotos apoiando a campanha.

A presença de crianças também foi intensa nesse segundo dia. A organização IKMR preparou diversas brincadeiras para os pequenos. Voluntários pintavam o rosto das crianças, realizavam atividades lúdicas, e alguns com maquiagem de palhaço divertiam a garotada. Crianças refugiadas de diversos países junto com crianças brasileiras jogavam bola, pulavam corda, apostavam corrida e coloriam desenhos.

Todas as atividades aconteciam simultâneas à torcida e cantoria durante os jogos de futebol. Diferentes línguas e sotaques se misturavam ao redor das grades do campo. Por fim, ao final de dois dias de festa, a equipe da Nigéria venceu Camarões na final. Independente do resultado; refugiados, brasileiros e voluntários comemoravam esse evento que aproximou tantos cantos do mundo.



Fotografia: CALEGARI, M. **Copa dos Refugiados**, São Paulo, SP. 2014.

Hino da Copa dos Refugiados  
(Uchen Henry e Guslarime Lobisomen)

*One nation, every nation  
Come together as one  
Todo mundo, vamos juntos  
Vamos viver na razão, me dê a mão*

*É a copa do mundo dos refugiados  
A galera quer jogar e eu também estou nessa batida  
Não fique calado, é tempo de gritar gol  
Quem fica em frente ou atrás, vamos viver em paz  
Acabamos com a discriminação  
Vamos fazer uma nação independente da nossa raça*

*Quem quer jogar é o mundo inteiro  
Obrigado, brasileiro  
Eu e você, vamos viver em paz  
Briga e guerra, vamos deixar atrás  
Refugiados, nós somos capaz  
Discriminação, não pode ser mais  
Essa copa é dos refugiados  
Tem América, Ásia e africanos*

*Quem vai jogar? É o mundo inteiro  
Então, obrigado Cáritas e brasileiros*

*One nation, every nation  
Come together as one  
Todo mundo, vamos juntos*

*Vamos viver na razão, me dê a mão*

*A vida é assim, sair da nossa terra  
Do nosso país, para poder viver em paz  
Esquecer os problemas da guerra, da política  
Ser chamado de refugiado, viver sozinho num canto  
Sem amigo e ter medo de tudo  
Hoje tem a copa dos refugiados  
Vou fazer parte dessa jogada  
Não preciso calar a boca  
Porque estou aqui a fazer gol*

*Stop the killing and fighting  
Stop the bloodshed  
I'm feeling excited  
And it's God's blessing*

*Stop the killing of each other right now!  
Stop the discrimination around!  
Say no to bad governments right now!  
And let's unite as one  
We are one!*

#### **4.2 “Lar é onde o coração está”**

Na quinta-feira, dia 20 de novembro de 2014, o Museu da Imigração promoveu a premiação do Concurso Cultural “Lar é onde o coração está”. Este concurso teve seu lançamento no dia 07 de setembro de 2014 como um evento em comemoração ao Dia Mundial da Criança. O concurso foi promovido pela organização IKMR em parceria com o Museu da Imigração e com o ACNUR. O objetivo do evento era entender o processo do refúgio e a acolhida dos refugiados no

Brasil, a partir do olhar das crianças refugiadas. Assim, por meio de desenhos e textos, pequenos de três a onze anos deveriam representar suas experiências.

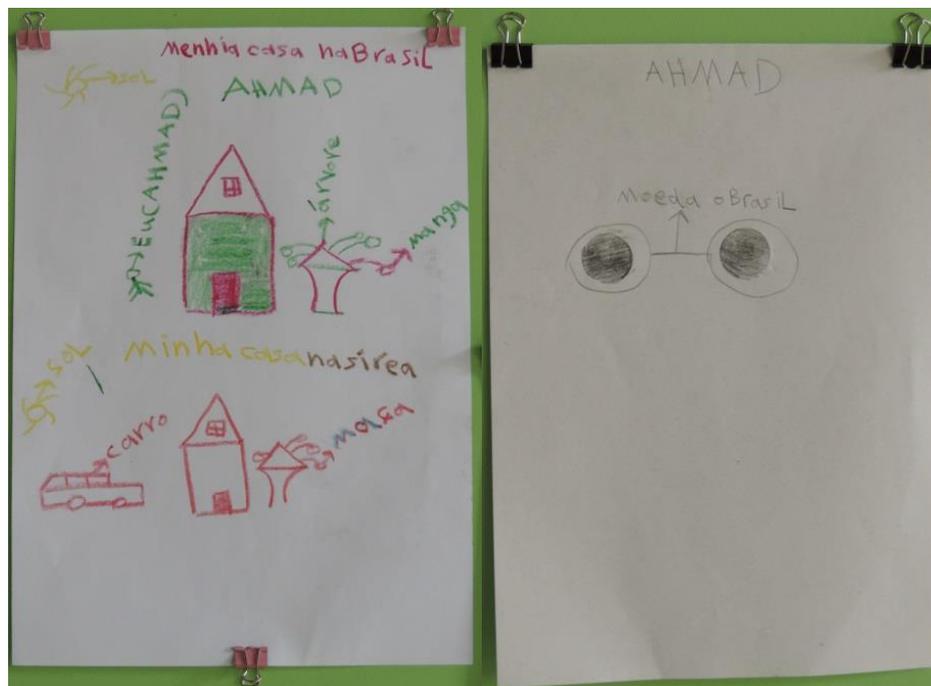


Fotografia: CALEGARI, M. **Concurso Cultural**, São Paulo, SP. 2014.

A inscrição dos participantes ocorreu entre 07 de setembro e 12 de outubro de 2014. Para participar, era necessário que a criança fosse refugiada ou solicitante de refúgio no Brasil. O Concurso Cultural foi dividido em cinco categorias: crianças de 03 a 05 anos, crianças de 06 a 08 anos, crianças de 09 a 11 anos, pais ou acompanhantes (adultos), profissionais ou voluntários da área (adultos). A premiação seria concedida a três pessoas em cada uma das categorias; o primeiro colocado da categoria receberia um Netbook, o segundo lugar um tablet, e o terceiro um aparelho de MP4.

A comissão avaliadora era composta por um profissional da IKMR, um profissional do Museu da Imigração e um profissional do ACNUR. Os participantes poderiam escolher entre duas medidas de papel para seu desenho, e no caso de texto não poderia ultrapassar dois mil caracteres. A pintura e a escrita eram livres, devendo retratar como a criança se sentiu ao chegar ao Brasil; sendo “Acolhida” o tema central. Segundo a IKMR, foram realizadas 23 inscrições (07 textos e 34

desenhos). Os finalistas tinham como país de origem: Síria, Colômbia, Nigéria, Angola, República Democrática do Congo, Irã e Sudão do Sul.



Fotografia: CALEGARI, M. **Concurso Cultural**, São Paulo, SP. 2014.

Na exposição no Museu da Imigração, no dia da premiação, os finalistas estavam separados nas seguintes categorias: 04 a 06 anos, 07 a 09 anos, 10 a 12 anos e adultos. Entre os menores, os desenhos representavam pessoas, casas, árvores, super-heróis, coração, sol, nuvens, avião, barco, animais, hotel, malas, igreja, chuva e família. As crianças entre 07 e 09 anos também pintaram hotel, avião, sol, igreja, e árvores; mas incluíram também aeroporto, moeda, lanchonete e carro. Neste grupo havia também dois textos, um de uma menina da República Democrática do Congo que falava sobre discriminação e escola no Brasil, e outros dois de uma garota Síria sobre o processo migratório.

A gente vem pra cá porque meu pai foi para o preso, e ele ficou 3 meses, e meu pai cometeu com ele que não pode ir ao banheiro e no preso deixaram as pessoas acordarem 8 hora e deixaram eles dormer a hora, e 8 hora eles comeram pão pequeno e ovo pequeno, e só. E na preso deixam as pessoas dormer sentado. E depois 3 meses, e depois meu pai voltou para casa. (Samira, refugiada síria, 10 anos)

No outro texto ela escreveu:

Primera coisa agente vem da Sirea e Sirea para Lebano e Lebano para o Brasil, 1 dia agente comeo muito sorvete, e frango, e vio tevesão, e jogaram, e pegaram emd gem, e livros, e agente falo com Amer pra ele vem pegar agente do aerborte. O Amer pego agente para um hotel com um familia e agente ficou depois dia no hotel por 80 riales, e depois o Amer pego para casa dele e ficaram ali três meses. (Samira, refugiada síria, 10 anos)



Fotografia: CALEGARI, M. **Concurso Cultural**, São Paulo, SP. 2014.

Na categoria de 10 a 12 anos, apareceram novas figuras como a bandeira do Brasil, estradas, mas permaneceu a representação de avião, sol, igreja, animais, casa e árvores. A presença de textos foi maior nesse grupo. Uma garota do Sudão do Sul escreveu sobre a felicidade de chegar ao Brasil misturada com a tristeza de deixar a casa para trás, e o sofrimento por ter que morar em um hotel e, posteriormente, uma experiência negativa vivendo no abrigo da Cáritas; mas que no final tudo acabou bem, pois a família conseguiu uma casa e agora ela frequentava uma boa escola também.

Uma menina colombiana iniciava sua história dizendo: “Havia uma vez uma menina e um menino estrangeiros que chegaram no Brasil”. Após essa introdução literária, seguia uma história de reunião familiar com outra irmã que já estava refugiada no país. A garota descreveu a

beleza da paisagem brasileira, a casa bonita onde foi morar, a hospitalidade das pessoas, e tudo de positivo que fazia com que a saudade da Colômbia fosse menor.

Ao lado de dois desenhos, de um menino também colombiano, a mãe explicava em espanhol as imagens feitas pelo filho. A mãe escreveu que no primeiro desenho uma cruz sobre a montanha representava um abrigo iluminado para a criança, simbolizando a acolhida e seu sentimento em relação à Igreja Católica. Na segunda imagem estava pintado um barco, que segundo a mãe, representaria a migração em meio a desgraça de viajar ao vento por não em espaço dentro do barco, mas que para o garoto significava aventura.

O último texto ocupava duas folhas de redação. Segundo o pequeno refugiado sírio, o processo migratório começou a partir da prisão do pai:

Em um dia no 2012 nós fomos para Libano para a prova de inglês, e quando nós voltamos para a Síria a policia pego meu pai para a prezon 3 meses e 15 dias. E no este momento comesou a história de viajar. E nós ficamos com medo e triste porquê eu fiquei sem pai, e meu avó ficou gastando o dinheiro para a policia para deixar o meu pai, e depois de um mês e 15 dias até que nós sabemos onde que está o meu pai, e depois de 15 dias no fomos para falar com meu pai empreson, e no 15 de janeiro de 2013 o meu pai saio do empreson, para a casa do meu avó, e quando o meu pai chegou nos ficamo muito feliz. (Halim, refugiado sírio, 12 anos)

A história seguia com o relato da experiência migratória no Líbano:

E depois de 2 semanas nós fomos para o Libano, e ficamos lá procurando uma país para ir para lá, porque no Libano a vida muito ruim, porque nós moramos em uma montania, e lá as pessoas são ruim, não gosta de os sírios, por isto que nós queremos sair de Libano. Em um dia nós fomos para empasador do Brasil para pegar o visto, e foi muito fácil e meu pai achou defecil mas foi muito fácil, e nós pegam uma carta de avião e foi 10/12/2013, e nós guardamos o material e fomos para Síria visitar os avos e os parentes para falar tchau e tudo e voltamos para Libano, e fomos para airporto para subir a avião, para ir a Catar e demorou 4 horas para chegar para lá, e depois ficamos no airporto de Catar 3 horas esperando a proxima avião, e depois subindo para a avião até o Brasil. E demorou para chegar até o Brasil 16 horas para chegar, e no avião foi muito legal, e passou em cima de Arábia Sudita e África e do oceano Atântico, e quando nós chegamos em cima do Brasil, Rio de Janeiro, e ficou muito lindo muita árvore e muita novem, e quando nós chegamo até o Brasil. (Halim, refugiado sírio, 12 anos)

E com muitos detalhes, o menino relatava a chegada no país de destino:

E quando chegamos nós conhece nada e nós falamos com a Amer, e o Amer chegou mas em outro lado do aeroporto, e ficamos duas horas espeando, depois encontramos juntos e fomos para um hotel no Sé por R\$60 por dia, e depois de dois dias ele colocou por R\$80, e meu pai falou que é cara, e Amer falou vamos para minha casa, e meu pai falou sim, dois meses sozinhos na casa, porque a esposa dele ela está na xacara dela, e nós estamos procurando uma casa para sair da casa do Amer, e depois de um mês nós encontramos uma casa, e nós saímos sem pagar nada de dinheiro para ele, e ele que ajudou a abrir um box no shopping Vanteir. E quando nós fomos para casa, e a vida no Brasil melhor do que Líbano, aque têm muita chuva, e muita árvore, e no maio nós comemos de falar com o Adus depois com Vivane e IKMER, e nós estão passeando com eles e no Brasil eu fique muito feliz por que que sabe todos essas pessoas por que eles são muito boms e aque no Brasil eu e minha família estamos muito feliz. (Halim, refugiado sírio, 12 anos)

Finalmente, na categoria para adultos, três textos participavam do Concurso Cultural. O primeiro texto era de uma refugiada angolana, mãe de uma menina de cinco anos e de um neném de quatro meses. A mulher que chegara ao Brasil há um mês e meio afirmava ter vindo para o país em busca de melhores condições, pois na Angola o acesso à água e à educação era muito difícil. Em inglês, o segundo texto era de uma refugiada nigeriana. Ela desabafava sobre problemas de assassinato e sequestro na Nigéria terem motivado seu marido a ir para o Canadá há três anos, porém ela e a filha não conseguiram o passaporte e por isso vieram para o Brasil; apesar da separação da família, ela se considerava feliz no país.

O último texto foi escrito em francês por uma refugiada da República Democrática do Congo que disse ter se perdido do marido por problemas políticos e veio grávida e com dois filhos para o Brasil, uma menina de seis anos e um menino de quatro anos, em julho de 2014. Ela afirmou que a migração foi difícil, mas que, atualmente, estavam abrigados na Cáritas, a filha mais velha frequentava a escola, e que aos poucos eles reconstruíam suas vidas. Não havia redações escritas por homens e nem na categoria de funcionários.



Fotografia: CALEGARI, M. **Concurso Cultural**, São Paulo, SP. 2014.

O evento ocorreu no dia em que a Convenção sobre o Direito das Crianças comemorava 25 anos, e o Museu da Imigração oferecia também atividades em homenagem ao Dia da Consciência Negra. A programação do dia continha oficina de turbante às 14h, apresentação musical afro-brasileira às 15h, e premiação do Concurso Cultural com as crianças refugiadas às 16h. Antes dos resultados, voluntários da IKMR divertiam as crianças colorindo seus rostos, pulando corda, brincando com máscaras e outros objetos. Muitos familiares estavam presentes, em sua maioria mães africanas e sírias.

A sala da premiação recebia os visitantes com um painel explicando o Concurso Cultural “Lar é onde o coração está” e um grande painel com o título “O mundo de cá, o mundo de lá” mostrava um pouco da história de crianças migrantes. No fundo da sala dois painéis traziam trechos da Declaração dos Direitos das Crianças. Na parede lateral esquerda estavam expostos os desenhos e textos participantes do concurso. O ambiente era colorido por tapetes de borracha para as crianças brincarem e um lindo bolo para comemorar o evento.

A premiação foi acompanhada por olhinhos atentos, sorrisos de satisfação e muitas fotos. Após o anúncio dos vencedores e a entrega dos prêmios, todos se dirigiram para o jardim do museu para compartilharem um piquenique. Crianças e adultos faziam a festa com salgadinhos e refrigerantes. Aproximei-me de algumas voluntárias e brinquei com as crianças refugiadas enquanto elas me contavam histórias em sotaques diversos. “Eu não tenho irmãozinho, mas minha

mamãe está grávida” dizia uma pequena síria e ao perceber a dificuldade das outras crianças com o idioma ela continuou “Minha mamãe não fala português, mas eu sei falar *boa noite*”. E assim a pesquisadora mergulhou em histórias desses pequenos refugiados sobre suas famílias, idade, país de origem, comida favorita e muita brincadeira.



Fotografia: CALEGARI, M. **Concurso Cultural**, São Paulo, SP. 2014.

Quando o final da comemoração se aproximava, a coordenadora da IKMR levou um bolo para o piquenique, todo confeitado e colorido com corações e bandeiras de diversos países de origem dos refugiados. Segundo a coordenadora, as crianças nunca haviam visto algo parecido e não acreditavam que fosse realmente um doce, e por isso os voluntários passaram a tarde toda vigiando-o, pois toda hora as crianças queriam tocá-lo para ver se era real. Então, nesse momento de festa, ela permitiu que as crianças pegassem o bolo com a mão, sem cortá-lo, sem pratos ou guardanapos. E o dia terminou com os pequenos refugiados experimentando o gosto, o cheiro, a textura e as cores daquele tão esperado momento.

### 4.3 Assalam Aleikum

Escrevo alguns meses após o fim da aplicação dos questionários, e ainda hoje não sei se eu cruzei o caminho desses refugiados sírios ou se foram eles que cruzaram o meu. Após tantos questionários aplicados, o refúgio ganhou um novo significado para mim. Os imigrantes sírios permitiram que eu entrasse em suas casas, em seu local de trabalho, os acompanhasse em cafés e lanchonetes, consultas com dentistas, passeios, cursos de português e mesquitas. Tantos novos lugares, novos aprendizados, experiências e sentimentos.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

A primeira entrevista aconteceu no dia 31 de março de 2015. O primeiro questionário foi aplicado em um café na Avenida Paulista e já no primeiro dia os desafios do trabalho de campo começaram a surgir. Omar fez questão de demonstrar o diferencial de gênero decidindo aonde iríamos, em qual cadeira sentaríamos e quem iria ser o responsável por pagar a conta. Apenas um dos entrevistados homens permitiu que eu pagasse o café e, ainda assim, afirmou que só iria fazê-lo por não ter condições financeiras para tanto, e disse que isso era muito humilhante para ele.

Apesar do questionário passar por diversas avaliações, é somente no momento em que o aplicamos a um entrevistado que realmente compreendemos suas possibilidades e limitações. As possibilidades metodológicas e as relações com a teoria eram inúmeras, e o formato das perguntas permitiu criar uma conversa com os refugiados sírios e ir além das variáveis disponíveis. As limitações foram, em sua maioria, culturais; algumas dificuldades linguísticas, religiosas e sociais.

O primeiro desafio era escrever os nomes árabes de todos os membros das famílias e ter que pronunciá-los corretamente e lembrá-los durante a entrevista. Houve muita mistura de línguas durante as entrevistas – português, inglês e árabe. De acordo com o primeiro entrevistado, a facilidade de encontrar sírios que falam inglês se dá pela alta escolaridade da população síria, como um todo. Logo no início da conversa, Omar explicou o motivo que o levou a participar da pesquisa:

Eu te mandei uma mensagem porque eu vi que você está fazendo uma pesquisa. Eu gosto dessas coisas, especialmente sobre sírios no momento. Porque muita gente escuta sobre nós, mas eles não sabem quem são essas pessoas, quem está aqui, qual a nossa situação. (...) A maioria das pessoas escuta que há um problema na Síria, mas não sabe o que está acontecendo, que tipo de problema, por que eles estão aqui, a diferença entre eles. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>158</sup>

O rapaz contou rindo que alguns brasileiros não acreditavam que ele era refugiado por ser branco; segundo ele os brasileiros acham que todos os refugiados são negros, devido ao grande número de africanos com essa condição jurídica.

Omar desabafou durante a entrevista sobre a dificuldade com a burocracia brasileira para entrar no país, para revalidar diplomas e para alugar uma casa; de acordo com ele “*Foi um grande desafio*”<sup>159</sup>. Ele afirmou ser um dos primeiros refugiados da atual guerra civil síria a chegar ao Brasil e que o país ainda não estava preparado para as especificidades dessa população. Inicialmente, ele foi recebido como um migrante econômico e depois levou um longo tempo para que o processo de refúgio fosse realizado.

---

158 Tradução livre do original: “*I sent you a message because I saw you are making a research. I like these things, especially about Syrians right now. Because a lot of people hear about us, but they don’t know who is this people, who is here, what’s our situation. (...) Most people hear that there is a problem in Syria, but don’t know what’s happening, what kind of problem, why they are here, the difference between them.*”

159 Tradução livre do original: “*It was a very big challenge.*”



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Além do desafio de conseguir regularizar a situação jurídica, Omar teve que procurar um local para morar sem conhecer ninguém no país e sem falar português. A dificuldade de conseguir moradia sem fiador e sem depósito caução deixaram a situação ainda mais complicada. O *google tradutor* foi seu grande parceiro nessa jornada e permitiu que o rapaz conseguisse alugar um quarto e negociar valores, segundo ele.

Em um primeiro momento, o sírio tentou revalidar seu diploma de Ensino Superior na cidade de São Paulo, sem êxito.

Eu fui lá e eles perguntaram sobre documentos que são impossíveis, especialmente agora para sírios. É muito difícil, se eles precisarem de um documento, trazer da Síria; pois temos guerra lá, guerra. E também não temos embaixada brasileira agora na Síria, está fechada. Então, se você precisa de um documento, é muito difícil, quase impossível. Nós falamos que somos refugiados, mas eles não têm essa flexibilidade. Então, em Curitiba, eles abriram programas específicos para refugiados. E a coisa boa é que eles falam para você levar qualquer coisa que você tenha. (Omar, refugiado sírio, 28 anos)<sup>160</sup>

---

<sup>160</sup> Tradução livre do original: “Here? I’m sorry to say that, but they are crazy, especially in USP. I went there and they are asking about documents that are impossible, especially now for Syrians. It’s very hard if they need a paper to bring from Syria, because we have war there, guerra. And also we don’t have Brazilian embassy now in Syria, it’s closed.”

Omar viajou para Curitiba e realizou a validação do seu diploma na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A viagem e todos os demais custos foram pagos pelo próprio refugiado sírio. Outros entrevistados relataram o mesmo processo e a mesma dificuldade; no entanto, a maior parte desses refugiados não teve a possibilidade de fazer o mesmo devido a problemas financeiros ou a impossibilidade de se comunicar em português.

Após a primeira entrevista, agendada por meio do grupo do Facebook para refugiados no Brasil, fui para uma reunião com Vivianne Reis, presidente da organização IKMR. Eu a conheci na Copa dos Refugiados no ano anterior e falei com ela a primeira vez no Concurso Cultural para crianças refugiadas. Durante a reunião, apresentei a pesquisa, discursivei sobre a dissertação de mestrado e sobre o Observatório das Migrações em São Paulo. Inicialmente, a presidente da ONG estava insegura imaginando que as famílias refugiadas pudessem estar expostas de alguma forma negativa, mas depois confiou na seriedade do projeto e se dispôs a ajudar.

Muita gente se importa, se sensibiliza, mas não a ponto de fazer alguma coisa, de se envolver de nenhuma forma. As pequenas coisas, né. Eu digo muito para as pessoas que curtir um post, compartilhar uma informação, isso é doação também. É preciso que haja essa consciência. Toda vez que você chama a atenção, que você dá uma visibilidade para a causa, isso também faz parte desse movimento. (Vivianne Reis, presidente da IKMR)

Vivianne contou um pouco sobre sua trajetória se espantando ao dizer que viveu quase trinta anos sem saber o que de fato era refúgio e sem se envolver com o que acontecia no mundo. Um dia, motivada por entrevistas da atriz Angelina Jolie, ela começou a pesquisar mais sobre refúgio e decidiu montar um projeto. Segundo Vivianne, o que mais a tocou foi o fato de milhares de crianças viverem sozinhas em campo de refugiados suscetíveis à violência. Assim, inicialmente o projeto seria para abrigar, educar e cuidar dessas crianças refugiadas órfãs, porém não foi possível realizá-lo.

Após ser desencorajada em relação ao projeto inicial, ela buscou conhecer mais profundamente a causa e se inscreveu para ser voluntária na Cáritas Arquidiocesana de São Paulo. Vivianne disse que trabalhou um tempo na Cáritas, aprendeu muito sobre refugiados no Brasil, mas

---

*So if you need a paper is very hard, almost impossible. We say we are refugees but they don't have flexibility for this. So in Curitiba they opened specific programs for refugees. And the good thing is that they say to bring anything you have."*

sentiu necessidade de fazer um trabalho voltado especificamente para as crianças. Em 2012, ela fundou a IKMR.

Por que *Eu Conheço Meus Direitos – I Know My Rights?* Porque não é caridade, a gente não é bonzinho e quer ajudar as pessoas porque somos legais, não é isso. Quando eu conheci sobre refúgio, as convenções, as leis (...), a Angelina Jolie falava isso de educar-se sobre os seus direitos. Os direitos já estão todos aí, só precisamos trabalhar com eles. Tem direitos garantidos que a gente não tem a menor ideia que já existem, a gente nem precisa lutar por isso, a gente precisa fazer com que sejam executados. E aí, por isso veio esse nome – *Eu Conheço Meus Direitos*. (Vivianne Reis, presidente da IKMR)

Dentre os seis idiomas oficiais da ONU – árabe, chinês, espanhol, inglês, francês e russo -, a tradução I Know My Rights com a sigla IKMR foi a opção escolhida pela presidente. Vivianne, ainda, explicou que a proposta da organização é mostrar para a criança o lado positivo da palavra refugiado, que muitas vezes é usada com um sentido pejorativo.



Fotografia: CALEGARI, M. *Visitas a campo*, São Paulo, SP. 2015.

A proposta é inculcar na criança o positivo desse conceito, de ser refugiado. Gente, para você ser refugiado não é só caiu um míssil na sua casa e você teve que fugir, que não pode ficar onde está e é perseguido. Você tem que cruzar uma fronteira, você tem que ter muita força de vontade, você é um guerreiro. E encarar isso, e promover isso quando chega em um país diferente com cultura diferente, e tentar promover essa integração. Ter orgulho disso. Tenhamos orgulho dessas pessoas. (Vivianne Reis, presidente da IKMR)

Vivianne criticou também a ausência do uso do estatuto de refugiado em alguns contextos, como no caso dos haitianos e quando as autoridades consideram que todo migrante econômico viaja por uma escolha pessoal, sem considerar as condições de vida daquele indivíduo. Logo, perseguição política justificaria refúgio, mas existem outros contextos sociais onde há violação maciça dos direitos humanos.

No primeiro aniversário da IKMR aconteceu uma ação em função do Dia Mundial do Refugiado e foi decidido que a cada aniversário a organização escolheria um direito para trabalhar. O primeiro direito escolhido foi o *direito de brincar*. Ao realizar entregas de brinquedos em parceria com a Cáritas e com o ACNUR, Vivianne percebeu que o mais emocionante no evento foi a gratidão das mães, não pelo brinquedo em si, mas pela atenção que estava sendo dada a seus filhos. A partir dessa primeira ação foram surgindo eventos em diversas capitais em que se encontravam crianças refugiadas.

A presidente compartilhou diversas histórias das famílias que são assistidas pela organização. Ela diferenciou o projeto migratório de árabes e africanos, dizendo que os congoleses priorizam a vinda de mães e filhas devido ao uso do estupro de mulheres como arma de guerra, já os sírios iniciam a trajetória migratória com o pai da família por motivos culturais. Há diferenças cotidianas como o cuidado com os filhos, alimentação, disciplina, educação, vestimenta e religião.

Cultura é uma preocupação para a IKMR, uma vez que a equipe busca integrar as crianças refugiadas à sociedade brasileira, mas também trazer para o nosso país a cultura de origem delas garantindo a manutenção de sua identidade. Histórias sobre confusões com tradução, mensagens no celular, ajuda com lição de casa, trajetórias migratórias, problemas com documentação, transporte, também estiveram presentes na conversa.

#### 4.4 Uma voz nada passiva

*Minhas palavras sonham com morada, mas meu pensamento abre porta para o meu sotaque entrar  
 Eu não permito que nenhum lugar do mundo ponha tranca em minha língua por mais presa que ela  
 possa estar*

*Se só consegue me enxergar enviesado não sou eu que sou culpado, essa guerra é de você  
 Se não podemos conviver lado a lado tenha um pouco de cuidado para tentar me compreender*

*Porque minha voz me liberta e meu sorriso é de paz*

*Como é que eu posso atravessar a fronteira sem que meu sotaque possa vir atrás?*

*O meu sotaque pode ter um ar de graça, mas é sério e verdadeiro quando quer se defender*

*Ele não leva desaforo para a casa já que sua casa vive aberta pronta para te receber*

*Eu não consigo acreditar como tem gente que só usa a língua para cortar o que não se pode comer*

*A minha carne é indigesta, mas o meu comportamento pode lhe ensinar como melhor viver*

*Porque minha voz me liberta e meu sorriso é de paz*

*Como é que eu posso atravessar a fronteira sem que meu sotaque possa vir atrás?*

*(“Sotaque” – Doca Furtado)*

Ao chegar ao bairro da Liberdade, vou até a sede da instituição que oferece aulas gratuitas de português para refugiados sírios. Na porta de entrada, um homem conversa em árabe com uma criança do outro lado do portão para liberar nossa entrada. Uma voluntária nos recebe e me encaminha para conversar com a professora de português, a qual foi indicada pelo primeiro refugiado entrevistado na pesquisa.

A professora contou um pouco sobre a história da ONG, que teve seu início há pouco mais de um ano. A equipe preferiu não nomear a organização, a qual possui vários projetos sociais na cidade de São Paulo e que oferece curso gratuito de português para refugiados sírios em parceria com a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo. O lema dos voluntários é transformar, por meio da compaixão, a vida das pessoas que mais necessitam. Os projetos da organização incluem ajuda a refugiados, atividades socioeducativas, culturais, artísticas e esportivas. Por meio de relacionamentos humanizados, os envolvidos nas ações procuram resgatar a dignidade e fortalecer a esperança das pessoas que são atendidas.

Essa organização começou a ser pensada em 1998, mas tornou-se oficialmente a associação que é hoje em 2010. O registro como pessoa jurídica e as diversas parcerias ocorreram de fato em 2014, o que faz com que os projetos sejam relativamente novos. A organização foi

fundada por um brasileiro que trabalhou como voluntário em Uganda e no Egito na área de esportes para solicitantes de refúgio:

Estamos comemorando um ano de aula aqui. Na verdade, o próprio projeto foi uma razão da gente começar a dar início à ONG. A gente sempre teve vários trabalhos sociais aqui, mas daí a gente quis realmente trazer uma perspectiva mais profissional para isso, tentar melhorar cada vez mais o tipo de serviço que a gente pode oferecer. E, com os refugiados, com a experiência que eu tive desde Uganda até o Egito, eu quis vir no mesmo sentido. Eu trabalhava em uma ONG lá, mas na área de esporte. E essa ONG prestava serviço para o UNHCR lá. Então, antes dos refugiados conseguirem ter a documentação deles em ordem, eles iam primeiro para essa ONG e aí recebiam ajuda. E, conforme a documentação ia ficando em ordem, daí eles voltavam para o ACNUR lá. Só que eu trabalhava na área de esportes com eles promovendo inclusão social e prevenção por causa das gangues e das drogas, com esporte. Voltando para cá vi as mesmas necessidades, daí eu falei ‘estou no meu país, tenho como ajudar com a língua, isso já é uma vantagem’. Daí a gente começou a buscar isso e veio a ONG com o curso de português. (João, brasileiro, fundador da ONG e do curso de português para refugiados)

O fundador da organização fala árabe, mas nenhum outro funcionário ou professor sabe a língua, inicialmente tentam se comunicar em inglês com os refugiados. O curso de português foi criado para facilitar a convivência e a integração dos refugiados sírios que chegam ao Brasil. A dificuldade linguística é um dos grandes desafios iniciais com os quais esses migrantes se deparam ao chegar ao território brasileiro.

As aulas de português são ministradas por voluntários e acontecem três vezes por semana com duração de uma hora e trinta minutos. O grupo de professores é formado por doze voluntários brasileiros. Atualmente, o curso possui quatro turmas, uma no nível intermediário e três no nível básico. De acordo com os professores, ao completar o nível básico, os alunos já estão aptos a realizarem entrevistas de emprego e já são capazes de conversar em português.

O material é oferecido gratuitamente para os refugiados. O livro foi formulado como um curso de português para estrangeiros e é composto por vinte unidades, as quais são separadas para estabelecer os níveis. Ao final de cada nível, os alunos realizam uma prova de nivelamento para avaliar seu desempenho. O curso é oferecido para adultos e crianças, e oferece reforço escolar também. Atualmente, a organização atende aproximadamente 35 alunos, mas já participaram do curso de português cerca de 80 refugiados sírios.

Nós temos vários projetos para levar ajuda para os refugiados e dentro desses projetos a gente tem várias frentes também. O curso de português é o principal, mas tem a parte de amparo, que a gente faz doações, cestas básicas, ajuda com outras coisas, moradia... Também tem a parte de trabalho que é traduzir currículo, procurar empregos. (...) Tem saúde também. No final das contas, a gente faz quase tudo, mas como a gente descobriu que a barreira principal é a língua, a aula de português é o principal. (Lívia, brasileira, professora no curso de português para refugiados sírios)

Após essa apresentação, a professora me levou para conhecer o espaço e conversar com alguns dos alunos para verificar a disponibilidade e a vontade deles em participar da pesquisa. Já no primeiro momento, um rapaz aparece como representante desse grupo de refugiados sírios, questiona a proposta da pesquisa e aceita realizar a entrevista. A irmã dele chegou pouco depois também disposta a participar, e eles concordam que ele poderia responder por toda a família. O rapaz conversou em árabe com outros refugiados sobre a pesquisa, um deles preferiu não participar, e outros conversariam conosco depois da aula.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

As salas de aula foram sendo ocupadas pelos alunos, enquanto muita conversa em árabe acontecia nos corredores. Alguns rapazes sírios cumprimentavam as professoras com aperto de mão e alguns até mesmo com um beijo no rosto. Visto que durante o trabalho de campo na semana anterior me deparei com o tabu do toque entre pessoas de sexos diferentes, questionei as professoras sobre tal intimidade. Elas afirmaram que a princípio não havia toque, e que muitos sequer olhavam ou sorriam para elas, mas que ao longo do tempo eles foram se sentindo mais à vontade com a cultura brasileira e partiu deles a iniciativa do aperto de mão e depois o beijo no rosto.

Uma refugiada síria – a única sem *hijab* (véu), apesar de ser muçulmana – procurou a professora que estava comigo para falar sobre sua dificuldade com a gramática, especialmente a voz passiva. Segundo a gramática brasileira, a voz passiva é aquela na qual o sujeito é apenas paciente recebendo a ação do verbo. Ela entendia que a regra era similar à da língua inglesa, mas insistia que a voz passiva era incompreensível em português. Naquele momento em especial, e naquele contexto, aquela moça era definitivamente um agente que praticava as ações dos verbos escolhidos por ela mesma.

Todos os alunos entraram nas salas de aula, enquanto as crianças ficaram em uma área de recreação sem supervisão. A entrevista foi realizada nesse local, e em alguns momentos o refugiado interrompia o questionário para chamar a atenção das crianças em árabe quando estas faziam muito barulho. No começo da entrevista ele estava desconfiado mesmo depois da explicação sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; ele leu o documento várias vezes, pediu para olhar o questionário, para então concordar em participar da pesquisa de fato.

Quando eles chegam aqui a gente toma muito cuidado com eles porque, primeiro porque eles estão sob proteção, então a gente não pode expor. Ao longo do tempo a gente vai aprendendo um pouco assim a como lidar. No começo, quando a gente foi tirar foto mas não pode, entendeu? Tem essas questões assim. Porque eles chegam muito desconfiados. E eles chegam e são muito questionados por tudo, como quando eles vão na Polícia Federal tem que passar por entrevistas, assinar um monte de papel. E como eles vêm de um lugar que tem a questão da perseguição, eles desconfiam muito, e até aqui tem espões. Então eles ficam bem receosos. A gente quer, então, um ambiente seguro para eles poderem relaxar e estudar português. Por isso que a gente evita a questão de expor coisas na mídia, mas como é uma pesquisa, se eles concordarem em expor tudo bem. (Lívia, brasileira, professora no curso de português para refugiados sírios)

Ao longo do mês de abril foram aplicados cinco questionários nesse local, totalizando 31 indivíduos. A maior parte dos indivíduos (20) é de membros ausentes da família do respondente, quase todos estes na Síria. Dentre os 11 indivíduos que vivem no Brasil, 6 fazem curso de português há mais de 7 meses, 2 deles estão estudando a língua de 1 a 3 meses, e 3 indivíduos nunca fizeram aula de português. Quando questionados sobre a língua que falavam em casa alguns disseram que era português para praticar ou porque viviam com brasileiros, alguns falavam em inglês e a maioria árabe.

Grande parte dos entrevistados desabafou sobre a dificuldade de aprender o português e a diferença entre a nova língua e o árabe. Em muitos casos, o aprendizado da língua não é uma opção, mas uma necessidade para conseguir emprego. A importância da convivência com os brasileiros também foi citada como um dos principais motivos para aprender português.

No trabalho temos muita coisa, eu entendo, eu posso falar, mas não posso falar direito. Eu quero falar. Escrever português é melhor que falar. Estudo português sete meses, mas falo não porque é estudante, mas porque trabalho em empresa brasileira e tenho que falar tudo em português. Ninguém fala inglês lá. (Said, refugiado sírio, 30 anos)



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Ao responder as perguntas abertas do questionário, um rapaz sírio citou a língua como a maior mudança na sua vida: “*Primeiramente, a língua. Eu gosto daqui, mas língua diferente. E aprender essa língua, eu amo aprender essa língua. E a cultura aqui é diferente da Síria, muito diferente.*” (Nurdin, sírio solicitante de refúgio, 27 anos)<sup>161</sup>

Nesse lugar tive contato com histórias muito tocantes e, ao mesmo tempo, com trajetórias muito diferentes. Alguns entrevistados disseram já ter nascido “refugiado”, enquanto outros não se identificam com a categoria apesar da condição jurídica.

Eu nasci na Síria como refugiado por causa do meu pai. Minha geração, como um todo, é de palestinos. E eles vieram para a Síria e foram registrados na Síria como refugiados. Então, filhos de filhos são refugiados. Quando eu vim para cá, eu simplesmente vim como refugiado, mas como refugiado da guerra da Síria, não da guerra da Palestina. Nós precisamos de uma solução. Você sabe como é difícil sentir que desde o dia que você nasceu você é refugiado? Em cada país você é refugiado. (Khalil, refugiado sírio, 28 anos)<sup>162</sup>

Esse rapaz sírio relatou o drama de seus pais que são palestinos e foram para a Síria como refugiados há algumas décadas. Ele, por sua vez, nasceu na Síria como refugiado palestino, pois lá a nacionalidade não é dada por nascimento, mas por origem do pai. O tema da nacionalidade palestina, apesar da naturalidade síria, apareceu em diversas entrevistas ao longo do trabalho de campo. Em relação à situação dos refugiados palestinos na Síria, grande parte dos entrevistados afirmou ter registro na UNRWA, mas que o apoio dessa agência era insuficiente.

Por outro lado, dois rapazes que também frequentam o curso de português e conhecem a história desse colega afirmaram ter a condição jurídica de refugiado, mas não se identificarem como tal. Ibrahim, um jovem sírio de 26 anos, disse ter uma história diferenciada por não ter vivido a experiência do refúgio, uma vez que sua viagem fora planejada. Segundo ele, a vinda para o Brasil foi uma escolha para crescer profissionalmente, pois aprenderia uma nova língua e uma nova cultura.

---

<sup>161</sup> Tradução livre do original: “*First, the language. I like it here, but different language. And learn this language, I love to learn this language. And the culture here is different from Syria, very different.*”

<sup>162</sup> Tradução livre do original: “*I was born in Syria as a refugee because of my father. My generation as a whole are Palestinian. And they came to Syria and registered in Syria as refugees. So sons of sons are refugees. When I came here, I just came as a refugee but from the war of Syria not the war of Palestine. We need a solution. Do you know how much is hard to feel like from the day that you were born you are refugee? In each country you are a refugee.*”

De acordo com o rapaz, a empresa para a qual ele sempre quis trabalhar abrirá três sedes no Brasil em 2016, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Ainda que ele tenha dado como motivação para a migração o crescimento profissional, Ibrahim contou que saiu da Síria porque teria que, obrigatoriamente, servir ao exército. Porém, como ele é contra o governo, ele se negou ao serviço militar e fugiu para o Líbano.

As histórias contadas por esses sírios no espaço do curso de português geraram inquietações a respeito da dicotomia migração forçada e migração voluntária, mais uma vez. A diferenciação feita pelos próprios sírios entre migrante econômico e refugiado levantou questionamentos sobre o refúgio não só como condição jurídica, mas também como parte da identidade dessa população.

#### **4.5 Sabores e aromas sírios**

A culinária árabe foi um tema marcante durante todo o trabalho de campo. Em quase todas as entrevistas, os sírios me ofereceram alguma refeição. Na maioria das casas o alimento era árabe, apenas em alguns casos - onde as famílias viviam em condições financeiras difíceis - me ofereciam apenas um suco, uma fruta ou biscoitos. Em um apartamento simples, uma família me ofereceu uma banana e não aceitaram minha recusa; tive que comer a fruta inteira, enquanto eles dividiam a outra banana entre cinco pessoas.

Uma entrevista muito marcante foi em uma casa em que viviam dezesseis refugiados sírios (pais, filhos, noras e netos), onde serviram quibe sírio para mim e todos eles ficaram apenas olhando enquanto eu comia, pois não havia o suficiente para todos. Ofereci um quibe para a pequena síria que estava sentada ao meu lado, mas ela recusou; pois não poderia comer e deixar os irmãos e primos passarem vontade. Foi um desafio e tanto; a recusa do alimento os ofenderia, então tive que simplesmente comer, agradecer e elogiar.

Hamed criticou a dificuldade para conseguir um bom emprego no Brasil, afirmando que precisa alimentar sua família:

Eu tenho família, esposa, criança... Tem que fabricar comida em casa, não tem como comprar comida. Eu não tenho salário agora. Eu aluga a casa e um dia depois patrão fecha a loja. Entede? Esse o problema. Agora irmão ajuda eu. (...) Difícil. Comida, leite...

Criança não sabe, quer comida se você trabalha ou não trabalha. (Hamed, refugiado sírio, 38 anos)

A casa era pequena e viviam cinco casais dividindo dois quartos. Durante a entrevista alguns membros da família ficaram no quarto, uma vez que a sala era pequena para todos. A condição de vida dessa família era precária – habitação pequena, desemprego, idosos precisando de cuidados médicos, crianças fora da escola e falta de assistência social. Alima e seus três filhos conseguiram se unir ao restante da família que já estava em São Paulo por meio de uma campanha para deixar a cidade que estava sendo atacada no país de origem. Todavia, a vida no Brasil foi muito dura para eles e sete meses após a aplicação do questionário, os cinco refugiados sírios (pai, mãe e filhos) viajaram para a Turquia com a esperança de migrar para a Europa.

Os irmãos disseram que na síria eles se reuniam todas as sextas-feiras para fazerem refeições juntos e se lamentaram por não poder fazer o mesmo no Brasil:

Árabe comum família grande. Comida todos. Tem irmão, esposa. Em sexta-feira todos vêm em casa, irmão quatro e esposas quatro, tudo. Todos vêm comida sexta-feira. Normal, entende? Tudo igual. Sexta-feira tem comida. Domingo você família e amigos, árabe é igual na sexta-feira. Comida todos, churrasco. (Hamed, refugiado sírio, 38 anos)



Fotografia: CALEGARI, M. *Visitas a campo*, São Paulo, SP. 2015.

A importância do alimento para os sírios, o agrado às visitas e o respeito pela casa chamaram muito a minha atenção. É também no ambiente da cozinha que as mulheres se relacionam uma com as outras e dividem seus segredos. Vivenciei essas confissões em meio a quatro outras mulheres enquanto preparavam o almoço de sábado. Não havia nenhum homem na casa, então todas estavam com seus longos cabelos soltos e sem o véu. A conversa era leve e muito divertida.

Era a primeira vez que eu as via e já me receberam como se eu fosse uma antiga amiga. Assim que cheguei na casa daquela família síria, a jovem Hayat nos levou até a cozinha, onde sua irmã mais velha – Suhayr - fritava batatas. Elas conversavam sobre curso de português, transporte, família, casa, profissão, migração, tudo com o som da panela de pressão ao fundo. As meninas comparavam Síria e Brasil em relação a território, costumes, clima, alimentação, entre outros. Quando questionadas sobre a maior diferença, Hayat disse:

Eu não gosto que aqui muita mulher usa roupa muito ruim. Deixa muito homem olhar para ela, eu não gosto. É que no meu pensamento mulher não está na vida só para isso não. Não só para o marido dela, mas para tudo. Quando ela fica assim para tudo é igual animal, não tem nada para fazer, só ela ter corpo. Não. Não gosto disso não. Eu não gosto quando homem olha para mulher e para tudo mulher. Olha e ela é só corpo. Gosto quando homem olha para mulher como igual você, trabalha na vida, mesma coisa que você. Essas mulher sem roupa é só corpo, não é importante na vida. Só para isso eu não gosto. (Hayat, refugiada síria, 15 anos)

Elas haviam viajado anteriormente para o Egito e não sentiram tanta diferença, pois é um país também árabe. Segundo elas, todos os refugiados sírios tentam ir para países árabes, mas os governos já não permitem mais a entrada deles. A única opção seria o Líbano, mas as irmãs tiveram muitas experiências ruins com libaneses que maltratavam sírios. Hayat contou que um homem libanês criou uma organização para ajudar sírios que chegam a São Paulo, mas cobrava muito dinheiro dos refugiados para serviços que eram gratuitos e pegava as doações para ele próprio.

*“Eu não gosto do pessoal árabe mais. Eu não quero ficar árabe mais. Eu falo para minha mãe que eu quero ficar brasileira.”* – desabafou Hayat. A jovem disse que quando perguntam se ela tem saudade de seu país de origem e das pessoas que ficaram na Síria, se ela quer

voltar para lá, ela responde que não. Ao lembrar do motivo que as levou a deixar a Síria, as duas irmãs se entristecem dizendo que uma das irmãs pequenas ficou traumatizada e agora está doente.

Quando ela escuta alguma coisa, ela não pode mais levantar. (...) Teve um dia que a gente dorme no corredor porque no meu prédio tem muita bomba. Não pode ficar na casa porque tudo janela quebrou. Meu vizinho, na casa dele, tomou bomba. (Suhayr, refugiada síria, 21 anos)

A trajetória migratória dessa família foi difícil e Hayat relatava os acontecimentos chateada porque não podia ficar mais na Síria e também não era aceita pela Palestina, ainda que fosse descendente de palestinos. Suhayr afirmou que sua mãe também guardava mágoa por não ter sido aceita em nenhum país árabe e dizia que agora queria ser brasileira também, pois o Brasil foi o único país a aceitá-la. Atualmente, de acordo com elas, o passaporte sírio era igual ao palestino, ou seja, não é aceito em nenhum lugar do mundo.

Em um português quase fluente, Hayat contava também sobre a experiência na escola brasileira. A menina disse que no primeiro ano teve muita dificuldade, especialmente com o vocabulário das aulas de filosofia, sociologia e história; mas que esse ano ela era a melhor aluna da classe. E ria ao contar que ficou muito assustada quando a professora de redação pediu para que eles escrevessem um texto sobre acasalamento de animais. Ela disse que os colegas também ficavam curiosos com as diferenças culturais, especialmente o fato dela usar *hijab* (véu) e não poder tocar os meninos.

Suhayr, recém-casada, contou todos os detalhes sobre a festa de casamento. Ela disse que já conhecia o noivo na Síria, mas que se casaram no Brasil. A celebração do casamento aconteceu durante três dias, mas as festas eram separadas para homens e mulheres. As fotos do casamento mostravam a moça em um vestido vermelho longo, decotado e bastante sensual. Era a primeira vez que o noivo a via sem véu, com cabelos, braços e parte das pernas descobertos. Apenas no momento de assinar os documentos é que se uniam homens e mulheres, mas os únicos homens que podiam estar presentes eram marido, pai e sogro. Irmão também pode ver a mulher sem véu, mas Suhayr só tinha irmãs; já o irmão do marido não tem essa permissão, pois o cunhado é um homem com o qual ela poderia se casar. Em alguns casos, quando o marido morre é o cunhado quem se casa com a mulher síria para assumir a família do irmão falecido.

Quando questionada sobre como são os relacionamentos entre os sírios, a irmã mais nova interferiu para contar alguns segredos. De acordo com a garota, o casal de noivos não pode sequer segurar a mão um do outro antes do casamento, mas na realidade a maioria dos namorados o faz escondidos. Hayat e Suhayr começaram a discordar quando a mais velha disse que não podia segurar na mão porque era para se prevenir caso o homem esteja mentindo, mas que se ele estiver falando a verdade eles podem segurar na mão porque casarão de qualquer forma; porém a irmã menor disse que a religião não permite.

Salwa, uma amiga síria que também estava na cozinha preparando o almoço, estava calada durante a maior parte do tempo por não saber falar português, no entanto ela compreendeu o assunto e disse que ficou noiva durante anos e o marido jamais segurou sua mão antes do casamento. As duas irmãs disseram que beijo era totalmente proibido, mas segurar na mão e abraçar era possível contanto que os pais não ficassem sabendo. Esses segredos foram contados em meio a muitas gargalhadas, como se fosse algo que todo mundo soubesse só que ninguém assumia.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

A culinária síria, além de central para a vida social desses refugiados, passou a ser trabalho para muitos deles no Brasil. Engenheiros, contadores, médicos, vendedores, estudantes, agentes de turismo e químicos migraram também de profissão. Dezesete homens sírios presentes no nosso banco de dados trabalham atualmente com comida árabe em São Paulo, seja como cozinheiro, assistente de cozinha ou garçom; e apenas três deles trabalhavam na área de alimentação na Síria.

A maior parte explicou que comida árabe e comida síria não eram exatamente a mesma coisa.

Eu estou trabalhando em um restaurante. Na verdade, eu trabalho com doces, quibes, esfihas. Comida árabe, não só síria. Geralmente é sobre a área; Síria, Líbano, Palestina, Jordânia... a comida é comum. Se você for mais para o norte, você encontrará outro tipo de comida. Outra área come mais carne, mais arroz, todos os dias. (Khalil, refugiado sírio, 28 anos)<sup>163</sup>

Diferenças entre a culinária de diferentes países árabes foram apresentadas ao longo do trabalho de campo, como o fato dos sírios colocarem mais salsinha no tabule enquanto os libaneses priorizam a cebola. A jovem Hayat comentou: “*Eu fica no Egito 10 meses, não come a comida. Egito não bom. Líbano igual a Síria. Síria muito bom. Libanesa muito caro. E Brasil só arroz e feijão.*”. Muitos entrevistados fizeram questão de diferenciar o churrasco brasileiro do sírio: “*Churrasco, mas não igual aqui. Churrasco kafta, mas pequena. E não tudo final de semana, não. Uma vez por mês Kafka mais salsinha para fazer churrascaria.*” (Abdul, refugiado sírio, 42 anos).

Algumas entrevistas foram realizadas nos próprios restaurantes árabes onde os indivíduos trabalhavam; logo, pude acompanhar um pouco mais de perto a rotina desses refugiados sírios. Nesses ambientes os cheiros de pimenta síria e húmus preenchem o ar, e as conversas em árabe eram mais frequentes do que em português.

---

<sup>163</sup> Tradução livre do original: “*I’m working with pastries – esfihas, quibes... I work inside. It’s Arabic, not just Syrian. It belongs to the área, you know: Syria, Libanon, Palestine, Jordan... The food are common between these five or four countries. Once you go to North or from East to West, you will find another types of food. Because some area eat more meat, more rice, pepper, everyday.*”

No restaurante com os clientes nós falamos português. Os três trabalhamos no restaurante árabe. O dono é brasileiro, mas sua nacionalidade de origem é libanesa. Ele fala árabe também. (Gibran, sírio solicitante de refúgio, 29 anos)<sup>164</sup>

Muito conhecido entre os refugiados sírios, Abdul cozinha em casa, dá palestras, participa de feiras em eventos e está abrindo seu próprio restaurante. Ele, assim como outros homens, cozinha e participa de eventos com a ajuda da esposa, no entanto respondeu durante a entrevista que a mulher não trabalhava. Eu tive a oportunidade de assistir a um curso de culinária árabe oferecido pelo casal, no qual ensinaram três receitas sírias para brasileiros. A aula foi promovida pela instituição ADUS, que foi apresentada no evento da seguinte maneira:

O Adus, Instituto de Reintegração do Refugiado – Brasil, nasce em 10 de outubro de 2010 visando gerar melhores condições para a integração dos solicitantes de asilo e refugiados. Foi fundado por três amigos internacionalistas e pesquisadores do tema do refúgio que iniciaram o trabalho com ações voltadas à conscientização em relação ao tema. A palavra Adus significa caminho e simboliza a missão da instituição de buscar novas alternativas à integração dos refugiados residentes no Brasil. (Adus, panfleto do evento “Sabores e Lembrança”)

O curso de culinária com duração de três horas fez parte do projeto cultural “Sabores e Lembranças”, o qual é realizado mensalmente pelo Adus. Nesse projeto famílias de diferentes nacionalidades ensinam brasileiros a cozinhar comidas típicas de seus países de origem. Durante essas aulas, refugiados e brasileiros têm oportunidade de se conhecerem e conversarem um pouco. A proposta é promover a integração desses refugiados e arrecadar fundos para a instituição.

Abdul contou que trabalhar com comida árabe foi sugestão de uma voluntária que o ajudou a abrir uma página no Facebook descrevendo um pouco da sua história e falando sobre culinária síria. A partir de então, ele começou a participar de eventos e hoje esse era seu emprego. O cardápio árabe foi apresentado ao público, que aprenderia naquela manhã a fazer *tabule* como salada, *kebab hindi* e arroz sírio para prato principal. Aconteceram algumas confusões com o vocabulário durante a apresentação, mas Abdul contornou as situações com muita desenvoltura e simpatia.

---

<sup>164</sup> Tradução livre do original: “*At the restaurant with the clients we talk Portuguese. The three work in Arabic restaurant. The owner is Brazilian but his origin nationality is Lebanese. He speaks Arabic also.*”



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Os brasileiros questionaram ingredientes e modo de preparo, mas as maiores dúvidas eram em relação às diferenças culturais. Ao perguntarem sobre os principais alimentos que a família comia na Síria, Abdul ficou inconformado por pensarem que comiam a mesma refeição todos os dias: “*Não, não, não. Todo dia? Igual arroz e feijão? Não, não.*”. Segundo ele, existe uma variedade muito grande de alimentos para que as pessoas comam todo dia o mesmo.

Yurem, por sua vez, era chefe de cozinha no país de origem e continua exercendo a mesma função no destino. Ele cozinha em sua casa com a ajuda da esposa e da cunhada e vende comida árabe via telefone e internet. Enquanto estive em sua casa, ele falou sobre o interesse em ampliar o negócio e a dificuldade de conseguir apoio financeiro. Um amigo brasileiro que estava presente o ajudou a rever o cardápio e os preços, e juntos pensaram em estratégias para aumentar as vendas.

Durante o jantar tive a oportunidade de provar os dotes culinários desse refugiado sírio e para minha surpresa a comida era ainda mais saborosa que as outras, mas eu já havia comido em três casas árabes aquele dia e não consegui comer muito. Esse foi um momento bastante tenso do campo, pois a família se sentiu ofendida dizendo ser pecado negar comida e que eu iria para o inferno por conta disso. A farta culinária síria trouxe um sabor especial para a pesquisa, porém também me colocou em situações constrangedoras. Mais desafios.

## 4.6 Os sírios e as mesquitas

O estreitamento dos laços de família  
purifica as ações, aumenta os bens, afasta a desgraça,  
facilita a prestação de contas e prolonga a vida do indivíduo.  
(Imam Mohammad al-Baquer)

A cultura islâmica esteve presente em praticamente todos os momentos do trabalho de campo: na escolha da vestimenta ao realizar as entrevistas, na questão do toque, cabelo, matrimônio e gênero. Os questionários revelaram que 95% dos entrevistados eram muçulmanos, com alguns poucos ateus e uma família cristã. O meu desconhecimento frente à religião muçulmana gerou inseguranças no início da pesquisa. Após um breve estudo sobre os costumes dos sírios islâmicos, optei por realizar as entrevistas sem maquiagem, cabelos presos, roupas discretas, com camisas de manga comprida e calça.

Os sírios me receberam muito bem e permitiram grande aproximação apesar de vivermos culturas tão distintas. Meus longos cabelos encaracolados não dificultaram meu acesso à essa população, porém muitos elogiaram ao ver fotos minhas de véu afirmando que minha aparência era muito melhor do que ao estar com o cabelo exposto. O fato de ser casada facilitou o convívio com as famílias muçulmanas, ainda que os entrevistados não conhecessem meu marido. A maior parte das críticas que recebi foram pelo fato de ainda não ter filhos:

Muito errado isso. Muito errado. Minha mãe casou e teve criança. Ela tem três filhos. Agora a bebê nasce e ela com trinta e dois anos, já é velha para ter criança. Você tem que parar de estudar e trabalhar, e vai ter filhos com seu marido. (Halim, 12 anos, refugiado sírio)

Logo na primeira semana de aplicação dos questionários percebi a importância de aprender algumas palavras em árabe. A saudação básica *assalam aleikum* que significa “que a paz de Deus esteja com você” já mostrava a importância da religião para compreender a língua e o pensamento dessa população. Ao longo dos doze meses de trabalho de campo eu aprendi algumas expressões básicas em árabe, o que alegrava muito os refugiados sírios.

A primeira mesquita que visitei foi a Mesquita do Brás, já no segundo dia do trabalho de campo. Um amigo paulistano me levou até essa mesquita, mas não tivemos autorização para

entrar. Obtive mais informações sobre o local pelo site<sup>165</sup> e pela página do Facebook<sup>166</sup> do centro religioso em questão. O nome oficial desse templo islâmico é Mesquita Mohammad Mensageiro de Deus e está inscrito na Associação Beneficente Islâmica do Brasil.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

A Mesquita do Brás foi construída em 1987 e tem como proposta aproximar a sociedade brasileira e a comunidade islâmica por meio de eventos, atividades e trabalhos buscando sabedoria e paz. Esta é a única mesquita xiita de São Paulo e nenhum dos refugiados sírios da pesquisa afirmou frequentá-la, uma vez que os muçulmanos entrevistados são todos sunitas. A ausência de refugiados xiitas pode ser devido a questões políticas, uma vez que o atual presidente Bashar Al-Assad é xiita (mais especificamente alaúita), ou simplesmente pela composição dos sírios alcançados pela pesquisa.

A maior mesquita visitada durante o trabalho de campo foi a Mesquita Brasil. De acordo com informações do site<sup>167</sup> e do Facebook<sup>168</sup> da instituição religiosa, ela tem como objetivo preservar e divulgar a cultura islâmica na cidade de São Paulo. Inaugurada em 1956, a Mesquita

---

<sup>165</sup> <http://www.mesquitadobras.org.br>

<sup>166</sup> <https://www.facebook.com/pages/Mesquita-Xiita-Do-Bras/367421623330459>

<sup>167</sup> <http://www.mesquitabrasil.com.br>

<sup>168</sup> <https://www.facebook.com/mesquitadobrasil.sbm>

Brasil já era aberta à comunidade desde 1927. Esse é um dos templos mais frequentados pelos muçulmanos sunitas na cidade e toda sexta-feira é realizado um evento especial.

Em uma sexta-feira de maio de 2015, uma família me convidou para ir com eles assistir à cerimônia na Mesquita Brasil e depois participar do almoço que é servido no mesmo local. Encontrei Jabbar, sua esposa e filhos em sua casa e aguardamos mais alguns minutos até que seu irmão chegasse com a esposa grávida e mais uma filha. Como éramos nove pessoas o preço do metrô seria muito alto, então fomos caminhando por mais de trinta minutos até a Avenida do Estado.

Durante a caminhada, Jabbar falava sobre sua família, a migração e sua religião. Ele estava preocupado com as dificuldades da filha na escola, contava isso em inglês para que ela não entendesse; se queixou da falta de disciplina e responsabilidade da menina e disse que não poderia ajudá-la porque não tem tempo devido ao emprego e porque não sabe muito bem português.

Eu a coloquei na escola islâmica, escola particular. Por quê? Eles ensinam árabe e português e inglês. Vou contar para você, nossa cultura é muito diferente da cultura aqui no Brasil. Eu ouvi de alguns amigos que mesmo na escola você pode ter certo contato entre meninos e meninas, algumas atitudes diferentes da nossa cultura. Por exemplo, a minha sobrinha está indo a uma escola normal aqui. Ela está escondendo, mas ela contou para minha esposa que uma garota abriu a blusa e mostrou seus seios para toda a classe. (Jabbar, refugiado sírio, 33 anos)<sup>169</sup>

De acordo com Jabbar, a sobrinha de doze anos corre risco na escola pública, pois a professora não tem autoridade para controlar esse tipo de comportamento; garotas sentam no colo de garotos, mostram seu corpo, jovens se beijam. Segundo o tio, ela não pode ir para a escola islâmica devido à dificuldade de conseguir vaga e à falta de documentação, mas que na escola pública está aprendendo coisas que não devia. “*No meu ponto de vista, se eu não tiver oportunidade*

---

<sup>169</sup> Tradução livre do original: “*I put her in Islamic school, private school. Why? They teach Arabic and Portuguese and English. Let me tell you, our culture is different of the culture here in Brazil. I heard from some friends that even the school you can have a certain contact boys and girls, some attitudes different from our culture. For example, my niece she is going to a normal school here. She is hiding, but she told my wife that one girl opened her blouse and she showed her breast to all the class.*”

*de colocá-los em escola islâmica, eu prefiro deixá-los em casa*”<sup>170</sup>, declarou Jabbar em relação aos próprios filhos.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

A escola islâmica, segundo ele, seria uma boa opção, pois além de manter a tradição islâmica também ensinaria as coisas boas da cultura brasileira. Jabbar disse que antes de vir para o Brasil já havia feito algumas pesquisas na internet sobre os costumes do país de destino, e por isso esteve preocupado desde sempre com a situação das mulheres que aqui vivem. Ele também criticou a região que habita, pois fica ao lado de um bar e eles escutam palavras inapropriadas, cheiro de drogas, bêbados gritando e prostitutas. Jabbar resumiu sua indignação em uma frase: “*Minha cultura está certa e a sua está errada*”<sup>171</sup>.

Ao chegar à Mesquita Brasil, deparei-me com uma arquitetura imponente e uma construção toda branca. Muitos muçulmanos chegavam para o dia mais importante da semana para o islã. As famílias conversavam em árabe e algumas em português. O corredor estava repleto de

<sup>170</sup> Tradução livre do original: “*In my point of view, if I don’t have the opportunity to put them in Islamic school, I prefer to leave them at home.*”

<sup>171</sup> Tradução livre do original: “*My culture is right and your culture is wrong.*”

pares de sapato, masculinos na primeira entrada e femininos na segunda. Homens e mulheres se separavam para ouvir a palavra do profeta. Em frente à ala feminina havia uma sala de *hijabs* (véus) para que mulheres sem véu pudessem pegar algum emprestado e ter permissão para entrar no templo. Escolhi um belo véu roxo e a esposa de Jabbar o colocou em mim enquanto sua filha comemorava animada a minha mudança.

O interior da mesquita era muito grande. Ainda que separados, homens e mulheres frequentavam o mesmo piso; eles à direita e elas à esquerda. O ambiente era muito bonito, pilastras altas, pinturas e muitos detalhes dourados. Uma senhora me entregou um aparelho eletrônico que fazia tradução simultânea do que o representante religioso dizia. A reza era em árabe e falava essencialmente sobre amor ao islã, respeito à família, ensinamentos do Alcorão e a importância da presença da religião em todos os momentos. Os presentes estavam muito atentos às palavras pronunciadas com fervor pelo sacerdote.

O islã para mim e para minha família é minha vida. Para mim, sem o islã não posso ter boa vida e boa vida depois do morrer. Muito importante. (Abdul, refugiado sírio, 42 anos)

Outra mesquita que apareceu muitas vezes durante as entrevistas foi a Mesquita Salah El-Din, mais conhecida como Mesquita do Pari. Muitos dos refugiados sírios da pesquisa afirmaram visitar frequentemente esse local, não apenas às sextas-feiras. Alguns vão todos os dias a essa mesquita em algum dos cinco horários de reza – alvorada (*Fajr*), meio-dia (*Dhuhr*), tarde (*Asr*), crepúsculo (*Maghrib*) e noite (*Isha*). Para tanto, os fiéis devem estar limpos, descalços e com o pensamento purificado.

A Mesquita do Pari foi fundada em 1995 pela Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil, conforme informado pelo site<sup>172</sup> e Facebook<sup>173</sup> da instituição. Diferente das outras mesquitas que conheci, a Mesquita do Pari tem uma construção semelhante a um prédio, sem arquitetura islâmica. O local não é muito grande, e está dividido em quatro andares com diferentes funções.

O portão principal, no térreo, dá acesso ao salão dos homens. No fundo desse salão está o *mishrab*, o qual indica a direção de Meca, e a sua direita o *mimbar*, onde o líder religioso celebra

---

<sup>172</sup> <http://www.ligaislamica.org.br>

<sup>173</sup> <https://www.facebook.com/Ligaislamicapari>

a reza especial às sextas-feiras. Não pude entrar nesse salão por ser mulher, então assisti à cerimônia no mezanino do primeiro andar, onde está localizada a ala feminina.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

No segundo andar encontra-se um salão de eventos e no terceiro a sala de reuniões e a sala de aula. Durante o trabalho de campo tive a oportunidade de acompanhar uma parte de uma aula de árabe oferecida por um refugiado sírio para mulheres brasileiras muçulmanas. Aos finais de semana, a mesquita oferece também aula de religião nessa sala, na qual um cartaz ao fundo chama a atenção: “Deus sabe mais – Conheça o Islam”.

A quarta visita foi à Mesquita Santo Amaro. Logo pela manhã encontrei com Abdul e sua família na estação do Brás, caminhamos, pegamos um ônibus, andamos um poucos mais e chegamos à mesquita. Ao longo do caminho, a jovem Samira mostrava toda animada que havia aprendido a cantar toda a música “O que é o que é” de Gonzaguinha. Esse clássico sempre tão presente no imaginário brasileiro ganhou outro significado ao ser cantado por uma garota síria refugiada: *“Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita é bonita, é bonita e é bonita”*.

A pureza da resposta dessa criança estava em seu sorriso ao brincarmos na balança do parquinho da mesquita. Samira e Halim, já pré-adolescentes, balançavam alto com o vento batendo em seus rostos e trazendo a infância de volta. Ao lado do parquinho estava a enorme e belíssima Mesquita Santo Amaro. Alta e chamativa, a mesquita é predominantemente branca, verde e azul,

com alguns ladrilhos amarelos e vermelhos. Um grande jardim e bancos amarelos também coloriam aquele ambiente.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Chegamos antes do meio-dia e poucas pessoas estavam presentes. A equipe do local contou que não é comum ter eventos religiosos aos domingos, mas que aquele dia era uma exceção, haveria um grande almoço árabe, uma apresentação das atividades realizadas pela Sociedade Beneficente Muçulmana de Santo Amaro, e depois uma roda de conversa para discutir o comportamento islâmico e outras questões relevantes. Enquanto esperávamos os outros convidados, fiquei no jardim com as crianças.

Um pequeno garoto com cerca de dois anos usava um traje religioso muçulmano e caminhava de um lado para o outro falando em árabe. Fui apresentada aos cozinheiros e a seus assistentes que me fizeram provar os mais variados salgados típicos. Conversei com muitos refugiados sírios naquela tarde ao som de ensinamentos religiosos: *“Para mim, o islã é a ética de como lidar com os outros”* (Johara, refugiada síria, 33 anos).

Apesar da maioria dos muçulmanos que conheci ser muito convicta de sua fé, nem todos acreditaram sempre no islã. Inaya, uma refugiada síria que vive sozinha em São Paulo, afirmou já ter procurado outras religiões:

O Islã é tudo para mim, mesmo não sendo muito praticante. Mas acreditando e ficando ligada à parte espiritual me deixou mais forte, mais sossegada e com muita esperança. Procurei outras religiões aqui, pelo motivo de curiosidade, fui para igrejas, palestras e até para alguns workshops em algumas sinagogas. Mas sempre tudo fez sentido e tinha tudo no islamismo em formas diferentes. (Inaya, refugiada síria, 26 anos)

De acordo com ela, o preconceito de gênero sofrido ao vir para o Brasil sozinha e viver aqui sem a proteção de nenhum homem fez com que ela se sentisse excluída pela comunidade islâmica. Todavia, o conforto encontrado no Alcorão foi maior do que o sofrimento causado pelos outros muçulmanos, e o islã tornou-se mais uma vez seu refúgio.

Passei por muita coisa, tirei o véu que é considerado um mandamento obrigatório na minha religião só porque estava constrangida, não me senti bem. Mas depois fiquei com saudades, me senti tão vazia, tão exposta, mesmo mantendo o mesmo estilo de roupa comprida e calça ou saia comprida. Morando num país com a maioria católica, me sinto bem agora depois dois anos de ser muçulmana. Tem dificuldades, mas o preconceito é considerado mundial contra o islamismo. (Inaya, refugiada síria, 26 anos)

#### **4.7 Aut Viam Inveniam Aut Faciam**

O lema da IKMR é “Ou encontramos um caminho ou abrimos um” (*Aut Viam Inveniam Aut Faciam*). A presidente da organização juntamente com os voluntários e outros colaboradores buscam diariamente novos caminhos para ajudar as crianças refugiadas e suas famílias em suas novas vidas no Brasil. Grande parte dos envolvidos com a assistência já trabalharam anteriormente em outras instituições ou obras sociais com crianças carentes, vítimas de violência e pessoas hospitalizadas.

Então, trabalhar na IKMR ou, enfim, trabalhar com o tema do refúgio é muito uma questão de se disponibilizar porque, às vezes, um outro projeto que fosse algo qualquer, você vai lá, cumpre a sua missão e volte. É muito difícil você deixar aquilo longe de casa, é uma coisa que você leva com você, você não tem como chegar em casa e não pensar também naquela realidade, ou então naquilo que alguém te falou, ou naquele rapaz que está procurando emprego que é engenheiro e está trabalhando como garçom. Então é uma

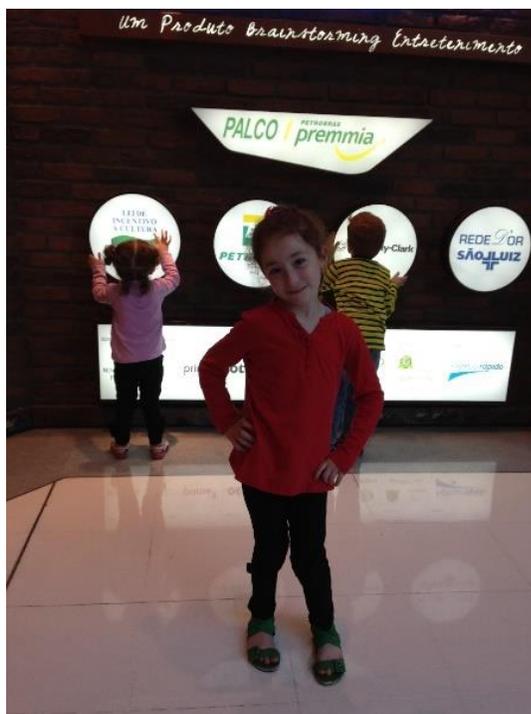
overdose, acho que eu não tenho mais paz da forma que eu achava que eu tinha porque agora eu não consigo parar de pensar nesses temas. É meio maluco, mas é muito bom. (Júlia, brasileira, voluntária da IKMR)

As profissões dos voluntários da IKMR são diversas: estudante, cientista social, músico, terapeuta, nutricionista, designer, contador, médico, ator, jornalista, DJ, técnico em informática, entre outros. Antes de entrar para a organização, a maioria tinha um conhecimento bastante superficial sobre o refúgio, mas tinham uma preocupação social, política, ambiental, econômica e humanitária que os fazia ter necessidade de ajudar ao próximo.

Às vezes a gente acha que esses temas estão tão distantes por conta da própria mídia que causa esse distanciamento mesmo, mas hoje em dia eu vejo como um fenômeno real que está acontecendo agora mais e mais. É o tema da vez. Está acontecendo na Europa, nos Estados Unidos, é um assunto bem polêmico também migração forçada, refúgio e tal. Então hoje em dia eu não consigo mais me considerar assim, me ver só dentro de uma fronteira. Esse tema de refúgio realmente abre seu conceito para o mundo, você é mais um cidadão do mundo do que um cidadão brasileiro. (Júlia, brasileira, voluntária da IKMR)

O primeiro evento que acompanhei com a equipe da IKMR foi uma ida ao Theatro Net para assistir à peça “Os Saltimbancos” - tradução e adaptação de Chico Buarque, texto de Luiz Enríquez Bacalov e Sergio Bardotti, com direção de Cacá Mourthé -, no dia 25 de abril de 2015. Eu acompanhei a presidente da organização em um ônibus que saiu de Guarulhos e passou em alguns pontos da cidade de São Paulo para pegar algumas famílias, outras foram de carona nos carros de voluntários. Uma vez que era o primeiro evento que eu participava, a escolha de ir no ônibus foi melhor para que eu pudesse me aproximar mais de um maior número de refugiados.

O grupo era composto principalmente por sírios, mas também era grande a presença de angolanos e congoleses. Ao chegar ao Shopping Vila Olímpia, nos deparamos com uma exposição de animais selvagens e as crianças ficaram muito animadas. Os pequenos refugiados africanos contavam entusiasmados que no país de origem havia alguns daqueles animais. As crianças sírias se dividiam em espanto, medo e admiração. Fizemos uma pausa para que os pais pudessem tirar fotos com seus filhos.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Havia um espaço reservado no teatro especialmente para o grupo. Os voluntários organizaram as famílias nos devidos assentos e a peça começou. Muitos não entendiam português, mas mesmo assim aproveitaram a história por meio das músicas, dos gestos e das cores. As crianças batiam palmas e ameaçavam cantar trechos do musical. Os pais também sorriam e se divertiam bastante. Após a peça fomos a um salão no Theatro Net celebrar os aniversariantes do mês de abril. Uma senhora responsável pelo local havia preparado sanduíches com queijo e presunto, sem saber que as crianças muçulmanas não comem porco. A presidente da ONG entregou, então, sanduíches apenas de queijo que ela mesma havia preparado.

O momento mais aguardado era o de comer o bolo. Crianças e adultos ficavam ansiosos em volta da mesa querendo um pedaço daquele doce todo enfeitado. Após uma tarde de muita diversão, entramos no ônibus e levamos as famílias refugiadas de volta para suas casas. Foram doze horas acompanhando a preparação, o desenvolvimento e o desfecho do evento.

No mês seguinte, em 30 de maio de 2015, o passeio foi à Hípica Manége Alphaville. Dessa vez tive a experiência de dar carona para uma família síria, o que nos permitiu conversar bastante no caminho. Cantara era uma mulher muito inteligente, que discutia, em inglês fluente, política e criticava a falsa democracia na Síria:

Bashar se tornou presidente por causa de sua família. Isso não é democracia. Você deve votar, meu Deus. Mas nós temos muitos problemas. Você tem que votar e se você não vota, você não tem todos os seus documentos, e a polícia vai te levar para conversar. Havia outro de outra família, mas Bashar ganharia de qualquer jeito. Não é real, é apenas para foto. Todo mundo votaria para o outro, mas Bashar venceu. Claro que nós temos corrupção, com certeza. Todos tiveram que votar e colocar sua digital e seu nome, então eles saberiam em quem você votou. (Cantara, síria solicitante de refúgio, 30 anos)<sup>174</sup>

Ela explicou um pouco sobre a história da Síria e do Líbano, idiomas, alimentação e costumes. Cantara falou também sobre a situação econômica e política do Brasil, sobre crise e corrupção. Comentou também a diferença entre os sírios que vieram no passado para São Paulo e a atual migração de refugiados:

Mas é totalmente diferente porque as pessoas que vieram antes, eles tinham dinheiro, eles vieram para construir, para fazer alguma coisa e investimentos. Mas agora, nós não temos nada. Nós estamos começando do zero agora.” (Cantara, síria solicitante de refúgio, 30 anos)<sup>175</sup>

Quando chegamos à Hípica a conversa ficou mais leve e Cantara foi brincar com seu filho. As crianças tiravam fotos com os cavalos, alimentavam os animais, subiam no pódio de premiação e corriam pelo jardim. Alguns voluntários pintavam os rostos dos pequenos com desenhos de borboleta, coelho, gato, estrela, coração, entre outros. Como os aniversariantes do mês de maio seriam celebrados, teve uma festa com salgadinhos e doces, sendo o brigadeiro o favorito dos refugiados. O “parabéns” foi acompanhado no violino por uma das voluntárias.

Chegou o tão esperado momento da apresentação da equipe da hípica. Os refugiados puderam ver os profissionais montando e fazendo acrobacias sobre os cavalos. Todos aplaudiam animadamente. Depois foi a vez das crianças darem uma volta nos cavalos menores, acompanhados

---

<sup>174</sup> Tradução livre do original: “*Bashar became president because of his family. That’s not democracy. You must vote, oh my God. But we have a lot of problems. You have to vote and if you don’t vote, you don’t have all of your documents, the police will take you to talk. There was another one from another family, but Bashar would win anyway. It’s not real, it’s just for photo. All the people would vote for the other one of them, but Bashar win. Of course we have corruption, of course. Everyone had to vote and put your digital and your name so they know who you voted for.*”

<sup>175</sup> Tradução livre do original: “*But it’s diferente because the people who came before, they had money, they came to build, to do something and investments. But now, we have nothing. We are beginning from zero now.*”

por responsáveis do local. Os pequenos ficaram com medo e choraram, mas as crianças maiores aproveitaram bastante e repetiram a volta.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Em junho não houve o evento mensal, pois as crianças viajaram com o coral para fazer uma apresentação no Rio de Janeiro em homenagem ao Dia Mundial do Refugiado. Eu não pude participar da viagem, mas uma voluntária que acompanhou o grupo disse que foi uma experiência muito especial. Sobre o trabalho com a organização, Érica relatou:

Conheci a IKMR através de uma amiga que sabia do meu interesse em fazer trabalho voluntário com crianças, então ela me apresentou a Vivi e já estou na ONG há quase um ano. Sobre ser voluntária, acho que é simplesmente praticar a empatia, poder olhar o outro como ele é, sem julgamentos, poder auxiliar ele naquilo que ele precisa, naquilo que está além do alcance. Eu saio com o coração cheio de alegria para ver as crianças e compartilhar com elas uns momentos. Me divirto. Nem me sinto uma voluntária, me sinto uma criança ao lado delas. (Érica, brasileira, voluntária da IKMR)

O próximo evento que acompanhei foi a Festa Julina, realizada no dia 26 de julho de 2015 na casa de uma voluntária. Nesse passeio dei carona para três crianças angolanas órfãs que

vivem em um abrigo, e elas contaram o drama da viagem e as dificuldades que encontraram no Brasil. A festa estava decorada com bandeirinhas, pinturas, redes, roupas xadrez e chapéu de palha. Os refugiados puderam provar comidas típicas como maçã do amor, pipoca, pé-de-moleque, paçoca, frutas brasileiras, arroz doce, e bolo de fubá. Uma garota congoleza admirava: “*Hoje é meu dia de luxo*”.

Além de brincarem em balanças e gangorras, as crianças conheceram brincadeiras típicas como pescaria, boca-do-palhaço e derrubar latas. Voluntárias maquiaram as meninas com batom e pintinhas no rosto e os meninos com barba e bigode. Quando todas as famílias estavam presentes, Vivianne Reis explicou mais sobre a Festa Julina e a cultura caipira no Brasil. A jovem Hayat traduzia para o árabe. Alguns sírios ficaram assustados com a ideia de moças fugindo de casa e se casando contra a vontade do pai. As diferenças culturais são bem expressivas durante esses encontros.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Voluntários reuniram todos os refugiados no gramado e fizeram uma grande roda cantando e dançando. Instrumentos musicais diversos instigavam a curiosidade de todos. Houve também brincadeiras ao ar livre e contação de história. De repente um grupo de voluntários vestidos de super-heróis chegou e convidou as crianças para jogarem futebol. Na hora de separar os times, eles se dividiram entre africanos e árabes. Para evitar tal discriminação, Hulk e Homem de Ferro escolheram os times misturando as nacionalidades. Então, um dos heróis sem pensar no contexto

disse que cada time precisaria de um grito de guerra, e algumas crianças ficaram com muito medo ao lembrar dos conflitos que vivenciaram no país de origem, mas logo o mal-entendido foi esclarecido.

Os pequenos se divertiram muito e os adultos também se arriscaram a jogar futebol, inclusive algumas mulheres sírias. Após o bolo estilizado e os parabéns, todos se sentaram em volta da grande fogueira. Voluntários caminharam com tochas para acender o fogo e mais histórias foram contadas. Os refugiados ganharam marshmallow para esquentar na fogueira, mas os sírios ficaram muito preocupados com o uso de cartilagem de porco para determinados doces e gelatinas, mas a embalagem garantia a ausência do ingrediente. Ao cair da noite, todos se despediram e voltaram para suas casas.

No mês seguinte, no dia 30 de agosto de 2015, o passeio da IKMR foi para o Circo dos Sonhos. Mais uma vez acompanhei o ônibus desde a saída de Guarulhos. Em todos os eventos novos refugiados apareciam, muitos deles recém-chegados ao Brasil. As famílias afirmam evitar ao máximo perder algum passeio da organização e falam que os filhos acompanham o calendário para saber quantos dias faltam para o último final de semana de cada mês. Não é à toa que o Direito de Brincar é um dos mais defendidos pela ONG.

A maioria dos refugiados que lá estavam nunca tinham ido a um circo. Eles ficaram encantados com as luzes, cores e movimentos. O Circo dos Sonhos tem parceria com Marcos Frota, que é considerado o embaixador do circo brasileiro. A trupe encantou a todos da IKMR com malabaristas, palhaços, equilibristas, mágicos e contorcionistas. Muitos ficaram espantados com o mágico que corta a mulher ao meio e depois a reconstitui, não conseguiam entender que era apenas um truque. Fantasia e surpresa caracterizaram a tarde.

Uma das maiores surpresas foi a realizada para Vivianne Reis pelos voluntários e pelas famílias refugiadas que gravaram um vídeo em homenagem ao aniversário da presidente. O vídeo continha fotos e depoimentos. Todos desejavam coisas boas e elogiavam a pessoa que ela é. Alguns pequenos cantavam parabéns em inglês, árabe e português, apesar da dificuldade com o idioma. Muitos agradeciam o papel que ela teve em suas vidas e a forma como ela contagia o mundo com amor.

Era a primeira vez que Duha e suas filhas participavam de um evento com a organização. Elas haviam chegado ao Brasil uma semana antes do passeio. A vinda das pequenas sírias e de sua mãe fez parte de um programa de reunião familiar realizado pela IKMR para ajudá-

las a vir para o Brasil viver com o pai. Muitas famílias são separadas devido à violência no país de origem, e a ONG procura auxiliar os parentes que buscam esse reencontro. Por meio de campanhas em mídias sociais e como pedido de aniversário, Vivianne conseguiu comprar as passagens e unir novamente essa família. O medo e o cansaço ainda estavam estampados no rosto de Duha, mas o olhar demonstrava esperança ao ver suas filhas sorrirem novamente.

Após presenciar vários ensaios do coral e a viagem para o show das crianças no Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de 2015 fui ao Hopi Hari com a IKMR. As crianças já haviam realizado esse passeio no ano anterior e sempre pediam para voltar ao parque. Dessa vez houve uma grande mobilização e a gerência doou 300 ingressos e lanches para os refugiados. A equipe viajou em seis ônibus de São Paulo para Vinhedo e contou com a participação de aproximadamente dez voluntários.

O que emocionou no Hopi Hari foi, assim como em outros eventos, a confiança que os pais têm nos voluntários; eles deixam os filhos livres para brincar, na certeza de que serão cuidados e que estão seguros. E os pais e as crianças esperam por isso todo ano, os que já conhecem e os que não conhecem quando chegam lá parecem crianças, os olhos brilham de tanta felicidade. E isso é tão evidente, que uma das voluntárias comentou com um dos pais ‘preciso falar com você’, e este pai estava se divertindo tanto com a família dele que ele respondeu: ‘hoje não, depois a gente a conversa, hoje é dia de se divertir’. Quando vi isso até me emocionei, porque explica de certa forma o que muitos daqueles pais esperavam daquele dia. Era o dia dele (pai) voltar, enfim, a ter um momento alegre, divertido, com sua família, depois de tudo que passaram como se fosse um dia mágico. (Paula, brasileira, voluntária da IKMR)

Paula acompanhara as famílias desde a saída do ônibus de Guarulhos. A voluntária disse que estava preocupada, pois não conhecia todas as famílias que moravam lá, mas sabia que eles a reconheceriam por causa do uniforme da ONG. Ela disse estar preocupadas com algumas famílias que não haviam confirmado o horário, uma vez que os sírios são geralmente pontuais. Assim que um refugiado percebeu que ela estava preocupada por não conseguir comunicar com as famílias pelo telefone, ele se ofereceu para fazer a tradução para o árabe. A forma como os sírios ajudam uns aos outros foi mencionada por Paula como uma das coisas que mais a emocionam.

Segundo a voluntária, o idioma é um dos maiores desafios encontrados no trabalho: *“Sempre me preocupo que as famílias entendam bem o que eu estou dizendo, ainda que seja por*

*outra pessoa, pois isso as deixam mais à vontade*” (Paula, brasileira, voluntária da IKMR). Ela contou que todos os refugiados chegaram a tempo da partida e que estavam muito ansiosos para conhecer (ou ir novamente, no caso dos que participaram do passeio no ano anterior) um dos maiores parques brasileiros.

Encontrei o grupo no estacionamento do Hopi Hari. Os voluntários distribuíram sanduíches, frutas e suco. Com os ingressos na mão, todos atravessaram um outro tipo de fiscalização migratória no chamado “Imigradero di Hopi Hari”, um portal de entrada para o parque. Ainda na fila algumas crianças brincavam de medir suas alturas em uma régua gigante para saberem em quais brinquedos poderiam ir. Roda-gigante, carrinho de bate-bate, cinema 3D, montanha russa, piscina de bolinha, simuladores, trens, aviões, e várias outras atrações foram cenário do dia.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Ao contrário do que eu esperava, não foram apenas as crianças que se divertiram, mas os adultos também. Principalmente as mães e os pais, que tiveram a oportunidade de brincar e sorrir.

As mães também estavam se sentindo tão à vontade para se divertir, que algumas andavam em grupos; e as que tinham bebês de colo, apenas esperavam algum voluntário para segurar as crianças e iam nas montanhas-russas e nos outros brinquedos. E também aquela

coisa de se sentirem parte de um grupo, de uma ajudar a outra. E alguns pais, observei que alguns aproveitam o momento em família, mas também tiraram uma parte do dia meio que para ter um momento só entre os homens. Foram em um grupo só de homem na montanha-russa, no carrinho de bate-bate, e devem terem ido em outros também, meio que um momento só entre amigos, e alguns se conheceram no dia mesmo. (Paula, brasileira, voluntária da IKMR)

Era verão e estava muito calor, então as crianças fizeram uma grande festa quando chegaram em uma parte aquática com fontes enormes. Os adultos aproveitaram para sentar sob as árvores enquanto as crianças se molhavam. Esse foi o momento de maior alegria no parque. Outra hora também alegre para os filhos e emocionante para os pais foi a apresentação de natal. Já era noite, todos os brinquedos estavam fechados e bonecos dançavam com o Papai Noel. No final do show, caía neve artificial enquanto uma menina síria rodava e rodava com os olhos fechados transbordando felicidade.

O último evento do ano foi uma visita ao Aquário de São Paulo, no dia 13 de dezembro de 2015. Nesse passeio dei carona a uma linda mulher síria, Tarub, e seu filho. Essa família não deixou o drama na Síria, eles sofreram muito no Brasil também. Pouco tempo após a chegada, o marido de Tarub sofreu um acidente e perdeu os movimentos. Atualmente, ela tem que cuidar do marido e do filho pequeno. Além do desgaste emocional, eles também não têm como sustentar a família frente à situação.

Essa mãe teve a oportunidade de se divertir um pouco com o filho enquanto ele via os animais do aquário. O pequeno ficou encantado com os pinguins. Todavia, Tarub olhava várias vezes no relógio, pois não podia deixar o marido sozinho em casa por muito tempo. Algumas mulheres sírias estavam admiradas ao ver tantos animais diferentes, especialmente cangurus. As crianças congolezas comemoravam o ambiente destinado aos animais africanos.

No final da manhã, a equipe do Aquário havia preparado a entrega de presentes de natal por um Papai Noel. Todos ganharam pipas, pipoca e um presente definido de acordo com sexo e faixa etária. Foi um evento rápido e o número de pessoas também era menor, pois os refugiados tiveram que ser divididos em dois grupos para fazerem a visita em dias diferentes. Independente da duração e do formato do evento, os funcionários afirmaram que sempre aprendem com esse contato com as famílias.

Para mim é uma troca, é um constante aprendizado, eterno. Não tem um dia que passe que eu não pense em algo, não leio algo na internet que não mexe com algum conceito, que não destrói algum preconceito também. E o mais fantástico da experiência toda é o contato pessoal com as famílias porque acho que aí é que você vê que na verdade você não está doando, é uma troca. Você encontra famílias que te recebem na casa deles, quando você é recebido por uma família e eles param tudo o que eles estão fazendo e fazem comida para você e te servem, por mais que eles não tenham muita comida na casa. E aí você vai começando a entender que essas pessoas estão buscando uma nova vida e com isso um novo círculo de amizade, novas histórias. (Júlia, brasileira, voluntária da IKMR)

Resumindo o trabalho com a organização, a voluntária Júlia completou:

Há dois anos e meio comecei a conhecer a IKMR e me inteirar mais sobre refúgio e todas essas questões culturais também. Eu acho que eu mudei muito o meu foco. Hoje em dia eu não consigo encarar como uma doação, como uma rua de mão única porque para mim é uma coisa constante, é uma troca. Então eu prefiro muito mais considerar como um ato de troca mesmo, assim, porque eu ganho muito muito muito. Cada encontro é uma overdose de pensamentos, de questionamentos, eu começo a racionalizar, e pensar, e quebrar preconceitos, internalizar algumas questões. Estou em constante contato com temas como direitos humanos, racismo, e aí de repente você começa a perceber como isso está tão presente no dia-a-dia e não é mais um assunto longe, lá que a ONU discute. Então acho que foi isso, o contato com a IKMR fez essa ponte. (Júlia, brasileira, voluntária da IKMR)

## 4.8 Coração Jolie

*Só o amor muda o que já se fez  
E a força da paz junta todos outra vez  
Venha, já é hora de acender a chama da vida  
E fazer a Terra inteira feliz  
("A Paz" – Roupas Nova)*

O Coro Infantil Coração Jolie, da organização não-governamental IKMR, teve seu início no dia 03 de maio de 2015. O Coro é formado por crianças refugiadas e solicitantes de refúgio, que estão em São Paulo, de seis nacionalidades: Angola, Irã, Palestina, República

Democrática do Congo, Síria e Sudão do Sul. De acordo com a presidente da IKMR, Vivianne Reis, *Coração Jolie* é um tributo à Enviada Especial do Alto Comissariado das Nações Unidas, Angelina Jolie Pitt, pelo refúgio que as crianças mais vulneráveis do mundo encontram em seu coração:

Vocês vão entender porque Coração Jolie... A imagem da Angelina Jolie na minha mente usando véu, eu devo ter visto isso em algum lugar e isso não saía do meu pensamento (...). Quando eu comecei a ouvir ela falar sobre refúgio, eu fiquei chocada com o que ela estava falando. Então quinze minutos viraram quinze horas, quinze dias, quinze semanas... Eu fiquei assistindo a tudo sobre o que ela estava falando e procurei outros meios também (...). Em um dos vídeos perguntavam para ela 'O que os refugiados querem?' no contexto que ela havia presenciado, e ela disse 'Eles querem ser representados' (...); e percebi que aquela mulher fala como um deles. Ela falou 'eles', mas apontou para si mesma. (Vivianne Reis, presidente da IKMR)

Eu acompanhei a construção do projeto do coral e sua realização de maio a dezembro de 2015, durante o trabalho de campo para a elaboração da presente tese. Os ensaios do coro acontecem semanalmente, aos domingos, no Museu da Imigração com o apoio de voluntários da IKMR. Inicialmente, o projeto contava com 25 crianças coristas e ao final de novembro o grupo era composto por 65 crianças refugiadas e solicitantes de refúgio.



Fotografia: CALEGARI, M./IKMR, **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

A criação de um coral formado pelas crianças da IKMR foi uma ideia da presidente da organização em parceria com já voluntários da instituição, e apoio do regente Guilherme Hoss. A intenção principal do projeto é trabalhar a cura emocional por meio da música, e conta com apoio de voluntários musicoterapeutas. Outra proposta é a convivência semanal das crianças com a equipe e com os outros colegas.

Além do papel da arte no recomeço da vida dos pequenos, o Coro Infantil Coração Jolie também tem o intuito de abrir os olhos da sociedade brasileira para a temática do refúgio. No dia 19 de junho de 2015, as crianças se apresentaram no Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, em homenagem ao Dia Mundial do Refugiado:

Refugiados de diferentes nacionalidades que vivem no Brasil celebrarão o Dia Mundial do Refugiado no Santuário Cristo Redentor do Rio de Janeiro, nesta sexta-feira (19), a partir das 16hs. A cerimônia terá a exibição do coro infantil Coração Jolie, formado exclusivamente por crianças refugiadas. Ao final, o Cristo Redentor será iluminado com a cor azul característica do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Participam da cerimônia o representante do ACNUR no Brasil, Andrés Ramirez; o bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Henrique da Silva Brito; o secretário nacional de Justiça e presidente do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), Beto Vasconcellos; e da ONG IKMR – idealizadora do coro, que será acompanhado pela Orquestra de Cordas da Grotta. Personalidades do mundo artístico, como a atriz e cantora Letícia Sabatella e a atriz Malu Mader, também participarão da comemoração em apoio à causa dos refugiados. (ONU, 2015)<sup>176</sup>

As crianças do Coro Infantil Coração Jolie foram entrevistadas e o evento foi amplamente divulgado pela mídia em meios como: programa Mais Você<sup>177</sup> da Rede Globo; Agência Brasil<sup>178</sup>; site oficial do Cristo Redentor<sup>179</sup>; Nações Unidas<sup>180</sup>; ACNUR<sup>181</sup>; Arquidiocese

<sup>176</sup> <<http://nacoesunidas.org/rio-celebra-dia-mundial-do-refugiado-com-ato-pela-paz-no-cristo-redentor>>

<sup>177</sup> <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/O-programa/noticia/2015/06/mais-voce-acompanha-rotina-de-criancas-refugiadas-no-brasil.html>>

<sup>178</sup> <<http://noticias.ne10.uol.com.br/brasil/noticia/2015/06/19/coral-de-criancas-refugiadas-no-brasil-pede-paz-no-mundo-552823.php>>

<sup>179</sup> <<http://cristoredentoroficial.com.br/noticias/rio-celebra-dia-mundial-do-refugiado-com-ato-pela-paz-aos-pes-do-cristo-redentor>>

<sup>180</sup> <<http://nacoesunidas.org/com-apoio-do-acnur-coral-de-criancas-no-rio-pede-um-mundo-melhor-no-dia-mundial-dos-refugiados>>

<sup>181</sup> <<http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/rio-celebra-dia-mundial-do-refugiado-com-ato-pela-paz-no-cristo-redentor>>

Rio<sup>182</sup>; Revista Fator Brasil<sup>183</sup>; Observatório do Terceiro Setor<sup>184</sup>; Cidade Nova<sup>185</sup>; Instituto Filantropia<sup>186</sup>; O Estrangeiro<sup>187</sup>; Notimérica.com.br<sup>188</sup>; Instituto da Cultura Árabe<sup>189</sup>; Grupo de Pesquisa sobre Tráfico de Pessoas, Violência e Exploração Sexual de Mulheres, Crianças e Adolescentes<sup>190</sup>; entre outros.

Durante o evento, as crianças seguravam placas com dados do ACNUR e mensagens de paz como: “*Conheça os refugiados. São pessoas como eu e você.*”; “*O Brasil acolhe refugiados de 81 países. Eu me importo com eles.*”; “*52% dos refugiados no mundo são crianças e jovens de até 18 anos*”; “*Existem 19,5 milhões de refugiados no mundo. São pessoas como você e eu*”. A música que o coro apresentou “Heal the world”, de Michael Jackson, pedia paz, harmonia e amor no mundo. As crianças cantaram trechos da música original em inglês e da versão em português feita pelo grupo Roupa Nova.

Desde agosto de 2015, o Coro Infantil Coração Jolie ampliou seu trabalho recebendo crianças a partir de dois anos de idade (no início, o projeto era apenas para maiores de quatro anos). As crianças refugiadas e solicitantes de refúgio acompanhadas pela IKMR ensaiaram de julho a novembro para um novo evento a ser realizado 18 de novembro de 2015, em homenagem ao Dia Universal da Criança.

Um importante acontecimento nesse período de ensaios foi a entrega de presentes e cartas recolhidos pela Mochila Gigante do ACNUR. A campanha *A Volta ao Mundo em uma Mochila* foi lançada em junho de 2015 com a proposta de percorrer diversos países das Américas arrecadando doações para crianças refugiadas sírias que vivem na Jordânia. No domingo, 04 de outubro de 2015, a Mochila Gigante esteve no Museu da Imigração durante o ensaio do coral para entregar brinquedos arrecadados no Brasil para as crianças refugiadas que aqui vivem.

---

<sup>182</sup> <<http://arqrio.org/noticias/detalhes/3254/rio-celebra-dia-mundial-do-refugiado-com-ato-pela-paz-aos-pes-do-cristo-redentor>>

<sup>183</sup> <[http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver\\_noticia.php?not=297532](http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=297532)>

<sup>184</sup> <<http://observatorio3setor.com.br/noticia-destaque/varios-eventos-marcam-o-dia-mundial-dos-refugiados-no-brasil>>

<sup>185</sup> <[http://www.cidadenova.org.br/editorial/informa/1638-dia\\_mundial\\_do\\_refugiado\\_tera\\_eventos\\_no](http://www.cidadenova.org.br/editorial/informa/1638-dia_mundial_do_refugiado_tera_eventos_no)>

<sup>186</sup> <<http://www.institutofilantropia.org.br/secoes/rede-social/item/7837-diversos-eventos-celebram-dia-mundial-do-refugiado>>

<sup>187</sup> <<http://oestrangeiro.org/2015/06/17/contra-todas-as-formas-de-opressao>>

<sup>188</sup> <[http://www.notimerica.com.br/sociedade/noticia-cristo-redentor-do-brasil-festeja-dia-do-refugiado-20150620221\\_155.html](http://www.notimerica.com.br/sociedade/noticia-cristo-redentor-do-brasil-festeja-dia-do-refugiado-20150620221_155.html)>

<sup>189</sup> <<http://www.icarabe.org/noticias/dia-mundial-do-refugiado-ganha-celebracao-no-rio-de-janeiro-nesta>>

<sup>190</sup> <<http://grupovioles.blogspot.cl/2015/06/campanha-mundial-centra-aco-es-na-defesa.html>>

Olá! Quero lhe desejar boas vindas, e que você possa encontrar aqui no nosso país muito aconchego, muita paz e amor! Que Deus possa estar cuidando de ti e toda sua família, que Ele cuide de seu coração, cure suas feridas e te faça se sentir muito amado. É com muita felicidade que encontro essa mochila pelo caminho, fico imensamente feliz em saber que crianças estão encontrando aqui um lar! E é isso que o Brasil será daqui em diante, seu lar! Espero um dia poder te encontrar e te abraçar! Muita saúde, paz e amor no seu coraçõzinho! (carta recebida por uma criança refugiada em São Paulo)

A arrecadação de doações para essas crianças foi realizada pela jovem Ingrid Soto, de 13 anos, que vive em Valinhos e é representante infantil da ONU no Brasil. Diversas matérias foram exibidas pelo Jornal do SBT<sup>191</sup>, Folha Notícias<sup>192</sup>, Prefeitura de Campinas<sup>193</sup>, Uol Notícias<sup>194</sup> e Correio Popular<sup>195</sup> sobre a campanha realizada pela garota. A entrega dos brinquedos foi acompanhada por profissionais do ACNUR e da mídia, sendo depois divulgada no programa Fantástico<sup>196</sup> da Rede Globo, Portal G1<sup>197</sup> e no site OlharDireto<sup>198</sup>.

A presença de Ingrid Soto gerou curiosidade entre as crianças, pois elas já conheciam seu trabalho referente à questão da paz no mundo. Quando a menina entrou no jardim do museu carregando a Mochila Gigante nas costas foi comprovada a desconfiança das crianças de que ganhariam presentes. Ingrid Soto explicou a campanha do ACNUR e a mobilização de crianças brasileiras para doar brinquedos e escrever cartas para as crianças refugiadas. Os pequenos escutavam atentos e aguardavam ansiosos pelos bichos de pelúcia que estavam na mochila.

Cada criança escolheu o bicho de pelúcia que mais gostou e depois cada uma recebeu um brinquedo com seu nome, que havia sido escolhido anteriormente pelos organizadores de acordo com sexo e idade. A comemoração foi enorme e os sorrisos se espalharam pelos rostos de crianças, voluntários e profissionais que ali estavam. No entanto, também houve conflitos em

<sup>191</sup> <http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/noticias/1/69140/Garota-de-13-anos-arrecada-brinquedos-para-criancas-refugiadas.html>

<sup>192</sup> <http://www.fn10.com.br/valinhos-valinhense-e-destaque-na-onu/>

<sup>193</sup> <http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=28129>

<sup>194</sup> <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/09/30/com-apoio-da-onu-garota-de-valinhos-sp-arrecada-brinquedos-para-refugiados.htm?cmpid=fb-uolnot>

<sup>195</sup> [http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2015/09/capa/campinas\\_e\\_rmc/384871-valinhense-e-escolhida-para-encabe-car-campanha-de-ajuda-a-refugiados.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/09/capa/campinas_e_rmc/384871-valinhense-e-escolhida-para-encabe-car-campanha-de-ajuda-a-refugiados.html)

<sup>196</sup> <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/10/menina-de-13-anos-recolhe-brinquedos-para-criancas-refugiadas.html>

<sup>197</sup> <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/criancas-refugiadas-cantam-musicas-brasileiras-em-coral-em-sao-paulo.html>

<sup>198</sup> [http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Criancas\\_refugiadas\\_cantam\\_musicas\\_brasileiras\\_em\\_coral\\_em\\_Sao\\_Paulo&edt=25&id=408516](http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Criancas_refugiadas_cantam_musicas_brasileiras_em_coral_em_Sao_Paulo&edt=25&id=408516)

relação aos presentes que receberam e aos que gostariam de ter recebido, e ao que os colegas ganharam; reação comum na infância. Ainda que essas crianças vivam em um contexto de refúgio, elas continuam sendo crianças com seus desejos e insatisfações como todas as outras.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Outro importante evento no período foi uma apresentação do Coro Infantil Coração Jolie na Universidade Belas Artes, no dia 17 de outubro de 2015. A visita das crianças foi organizada pela Biblioteca Infantil Multilíngue Belas Artes e alunos de Relações Internacionais da universidade em parceria com a IKMR. A proposta dos organizadores era receber essas crianças na biblioteca multilíngue para que elas se sentissem incluídas na sociedade brasileira ao entrar em contato com livros em diversos idiomas.

A festa contou com a participação do cantor e compositor Jairzinho que, junto com a atriz Tania Khalil, apresentou músicas do projeto Grandes Pequeninos. As crianças do coral cantaram a música “O Sol” (Milton Nascimento) acompanhadas de uma orquestra regida pelo Maestro Carlos Lima, e juntos entoavam “*Ei, medo! Eu não te escuto mais. Você não me leva a nada.*”. A celebração teve, ainda, contação de história, pintura facial, desenhos, brincadeiras, lanches e muita diversão.

Essa atividade foi divulgada pela Universidade Belas Artes<sup>199</sup> que chamou a população também para arrecadar roupas, brinquedos e alimentos para as famílias refugiadas. Outros sites como Brasileiros.com.br<sup>200</sup>, Portal Nacional Segs<sup>201</sup>, HeyEvent.com<sup>202</sup> e Portal ArtClub<sup>203</sup> anunciaram o evento. Houve também grande repercussão após o evento; Rogério Flausino, vocalista da banda Jota Quest, deixou um recado de boas-vindas para as crianças na página do Facebook do coro<sup>204</sup> e cantou um trecho da música “O Sol”. O Jornal Nacional<sup>205</sup>, a Globo News<sup>206</sup> e a CBN<sup>207</sup> exibiram matérias sobre essa apresentação do Coro Infantil Coração Jolie.



Fotografia: CALEGARI, M./IKMR. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2015.

Nos ensaios do coral, muitas crianças comentaram a repercussão da mídia e o reconhecimento dos colegas na escola. Uma garota angolana afirmou que no momento do lanche no refeitório, os colegas de classe comentavam que tinham visto ela e os irmãos na televisão. Dentre

<sup>199</sup> <http://www.belasartes.br/site/acontece/noticias?n=1782>

<sup>200</sup> <http://brasileiros.com.br/2015/10/belas-artes-e-ong-promovem-dia-especial-para-criancas-refugiadas/>

<sup>201</sup> <http://www.segs.com.br/eventos/62877-belas-artes-realiza-um-dia-especial-para-criancas-refugiadas.html>

<sup>202</sup> <http://heyevent.com/event/br7glzifgc5cga/arrecadacao-para-criancas-refugiadas>

<sup>203</sup> <http://www.portalartclub.com.br/v2/artista/geisa>

<sup>204</sup> <https://www.facebook.com/coracaojolie>

<sup>205</sup> <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/filhos-de-refugiados-cantam-musica-brasileira-em-festa-em-sao-paulo.html>

<sup>206</sup> <http://globo.com/globonews/jornal-das-dez/v/ong-e-universidade-de-sp-organizam-dia-especial-para-criancas-refugiadas/4546388/>

<sup>207</sup> <http://imagens.globoradio.globo.com/cbn/podcast/programas/cbn-sao-paulo/cbn-sao-paulo.xml>

os voluntários, alguns criticam a exposição das crianças ao serem questionadas sobre traumas por alguns repórteres e outros acreditam que a mídia gera uma visibilidade importante para o tema.

Ainda que os ensaios sejam oficialmente das 14 às 17 horas, o trabalho começa muito antes. Na noite anterior ao ensaio, a presidente da IKMR organiza a escala de voluntários para buscar as crianças. Alguns voluntários vão de carro e outros de metrô ou ônibus para acompanhar as crianças, que vão sozinhas ou com as mães. Ao chegarem ao museu, as crianças se reúnem e iniciam exercícios vocais com o regente do coro. Depois de uma hora de aula, elas têm um intervalo e recebem doação de lanches (sanduíche, fruta e suco). Voltando para a sala de aula, as crianças refugiadas praticam as músicas que já conhecem e aprendem outras.

O aprendizado das músicas se dá de maneira diversificada dependendo da língua nativa, da idade e do tempo que a criança vive no Brasil. Inicialmente, o regente passa algumas frases da música para os pequenos repetirem e eles seguem praticando partes da letra. A presidente da IKMR também explica para as crianças o significado das músicas e sua relação com o contexto do refúgio, trazendo temas como amor, paz, migração, guerra, fronteiras, futuro, esperança e recomeço.

Durante esses meses foi possível acompanhar a transformação das relações, o aprendizado da língua portuguesa, e a importância da música e da convivência semanal para essas crianças. Esse espaço também é importante para as mães, pois algumas acompanham os filhos ao ensaio e aproveitam para conversar com outras mães refugiadas. O museu passou a ser local adorado pelas crianças que todo domingo correm pelo jardim, brincam entre as flores e interagem com os amigos.

#### **4.9 Made in Coração**

*Artistas do mundo no fundo são sempre aprendizes  
Do amor somos embaixadores dos nossos países.  
Homens poderosos dessa terra, esqueçam-se da guerra  
Reparem no poder de uma canção  
Música é a mistura das bandeiras,  
O som não tem fronteiras: é made in coração.  
("Made in Coração" – Toquinho)*

Era sexta-feira 13 em novembro e, apesar da forte chuva, os voluntários se reuniram em círculo de mãos dadas para desejar uma boa viagem ao Rio de Janeiro. Do lado de dentro dos ônibus, as crianças do Coro Infantil Coração Jolie e suas mães aguardavam. Toda a equipe da IKMR esperou ansiosa por essa viagem tão carinhosamente planejada e tão sonhada pelos pequenos. Há mais de quatro meses as crianças ensaiavam para essa apresentação todos os domingos, muitas passavam o dia todo ouvindo as músicas do repertório para aprenderem cada letra.

Cerca de cem pessoas viajaram divididas em dois ônibus: um para as famílias sírias e outro para as famílias africanas. Os voluntários se dividiram para ajudar durante a viagem, sendo que os homens ficaram no ônibus das africanas por não poderem ficar próximos às mulheres sírias. Após oito horas de viagem, chegamos ao Rio de Janeiro e fomos direto para uma igreja evangélica onde havia sido preparado um café da manhã para as famílias e o espaço havia sido cedido para o primeiro ensaio do grupo na cidade.

O cenário era bastante intrigante, uma vez que mulheres muçulmanas com seus *hijabs* (véus) ocupavam os bancos do salão da igreja. Um menino sírio encontrou um envelope para doações em um dos bancos e não conseguiu compreender porque uma pessoa deveria dar dinheiro para uma instituição religiosa. Uma senhora evangélica que estava de passagem fez perguntas sobre as mulheres de véu e, emocionada, contou que havia visto uma matéria na televisão sobre os refugiados no Brasil e queria muito ajudá-los.

As crianças brincavam pelo salão enquanto a orquestra não chegava. Uma garota de onze anos, refugiada do Sudão do Sul, me confidenciou que estava usando o primeiro sutiã. Ela e sua irmã transitam entre as crianças africanas por terem nascido no mesmo continente, e também conseguem se aproximar das crianças sírias por falarem árabe. A separação entre africanos e árabes já havia sido percebida em outros momentos por mim, mas ficou ainda mais evidente durante essa viagem.

A Orquestra de Cordas da Grota chegou para fazer o primeiro ensaio junto com o coral e as crianças ficaram muito excitadas. O maestro explicou como funcionava a regência e apresentou os músicos. As crianças ficaram encantadas com os diversos instrumentos e algumas afirmaram que, futuramente, gostariam de aprender a tocar além de cantar. Ao final do ensaio, algumas mães entregaram um grande cartaz para Vivianne Reis agradecendo a presidente da IKMR pelo seu trabalho. O cartaz continha fotos das crianças em eventos com a organização e frases como “*Vocês*

*semeiam a esperança em nós” e “Vocês limpam a tristeza e a dor, e trouxeram alegria para o coração”.*



Fotografia: CALEGARI, M./IKMR. **Visitas a campo**, Rio de Janeiro, RJ. 2015.

O almoço também foi oferecido na sede da igreja por voluntários evangélicos. Uma garota africana encontrou o pandeiro do professor de música e logo as crianças começaram a fazer barulho. No entanto, quem mais se divertiram foram as mães, pois uma senhora síria tocou o pandeiro e as mulheres cantaram diversas músicas em árabe. O som era vibrante e alegre, e sorrisos estampavam todos os rostos.

A pousada era bem distante e tivemos muita dificuldade para localizá-la, mas depois de uma longa espera os olhos brilharam ao ver um espaço tão grande, verde, com quadras e piscina. O grupo foi dividido em quatro alojamentos: chalé da equipe (voluntárias mulheres e outras colaboradoras), chalé dos homens (voluntários e meninos maiores de oito anos), chalé das árabes (mulheres sírias, palestinas, libanesas e crianças pequenas) e chalé das africanas (mulheres angolanas, congolezas, sudanesas e crianças pequenas).

Mesmo cansados após uma longa viagem de ônibus e um dia de ensaio, ainda que ninguém tivesse dormido no dia anterior, todos entraram alegres na piscina e aproveitaram a noite toda brincando na água. O mais curioso foi observar as mães sírias nadarem com suas longas roupas e véus, para a minha surpresa. A pequena Falak contava toda animada: *“Minha mamãe vai entrar*

*na piscina com a gente. Da outra vez meu papai não deixou ela nadar, mas agora ele disse que ela pode.*” (Falak, refugiada síria, 4 anos).

Madihah, mãe da garota, teve que largar os estudos por conta do ciúme do marido e agora ganhava pouco a pouco mais liberdade. Ela se lamentava por não saber falar inglês como algumas outras mulheres sírias que ali estavam por conta de não ter feito universidade, mas comemorava o fato de estar aprendendo a falar português. Bushra também se alegrava com a nova realidade, esposa de um muçulmano bastante conservador, ela viajava sozinha com os filhos pela primeira vez. Segundo ela, o marido só dera permissão, pois o filho de treze anos também foi junto.

As mulheres sírias continuaram se divertindo mesmo depois que as crianças haviam ido dormir. Um grupo de oito mulheres sentou no jardim e ficou conversando, fumando narguilé, ouvindo música, tomando chá, cantando e dançando. A senhora mais velha do grupo chamou a mim e a algumas voluntárias para participarmos da roda e nos ensinou dança árabe. Elas comemoravam a nossa participação e elogiavam nossos movimentos. O lugar ficou repleto de véus, cores, sons e risadas.

Na manhã seguinte, o passeio mais sonhado: a praia. Era a primeira vez que muitos deles viam o mar e o encantamento era notável. Com uma mistura de paixão e espanto, Latifa gritava: *“Tia, o mar é muito grande. A montanha é muito grande. A areia é muito grande. O céu é muito grande. É tudo tão grande aqui.”* (Latifa, refugiada síria, 4 anos). O mar era uma figura muito paradoxal para os refugiados sírios naquele momento, pois representava esperança de uma nova chance e ao mesmo tempo lembrava tragédias de tantas vidas perdidas em busca de asilo.

No instante em que os olhos encontravam o mar, os pés se afundavam na areia quente, e os lábios conheciam um salgado nunca antes provado, a música “Azul da cor do mar” presente no repertório do Coro Infantil Coração Jolie começava a fazer sentido para eles: *“Quem sofre sempre tem que procurar, pelo menos vir achar razão para viver. Ver na vida algum motivo pra sonhar, ter um sonho todo azul, azul da cor do mar”*.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, Rio de Janeiro, RJ. 2015.

Como o número de crianças era grande e poucas pessoas sabiam nadar, a IKMR contou com o apoio de um grupo de escoteiros do Rio de Janeiro para garantir a segurança do passeio. Inicialmente, o chefe dos escoteiros fez todos ficarem em uma grande roda para que eles pudessem passar dicas de segurança. Ele pediu que ninguém ultrapassasse a barreira dos escoteiros e que nenhuma criança se isolasse do grupo, mas as instruções foram dadas apenas em português e nem todos entenderam. Mesmo assim, a manhã foi tranquila.

Ao entrar no mar, algumas crianças africanas usavam roupa de banho, enquanto todos os sírios entraram vestindo roupa comum. Os escoteiros marcavam a profundidade máxima que poderiam atingir, cerca da cintura das crianças, mas poucas deixavam a água ultrapassar seus joelhos por medo. Aos poucos mães e crianças refugiadas foram se soltando e conseguiram se divertir muito. Castelos, ondas, fotografias, voluntários cobertos de areia, pés descalços, medos superados, gargalhadas, detalhes como esses compunham o cenário. De repente, adultos e crianças brincavam na praia como se todos estivessem dividindo uma mesma infância. Recomeço.

Naquela mesma tarde, o grupo recebeu na pousada a visita da escritora Veralinda Menezes que foi apresentar seu livro “A Princesa Violeta” para as crianças refugiadas. A convidada foi recebida com um ensaio especial do Coro Infantil Coração Jolie. De uma maneira lúdica em

formato de contação de história, Veralinda leu o livro junto com as crianças em círculo. A temática era racismo. Essa questão foi ganhando importância na IKMR nos últimos meses, pois a separação entre crianças árabes e africanas se dava por motivos que iam além da diferença de país de origem e de língua, mas pela diferença de cor da pele.

Algumas crianças sírias se recusavam a tocar ou mesmo sentar ao lado de crianças negras e, ao mesmo tempo, crianças africanas confessavam não querer tomar sol pois tinham medo de ficarem ainda mais escuras. A abordagem literária foi sutil e permitiu que os pequenos percebessem que cada pessoa é bonita do seu jeito e que todos podem ser príncipes e princesas independentes de sua cor. Para reafirmar o orgulho de sua negritude, mães e meninas africanas fizeram tranças em várias voluntárias aquela noite. Falak começou a chorar: *“Eu não tenho trança africana. Eu também quero trancinhas africanas.”* (Falak, refugiada síria, 4 anos). E, então, garotas angolanas trançaram felizes o cabelo da menina síria.

Apesar do envolvimento de todos com a questão racial, no dia seguinte houve um atrito entre mães árabes e africanas. Cozinhar para cem pessoas foi um grande desafio para o grupo. A equipe da IKMR convidou algumas mães sírias para cozinhar o almoço, uma vez que elas reclamaram da falta de alguns alimentos nas outras refeições. Ao verem as mulheres fazendo comida árabe, algumas mães angolanas se revoltaram e ocuparam um outro espaço da cozinha.

Os voluntários, espantados com a tensão, conversaram com essas mães e explicaram que as sírias fariam o almoço e as angolanas o jantar, e todo o grupo comeria a mesma comida. No almoço, todos comeram a refeição árabe preparada com carne e berinjela, e no jantar todos comeram comida africana feita com feijão e frango. Cada origem teve sua cultura apreciada e os dois grupos ficaram satisfeitos ao final do dia. Além do conflito racial entre as mães, as crianças também se queixavam de favorecimento a um grupo ou a outro por parte de alguns voluntários.

O medo, todavia, não fez distinção racial quando em uma das noites uma criança síria afirmou ter visto um homem com uma metralhadora no quintal. Todos entraram em pânico. Possivelmente o garoto fez uma confusão entre imaginação e realidade no escuro da pousada, visto que não houve nenhum incidente posterior. A equipe teve que fazer um grande esforço para acalmar as mulheres que, traumatizadas por um passado violento, recusavam a acreditar que havia sido fantasia do menino. Todos tiveram dificuldade em dormir aquela noite e, por volta de três horas da madrugada, uma pequena síria saiu do chalé chorando dizendo que a mãe havia desaparecido, mas esta apenas dormia em outra cama.

A manhã seguinte amanheceu mais tranquila e todos os refugiados, adultos e crianças, passearam à cavalo. O contato com os animais e com a natureza fez com que se esquecessem das preocupações da noite anterior. Charretes e sorrisos tomaram o campo de futebol. Após uma manhã animada e um almoço reforçado, o grupo foi conhecer a Fundação Xuxa. A proposta era que as crianças do Coro Infantil Coração Jolie interagissem com o coral da instituição.

Ao chegarmos na Fundação Xuxa, os pequenos entregaram rosas brancas para a equipe de funcionários que nos aguardava. Fomos encaminhados a um salão repleto de imagens e cartazes enfatizando os direitos da criança e do adolescente como: *“Você tem direito à educação”*, *“Você tem direito à liberdade de opinião”*, *“Você tem direito à saúde e serviços médicos”*, *“Você tem direito à proteção contra tortura e privação de liberdade”*.

Uma representante do local deu as boas-vindas e o grupo foi dividido por faixas etárias. Acompanhei o grupo das mães na atividade no piso superior sobre disciplina e violência. As mães sentaram em círculo com os funcionários e, automaticamente, se separaram entre africanas para um lado e árabes para o outro. No entanto, as diferenças foram desaparecendo ao longo da conversa quando as mulheres perceberam que todas tinham os mesmos problemas e questões com os filhos, independente do país de origem.

As funcionárias da fundação falavam em português e um rapaz sírio ajudava com a tradução para o árabe. Começaram apresentando o projeto “Não bata, eduque” e contando experiências pessoais. Depois foi a vez das mães dividirem suas histórias, dúvidas, discordâncias e ansiedades. Tanto as mães angolanas e congolezas, quanto as mães sírias afirmavam utilizar castigos físicos como método de disciplinar os filhos. Na primeira hora de roda de conversa, as mulheres estavam bastante intransigentes sobre outras formas de educar as crianças que não fosse a palmada.

Sugestões como negociação e diálogo foram dadas pelo pessoal da Fundação Xuxa. Eles frisaram a importância de agir com respeito, carinho, seriedade e responsabilidade na relação entre pais e filhos. No final da atividade, uma funcionária passou duas fotos pela roda: a primeira com um casal amigável e crianças felizes; a outra com um casal severo e crianças assustadas. Perguntaram, então, como aquelas mães gostariam que seus filhos a vissem e todas optaram pela primeira foto. A conclusão da atividade foi que a melhor maneira de educar os filhos era com diálogo e não com violência.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, Rio de Janeiro, RJ. 2015.

No pátio crianças brincavam ao ar livre, comiam pipoca e sorvete, faziam atividades artísticas e meninas se vestiam de princesas. O Coro Infantil Coração Jolie foi chamado para fazer uma apresentação e, em seguida, o coral da Fundação Xuxa. Ambos os grupos aplaudiram muito um ao outro e depois cantaram juntos. Os pequenos refugiados estavam em êxtase. A única decepção para alguns foi não ter visto a Xuxa. O evento também foi documentado no site da Fundação<sup>208</sup>.

De volta à pousada, todos pularam animadamente na piscina. De repente vi uma mãe síria chorando em um canto sozinha. Por ingenuidade, pensei que poderia ter tido alguma desavença entre as mães e fui tentar conversar com ela para saber o que estava acontecendo. A tentativa não teve muito sucesso, visto que ela não entendia nenhuma palavra em português e eu também não podia me comunicar em árabe. Outra mulher síria se aproximou de nós e fez a tradução.

Zahra chorava porque havia acabado de receber um telefonema de sua mãe dizendo que a irmã, que vive na Síria, tinha tido a casa bombardeada. Ela estava desesperada, pois ninguém

---

<sup>208</sup> <http://www.fundacaoxuxameneghel.org.br/organizacao-de-acolhimento-as-criancas-refugiadas-no-brasil-visita-a-fundacao-xuxa-meneghel-em-tarde-com-muitos-sorrisos-e-diversao/>

tinha notícias de sua irmã ainda e ela sabia muito bem o que poderia acontecer. Nunca estive tão perto da guerra quanto naquele momento. A pesquisadora lê textos acadêmicos, notícias sobre o conflito sírio, aplica questionários, mas de alguma forma a crise humanitária permanece do outro lado do mundo. Mas não àquela hora.

As crianças foram até onde estávamos e começaram a ensaiar. Essa era a intenção do coral no final das contas, afastar o medo e o sofrimento que a situação de refúgio traz. No final do dia, cada um dos membros do Coro Infantil Coração Jolie foi provar sua roupa e sapato para a apresentação que seria no dia seguinte. Os garotos se sentiam muito elegantes e faziam poses, enquanto as meninas giravam para ver o lindo vestido branco abrir. A alegria reinou novamente.

Finalmente chegou o dia 18 de novembro de 2015, o dia do show “Made in Coração”. De manhã as crianças ensaiaram mais uma vez e depois do almoço fomos para o Theatro Net do Rio de Janeiro, onde seria a apresentação. A orquestra se reuniu ao grupo e ensaiaram várias vezes durante a tarde, passaram o som e marcaram os lugares. Os detalhes eram muitos e os pequenos passaram meses se preparando para aquele dia, então tudo teria que sair perfeito.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, Rio de Janeiro, RJ. 2015.

Os apresentadores da noite foram Malu Mader e Felipe Suhre. Os demais convidados eram Bruna Marquezine, Marcos Veras, Fernanda Rodrigues, Luís Lobianco, Gabriela Freitas e

Lívian Aragão. O ACNUR<sup>209</sup> e a Rede Globo<sup>210</sup> também acompanharam o evento. Um vídeo<sup>211</sup> sobre refugiados no Brasil abriu a noite. A locução anunciou os mestres de cerimônia: Malu Mader e Felipe Suhre. Eles falaram sobre a importância do Dia Universal da Criança, dos direitos que devem ser garantidos a todas as crianças, inclusive às refugiadas.

Malu Mader introduziu a questão do refúgio no mundo e Felipe Suhre falou sobre o direito à vida. E com o lema da IKMR “Ou encontramos um caminho ou abrimos um” chamaram o Representante Interino do ACNUR – Agni Castro-Pita –, o Secretário Nacional de Justiça e Presidente do CONARE – Betto Vasconcellos –, e a fundadora e diretora executiva da IKMR – Vivianne Reis. Cada um deles falou sobre o refúgio dentro do seu contexto de atuação e colocaram as crianças em foco. Os mestres de cerimônia falaram sobre desafios, perdas, vulnerabilidade, violência, resiliência e apresentaram o Coro Infantil Coração Jolie e a Orquestra de Cordas da Grotta.

O show começou com a música “O Sol” (Milton Nascimento), na qual as crianças enfatizavam com força que o medo e a dor não tinham mais lugar em suas vidas. A segunda música foi apresentada por Marcos Veras, que falou sobre o paradoxo da livre circulação no mundo globalizado e as fronteiras que separam as pessoas. Ele mencionou o fato das crianças refugiadas serem as mais vulneráveis do mundo, mas falou também sobre sonhos e esperança. O coro, acompanhado da cantora Tati Monteiro, cantou “Aquarela” (Toquinho). E com uma pausa da orquestra durante a música, os pequenos refugiados cantaram à capela: *“um menino caminha e caminhando chega num muro e ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está”*.

O momento mais dramático do show foi anunciado por Bruna Marquezine. A atriz leu o texto que falava sobre o sofrimento causado pela crise humanitária e fez uma pausa, emocionada, com os olhos cheios de lágrimas ao falar do naufrágio que matou o menino sírio Aylan. Assim, em homenagem aos milhares de seres humanos que morreram no mar em busca de uma nova chance de viver, o coral cantou “Azul da Cor do Mar” (Tim Maia). Apesar da tristeza e da guerra, os pequenos ainda tinham esperança de um recomeço no país de destino. Luís Lobianco falou, então, do recomeço, da busca por segurança e dignidade. Simbolizando o acolhimento, eu - Marília Calegari - fui convidada para cantar “A Paz” (Roupa Nova) com o coro.

---

<sup>209</sup> <https://nacoesunidas.org/acnur-criancas-refugiadas-dividem-palco-com-artistas-e-personalidades-no-rio-nesta-quarta-feira-18/>

<sup>210</sup> <http://ego.globo.com/noite/noticia/2015/11/bruna-marquezine-livian-aragao-e-mais-vaio-evento-no-rio.html>

<sup>211</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=llm5J4RcOOI>

Lívian Aragão e Gabriela Freitas mencionaram diversos casos de pessoas ao redor do mundo que ajudam os refugiados e solicitantes de refúgio. Elas propuseram mais mãos estendidas, mais pontes entre os corações e anunciaram a música “Vamos Construir” (Sandy & Junior). Para fechar a noite, grávida e também desejando um futuro melhor para todas as crianças do mundo, Fernanda Rodrigues fez a introdução da música “Made in Coração” (Toquinho), que as crianças cantaram acompanhadas da cantora mirim Amanda Fernandes. Todos os artistas subiram ao palco e curtiram a última canção. Cheios de satisfação, os pequenos abraçaram os voluntários, suas mães e os artistas. Fotos, sorrisos e lágrimas enfeitaram o fim da viagem.

#### **4.10 Rio de Janeiro, carnaval e futebol**

*Era uma vez  
A história já vai começar  
Vou cantar em verso e prosa  
Colorindo em verde e rosa  
Esse faz-de-conta de amor  
Ôôôô a fantasia me levou  
Nesse mundo de emoção  
Onde ser criança é muito bom*  
 (“Era uma vez” – Mangueira do Amanhã)

Brasil é terra de carnaval e futebol, mas é também destino para muitos refugiados. Terça-feira de carnaval, 09 de fevereiro de 2016, as crianças da IKMR inauguraram a primeira ala de refugiados do carnaval brasileiro. A participação dos pequenos refugiados foi um pedido da cantora Maria Bethânia, a qual foi homenageada pela escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Alcindo José Silva, presidente da escola, concordou e as convidou para desfilar na escola mirim – Mangueira do Amanhã.

Uma vez que a exigência do desfile na Marquês do Sapucaí é que apenas crianças maiores de seis anos podem participar do evento, a organização selecionou 40 refugiados e solicitantes de refúgio. Inicialmente, eles foram convidados para compor a ala dos soldadinhos de

chumbo, mas considerando o contexto de origem e o sofrimento causado pela guerra, a presidente da organização não aceitou; e então, as crianças desfilaram na ala de “Pluft, o fantasminha”.

Essa ala foi uma homenagem à história de Maria Clara Machado, escrita em 1955, sobre uma garota raptada por piratas que se esconde em um sótão de uma casa antiga onde vivem fantasma e faz amizade com Pluft, um fantasminha que tem medo de gente. Segundo Vivianne Reis, esta é uma boa metáfora para as crianças refugiadas que são muitas vezes invisíveis para a sociedade e também têm medo do que o ser humano é capaz por já terem vivido tanto momentos trágicos. Antes mesmo de saírem da cidade de São Paulo, esses pequenos refugiados já começavam a ganhar visibilidade por meio da mídia. As Nações Unidas<sup>212</sup> juntamente com o ACNUR<sup>213</sup> publicaram online notícias sobre o evento, assim como O Globo<sup>214</sup>, RFI – As vozes do mundo<sup>215</sup>, Rede Brasil Atual<sup>216</sup> e Adital<sup>217</sup>. Além da presença da equipe do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), que gravou o grupo embarcando no ônibus para o Rio de Janeiro.

A equipe da IKMR teve certa dificuldade em reunir as crianças para a viagem, visto que muitos pais tinham medo do carnaval devido à ideia de nudez e consumo de álcool. Porém, a presidente da ONG explicou para as famílias o significado cultural do carnaval para a sociedade brasileira, a beleza, a emoção, a música, a experiência lúdica e inesquecível que os filhos teriam. A maior parte dos participantes foi africana, mas algumas crianças sírias também tiveram a oportunidade de vivenciar o carnaval carioca.

Ao sair da cidade de São Paulo a ansiedade tomava conta do grupo, alguns deles passaram a viagem toda sem dormir. Uma garota congoleza afirmou que estava há três dias sem dormir só pensando no desfile. Na Cidade Maravilhosa, as crianças seriam recebidas pela equipe do Fluminense Football Club. O time já havia realizado um evento em setembro de 2015 com cinco crianças refugiadas sírias da IKMR que entraram em campo em um famoso “Fla x Flu” (Flamengo x Fluminense) para pedir paz no mundo após o episódio do menino Aylan encontrado morto na praia da Turquia, o qual virou símbolo da crise humanitária da Síria. Segundo a assessoria do

<sup>212</sup><https://nacoesunidas.org/acnur-criancas-refugiadas-desfilam-na-sapuca-pela-escola-mirim-mangueira-do-amanha>

<sup>213</sup> <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/criancas-refugiadas-desfilam-na-sapuca-pela-escola-mirim-mangueira-do-amanha>

<sup>214</sup> <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2016/criancas-refugiadas-va-estrear-no-carnaval-carioca-formando-ala-da-mangueira-do-amanha-18613446>

<sup>215</sup> <http://br.rfi.fr/brasil/20160209-criancas-refugiadas-desfilam-pela-mangueira-no-sambodromo>

<sup>216</sup> <http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2016/02/criancas-refugiadas-desfilam-na-sapuca-pela-escola-mirim-da-mangueira-5066.html>

<sup>217</sup> <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cat=&cod=88011>

time<sup>218</sup>, entrar no campo de mãos dadas com essas crianças refugiadas seria uma maneira de dar-lhes boas-vindas e de fazer com que se sentissem pertencentes à sociedade brasileira.



Fotografia: CALEGARI, M./IKMR. **Visitas a campo**, Rio de Janeiro, RJ. 2016.

Chegamos ao estádio do Fluminense às 6 horas da manhã, mas como ainda estava fechado, as crianças tomaram café da manhã e foram brincar no Parque Eduardo Guinle, no Bairro das Laranjeiras. Elas passaram a manhã em meio a árvores, patos, balanços, escorregadores e sorrisos. Alguns já começavam a brincar de carnaval colocando óculos coloridos e engraçados. O calor carioca fazia com que as crianças esperassem avidamente pelo retorno ao clube para que pudessem entrar na piscina.

Ao voltarmos para o Estádio das Laranjeiras fomos recebidos pelo mascote do time, o Guerreirinho. As crianças tiraram foto com o boneco, foram para a arquibancada assistir ao treino dos jogadores e a equipe do Fluminense presenteou as crianças refugiadas com camisetas Sócio Futebol. Enquanto aguardavam pelo encontro com os jogadores, elas brincavam com a câmera e microfone da imprensa tricolor.

Após o treino, as crianças foram ao lado do gramado para conhecer o famoso jogador da seleção brasileira, o centroavante Fred. Alguns o reconheciam da Copa do Mundo e outros não sabiam quem ele era, mas todos quiseram abraçá-lo e tirar fotos com ele. O maior assédio foi por

<sup>218</sup> [http://espn.uol.com.br/noticia/541299\\_no-classico-fluminense-entrara-em-campo-de-maos-dadas-com-criancas-sirias-refugiadas](http://espn.uol.com.br/noticia/541299_no-classico-fluminense-entrara-em-campo-de-maos-dadas-com-criancas-sirias-refugiadas)

conta dos adolescentes e adultos, um pai congolês ficou muito animado por ter conversado em francês com Fred, pois o jogador já havia morado na França e também falava a língua. Em entrevista, o jogador falou sobre a importância de ajudar ao próximo e elogiou o trabalho da ONG.

Em seguida, as crianças foram brincar no parquinho do Clube e almoçar. A presença da mídia foi aumentando ao longo do dia, inicialmente com a presença da imprensa do Fluminense e de um assistente de Informação Pública do ACNUR, depois com a equipe da Band de televisão<sup>219</sup> e do SBT<sup>220</sup>, além de outros. No período da tarde as crianças deram algumas entrevistas, visitaram a Sala de Troféus do time e nadaram. O momento da piscina era o mais aguardado e às 15 horas fazia 40 graus no Rio de Janeiro.

Antes de entrar na piscina, Ghayda me contou que seus pais a deixaram usar maiô pela primeira vez, mas que não poderíamos fotografar, pois o pessoal da Mesquita não poderia saber. As mudanças culturais enfrentadas pela garota também ficaram evidentes quando a mãe permitiu que ela não usasse *hijab* (véu), apesar de ter entrado na puberdade com a chegada da menarca. A menina estava orgulhosa por vivenciar novas experiências.



Fotografia: CALEGARI, M./IKMR. **Visitas a campo**, Rio de Janeiro, RJ. 2016.

---

<sup>219</sup> <http://noticias.band.uol.com.br/jornaldorio/video/2016/02/09/15764206/criancas-refugiadas-passam-dia-no-rio.html>

<sup>220</sup> <http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/noticias/73133/Criancas-refugiadas-de-guerra-desfilam-na-Marques-de-Sapucaia-.html>

Durante a diversão na piscina, muitos brasileiros se aproximaram do grupo para saber quem eram. Um casal angolano ficou encantado ao conhecer pequenos refugiados; ao contarem para uma garota de seis anos que tinham o mesmo país de origem, ela disse que não era possível pois eles eram brancos e na Angola todos eram negros. Adultos e crianças cariocas se misturaram aos refugiados para conversar, nadar, boiar e brincar. O vice-presidente do clube afirmou ter ficado muito emocionado com a visita e disse que gostaria de desenvolver um programa de incentivo ao esporte para refugiados, incluindo diversas modalidades olímpicas.

Por volta das 16 horas, as crianças saíram da piscina e começaram a se arrumar para o desfile de carnaval. Elas ficaram encantadas com as fantasias coloridas e exuberantes. Muitas perguntavam o que era carnaval, por que as pessoas desfilavam e o que significava Mangueira do Amanhã. Os pequenos se divertiam com as perucas, as garotas admiravam os babados rosas e os meninos criticavam a fantasia um tanto feminina, do ponto de vista deles. Independente da opinião sobre a vestimenta, todos estavam felizes com o passeio e ensaiavam o samba-enredo: *“Vem brincar e cantar com muito afã, embarque na aventura da Mangueira do Amanhã”*.

Ghayda estava curiosa sobre a participação de crianças brasileiras no desfile e queria saber se elas usariam a mesma fantasia que eles ou não. Expliquei que uma escola de samba é composta por milhares de pessoas com diversas alas e fantasias. Quando falei que as crianças da IKMR teriam uma ala exclusiva, a garota síria ficou preocupada pois todos saberiam que era refugiada e ela não queria isso. Alguns refugiados têm orgulho de sua situação, uma vez que tiveram que lutar muito para chegar ao país de destino e ter um recomeço, no entanto outros ficam constrangidos acreditando que a categoria “refugiado” os coloca como diferentes para a sociedade.

Enquanto os pequenos foliões terminavam de se arrumar, o responsável do Fluminense pela parceria chamou todos da ONG para agradecer a visita. Ele parabenizou a equipe pelo trabalho e comemorou a presença das crianças. O passeio foi finalizado por um pequeno garoto tricolor<sup>221</sup> cantando o hino do time. O dia foi documentado e divulgado pelo pessoal do Fluminense em seus

---

<sup>221</sup> Referência às três cores do time Fluminense: verde, vermelho e branco.

veículos midiáticos como página oficial<sup>222</sup>, facebook do time<sup>223</sup>, FluNews<sup>224</sup>, NetFlu<sup>225</sup>, MelhorTorcedor<sup>226</sup>, ExplosãoTricolor<sup>227</sup>; e pelo Globo Esporte<sup>228</sup>.

Todos fantasiados, documentação organizada, entramos no ônibus rumo à Marquês do Sapucaí. Enquanto algumas crianças mal podiam se sentar de tanta ansiedade, outras dormiam exaustas de tanto brincar. Chegando ao sambódromo, todos foram identificados com crachás e caminhamos até a concentração da Mangueira. No caminho a multidão surgia, mais cores, mais ritmos, mais fantasias, mais sons, mais novidades. Os olhos curiosos dos pequenos refugiados brilhavam.

Quando chegamos ao local da ala “Pluft, o fantasminha”, muitas crianças ficaram inseguras e assustadas com tamanha produção. O assédio da mídia foi bastante intenso nesse momento: fotos, vídeos, entrevistas. Uma grande conquista para o grupo foi a visibilidade que o evento deu à causa dos refugiados, em meios de comunicação como o jornal O Globo<sup>229</sup>, Rádio Agência Nacional<sup>230</sup>, agência Adital<sup>231</sup>, e ACNUR<sup>232</sup>. A escola era composta por aproximadamente 1.800 crianças divididas em 21 alas. A ala dos refugiados não conseguia cantar perfeitamente o samba-enredo e nem dançar com tanta desenvoltura quanto as outras, mas algumas crianças vibravam com o desfile e arriscavam sambar.

A bateria da escola foi citada por eles como uma das coisas mais emocionantes do desfile. Garotas congoleesas, sudanesas e sírias se orgulhavam dizendo que já tinham samba no pé. Alguns confessaram ser uma das experiências mais mágicas e inesquecíveis que já tiveram, e afirmaram querer desfilar novamente no próximo carnaval. Encantada com a fantasia, Ghayda ficou extasiada por poder levar a roupa embora para sua casa em São Paulo.

<sup>222</sup> <http://www.fluminense.com.br/site/social/2016/02/09/fluminense-recebe-a-visita-especial-de-40-criancas-refugiadas-de-cinco-paises/>

<sup>223</sup> <https://www.facebook.com/FluminenseFC/videos/vb.159225040801899/1032832163441178/?type=2&theater>

<sup>224</sup> <http://www.flunews.com.br/02/2016/criancas-refugiadas-passam-dia-na-sede-do-fluminense-e-tietam-fred/>

<sup>225</sup> <http://www.netflu.com.br/fluminense-recebe-criancas-refugiadas-da-africa-e-elas-conhecem-fred/>

<sup>226</sup> <http://melhortorcedor.com.br/futebol-criancas-refugiadas-passam-dia-na-sede-do-fluminense-e-tietam-fred/>

<sup>227</sup> <http://explosaoetricolor.com.br/v2/bela-acao-flu-abre-as-portas-do-clube-para-criancas-refugiadas-de-guerra>

<sup>228</sup> <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2016/02/criancas-refugiadas-passam-dia-na-sede-do-fluminense-e-tietam-fred.html>

<sup>229</sup> <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2016/criancas-refugiadas-tem-experiencia-inesquecivel-no-carnaval-18643839>

<sup>230</sup> <http://radioagencianacional.ebc.com.br/cultura/audio/2016-02/escola-de-samba-mirim-fecha-carnaval-com-ala-de-criancas-refugiadas>

<sup>231</sup> <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cat=&cod=88011>

<sup>232</sup> <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/criancas-refugiadas-vivem-a-fantasia-do-carnaval-em-desfile-no-rio-de-janeiro/>



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, Rio de Janeiro, RJ. 2016.

O samba-enredo tratava das diversas histórias infantis do nosso imaginário, que aos poucos passaram a fazer parte da narrativa desses refugiados. Como Alice, muitos buscam seu País das Maravilhas; outros fugiram do Lobo Mau como Chapeuzinho Vermelho; alguns encontram novos amigos, apesar das diferenças, assim como fez Branca de Neve; o “eu” e o “outro” também ganham novos significados como em a Bela e a Fera; a turma do Mickey inspira diversão; o Sítio do Pica-Pau Amarelo promete grandes aventuras para os pequenos; e feito Cinderela, muitas dessas crianças esperam por um futuro melhor. A partir desse “era uma vez”, cada uma dessas crianças teve a oportunidade de escrever uma nova história para si mesma em busca de um final feliz.

#### **4.11 Sete anos de guerra na Síria**

Dois anos após o final do trabalho de campo, fui convidada para participar de um Ato Pela Paz, promovido pela IKMR, em solidariedade aos sete anos de guerra na Síria. O último relato de campo havia sido em março de 2016 e agora - março de 2018 - volto para fazer a última visita a campo a ser narrada nesta tese. A experiência foi diferenciada dessa vez, pois me tornei mãe e a

presença da minha filha fez com que eu fosse percebida pelas famílias como parte do grupo das mães e não como parte do grupo de voluntários, pesquisadores ou repórteres.



Fotografia: CALEGARI, M./IKMR. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2018.

Muitas mudanças ocorreram nesses últimos dois anos, mais refugiados chegaram no Brasil e aumentou ainda mais a presença de sírios e congolese atendidos pela IKMR. Dentre os novos refugiados, alguns migraram sozinhos, muitos com suas famílias, e outros vieram encontrar parentes que já moravam aqui. Além das novas famílias que chegaram ao país, muitas foram embora nesse período. Talib deixou o Brasil, em 2016, com a esposa e os dois filhos e foram para a Guiana Francesa, onde tiveram mais duas filhas. O motivo relatado para a mudança de país foi a dificuldade que Talib encontrou em conseguir um emprego e sustentar sua família em São Paulo.

Muitas outras famílias também migraram para a Guiana Francesa com a justificativa que conseguiriam, futuramente, a entrada na Europa por meio da documentação francesa do novo país de origem. Além da esperança de ir para a França, muitos escolheram a Guiana Francesa porque o país oferece moradia e ajuda financeira mensal para refugiados. Nadia foi para a Guiana Francesa em 2016 com o marido, a cunhada e os dois filhos; e, no final de 2017, a família conseguiu refugiar-se na França. Quando entrevistada, em 2015, ela havia dito que gostaria de permanecer no

Brasil “*porque aqui tem humanidade e direitos e pessoas amigáveis*” (Nadia, refugiada síria, 30 anos)<sup>233</sup>. Em conversa atual pelo Facebook, Nadia contou sobre a mudança para a França:

Nós saímos porque sem trabalho e nós pagamos muito mensalmente pela casa e contas. Então, não podemos ficar mais. Muitos gastos e nenhuma renda. É difícil demais. Nós estamos todos bem. Nós tentamos começar nova vida em uma comunidade estranha. Sim, é um bom lugar, mas Brasil é mais. Além disso, as pessoas francesas não são tão gentis quanto as brasileiras. (Nadia, refugiada síria, 32 anos<sup>234</sup>)<sup>235</sup>

Omar - o primeiro entrevistado da presente tese - também se mudou para Paris, em 2016, onde ficou noivo de uma mulher síria. Durante a aplicação do questionário, Omar havia dito que não planejava ir para outro país, pois estava otimista em relação a seu futuro no Brasil e que não iria para a Europa por ser um destino demasiado caro. Em uma conversa atual pelo Facebook, Omar informou que sente falta do Brasil. Ele disse que não teve muita dificuldade ao ir para a Europa porque tinha o visto e que agora conseguiu residência permanente. Em relação ao motivo que o fez ir para a França, ele disse:

É uma longa história, mas há muitas razões. Eu gostaria de estudar um mestrado específico aqui em Paris. E também, eu irei me casar em breve e para famílias a França é uma ótima opção. E eu estaria perto da minha família na Síria se eu for visitá-los um dia. (Omar, refugiado sírio, 30 anos<sup>236</sup>)<sup>237</sup>

Outros entrevistados pela pesquisa também conseguiram migrar para a Europa, sendo a Alemanha o destino de três outras famílias. Alima, o marido e os três filhos foram para a Alemanha no final de 2015, onde outros parentes estavam refugiados. A mãe e as crianças haviam participado do programa de reunião familiar da IKMR. Segundo a cunhada que ainda vive no

<sup>233</sup> Tradução livre do original: “*Because there are humanity and right and friendly people.*”

<sup>234</sup> Quando os questionários foram aplicados em 2015, Nadia tinha 30 anos, como consta na lista de nomes fictícios.

<sup>235</sup> Tradução livre do original: “*We left because no work and we pay a lot monthly for home and bills. So, we can't stay more. Much expences and no income it's too difficult. We are all fine. We try to begin new life with strange community. Yes, it's nice place but more brazil. In addition, french people not nice as Brazilians.*”

<sup>236</sup> Quando os questionários foram aplicados em 2015, Omar tinha 28 anos, como consta na lista de nomes fictícios.

<sup>237</sup> Tradução livre do original: “*It's long story, but there are many reasons I would like to study a specific master here in Paris. Also, I will marry soon and for families France is a great option And I would be close to my family in Syria if I visit them one day.*”

Brasil, a família está melhor no novo país. Uma antiga voluntária da IKMR, que também foi morar na Alemanha, visitou a família em julho de 2016.

Aziz deixou o Brasil no final de 2015, onde vivia sozinho, foi para a Turquia encontrar com seu irmão e juntos foram para a Alemanha. A viagem foi bastante arriscada, os irmãos migraram sem documentos para a Europa com um grupo de sírios. Eles atravessaram o mar da Turquia até a Grécia durante a madrugada e caminharam até a Macedônia, onde pegaram um ônibus e depois continuaram a viagem a pé. Aziz disse que a caminhada durou dez dias, que foi perigoso, mas que a experiência foi boa.

Eu estou na Alemanha há 2 anos e meio. Eu me casei e estou esperando meu novo bebê chegar em agosto. A vida é melhor e tem trabalho. Tem segurança aqui. Eu vim para a Alemanha ilegal, daí peguei os documentos regulares. Eu vim de ônibus, trem, andando e pelo mar. Primeiro Turquia, depois Grécia, depois andando até a Alemanha. Eu não tinha ninguém na Alemanha, eu cheguei com meu irmão. Levou 10 dias. Foi uma boa experiência, um pouco perigoso, mas nós estávamos em grupo então chegamos em segurança. Boa experiência. (Aziz, refugiado sírio, 34 anos<sup>238</sup>)<sup>239</sup>

Outra refugiada síria que foi embora para a Alemanha é Karida, mãe de quatro adolescentes. Em 2012, após perder um filho na Síria, ela refugiou-se no Egito com o marido e os outros filhos. Dois anos depois, ela veio com os dois filhos mais novos para o Brasil viver com sua irmã, cunhado e sobrinhos; e, em 2015, seu outro filho juntou-se a eles. Em 2017, Karida e os três filhos conseguiram ir para a Alemanha, onde moram outros familiares também refugiados, mas estão cogitando a hipótese de voltarem a morar no Brasil. Na época da aplicação dos questionários, um dos filhos havia dito que gostaria de viver no Brasil para sempre.

Também tive notícias de uma entrevistada que foi embora para o Líbano no início de 2018, Tarub. Seu marido deixou a Síria no meio e ela no final de 2012 e foram para a Jordânia, onde viveram pouco mais de um ano. O casal chegou no Brasil em 2014, Tarub estava grávida de sete meses, e seu filho nasceu em São Paulo. Um acidente seis meses após sua chegada fez com

<sup>238</sup> Quando os questionários foram aplicados em 2015, Aziz tinha 32 anos, como consta na lista de nomes fictícios.

<sup>239</sup> Tradução livre do original: “*I am in Germany since 2 years and half. I have get married and waiting for my new baby coming in August. It's better life and there is work. Tem segurança aqui. I came to Germany illegal then I got the normal papers. I arrived by bus, train, walking and by sea. First Turkey, then Greece, then walking till Germany. I had no one in Germany, I arrived with my brother. It took 10 days. It was good experience, little bit dangerous, but we were as groups so we arrived safely. Good experience.*”

que seu marido ficasse paraplégico, o que dificultou a vida da família, pois ele não podia mais trabalhar. Quando entrevistada, em 2015, ela desabafou:

Foi um bom começo a nova vida aqui, mas após seis meses, meu marido teve um grave acidente de carro, então minha vida foi destruída até agora e está sendo pior que antes. (Tarub, refugiada síria, 27 anos)<sup>240</sup>

Atualmente, eles estão vivendo no Líbano e reencontraram outros familiares. Outra família que viveu uma tragédia em nosso país foi a de Amizah e Fella, cujo o pai faleceu no Brasil, em 2017. Quando o trabalho de campo foi conduzido Amizah tinha 13 anos e Fella 12 anos, ambas usavam os longos cabelos soltos, mas agora usam *hijab*. Essa mudança foi percebida em várias meninas sírias que hoje são adolescentes e cobrem os cabelos com véus, ainda que nem todas utilizem *hijab* mesmo sendo muçulmanas e tendo tido a menarca.



Fotografia: CALEGARI, M/IKMR. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2018.

O pai de Ghayda disse que a escolha de usar ou não o *hijab* cabia à própria filha, em um primeiro momento a menina decidiu não colocar, mas hoje desfila pelas ruas de São Paulo com vários véus coloridos. Quando Samira começou a usar o *hijab*, seu pai realizou um evento para

<sup>240</sup> Tradução livre do original: “It was a good start a new life here but after 6 months my husband had a hard car accident here so my life destroyed until now and being worse than before.”

comemorar e resolveu explicar para os amigos o motivo da mudança. Abdul disse que sentia que devia justificar o véu de sua filha para que ela fosse compreendida pelos colegas brasileiros.

Abdul era engenheiro na Síria, e no Brasil passou a trabalhar com a culinária árabe, como tantos outros refugiados sírios que vivem em São Paulo. Nos últimos dois anos, várias famílias sírias abriram seu próprio negócio de comida árabe. Alguns conseguiram abrir restaurante com ajuda financeira de amigos brasileiros, outros cozinham em sua própria casa e atendem o público ali mesmo, outros trabalham com entrega de comida, e outros atendem apenas a eventos fechados. A gastronomia como forma de sustento, fez com que algumas mulheres sírias, que no momento das entrevistas eram donas de casa, começassem também a trabalhar.

Alguns dos homens solteiros entrevistados, em 2015, hoje estão casados com mulheres também sírias. Um deles, Dabir, mudou-se para Belo Horizonte. Na época da entrevista, Dabir havia dito que planejava continuar em São Paulo. No momento da aplicação do questionário, havia um casal que estava separado, mas voltaram a ficar juntos ainda em 2015 e continuam vivendo em São Paulo com suas filhas. Outra mudança que pude perceber nesses últimos dois anos foi o aumento dos “brasileirinhos”, como os próprios sírios falam, pois muitas famílias tiveram mais um ou dois bebês nesse período.



Fotografia: CALEGARI, M. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2018.

Mais uma questão que chamou a atenção foi a comunicação. Quase todas as crianças que encontrei aprenderam a falar português e muitas mães que antes não conseguiam falar uma

palavra sequer, agora conseguem se comunicar. A maior parte das mulheres ainda não fala o português fluentemente, mas já considera a comunicação satisfatória, no entanto algumas continuam sem falar mais do que três palavras. Com o aprendizado da língua portuguesa, alguns dos refugiados também conseguiram revalidar seus diplomas no Brasil, como foi o caso de Fawzi. Quando entrevistado, em 2015, Fawzi estava revoltado com sua situação profissional e com a dificuldade de revalidar o diploma e conseguir realizar uma pós-graduação aqui no país.

O Ato Pela Paz, no dia 15 de março de 2018, foi organizado pela IKMR com o apoio do ACNUR e da Prefeitura de São Paulo, e contou com a participação de crianças refugiadas e solicitantes de refúgio de treze nacionalidades, sendo a maioria síria, congoleza e angolana. Chegamos ao parque Ibirapuera no início da tarde e todos se reuniram na Praça da Paz. As crianças corriam pelo gramado, jogavam bola e brincavam no parquinho, enquanto a equipe da IKMR e as mães organizavam as pulseiras de identificação.

Depois caminhamos até o Museu Afro Brasil, onde funcionários do Habib's serviram esfihas, kibes, sucos e sorvetes para as famílias. No restante da tarde, as crianças participaram de uma oficina de confecção de lanternas que seriam utilizadas na apresentação do Ato Pela Paz. Com a ajuda das voluntárias, as crianças sentaram em duas grandes rodas e enfeitaram as cartolinas que foram recebidas. A presidente da IKMR instruiu, então, que escrevessem em suas lanternas os nomes de pessoas que as crianças perderam em razão da guerra.



Fotografia: CALEGARI, M. *Visitas a campo*, São Paulo, SP. 2018.

Wahibah, mãe de duas crianças, pediu para participar da oficina e quis fazer uma lanterna também. Ela pediu a ajuda de uma menina angolana para escrever a história de sua família na lanterna, pois ela perdeu mais de 50 familiares por causa da guerra na Síria. Uma outra mãe síria, Zahra, desabafou a respeito dos sete anos de guerra civil e as mudanças em sua vida:

A guerra nesses sete anos, ela mudou a gente muito. Agora eu tenho 32 anos, só que eu sinto que tem 40 anos, porque quando a gente tava na Síria a gente tinha tudo – trabalho bom, casa, carro – a gente veio aqui e nada, não conseguiu nada, quase nada. A gente vai ter que construir a gente de pouquinho em pouquinho. E aqui a gente tá sozinho, não tem ninguém da nossa família. (Zahra, refugiada síria, 32 anos<sup>241</sup>)

Johara também lamentou a respeito da violência da guerra e dos interesses políticos que geram tanto sofrimento no mundo, mas afirmou que ela e sua família estão vivendo bem no Brasil.

Sete anos, infelizmente. Essa guerra não terminou nada, guerra para religião sunita não terminou nada. América, Bashar al-Assad, Rússia, não muda nada, não deixa dinheiro para outras pessoas, tudo dinheiro e poder. Mas Deus é forte para tudo os sírios. Aqui no Brasil para gente tudo bom, tudo tranquilo, graças a Deus. É quase meu país Brasil. (Johara, refugiada síria, 35 anos<sup>242</sup>)

Outra síria que relatou estar vivendo melhor no Brasil é a adolescente Rukan, que conheci no dia do evento. Ela contou que a família saiu da Síria em 2013 e ficou refugiada na Turquia por 3 anos, e durante todo esse tempo ela ficou sem estudar. Rukan falava empolgada que, em 2016, a família veio para o Brasil e ela foi inserida no sistema escolar de acordo com a idade e não grau de instrução anterior. A garota também estava orgulhosa de falar o português fluentemente.

A mãe de Rukan disse que a filha estava muito feliz no Brasil, que tinha muitos amigos, participava de eventos e adorava tirar fotos. Ela falava de suas experiências em árabe e a filha traduzia. Apesar de morar no Brasil há dois anos, a mãe de Rukan ainda não consegue se comunicar, afirmou que começou a aprender a língua há apenas quatro meses pois antes não saía

<sup>241</sup> Quando os questionários foram aplicados em 2015, Zahra tinha 29 anos, como consta na lista de nomes fictícios.

<sup>242</sup> Quando os questionários foram aplicados em 2015, Johara tinha 33 anos, como consta na lista de nomes fictícios.

de casa por motivos de saúde. Em relação aos sete anos de guerra na Síria, Rukan disse que gostaria de falar para todos os sírios que *“Tudo vai ser bem. Nosso Deus está com vocês. Se pessoas morrerem, eles vão ficar num lugar melhor. Graças a Deus.”* (Rukan, refugiada síria, 14 anos).

Terminada a confecção das lanternas, as crianças seguiram para a Praça da Paz, onde as fontes tinham sido iluminadas em homenagem a elas. Mães, voluntárias e alguns repórteres assistiram à apresentação do coral da IKMR. O evento contou com a cobertura da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo<sup>243</sup>, do ACNUR<sup>244</sup>, da Agência de Notícias Brasil-Árabe<sup>245</sup>, e da Rede Bandeirantes de Televisão<sup>246</sup>.

Hoje é um grande desafio para vocês que já vivem a guerra todos os dias, porque as notícias que estão sendo reportadas hoje são as piores notícias, são as piores perspectivas. E é por isso que a gente fez esse encontro e reuniu as crianças. Nós temos crianças aqui de treze países. A gente tá querendo trazer luz não só para a guerra que está acontecendo na Síria, mas para vários conflitos esquecidos, para várias perseguições esquecidas, e para dizer que essa luz representa que a gente tem esperança, esperança sim, que a paz um dia aconteça. A gente tem esperança porque a gente sabe, porque a gente está todos os dias aqui com essas crianças que sobreviveram a desafios inacreditáveis, passaram por grandes traumas e elas não desistem. São pessoas que precisam de cura, mas elas são a própria cura. Então eu queria, antes que elas comessem a se apresentar, pedir uma salva de palmas para todos esses guerreiros que estão aqui. E nosso grande amor maior para esses pais e essas mães que lutam tanto por seus filhos; sem vocês, a gente não poderia ter esperança nessa nova geração. Vocês são a resposta para as preces que a gente faz todos os dias por uma paz. Porque vocês estão aqui lutando, a gente não vai desistir. (Vivianne Reis, presidente da IKMR)

E, com esse discurso, a presidente da organização fez a abertura do evento oficial e as crianças cantaram músicas de união, esperança, integração, amizade, respeito e paz. Elas cantaram para o público, para suas famílias, para todas as pessoas afetadas pelas guerras e, especialmente, para aquelas que viraram luz como as lanternas em suas mãos.

<sup>243</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=\\_DuhZVmm31w](https://www.youtube.com/watch?v=_DuhZVmm31w)

<sup>244</sup> <https://www.instagram.com/p/BgXGb9tH9ic/?hl=pt-br&taken-by=acnurbrasil>

<sup>245</sup> <https://anba.com.br/ong-faz-ato-no-ibirapuera-pela-paz-na-siria/>

<sup>246</sup> <http://videos.band.uol.com.br/16411730/guerra-na-siria-completa-sete-anos.html>



Fotografia: CALEGARI, M./IKMR. **Visitas a campo**, São Paulo, SP. 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma importante modalidade migratória (VAINER, 2002) do cenário mundial contemporâneo é a migração de crise (CLOCHARD, 2007). As migrações de crise refletem problemas políticos, sociais, econômicos, jurídicos e humanitários da geopolítica internacional. Assim, ao cruzar as fronteiras, esses indivíduos atravessam também um espaço social, político e cultural (SAYAD, 1998). A migração de crise e a crise da migração se completam no cenário atual com novas dimensões das desigualdades (MARIE, 1996).

Em meio a graves crises humanitárias, a migração de crianças refugiadas é uma “crise silenciosa” (ACNUR, 2018). Esses pequenos migrantes são testemunhas de diversas formas de violência, perseguições e passam por riscos extremos em busca de sobrevivência. As crianças estão em risco uma vez que idade e desenvolvimento psicossocial as colocam em situação de maior vulnerabilidade do que os adultos em contexto de deslocamento forçado, mesmo a longo prazo com refúgio, apatridia ou retorno ao país de origem (ACNUR, 2007).

Em um momento de controle rígido das fronteiras por grande parte dos países, o Brasil lança a Resolução Normativa n.17/2013, que facilita a emissão de visto para sírios, e aparece como importante país de destino para refugiados vindos da maior crise humanitária atual (ACNUR, 2016). Esta tese buscou, portanto, contribuir para o debate acerca das condições de vida da população refugiada síria no Brasil, trazendo as dimensões desta migração que estão presentes em suas práticas sociais (BOURDIEU, 2003).

A discussão teórica e a revisão dos instrumentos internacionais levaram a uma reflexão acerca da natureza do conflito, da democracia, da assistência humanitária e da dimensão política do refúgio no cenário internacional (CAMBRÉZY, 2001). E, a questão da infância e a consciência em relação aos direitos da criança refletiram o caráter especial desse grupo, que precisa de proteção diferenciada com ênfase em assistência prioritária, reunificação familiar e soluções duradouras.

A partir de uma reconstrução histórica da migração de sírios para o Brasil, esta tese confirmou que o fluxo migratório de refugiados sírios para São Paulo é sustentado pelo longo processo migratório de árabes para o país desde o século XIX (TRUZZI, 1992). As relações entre Brasil e Síria também foram abordadas para justificar os elementos jurídicos que facilitam a entrada de refugiados sírios no território brasileiro (ACNUR, 2013a). A presença de sírios no país, mais especificamente em São Paulo (OSMAN, 1998), é significativa há mais de um século com uma

construção de redes sociais que facilitam o processo migratório e a integração do grupo no destino (TRUZZI, 2008). As redes migratórias são um importante mecanismo estrutural que apoia a causalidade da migração internacional (MASSEY, 1988) e diminuem os riscos, os custos e a ruptura entre origem e destino (TRUZZI, 2008).

A aplicação do questionário “Refugiados Sírios em São Paulo” permitiu apreender especificidades, composição e heterogeneidade do grupo. A análise dos questionários forneceu um perfil sociodemográfico da população estudada, com informações como: estrutura etária, sexo, condição jurídica, condição de permanência, religião, escolaridade, profissão, emprego, habitação, língua nativa, comunicação, documentação, nupcialidade, fecundidade, composição familiar, parentesco, contato com familiares, assistência, redes sociais e trajetória migratória.

Sobre as diferenças encontradas no país de destino muitos citaram cultura, idioma, comida, estudos, trabalho, religião, guerra, amigos, presença de recursos naturais, segurança, paz e liberdade. A respeito do motivo que os levaram a escolher o Brasil como país de destino, quase todos disseram que o Brasil é o único país que concede visto para sírios atualmente. E, quanto à escolha pela cidade de São Paulo, a maior parte dos respondentes disse que a motivação foi o mercado de trabalho e a grande presença de árabes. Finalmente, em relação às perspectivas sobre o futuro, a maior parte dos entrevistados afirmou que gostaria e pretende continuar no Brasil, alguns pensam em tentar ir para outros país, e poucos cogitam voltar para a Síria algum dia.

Considerando a dinâmica do refúgio, os questionários não conseguiriam captar todas as informações necessárias para uma compreensão mais ampla desse fenômeno migratório tão complexo, por isso a observação por meio do trabalho de campo foi fundamental para a pesquisa. A imersão no campo permitiu refletir sobre os diversos aspectos teóricos, confrontar a bibliografia e melhor apreender os processos sociais.

O campo demonstrou que esses migrantes, mesmo que tenham uma necessidade imprescindível de sair da origem para proteger a própria vida, também são dotados de iniciativa, decisões e estratégias migratórias (LASSAILLY-JACOB, 1998). Os entrevistados apresentaram diferentes motivações individuais e familiares no projeto migratório (ARIZA e VELASCO, 2012). Os refugiados sírios vivenciaram diferentes trajetórias migratórias nas quais o Brasil apareceu como país de destino quando sequer fazia parte do projeto migratório; e, em outros casos, o Brasil foi apenas mais uma etapa migratória (SANCHÉZ, 2012). As visitas a campo ressaltaram o caráter dinâmico e transnacional dessa migração (LEVITT e GLICK-SCHILLER, 2004); e demonstraram,

ainda, a importância dos vínculos históricos para os processos migratórios atuais (SINGER, 1973) e da cultura como elemento de identidade e continuidade (ACNUR, 1994) para a população estudada.

As demandas da população captada pela pesquisa são inúmeras, entre elas: assistência para além da documentação; desburocratização para conseguir moradia; respeito às diferenças culturais; saúde e educação de qualidade; cursos de português; validação de diplomas; acesso ao Ensino Superior e Pós-Graduação; emprego na área de formação e condizente com a escolaridade da população; e melhores condições de vida, no geral.

Há necessidade de políticas migratórias que respeitem os direitos dos refugiados e que cumpram com os deveres do direito internacional. E que, esses direitos humanos, possam ser garantidos durante todo o processo migratório, desde da causa do deslocamento, perpassando a elegibilidade do estatuto de refugiado, a proteção internacional, o asilo, até a busca por soluções duradouras (ACNUR, 2005). Além disso, é necessária uma abordagem mais participativa dos refugiados no que se refere à proteção internacional para que eles possam garantir sua autonomia e identidade (NEEDHAM, 1994).

A presente pesquisa foi compreendida como uma construção social na qual a pesquisadora e o objeto de pesquisa foram sendo modificados ao longo da elaboração da tese (BOURDIEU, 2005). Houve interação entre pesquisador e pesquisado durante toda a investigação, o que permitiu que hipóteses, procedimentos metodológicos, suposições empíricas e interpretações teóricas fossem modificados durante esse processo (BOURDIEU, 2002).

Esta tese aprofundou o objeto de estudo a partir da perspectiva das práticas sociais (BOURDIEU, 2004a), e apreendeu as especificidades dos refugiados sírios considerando a temporalidade da imigração, o contexto cultural, e o posicionamento desses indivíduos no espaço social (BOURDIEU, 1997). Assim, a partir do olhar para a dimensão familiar e para as práticas sociais (BOURDIEU, 2003), foi possível uma maior compreensão das condições de vida da população refugiada síria em São Paulo.

Apesar das contribuições que a presente tese se propõe a oferecer, a agenda de pesquisa ainda é bastante extensa. Alguns temas relacionados ao refúgio que merecem atenção especial são: segunda geração; assistência; integração; educação; reassentamento; e soluções duradouras. E, entre as dificuldades e problemas que devem ser aprofundados estão xenofobia, preconceito,

racismo, violência, terrorismo, tráfico de pessoas, criminalização dos movimentos migratórios, acolhimento precário dos estrangeiros, e privação dos direitos humanos.

A pesquisa constatou que esses elementos são fundamentais na definição e decisão do Brasil em sua política de refúgio no século XXI; e que a presença de refugiados tende a crescer no Brasil tanto pelos conflitos emergentes nos países de origem quanto pela política de refúgio dos países de destino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AALCO. *Princípios de Bangkok sobre o Estatuto e Tratamento de Refugiados*. Organização Jurídica Consultiva da Ásia-África, 1966.

ACHPR. *Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos*. Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, 1981. Disponível em: <<http://www.achpr.org/pt/instruments/achpr>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança*. Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, 1990. Disponível em: <<http://www.achpr.org/pt/instruments/achpr>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ACNUR. *Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados*, 1951. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Pacto Internacional sobre Direitos Cíveis e Políticos*, 1966. Disponível em: <<http://www.oas.org/pt>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados*, 1967. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Declaração das Nações Unidas sobre o Asilo Territorial*, 1967. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção da Organização de Unidade Africana (OUA) que rege aspectos específicos dos problemas de refugiados na África*, 1969. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher*, 1979. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Declaração de Cartagena*, 1984. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Comitê Executivo. *Conclusão nº 47 sobre Crianças Refugiadas*, 1987. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/3ae68c432c.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes sobre Crianças Refugiadas*, 1988. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/protect/PROTECTION/3b84c6c67.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Comitê Executivo. *Conclusão nº 59 sobre Crianças Refugiadas*, 1989. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/3ae68c4398.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Política do ACNUR sobre Crianças Refugiadas*, 1993. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/3f9e6a534.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Crianças Refugiadas: Diretrizes sobre Proteção e Cuidado*, 1994. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/3ae6b3470.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Política do ACNUR sobre Adoção*, 1995. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/42f9c3714.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes sobre Crianças Desacompanhadas Solicitantes de Refúgio*, 1997. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/3ae6b3360.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Comitê Executivo. *Conclusão nº 84 sobre Crianças e Adolescentes Refugiados*, 1997. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/3ae68c68c.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **A situação dos refugiados no mundo: cinquenta anos de ação humanitária**. Almada: A Triunfadora Artes Gráficas, 2000.

\_\_\_\_\_. *Declaração e Plano de Ação do México para Fortalecer a Proteção Internacional dos Refugiados na América Latina*, 2004. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Introducción a la Protección Internacional*. Protección de las personas de competencia del ACNUR. 2005.

\_\_\_\_\_. Comitê Executivo. *Conclusão nº 105 sobre Mulheres e Meninas em Situação de Risco*, 2006. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/45339d922.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Comitê Executivo. *Conclusão nº 107 sobre Crianças em Risco*, 2007. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/471897232.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes sobre a Determinação do Melhor Interesse da Criança*, 2008. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/48480c342.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Manual para a Proteção de Mulheres e Meninas*, 2008. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/47cfc2962.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes sobre Proteção Internacional nº 8 - Solicitações de Refúgio apresentadas por Crianças, nos termos dos Artigos 1(A)2 e 1(F) da Convenção de 1951 e/ou do Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados*, 2009. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4b2f4f6d2.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Rio instala Comitê Estadual para Refugiados*, 2010. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2010/03/23/rio-instala-comite-estadual-para-refugiados>>. Acesso em: 14 mar. 2018. [2010a]

\_\_\_\_\_. *Declaração de Brasília Sobre a Proteção de Refugiados e Apátridas no Continente Americano*, 2010. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos>>. Acesso em: 14 mar. 2018. [2010b]

\_\_\_\_\_. *ACNUR e Brasil formalizam parceria humanitária*, 2010. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/index.php?id=242&tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=1546](http://www.acnur.org/t3/index.php?id=242&tx_ttnews%5Btt_news%5D=1546)>. Acesso em: 14 mar. 2018. [2010c]

\_\_\_\_\_. Resolução Normativa CONARE Nº 14 de 2011. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/54e717134.html>>. Acesso em: 14 mar. 2018. [2011a]

\_\_\_\_\_. *Políticas de Idade, Gênero e Diversidade*, 2011. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4def34f6887.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Manual de campo para a implementação das Diretrizes do ACNUR sobre a Determinação do Melhor Interesse da Criança*, 2011. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/protection/children/50f6d27f9/field-handbook-implementation-unhcr-bid-guidelines.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Resolução Normativa CONARE Nº 97 de 2012. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/54e748424.html>>. Acesso em: 29 mar. 2018. [2012a]

\_\_\_\_\_. *Quadro do ACNUR para a Proteção de Crianças*, 2012. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4fe875682.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Ação contra a Violência Sexual e de Gênero: Uma Estratégia Atualizada*, 2012. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4e01ffeb2.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Estratégia de Educação do ACNUR 2012 - 2016*, 2012. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4f4cd9812.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Declaração de Princípios do Mercosul sobre Proteção Internacional dos Refugiados*, 2012. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/>>.

\_\_\_\_\_. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. UN High Commissioner for Refugees (UNHCR), 2013.

\_\_\_\_\_. *Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado*, 2013. Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2013/Manual\\_de\\_procedimentos\\_e\\_criterios\\_para\\_a\\_determinacao\\_da\\_condicao\\_de\\_refugiado](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2013/Manual_de_procedimentos_e_criterios_para_a_determinacao_da_condicao_de_refugiado)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Resolução Normativa do CONARE Nº 17 de 2013. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/54e72b4b4.html>>. Acesso em: 29 mar. 2018. [2013a]

\_\_\_\_\_. Comitê Executivo. *Conclusão nº 111 sobre Registro Civil*, 2013. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/525f8ba64.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Rio é pioneiro em plano de atendimento a refugiados, 2014. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2014/09/29/rio-e-pioneiro-em-plano-de-atendimento-a-refugiados>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. ACNUR – III SiGI: Questão dos Refugiados Sírios, 2015. Disponível em: <<http://www.acnur2015sigi.wordpress.com>>. Acesso em: 10 mar 2018.

\_\_\_\_\_. Comitê Executivo. *Conclusão nº 113 sobre Juventude*, 2016. Disponível em: <<http://www.refworld.org/publisher,UNHCR,EXCONC,,57f7b5a84,0.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Cinco anos de conflito na Síria, 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2016/03/15/cinco-anos-de-conflito-na-siria>>. Acesso em: 11 mar 2018.

\_\_\_\_\_. Suggested background material for 2016 Dialogue on Children on the Move, 2016. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/events/conferences/581c888d4/suggested-background-material-2016-dialogue-children-move.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Rede virtual de escolas com alunos refugiados vai fomentar a troca de experiências entre educadores, 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2016/11/24/rede-virtual-de-escolas-com-alunos-refugiados-vai-fomentar-a-troca-de-experiencias-entre-educadores>>. Acesso em: 06 abr. 2018. [2016a]

\_\_\_\_\_. **Missing Out** – Refugee Education in Crisis, 2016. Disponível em: <[http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/missing-out-refugee-education-in-crisis\\_unhcr\\_2016-en.pdf](http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/missing-out-refugee-education-in-crisis_unhcr_2016-en.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2018. [2016b]

\_\_\_\_\_. **Global Trends: Forced Displacement in 2016**. UN High Commissioner for Refugees (UNHCR), 2017. [2017a]

\_\_\_\_\_. **Syria End of Year Report 2016: Working Towards a Better Future**. UN High Commissioner for Refugees (UNHCR), 2017. [2017b]

\_\_\_\_\_. Projeto com crianças refugiadas apresenta possíveis caminhos para a integração em São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2017/12/22/projeto-com-criancas-refugiadas-apresenta-possiveis-caminhos-para-a-integracao-em-sao-paulo>>. Acesso em: 06 abr. 2018. [2017c]

\_\_\_\_\_. *Statistical Online Database*. 2018. Disponível em: <<http://www.unhcr.org>>. Acesso em: 12 mar. 2018. [2018a]

\_\_\_\_\_. Crianças em fuga, 2018. Disponível em: <<http://www.acnur.org/www-portugues/quem-ajudamos/criancas/criancas-em-fuga>>. Acesso em: 06 abr. 2018. [2018b]

\_\_\_\_\_. Organizações parceiras, 2018. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/organizacoes-parceiras/>>. Acesso em: 06 abr. 2018. [2018c]

ADUS. Nossa história, 2018. Disponível em: <<https://www.adus.org.br/sobre/historico>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

AGIER, M. **Aux Bords du Monde**, les Réfugiés. Paris: Flammarion, 2002.

AIDA. *Asylum Information Database*. 2015. Disponível em: < <http://www.asylumineurope.org>>

ALEINIKOFF, A. State-centered refugee Law: from resettlement to containment. In: DANIEL, E. V.; KNUDSEN, J. C. **Mistrusting refugees**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1995.

ALLISON, R. Russia and Syria: explaining alignment with a regime in crisis. **International Affairs**, v.89 (4), 2013.

ALVES, D. M. **Refugiados e solicitantes de refúgio**: a experiência da Cáritas RJ – 2009/2010. Direitos, legislação e atendimento social. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

ALVES, J. S. **Sorrisos em trânsito**: modos de levar a vida e praticar cuidado com o corpo e com a saúde de refugiados exilados no município de São Paulo. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2013.

AL-SALEH, A. **Voices of the Arab Spring**: Personal Stories from the Arab Revolutions. Columbia: Columbia University Press, 2015.

ANDRADE, J. H. F. **Refugiados**: evolução de seu conceito e de sua proteção institucional à luz do Direito das Gentes (1921-1952). (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Direito Internacional dos Refugiados**: evolução histórica (1921-1952). Rio de Janeiro: Renovar, 1996.

\_\_\_\_\_. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). **Revista Brasileira de Política Internacional**, vol.48 (1), 2005.

\_\_\_\_\_. **A política de proteção a refugiados da Organização das Nações Unidas – sua gênese no período pós-guerra (1946-1952)**. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, 2006.

ANDRADE, M. **Mulheres refugiadas e o mercado de trabalho**: um estudo no município de São Paulo. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

ANDREATTA, R. M. F. C. **A dignidade humana do estrangeiro, do imigrante e do refugiado na perspectiva do diálogo intercultural**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2008.

ANGOUSTURES, A.; LEGOUX, L. Les liens familiaux dans les reconnaissances récentes de la qualité de réfugié. **Revue européenne de migrations internationales**, v. 13, n. 1, 1997.

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 1996.

ARAGON, L. E. **Utility of the multiplicity survey method to gather migration data**. V Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Águas de São Pedro: ABEP, 1986.

ARAÚJO, N.; ALMEIDA; G. A. (org.) **O Direito Internacional dos Refugiados: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. In: ARAÚJO, N.; ALMEIDA; G. A. (org.) **O Direito Internacional dos Refugiados: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

ARIZA, M.; VELASCO, L. (coord.) **Métodos Cualitativos y su Aplicación Empírica**. Por los caminos de la investigación internacional. Instituto de Investigaciones Sociales – UNAM, 2012.

AYDOS, M. **Migração forçada**: uma abordagem conceitual a partir da imigração de angolanos para os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, Brasil (1970-2006). (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2010.

BAENINGER, R. (coord). Pesquisa Condição de Vida da População Refugiada no Brasil. NEPO/UNICAMP-Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2007.

\_\_\_\_\_; AYDOS, M.R. **População refugiada - Retrato das condições de vida: famílias em São Paulo e Rio de Janeiro**. Campinas: NEPO/Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fases e faces da migração em São Paulo**. 1. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2012.

\_\_\_\_\_. **Migrações Internacionais no século 21: desafios para uma agenda de pesquisa**. VI Congresso de ALAP. Lima: ALAP, 2014.

\_\_\_\_\_. Desafios teórico-metodológicos para a interpretação da migração internacional na sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, SP, v. 34, n. 1, p. 181-184, 2017.

\_\_\_\_\_; FERNANDES, D.; DEMÉTRIO, N.; DOMENICONI, J.; CALEGARI, M.; SIMAI, S. **Atlas do Observatório das Migrações em São Paulo - Migração Refugiada**. Núcleo de Estudos de População Elza Berquó/Fapesp, 2018.

BALERA, W. (Org.) **Direito Internacional dos Refugiados nos 25 anos da Declaração de Cartagena**. São Paulo: Plêiade, 2009.

BAPTISTELA, T. **A integração e convergência do asilo e refúgio na Declaração de Cartagena: da colonialidade de Genebra à decolonialidade de Cartagena**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

BARBOSA, J. M. **O reconhecimento do status de refúgio diante das demandas atuais no Brasil.** (Monografia de Graduação). Universidade Federal do Paraná, 2014.

BARBOSA, L. P.; SAGRADO DA HORA, J. R. **A polícia federal e a proteção internacional dos refugiados.** Brasília: ACNUR, 2007.

BARRETO, L. P. T. F. (Ed.). **Refúgio no Brasil:** a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas. Brasília: ACNUR, 2010.

BASAGLIA, C. C. P. **Nuvem de mascates:** raízes que se rompem. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2002.

BENEVIDES, S. P. **Nos refúgios da memória:** um estudo sobre histórias de refugiados no Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

BERNARDES, O. F. C. **Imigração no mundo contemporâneo e Estados falidos:** guerra e crise humanitária na Síria. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2016.

BERNARDO, M. A. S. **Português como língua de acolhimento:** um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, 2016.

BERNARDON, A. C. **População refugiada reassentada no Rio Grande do Sul:** histórias de saudades e resistência. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

BEZERRA, C. B. **Distantes do berço:** impactos psicológicos da imigração na infância. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

BEZERRA, M. T. **O refúgio e a proteção dos direitos humanos no Distrito Federal:** um estudo sob a perspectiva das políticas públicas. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário Euro-Americano, 2013.

BILAC, E. D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, N. (Ed.). **Emigração e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Funap, 1995.

BLACK, R. Fifty years of refugee studies: from theory to policy. **The International Migration Review**, v. 35, 2001.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. Efeitos do lugar. In: \_\_\_\_\_. **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Esquisse d'une théorie de la pratique.** Seuil: France, 2000.

\_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In: \_\_\_\_\_. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. Participant Objectivation. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 9 (2), 2003.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004. [2004a]

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. [2004b]

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 2011.

\_\_\_\_\_. CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Le métier du sociologue**: préalables épistémologiques. Paris: De Gruyter, 2005.

\_\_\_\_\_.; WACQUANT, L. J. D. **Pour une anthropologie reflexive**. Paris: LeSeuil, 1992.

BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas. **International Migration Review**, v.23, n.3, p.638-670; 1989.

BRASIL. Decreto n. 50.215 28 de janeiro de 1961. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1950-1969/D50215.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D50215.htm)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Estatuto do Estrangeiro*. Lei n. 6.815 de 19 de agosto de 1980. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6815.htm)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 98.602 de dezembro de 1989. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1980-1989/D98602.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D98602.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10079.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10079.htm)>. Acesso em: 13 mar. 2018. [1990a]

\_\_\_\_\_. Decreto n. 99.757 de novembro de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D99757.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99757.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2018. [1990b]

\_\_\_\_\_. Portaria Interministerial n.394 de julho de 1991. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1126559/pg-5-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-30-07-1991>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 1.904 de maio de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d1904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1904.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Programa Nacional de Direitos Humanos I*, 1996. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.474 de julho de 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Programa Nacional de Direitos Humanos II*, 2002. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 52.349 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.justica.sp.gov.br/StaticFiles/SJDC/ArquivosComuns/ProgramasProjetos/NETP/Decreto%2052.349%20-%202007.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Programa Nacional de Direitos Humanos III*, 2010. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/direito-para-todos/programas/pdfs/programa-nacional-de-direitos-humanos-pndh-3>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **República Árabe da Síria**. Ministério das Relações Exteriores, 2018. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5513-republica-arabe-da-siria>>. Acesso: 31 mar. 2018.

BRAVO, A. L. M. Z. **O milhão restante, o Brasil e a evolução da proteção internacional a refugiados** (1946-1952). (Dissertação de Mestrado). Fundação Getúlio Vargas, 2014.

BREGAIN, G. **Syriens et Libanais d'Amérique du Sud (1918-1945)**. Paris: L'Harmattan, 2008.

BRETTELL, C.; HOLLIFIELD, J. (Ed.). **Migration theory: talking across discipline**. New York: Routledge, 2005.

BRYCESON, D.; VUORELA, U. **The transnational family: New European frontiers and global networks**. Reino Unido: Berg, 2002.

CALEGARI, M. **"Felicidade Clandestina"**: refúgio e família no Brasil. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2014.

CAMBRÉZY, L. **Réfugiés et exilés: crise des sociétés, crise des territoires**. França: Éditions des archives contemporaines, 2001.

\_\_\_\_\_.; LASSAILY-JACOB, v. Les migrations forcées. **Géographes associés**, Association Française pour le Développement de la Géographie, 2005.

CARDOSO, A. Z. **Jornalismo para a paz ou para a guerra: a representação do refugiado na cobertura jornalística brasileira**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013

CARIGNATO, T. T. Desafios e perspectivss no campo da imigração e refúgio. In: ROSA, M. D.; CARIGNATO, T. T., *et al* (org.). **Desejo e política: desafios e perspectivas no campo da imigração e refúgio**. São Paulo: Max Limonad, 2013.

CARNEIRO, M. L. T. C. Cumplicidade secreta: o Brasil diante da questão dos refugiados judeus (1933-1948). In: BOUCAULT, C. E. A.; MALATIAN, T. (Org.). **Políticas migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI**. Rio de Janeiro; São Paulo: Renovar, 2003. p. 257-275.

CASTRO, A. A. **As-Salamu Alaykum!** Compreendendo o sistema de atividade de acolhimento, inserção e adaptação dos refugiados sírios ao Brasil. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, 2016.

CAVARZERE, T. T. **Direito Internacional da Pessoa Humana: a circulação internacional de pessoas**. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 1992.

CHAVES, L. M. N. **A questão dos refugiados nas relações internacionais – o caso colombiano**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CLARO, C. A. B. **Refugiados ambientais: mudanças climáticas, migrações internacionais e governança global**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, 2012.

CASTLES, S. International Migration at the Beginning of the Twenty-first Century: Global Trends and Issues. **International Social Science Journal**, v. 52, n. 3, 2000.

CDHM. *Declaração sobre os Direitos da Criança*, 1924. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/DeclDirCrian.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça Juvenil*, 1985. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/RegrMinNacUniAdmJustInfJuv.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Princípios Orientadores das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil*, 1990. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/PrincNacUniPrevDeliqJuv.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Regras das Nações Unidas para a Proteção de Jovens Privados de Liberdade*, 1990. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/RegNacUniProtMenPrivLib.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Declaração Mundial sobre a Sobrevivência, a Proteção e o Desenvolvimento da Criança*, 1990. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/planoacao.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

CLOCHARD, O.; DECOURCELLE, A.; INTRAND, C. Zones d'attente et demande d'asile à la frontière : le renforcement des contrôles migratoires?. **Revue européenne des migrations internationales**, v.19, 2003.

\_\_\_\_\_. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. **EchoGéo**, v. 2, 2007.

COE. *Convenção Europeia para a prevenção da tortura e das penas ou tratamentos desumanos ou degradantes*. Council of Europe, 1987. Disponível em: <<https://rm.coe.int/16806dbb30>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

COHEN, B. J. Família. In: COHEN, B. J. (Ed.). **Sociologia geral**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1980.

COLLYER, M. **Citizens without Borders?:** Discussions of Transnationalism and Forced Migrants. Ninth Conference of the International Association for the Study of Forced Migration, São Paulo: IASFM, 2005.

COLLUS, D. O. **Envelhecer longe de casa:** aspectos culturais e sociais de refugiados na cidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

CONCEICAO, G. E. **O Direito Internacional dos Refugiados na contemporaneidade:** aplicação e efetividade no Direito Brasileiro. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Itaúna, 2016.

CONARE. *Dados*. 2013. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/noticias/mj-anuncia-medidas-de-fortalecimento-do-comite-nacional-para-os-refugiados-1>.

\_\_\_\_\_. **Refúgio em número**. Secretaria Nacional de Justiça, 2017. Disponível em: <[http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017\\_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf](http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Refúgio em números – 3a edição**. Secretaria Nacional de Justiça, 2018. Disponível em: <[http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros\\_1104.pdf](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2018.

CORRALES, J. B. **Refugiados colombianos no Brasil:** uma interpretação das suas travessias internas. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2007.

COSTA, C. S. **Refugiados no contexto das mudanças ambientais**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlo, 2011.

COSTA, N. B. **Migrações Internacionais e Refúgio no Brasil entre 2000 e 2014:** uma análise espaço-temporal. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, 2016.

COSTA, S. **O acesso ao trabalho pelos refugiados no Brasil:** o caso dos palestinos no estado do Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

CUNHA, A. P. **Votar ou não votar?** Um estudo sobre o reconhecimento do direito de voto para refugiados. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, 2013.

CURRALADAS, M. A. D. V. C. R. **O Direito dos Refugiados e os “refugiados ambientais”:** caminhos históricos e teóricos para uma proteção homóloga. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário FIEO, 2013.

CRISP, J. **The local integration and local settlement of refugees:** a conceptual and historical analysis. *New Issues in Refugee Research*. Geneva: UNHCR, 2004.

CRUZ, C. A. L. **O reassentamento dos refugiados colombianos e palestinos no estado do Rio Grande do Norte.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

CRUZ, F. J. J. **Construção da Nação-Estado de Angola pela visão dos refugiados exilados e intelectuais em situação de diáspora no estado do Rio de Janeiro – 1992-2002.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

DANIEL, Z. **O refúgio no Brasil:** o caso dos refugiados angolanos no Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário Euro-Americano, 2009.

DE HAAS, H. Migration and development: a theoretical perspective. **International Migration Review**, v. 44, n. 1, 2010.

DELGADO, A. P. T. Muito distantes do Eldorado: perspectivas jurídicas da proteção dos migrantes haitianos no Brasil. (Tese de Doutorado). Universidade Estácio de Sá, 2016.

DOMENACH, H.; PICOUET, M. **Las Migraciones.** Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 1995.

DPU. *Defensoria Pública da União e CONARE firmam acordos para atuação junto a refugiados*, 2012. Disponível em: <<http://www.dpu.def.br/legislacao/leis?id=9620:dpu-e-conare-firmam-acordos-para-atuacao-junto-a->>. Acesso em: 14 mar. 2018.

EDWARDS, A. Transitioning gender: Feminist engagement with international refugee law and policy 1950-2010. **Refugee Survey Quarterly**, v. 29, n. 3, 2010.

EUROPEAN UNIVERSITY INSTITUTE. *Syrian Refugees: a snapshot of the crisis in the Middle East and Europe.* Migration Policy Centre, 2015. Disponível em: <<http://www.syrianrefugees.eu>>.

EUROSTAT. *Gabinete de Estatísticas da União Europeia*, 2017. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

FAZITO, D. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional:** proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. (Tese de doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2005.

FELLER, E. The Convention at 50: the way ahead for refugee protection. **Forced Migration Review**, Oxford, v. 10, 2001.

FERREIRA, I. D. **Os novos contornos mundiais e a questão dos refugiados**: entre a efetividade e a eficácia das posturas diante da realidade mundial. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2009.

FETT, P. L. O princípio da distinção nos conflitos armados não internacionais contemporâneos: Síria, um estudo de caso. **Revista das Ciências Militares**, Coleção Meira Mattos, n. 28, 2013.

HASHEMI, N.; POSTEL, D. **The Syria Dilemma**. Boston: The MIT Press, 2013.

ECHR. *Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais*. European Court of Human Rights, 1950. Disponível em: <[https://www.echr.coe.int/Documents/Convention\\_POR.pdf](https://www.echr.coe.int/Documents/Convention_POR.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018

FIDDIAN-QASMIYEH, E. ‘Ideal’ Refugee Women and Gender Equality Mainstreaming in the Sahrawi Refugee Camps: “Good Practice” for Whom? **Refugee Survey Quarterly**, v. 29, n. 2, 2010.

FLEISCHER, S. MARTES, A. C. B. (Org.). **Fronteiras cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2003.

FRANCA, J. M. **Diplomacia, economia e refúgio**: faces da relação Brasil – África no início do século XXI. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

FRANCISCO, J. B.; LAMARAO, S. Sírios e libaneses e a expulsão de estrangeiros na Primeira República. **Acervo Revista do Arquivo Nacional**, v.26, n.2, 2013.

FURONI, R. M. **O Direito Internacional Público e a proteção dos refugiados ambientais: um estudo sob a ótica dos Direitos Fundamentais**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, 2013.

FUSCO, W. As redes sociais nas migrações internacionais. Brasileiros nos Estados Unidos e Japão. **Revista Brasileira de Estudos de População**, vol 19, n, 1. 2002.

GALLO, F. B. G. **Refugiados congolezes em São Paulo**: sentidos e significados na Igreja Boa Nova Mensagem. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, 2011.

GARCIA, C. H. **Direito Internacional dos Refugiados** – história, desenvolvimento, definição e alcance. A busca pela plena efetivação dos direitos humanos no plano internacional e seus reflexos no Brasil. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Direito de Campos, 2007.

GARCIA, E. S. C. **Estados de suspensão**: modos de resistência de refugiados palestinos reassentados na cidade de Mogi das Cruzes (SP). (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

GEDIEL, J. A. P.; GODOY, G. G. (Org.) **Refúgio e hospitalidade**. Curitiba: Kairós Edições, 2016.

GIDDENS, A. **O Estado-nação e a Violência**: segundo volume de uma crítica contemporânea ao materialismo histórico. São Paulo: Edusp, 2001.

GLICK-SCHILLER, N.; BASH, L.; BLANC-SZANTON, C. Towards transnational perspective on migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**, Nova Iorque, vol.645, 1992.

\_\_\_\_\_. **Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nation-states**. New York, NY: Gordon and Breach Science Publishers, 1994.

GILBERTO, C. M. **A proteção aos refugiados no sistema interamericano de direitos humanos e reflexões a partir do caso Pacheco Tineo**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Santos, 2016.

GODOY, G. G. **Asilo e hospitalidade**: sujeitos, política e ética do encontro. (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

GOMES, P. **Condições dos refugiados de guerra angolanos**: um estudo de caso e Hortolândia, estado de São Paulo. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2004.

GONÇALVES, D. C. A. **O envolvimento do ACNUR com as Missões Integradas da ONU e o impacto no espaço humanitário**: uma análise do caso da Libéria. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual da Paraíba, 2015.

GREIBER, B. L.; MALUF, L. S.; MATTAR, V. C. **Memórias da imigração**: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso, 1998.

GUARNIZO, L., PORTES, A. e HALLER, W. Assimilation and transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants. **American Journal of Sociology**, 108 (6), 2003.

GURAK, D. T. e CACES, F. Redes migratorias y la formación de sistemas de migración. In: MALGESINI, G. (Org.). **Cruzando fronteiras**. Migraciones en el sistema mundial. Barcelona: Fundación Hogar del Empleado, 1998.

HADDAD, E. **The refugee in international society**: between sovereigns. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

HAINES, D.; RUTHERFORD, D.; THOMAS, P. Family and community among Vietnamese Refugees. **International Migration Review**, v.15, n.1/2, 1981.

HALL, C. M. **The history of Syria**: 1900-2012. Boston: Charles River Editors, 2013.

HAMID, S. C. **Entre a guerra e o gênero**: memória e identidade de mulheres palestinas em Brasília. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, 2007.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HASHEMI, N.; POSTEL, D. **The Syria Dilemma**. Boston: The MIT Press, 2013.

HATHAWAY, J. C. A Reconsideration of the Underlying Premise of Refugee Law. **Harvard International Law Journal**, 31, n. 1, 1990.

HITTI, P. K. **History of Syria**. New York: Macmillan, 1951.

\_\_\_\_\_. **Syria: a short history**. New York: Macmillan, 1959.

IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IKMR. **Código de Conduta Ética**. São Paulo, 2015. Não publicado.

\_\_\_\_\_. **Relatório de desempenho do projeto Cidadãos do Mundo**, 2016. Não publicado.

\_\_\_\_\_. **Relatório de desempenho do projeto Cidadãos do Mundo**, 2017. Não publicado.

\_\_\_\_\_. **Relatório IKMR**, 2018. Não publicado.

\_\_\_\_\_. *Quem somos*, 2018. Disponível em: <<http://www.ikmr.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

JASTRAM, K.; NEWLAND, K. *Family Unity and Refugee Protection*. UNHCR: International Migration Policy Program of the Carnegie Endowment for International Peace, 2001.

JUBILUT, L. L. **O Direito Internacional dos Refugiados e sua aplicação no ordenamento jurídico brasileiro**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Direito internacional dos refugiados e sua aplicação no orçamento jurídico brasileiro**. São Paulo: Método, 2007.

\_\_\_\_\_. Enhancing refugees integration: new initiatives in Brazil. **Forced Migration Review**, v. 35, 2010.

\_\_\_\_\_.; GODOY, G. G. (Org.) **Refúgio no Brasil: Comentários à Lei 9.474/97**. São Paulo: Quartier Latin/ACNUR, 2017.

JUNIOR, D. A. S. **O sistema de policiamento global na ordem mundial contemporânea: o Brasil na missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti (Minustah) e no Programa de Reassentamento do ACNUR**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, 2013.

JUNIOR, E. O. C. **Refúgio, falência do Estado e a desconstrução da identidade: um estudo comparativo de Brasil e Haiti sobre as piores formas de exclusão social**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, 2005.

JUNIOR, R. S. L. A. **A ONU e os refugiados ambientais** – uma análise acerca da influência da ciência sobre o regime internacional dos refugiados. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

KARAM, J. T. **Um outro arabesco**: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KEMEL, C. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

KHOURI, J. M. **Pelos caminhos de São Paulo**: a trajetória dos sírios e libaneses na cidade. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2013.

KNOWLTON, C. S. **Sírios e libaneses**: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhambi, 1960.

KOEKE, A. F. **A proteção jurídica brasileira aos refugiados sob a luz da Constituição Federal de 1988 e da Lei N.º 9.474/1997**. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário de Bauru, 2013.

KRALY, E. P. **Behind and Beyond Disaggregation by Sex: Forced Migration, Gender and the Place of Demography**. XXVII IUSSP International Population Conference. Busan, Coréia do Sul, 2013.

LABORDE, A. L. P. **Refugiados ambientais**: um estudo sobre a política de proteção da vida e suas articulações entre os Direitos Humanos e a Educação Ambiental em uma dimensão ética. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

LACERDA, A. L. V. M. D. **“You will not make Australia Home”**: as práticas de controle de fronteiras na Austrália. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

LACERDA, M. F. **Governança e refúgio no Brasil**: um processo democrático em construção sobre o sistema de proteção ao refugiado em Vila Velha – ES e em São Paulo – SP. (Dissertação de Mestrado). Universidade Vila Velha, 2015.

LASSAILLY-JACOB, V. Communautés déracinées dans les pays du Sud. **Autrepart**, n.5, 1998.

LEÃO, R. Z. R. **O reconhecimento dos refugiados pelo Brasil**. Comentários sobre as decisões do Conare. Brasília: CONARE – Ministério da Justiça/ACNUR, 2007.

\_\_\_\_\_. O reconhecimento do refugiado no Brasil no início do Século XXI. In: BARRETO, L. P. T. F. (Ed.). **Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília: ACNUR, 2010.

LEITE, A. P. M. R. **O Complexo de Segurança na União Europeia**: um estudo das implicações de segurança e defesa a partir da análise da crise de refugiados. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

LEITE, S. P. **Tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos na Constituição de 1988 após a Emenda Constitucional n.45.** (Monografia). Brasília, DF: Centro Universitário de Brasília, 2005.

LEVITT, P.; GLICK-SCHILLER, N. Conceptualizing simultaneity: a transnational social field perspective on society. **International Migration Review**, v. 38, n. 145, 2004.

LUCIO, I. A. **Quando a sexualidade obriga a fugir: o refúgio internacional de pessoas perseguidas em razão da sexualidade.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, 2016.

MAHLKE, H. **Novo paradigma jurídico da proteção internacional dos refugiados.** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 2016.

MA MUNG, E. Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales. In: DUREAU, F.; HILY, M. (coord.) **Les mondes de la mobilité.** Rennes, 2009.

MARIE, C. V. Migrations de crise... ou crises des migrations. In: ROBIN, N. (ed.). **I Atlas des migrations ouest-africaines vers l'Europe, 1985-1993.** Paris: Editions Orstom, 1996.

MASSEY, D. Economic Development and International Migration in Comparative Perspective. **Population and Development Review**, v. 14, n. 3, 1988.

\_\_\_\_\_; ARANGO, J.; HUGO, G.; KOUAOUCI, A; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, E. **Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millenium.** Clarendon: Oxford University Press, 1998.

MATOS, W. H. C. **Um estudo sobre o governo do “Estado” para a solicitação e o reconhecimento de refúgio.** (Dissertação de Mestrado). Universidade do Rio de Janeiro, 2016.

MAY, T. **Pesquisa social – questões, métodos e processos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAZÃO, I. O. **Situações de refúgio prolongado e Estados falidos.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

MELO, L. R. S. **O mundo em movimento: o “refúgio ambiental” dos haitianos no Brasil.** (Dissertação de Mestrado). Universidade da Amazônia, 2016.

MENDONÇA, L. M. S. **Imigração e trabalho: luta por reconhecimento dos imigrantes no Brasil.** (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, 2014.

MENEZES, T. S. **Direitos humanos e refúgio: a violação de direitos antes e após a determinação do status de refugiado.** (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2012.

MIGLIORINI, V. B. **Refugiados: a legislação brasileira, a soberania e o Direito Internacional.** (Dissertação de Mestrado). Universidade de Ribeirão Preto, 2015.

MILESI, R. (Org.) **Refugiados** – realidades e perspectivas. São Paulo: Loyola; Brasília: CESEM/IMDH, 2004.

MOREIRA, J. B. A problemática dos refugiados no mundo: evolução do pós-guerra aos dias atuais. **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu, MG, 2006.

\_\_\_\_\_. O acolhimento dos refugiados no Brasil: políticas, frentes de atuação e atores envolvidos. **V Encontro Nacional sobre Migrações**. Campinas, SP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)**. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2012.

MORRISON, S. ‘Os Turcos’: The Syrian-Lebanese community of São Paulo, Brazil. **Journal of Muslim Minority Affairs**, v.25 (3), 2005.

MOTT, M. L. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

NAVIA, A. M. F. **Êxodos e refúgios**. Colombianos refugiados no Sul e Sudeste do Brasil. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

NOGUEIRA, M. B. B. A origem da norma internacional de proteção aos deslocados internos: entre direitos humanos e humanitarismo pragmático. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2016.

NEEDHAM, R. *Refugee participation: what is it, and why is it important for those who work with refugees, and for refugees themselves? Some comments and observations*. Paper prepared for PARINAC Conference, 1994.

NUNES, H. P. **A imigração árabe em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

NUNES, P. P. M. **Invisíveis e irreconhecíveis**: entre a proteção dos deslocados ambientais e a soberania estatal. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, 2016.

OEA. *Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem*, 1948. Disponível em: <[https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/b.declaracao\\_americana.htm](https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/b.declaracao_americana.htm)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção Americana sobre Direitos Humanos*, 1969. Disponível em: <[https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao\\_americana.htm](https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial*, 1965. Disponível em: <<http://www.oas.org/pt>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais*, 1966. Disponível em: <<http://www.oas.org/pt>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção Interamericana para prevenir e punir a tortura*, 1985. Disponível em: <<https://www.oas.org/pt/cidh/mandato/Basicos/tortura.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção internacional sobre a proteção dos direitos de todos trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias*, 1990. Disponível em: <<http://www.oas.org/pt>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

OLIVEIRA, A. P. “**Tenemos miedo de nosotros mismos**” – a construção social do medo em uma situação de conflito prolongado: os refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

OLIVEIRA, E. L. **O devido processo legal no reconhecimento do estatuto do refugiado no Brasil**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, K. R. **Direitos coletivos e cidadania no contexto da proteção jurídica aos refugiados**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Ribeirão Preto, 2016.

OLIVEIRA, M. M. **Refugiados e deslocados na Amazônia**: contribuições para a sociologia dos deslocamentos compulsórios. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, 2008.

OLIVEIRA, T. B. **O esquecimento do passado por refugiados africanos**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2011.

OMRAN, M. As marcas da história na guerra civil síria. **Topoi** (Rio de Janeiro), v.15 (28), 2014.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, 1948. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convênio de Genebra*, 1949. Disponível em: <<http://www.un-documents.net/gc.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Resolução 1166 (XII) sobre assistência internacional aos refugiados no âmbito do mandato Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Resoluções aprovadas nos relatórios do Terceiro Comitê*, 1957. Disponível em: <[http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/1166%28XII%29&Lang=E](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/1166%28XII%29&Lang=E)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção contra a tortura e outras penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes*, 1984. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0040.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Protocolos Adicionais do Convênio de Genebra*, 1977. Disponível em: <<http://www.un-documents.net/gc.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Conferência Mundial sobre Direitos Humanos*, Viena, 1993. Disponível em: <<http://www.oas.org/pt>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Direitos humanos e dos refugiados**, ficha informativa, n.20. Nações Unidas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Avanços e desafios da proteção aos refugiados no Brasil**. Brasília: 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2016/01/UN-Position-Paper-Protection-of-Refugees.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

OSMAN, S. **Caminhos da imigração árabe em São Paulo**: história oral de vida familiar. (Dissertação de mestrado) USP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imigração Árabe no Brasil**: história de vida de libaneses muçulmanos e cristãos. São Paulo: Xamã, 2011.

PACÍFICO, A. M. C. P. **O capital social dos refugiados**: bagagem cultural versus políticas públicas. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **O capital social dos refugiados**: bagagem cultural versus políticas públicas. Maceió: Edufal, 2010.

PAIVA, M. M. Migrações Forçadas e Garantia de Direitos: desafios do século XXI. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário FIEO, 2016.

PAIVA, O. C. **Migrações Internacionais**. Desafios para o Século XXI. São Paulo: Memorial do Migrante, 2007.

PAMPLONA, D. A.; PIOVESAN, F. O instituto do refúgio no Brasil: práticas recentes. **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, v.17 (17), 2015.

PARANÁ. Paraná instala Comitê Estadual de Refugiados e Migrantes, 2014. Disponível em: <<http://www.justica.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=426>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, 2006.

PEIXER, J. F. B. **O reconhecimento da categoria de refugiados ambientais pela ordem jurídica internacional**: possibilidades e desafios. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

PEREIRA, J. B. B. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. **Revista USP**, Dossiê depois de Cabral: a formação do Brasil, n. 46, 2000.

PEREIRA, L. D. D. **O Direito Internacional dos Refugiados e o conceito de refugiado ambiental**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Direito Internacional dos Refugiados.** Análise crítica do conceito de “refugiado ambiental”. Belo Horizonte: Del Rey/Cedin, 2010.

PERES, R. G. **Mulheres na fronteira:** a migração de bolivianos para Corumbá – MS. (Tese de doutorado) Universidade Estadual de Campinas, 2009.

PERIN, V. P. **Um campo de refugiados sem cercas:** etnografia de um aparato de governo de populações refugiadas. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, 2013.

PETRUS, M. R. **Refugiados congolezes no Rio de Janeiro e dinâmicas de "integração local":** das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais. (Tese de doutorado). Planejamento Urbano e Regional Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

PIRES, Á. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2010.

POLGEONOW. Political Geography Now, 2016. Disponível em: <<http://www.polgeonow.com/>>

PORTES, A. **Estudos sobre as migrações contemporâneas:** transnacionalismo, empreendedorismo e segunda geração. Lisboa: Fim de Século, 2006.

PRATES, D. R. A. **O fio de Ariadne:** deslocamento, heterotopia e memória entre refugiados palestinos em Mogi das Cruzes, Brasil e Burj Al-Barajneh, Líbano. Universidade Federal Fluminense, 2012.

PRESTES, G. F. **Refugiados ambientais à luz do Direito Ambiental Internacional:** caso dos haitianos imigrantes no Brasil. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior Dom Helder Câmara, 2013.

RAIOL, I. P. C. **Ultrapassando fronteiras:** a proteção jurídica dos refugiados ambientais. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2009.

RAMOS, A.C.; RODRIGUES, G.; ALMEIDA, G. A (org.). **60 anos de ACNUR:** perspectivas de futuro. São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011.

RAMOS, C. F. O. **A primavera árabe no Egito e na Síria: repercussões no conflito israelo-palestino.** (Dissertação de Mestrado). Technical University of Lisbon, 2013.

RAMOS, E. P. **Refugiados ambientais:** em busca de reconhecimento pelo Direito Internacional. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 2011.

REIS, E. S. **Refúgio e integração local:** o impacto dos conflitos mundiais no Brasil na década de 2000 e a integração local dos refugiados em território brasileiro. (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2012.

RIEDIGER, B. F. A posição brasileira frente ao conflito na Síria (2011-2013). **Conjuntura Austral**, v.4 (20), 2013.

ROCHA, A. C. S. L. **A eficácia da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 e o Protocolo dos Refugiados de 1967 em face da crise dos refugiados**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2016.

RODRIGUES, G. M. A. O futuro do refúgio no Brasil e seu papel no cenário humanitário. In: BARRETO, L. P. T. F. (Coord.). **Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010.

RODRIGUES, V. M.; SILVA, C. A. (Org.) **Refugiados**. Vila Velha: Nuares/UVV; Brasília: ACNUR/IMDH, 2005.

\_\_\_\_\_ (Org.) **Direitos humanos e refugiados**. Vila Velha: UVV, 2006.

\_\_\_\_\_. **Reassentamento e integração local: as limitações institucionais e de políticas em relação aos refugiados palestinos em São Paulo**. (Tese de Doutorado). Universidade Católica de São Paulo, 2015.

ROGUED, P. **Direitos e deveres dos refugiados na Lei n.º 9.474/1997**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

SAGRADO DA HORA, J. R. **O refugiado africano no Brasil**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Santos, 2005.

SAFADY, J. **O Líbano no Brasil**. São Paulo: Safady, 1956.

\_\_\_\_\_. **A imigração árabe no Brasil: 1880-1971**. São Paulo: Garatuja, 1994.

SALES, M. L. **Refúgio, a Morada da Criatura Inacabada: Reconhecimento e Direitos dos Povos Deslocados**. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

SALLES, M. R. R. Imigração e política imigratória brasileira no pós-Segunda Guerra Mundial. **Cadernos CERU**, São Paulo, vol.13 (2), 2002.

SANCHÉZ, L. R. Las Trayectorias en los estudios de migración. ARIZA, M.; VELASCO, L. (coord.) **Métodos Cualitativos y su Aplicación Empírica**. Por los caminos de la investigación internacional. Instituto de Investigaciones Sociales – UNAM, 2012.

SANTANA, C. L. A. **Anatomia do método qualitativo: uma experiência de sua aplicação no atendimento de refugiados**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, M. O. **As políticas migratórias defensivas dos Estados e a proteção elusiva dos refugiados: responsibility-sharing e indiferença em um dinâmico jogo global**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SÃO PAULO. Serviço Sanitário do Estado de São Paulo (Estados Unidos do Brasil). *Annuario Demographico*: secção de estatística demographo-sanitaria. Anno de XXXV – 1928.

\_\_\_\_\_. Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes em São Paulo inaugura área de referência com rede de serviços e atendimento especializado, 2014. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/noticias/?p=184410](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/noticias/?p=184410)>. Acesso em: 29 mar. 2018. [2014a]

\_\_\_\_\_. Governo de SP inaugura primeira casa de passagem para refugiados, 2014. Disponível em: <<http://www.saopauloglobal.sp.gov.br/noticias/DetalheNoticia.aspx?id=2459>>. Acesso em: 29 mar. 2018. [2014b]

\_\_\_\_\_. São Paulo ganha Centro de Integração para imigrantes na Barra Funda, 2014. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/sao-paulo-ganha-centro-de-integracao-para-imigrantes-na-barra-funda-1>>. Acesso em: 29 mar. 2018. [2014c]

SASSEN, S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHILLER, N.; BASH, L.; BLANC-SZANTON, C. Towards transnational perspective on migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*, Nova Iorque, vol.645, 1992.

SERRICELLA, G. S. **Globalização e Refúgio** - os refugiados congolese na cidade do Rio de Janeiro como exemplo dessa relação complexa. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, A. M. C. **O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e a Repatriação Voluntária**: uma leitura da experiência angolana (1975-2013). (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, C. A. S. **A política brasileira para refugiados (1998-2012)**. (Tese de doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

SILVA, C. R. **Remando no mesmo bote**: a experiência diaspórica de angolanos/as refugiados/as em Itajaí/SC e seus desdobramentos identitários. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SILVA, D. F. **Das migrações forçadas à contenção territorial**: as geografias do campo de refugiados de Dadaab no Quênia. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

SILVA, G. J. **Pessoas em situação de refúgio e ausência de políticas públicas na Cidade do Rio de Janeiro**: a importância da escala local frente ao desafio da integração social. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, J. A. **Desmistificando sonhos**: uma análise configuracional dos discursos de pacificação entre refugiados(as) do campo de Kakuma - Quênia (1982-2015). (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

SILVA, J. A. G. **O direito à não devolução e o reconhecimento do non-refoulement como norma jus cogens**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

SILVA, M. B. D. **O sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, 2016.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: **Política da Urbanização**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

SIQUEIRA, M. D. Revivendo a colônia: o papel da mulher imigrante sírio-libanesa no Brasil. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SOARES, W. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. (Tese de doutorado em Demografia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

SOARES, C. D. O. Análise do princípio da unidade familiar no direito internacional dos refugiados. **Universitas Relações Internacionais**, v. 10, n. 1, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Direito Internacional dos Refugiados e o ordenamento jurídico brasileiro**: análise da efetividade da proteção nacional. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Alagoas, 2012.

SOUSA, E. N. B. **Políticas linguísticas no ensino de português como língua estrangeira aos refugiados no Brasil**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, 2015.

SOUZA, F. T. **A crise do refúgio e o refugiado como crise**. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, J. C. P. **Leitura psicossocial da inserção dos refugiados colombianos em Manaus**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, 2015.

STEPHAN, C. **A UNRWA e a assistência humanitária prolongada aos refugiados palestinos**: uma análise do papel da agência no conflito árabe-israelense. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, 2014.

TANNURI, M. R. P. **Refugiados congolezes no Rio de Janeiro e dinâmicas de “integração local”**: das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

TARANTINI, V. C. **A integração local dos refugiados no Brasil e os direitos humanos**: o papel das empresas. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2016.

THOMAZ, D. Z. **A categoria do refugiado revisitada**: transformações na soberania estatal e o caso da migração haitiana para o Brasil. (Dissertação de Mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

TRUZZI, O. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

\_\_\_\_\_. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, B. (Org.). **Fazer América**: imigração em massa para América Latina. São Paulo: Edusp, 1999.

\_\_\_\_\_. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos - um enfoque comparativo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sírios e libaneses**: narrativas de história e cultura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

\_\_\_\_\_. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, 2008.

UNICEF. *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, 1959. Disponível em: <<https://www.unicef.org/malaysia/1959-Declaration-of-the-Rights-of-the-Child.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção n.138 sobre a Idade Mínima para a Admissão em Emprego*, 1973. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10231.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10231.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção sobre os Direitos das Crianças*, 1989. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10120.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos*, 1990. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10230.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção nº 182 sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e a Ação Imediata para sua Eliminação*, 1999. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10230.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Declaração do Panamá*, 2000. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10141.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10141.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Declaração e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*, 2000. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_9540.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_9540.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Um mundo para as crianças*, 2002. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/um\\_mundo.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/um_mundo.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, 2006. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_27812.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_27812.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Uprooted**: the growing crisis for refugee and migrant children. United Nations Children's Fund, 2016.

\_\_\_\_\_. Syrian refugees, 2018. Disponível em: <<https://www.unicef.org/appeals/syrianrefugees.html>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

VAINER, C. Deslocamentos compulsórios, restrições à livre circulação: elementos para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório. In: CARLEIAL, A. **Migrações internacionais**: contribuições para políticas. Fortaleza: Edições Iplance, 2002.

VENTURA, A. C. M. **A vulnerabilidade sócio-econômica dos haitianos**: em busca do reconhecimento do status de refugiado ambiental no Brasil. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Amazonas, 2016.

VERTOVEC, S.; ROGERS, A. The urban context: ethnicity, social networks and situational analysis. Washington: Berg Publishers, 1995.

VIANA, L. R. **O Direito de morar no refúgio** – a problemática da moradia do refugiado na cidade de São Paulo: saídas individuais ou coletivas? (Dissertação de Mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

VIEIRA, D. R. **Do Congo para o Brasil**: as perspectivas de vida e de trabalho de refugiados e solicitantes de refúgio congolezes no Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

VIEIRA, V. A. C. **A situação dos refugiados sírios na Jordânia e a atuação das Nações Unidas**. (Monografia de Graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

VILELA, E. M. Sírios e libaneses: redes sociais, coesão e posição de status. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 76, 2011.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Revista Sociologia**, Porto, n. 14, p. 35-41, 2004.

WALDELY, A. B. Narrativas da “vida em fuga”: a construção político-jurídica da condição de refugiado no Brasil. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

WEISS, R. S. **Learning from strangers**: The art and method of qualitative interview studies. New York: Free Press, 1994.

WENDEN, C. Un essai de typologie des nouvelles mobilités. **Hommes & migration**, n. 1233, 2001.

WOOD, C. H. Equilibrium and historical-structural perspectives on migration. **International Migration Review**, v. 16, n. 2, 1982.

ZEFERINO, M. A. P. **Os haitianos à luz do Direito Internacional dos Direitos Humanos e da soberania estatal**: deslocados ou refugiados ambientais?. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Ribeirão Preto, 2014.

ZONTINI, E. **Transnational families, migration and gender**: Moroccan and Filipino women in Bologna and Barcelona. Oxford: Berghahn Books, 2009.

ZOZZOLI, C. D. **A vivência do refúgio de mulheres migrantes**: uma análise da afetividade nos contextos de São Paulo e Paris. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

ZUPPI, L. A. O. **Contornos jurídicos do status do refugiado no Brasil**: desafios para a efetividade do direito à dignidade humana. (Dissertação de Mestrado). Universidade Nove de Julho, 2016.